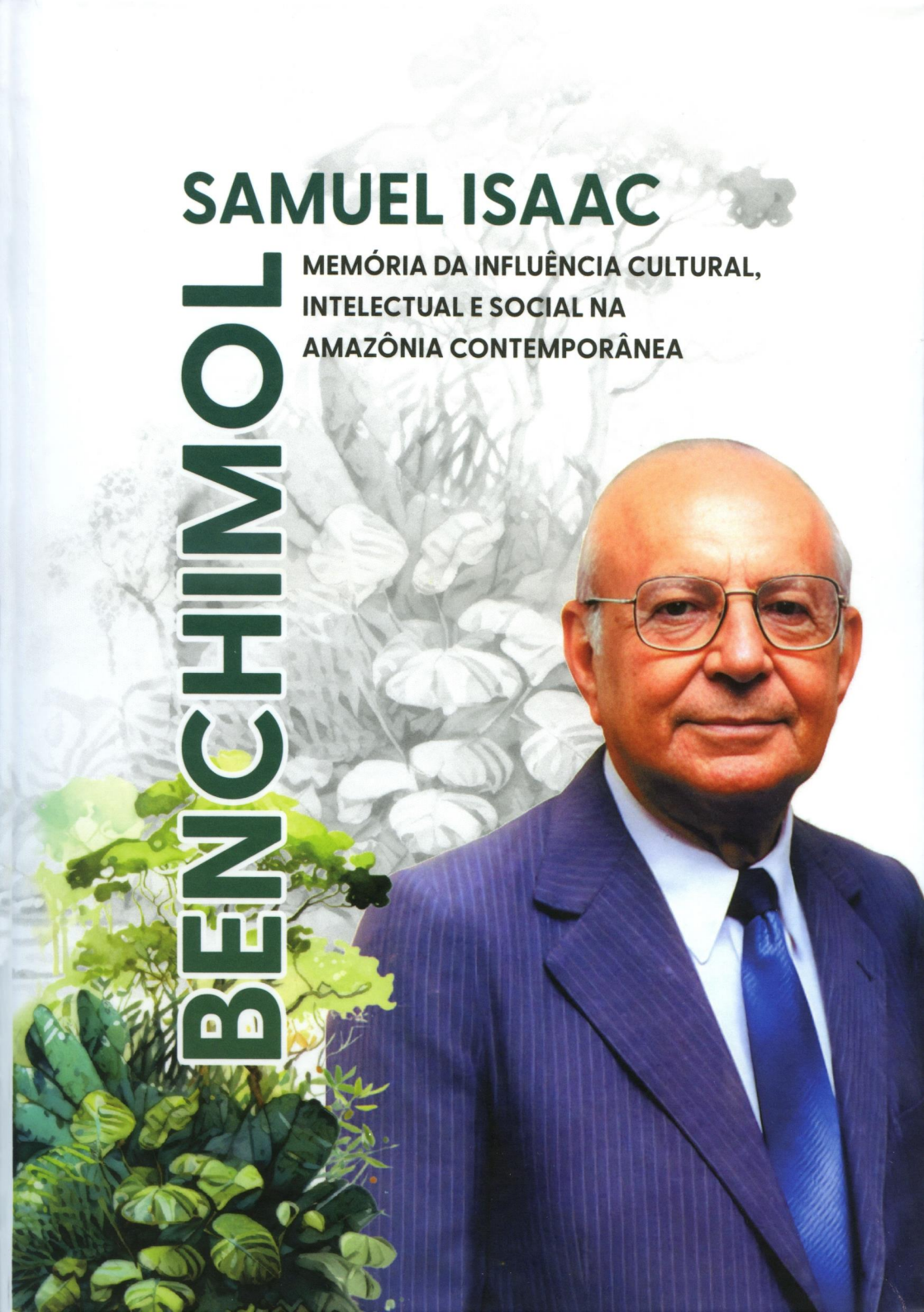
# SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

## MEMÓRIA DA INFLUÊNCIA CULTURAL, INTELECTUAL E SOCIAL NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA



# SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

## MEMÓRIA DA INFLUÊNCIA CULTURAL, INTELECTUAL E SOCIAL NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

© 2023 Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM)

Os direitos autorais desta coletânea Samuel Isaac Benchimol: Memória da Influência Cultural, Intelectual e Social na Amazônia Contemporânea, pertencem aos autores dos trabalhos publicados, os quais poderão ser reproduzidos em seu todo ou em parte, desde que citada a fonte.

**ORGANIZAÇÃO**
José Rincon Ferreira
Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares
Denise Christina de Rezende Nicolaidis

**CONSELHO EDITORIAL**
Jaime Samuel Benchimol
Nora Benchimol Minev

Projeto Gráfico: *Diretoria de Comunicação e Marketing do Sistema Indústria do Estado do Amazonas*
Diagramação e capa: *Mary Martins & Andréa Ribeiro*
Normalização e catalogação: *Leila C. S. Soares (Bibliotecária - CRB 11/499) / Ryanne Silva Lima (Bibliotecária - CRB 11/1038)*
Apoio: *Nayara Anacleto*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S193 Samuel Isaac Benchimol: memória da influência cultural, intelectual e social na Amazônia contemporânea / José Rincon Ferreira, Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares e Denise Christina de Rezende Nicolaidis (org.). – Manaus: Federação das Indústrias do Estado do Amazonas – FIEAM, 2023.
336 p.: il.; color.; 21 cm.

Editado no marco comemorativo do centenário de nascimento do pensador.
Inclui bibliografia.

1. Samuel Isaac Benchimol. 2. Amazônia. 3. Memória. 4. Desenvolvimento regional. I. Ferreira, José Rincon (org.). II. Alvares, Lillian Maria Araújo de Rezende (org.). III. Nicolaidis, Denise Christina de Rezende Nicolaidis (org.). IV. Título.

CDU: 929-012
CDD: 920.8112

# SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

## MEMÓRIA DA INFLUÊNCIA CULTURAL, INTELECTUAL E SOCIAL NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

ORGANIZADORES

*José Rincon Ferreira*

*Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares*

*Denise Christina de Rezende Nicolaidis*

# AGRADECIMENTOS

Os organizadores agradecem aos autores por compartilharem, com textos brilhantes, a sua visão e experiência ao lado de Samuel Benchimol, tornando possível a realização deste livro comemorativo dos 100 anos de seu nascimento. Agradecem à Família Benchimol por permitir a publicação e divulgação, para as presentes e futuras gerações, do pensamento de Samuel Benchimol visto pelos olhos de pesquisadores, amigos e admiradores. Em especial, agradecem à Ilana Minev, pelo acompanhamento e organização dos depoimentos desta obra.

# HOMENAGEM

Essa obra é uma homenagem aos pais de Samuel Benchimol, Isaac Israel Benchimol e Nina (Lili) Siqueira Benchimol, aos irmãos Israel, Raphael, Robine, Alice, Alberto, Saul e Benjamim e à esposa Mery Israel Benchimol, presentes em toda a trajetória.

# SUMÁRIO

**AGRADECIMENTOS** ..... 5

**HOMENAGEM**..... 6

**SUMÁRIO** ..... 7

**EDITORIAL** ..... 9

Aristóteles Comte de Alencar Filho

**APRESENTAÇÃO** ..... 11

Antonio Silva

CAPÍTULOS

**1. CEM ANOS DE NASCIMENTO DE SAMUEL ISAAC BENCHIMOL**

Gaitano Antonaccio .....15

**2. CONVÍVIO EMPRESARIAL E APRENDIZADO PESSOAL COM SAMUEL BENCHIMOL**..... 43

Jaime Samuel Benchimol43

**3. IMENSIDÃO AMAZÔNICA: CIÊNCIA E VIDA DE SAMUEL BENCHIMOL**..... 61

Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares61

**4. MESTRE SAMUEL BENCHIMOL** .....77

Robério Braga77

**5. O CENTENÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR**.....117

Jacques Marcovitch117

**6. O SEGUNDO CENTENÁRIO DO LEGADO DE SAMUEL BENCHIMOL ..... 135**

Denis Benchimol Minev e Samuel Minev Benzecry ..... 135

**7. SAMUEL BENCHIMOL E OS JUDEUS NA AMAZÔNIA ..... 139**

Elson Farias ..... 139

**8. SAMUEL BENCHIMOL, O BOM CONTRIBUINTE ..... 173**

Serafim Corrêa 173

**9. SAMUEL BENCHIMOL, UMA SAGA DE SONHOS E ESPERANÇA**

Márcio Souza ..... 183

**10. SAMUEL BENCHIMOL, UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO, À CULTURA E AO DESENVOLVIMENTO DO AMAZONAS E DA AMAZÔNIA ..... 187**

Osíris M. Araújo da Silva 187

**11. SAMUEL ISAAC BENCHIMOL, O JUDEU ..... 228**

Isaac Dahan 228

**12. SAMUEL ISAAC BENCHIMOL, UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO ..... 236**

Abrahim Baze 236

**POSFÁCIO ..... 313**

**ANEXO 1. PRONUNCIAMENTO DO PROFESSOR SAMUEL BENCHIMOL NA INAUGURAÇÃO DA AGÊNCIA DO BANCO DO ESTADO DO PARÁ ..... 322**

**ANEXO 2. INSTITUIÇÃO DAS MEDALHAS ..... 336**

# EDITORIAL

*Aristóteles Comte de Alencar Filho*[1]

A história de Samuel Benchimol, já centenária, transformou-se em tesouro de valor incalculável para o Amazonas. Sua relação com a Amazônia, através dos diferentes tempos de sua própria vida, nos legou um conjunto literário e social que se encontra no topo das melhores obras do século XX.

Nome inequívoco da literatura internacional, projetou a Amazônia para o mundo com suas teorias revolucionárias, causando variados desdobramentos históricos, que o colocaram no grupo dos autores chamados clássicos.

Seu extenso legado intelectual necessitará de outro século para ser totalmente apreciado e compreendido. Samuel Benchimol falou diretamente ao homem contemporâneo e ainda nos tem muito a dizer. Sua produção, que começou na primeira metade do século XX, permanece absolutamente atual e contemporânea. Dispensa qualquer tipo de modificação modernizante.

Portador de uma erudição incomum, procurou sempre manter sua alteridade utilizando modos simples de ensinar e influir no pensamento das pessoas de seu convívio. Apesar de seu conhecimento enciclopédico, sua maior preocupação era não limitar o círculo de leitores de sua magnífica obra, valendo-se de uma didática rara de ser vista. Falar ou escrever sobre Samuel Benchimol é, para qualquer um, árdua tarefa, pois sua condição de polímata inibe a criatividade de quem se aventurar a cumprir essa nobre missão.

---

[1] Presidente da Academia Amazonense de Letras

A complexidade de seu legado exige a elaboração de um tratado, pois sua obra que já atravessou para o século XXI, expande-se continuamente e adquiriu característica imortal.

A síntese, que tolda a fluência do pensamento, impede que se possa mostrar a real dimensão de tudo que esse amazônida representa.

Como um bom Israelita, Samuel Benchimol possuía espírito universal, mas sentia um grande amor pelas coisas da Amazônia, região que escolheu para viver, trabalhar e construir sua querida família.

Em boa hora a nossa mais alta Casa, a Academia Amazonense de Letras, pelo seu presidente, lembra o Centenário desse amazonense ilustre que permanece presente em nossos corações.

*Manaus, 2023*
*Centenário de Nascimento de Samuel Benchimol*

# APRESENTAÇÃO

*Antonio Silva*[2]

Tenho a honra de apresentar a coletânea Samuel Isaac Benchimol: memória da influência cultural, intelectual e social na Amazônia contemporânea, editada no marco comemorativo do centenário de nascimento do pensador. São 11 textos, produzidos por pesquisadores, amigos, familiares e admiradores, que podem ser agrupados em perspectivas acadêmicas, empresariais, religiosas e familiares.

Analisando sua trajetória, temos a excelente contribuição de Gaitano Antonaccio, intitulada Cem anos de nascimento de Samuel Isaac Benchimol, dividida em 11 seções, mostrando as inúmeras facetas do acadêmico e empresário. Robério Braga contribui com Mestre Samuel Benchimol, igualmente segmentada, valorizando experiências juvenis, acadêmicas e empresariais. Ainda discorrendo sobre sua trajetória está o singelo texto de Márcio Souza, intitulado Samuel Benchimol, uma saga de sonhos e esperança, em que o autor sintetiza magistralmente marcos de sua história. Essa perspectiva termina com Abrahim Baze, apresentando ricamente e com ilustrações sua trajetória, no texto intitulado Samuel Isaac Benchimol, um homem além do seu tempo.

Na dimensão familiar figura o texto de seu filho, Jaime Samuel Benchimol, intitulado Convívio empresarial e aprendizado pessoal com Samuel Benchimol. Nele o autor mescla o aprendizado de valores, ética e comportamentos com o compromisso profissional. Também está o texto em coautoria de seu neto Denis Benchimol Minev e seu bisneto

---

[2] Presidente do Sistema Indústria do Amazonas

Samuel Minev Benzecry, poeticamente intitulado O segundo centenário do legado de Samuel Benchimol. Aqui os autores apresentam como o judaísmo compreende a vida após a morte e, nesse contexto, revelam a contribuição do predecessor.

Na dimensão religiosa está o texto de Elson Farias, intitulado Samuel Benchimol e os judeus na Amazônia, a história do povo judeu e como Samuel a valorizou em sua vida. Há também a contribuição de Isaac Dahan, intitulada Samuel Isaac Benchimol, o judeu. O autor mostra a atenção de Samuel com a comunidade israelita de Manaus e sua alegria em vê-la crescer e frutificar.

Na dimensão empresarial, o Deputado Serafim Corrêa traz o texto Samuel Benchimol, o bom contribuinte. Aqui o autor mostra a relação fiscal e tributária do empresário com a Receita Federal e como ele ganhou admiração desse grupo.

Na dimensão acadêmica está o excelente texto do Prof. Jacques Marcovitch, intitulado O centenário de um grande pensador, cujo conteúdo aborda o contexto da criação de algumas obras seminais e a sua intelectualidade ao compreender não apenas o ambiente acadêmico, mas também o ambiente empresarial. Aqui também temos o brilhante texto de Osíris M. Araújo da Silva, intitulado Samuel Benchimol, uma vida dedicada ao ensino, à cultura e ao desenvolvimento do Amazonas e da Amazônia, que traz, entre outros, o pioneirismo do acadêmico nas questões amazônicas e a determinação em propor soluções. Esse segmento finaliza com a contribuição da Profª Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares, intitulada Imensidão amazônica: ciência e vida de Samuel Benchimol. A pesquisadora faz uma importante cronologia de sua produção intelectual, que conta com mais de uma centena de publicações.

Indiscutivelmente, celebrar os 100 anos do nascimento do Prof. Samuel Isaac Benchimol com essa coletânea mostra o vigor e atualidade de sua obra e revela o pesquisador inquieto, que se deixou levar pelo conhecimento. Seu legado deixa transparecer a grandiosidade de sua história, entre outros, porque imergiu com neutralidade ao estudar a Amazônia, mergulhou na sua formação étnica e cultural e, para homenageá-lo, uso aqui suas palavras, ele foi no pouco-antes e no além-depois no entendimento da região.

Inovou na academia ao criar a disciplina sobre estudos amazônicos. Trazia para suas aulas os rios Abunã, Madeira, Solimões e Negro, penetrou terra adentro, estudou os ribeirinhos. Na Eco 92 foi aplaudido de pé ao apresentar a questão do sequestro de carbono e o Estatuto do Amazônida.

Como empreendedor liderou com seus irmãos Saul e Israel a criação da Bemol e Fogás, ambas empresas longevas, a Bemol, 80 anos em 2022 e a Fogás, 67 anos em 2023. Casou-se com Mery Israel Benchimol, com quem teve dois filhos excepcionalmente competentes no que fazem e que carregam consigo os valores judaicos de integridade, ética, honestidade e respeito ao outro que, por sua vez, estão sendo repassados aos netos e bisnetos.

O Sistema Indústria do Amazonas sente-se honrado por ter o privilégio de apresentar essa obra, referência de uma vida repleta de contribuições ao judaísmo, à economia, ao ensino e ao avanço do conhecimento.

*Manaus, 2023*

*Centenário de Nascimento de Samuel Benchimol*

# Capitulo 1

# 1. CEM ANOS DE NASCIMENTO DE SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

*Gaitano Antonaccio*

## UM MESTRE VOCACIONADO PARA O MAGISTÉRIO

Foi com inusitado prazer e honra que recebi o convite dos filhos do saudoso professor Samuel Benchimol, Nora e Jaime, a fim de participar com um artigo para compor a obra *Samuel Isaac Benchimol: memória da influência cultural, intelectual e social na Amazônia contemporânea.* Especificamente, informam que o convite se refere à elaboração de um capítulo de livro ressaltando a contribuição do Prof. Benchimol ao crescimento e ao desenvolvimento da Amazônia e a atualidade de seu pensamento, além de outras particularidades, o que se faz ponderar, não é uma empreitada fácil considerando a grandeza do protagonista indicado e a larga e imensurável importância de sua obra. Sem dúvida, um mestre vocacionado para o magistério.

E, para se ter de início uma amostra dessa magnitude, condensada no protagonista do artigo em que busco atender ao generoso convite, começo por me reportar a um episódio ocorrido no dia 17 de setembro de 1981, quando o professor Samuel Benchimol esteve visitando a cidade do Recife, Pernambuco, pela Fundação Joaquim Nabuco, a fim de proferir uma Conferência sobre o *trópico humidamente amazônico*, onde o mestre empolgou os pernambucanos que o assistiram. Manifestando-se sobre o evento e enaltecendo os conhecimentos do professor, o sociólogo internacional, o pernambucano Gilberto Freire escreveu:

> Amoroso da Amazônia e, através desse amor, esclarecido, seu analista, seu estudioso, seu intérprete: Samuel Benchimol. Quem em qualquer tempo, maior conhecedor da Amazônia

> Brasileira, considerada nos seus aspectos socioeconômicos? Quem mais amazonófilo? Quem, ao mesmo tempo mais objetivo, mais científico, mais idôneo, no seu conjunto de saberes sobre a Amazônia? Quem mais singularmente plural sem que sua pluralidade signifique diletantismo? Quem mais lucidamente dinâmico, na irradiação dos seus saberes?

Sem dúvida, era esse o conceito que desfrutava no cenário nacional e internacional esse notável economista, bacharel em direito, pesquisador, cientista estudioso, catedrático de Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Amazonas, além de competente empresário e líder do Grupo Bemol, na Zona Franca de Manaus.

O professor Samuel Isaac Benchimol nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 13 de julho de 1923, tendo falecido na mesma cidade, no dia 5 de julho de 2002. Era filho de Isaac Israel Benchimol e Nina Siqueira Benchimol. Casado com a senhora Mery, o casal teve dois filhos: Jaime e Nora. Seu pai era um homem de situação financeira sólida, mas, durante a crise da borracha na Amazônia, foi atingido nos seus negócios passando a exercer atividades de regatão, aviador e seringalista na região do rio Abunã, sudoeste da Amazônia Legal, nas proximidades do estado de Rondônia.

Nasceu numa conjuntura histórica em que o ciclo da borracha na Amazônia desabava do seu esplendor de quase meio século, atingindo de frente e impiedosamente os estados do Acre, Pará e Amazonas. Além do testemunho do fracasso financeiro de sua família, Samuel viu grassar na região a pobreza, a miséria e as doenças, onde a luta dos soldados da borracha (assim nominava os seringueiros que imigravam do Nordeste) sofria nova derrota a cada dia. Para sobreviver com tantas desvantagens naquele tempo, Dona Nina, sua genitora, foi importantíssima no sustento da família confeccionando vários tipos de roupas para os seringueiros, ganhando algum dinheiro e conseguindo

mandar os filhos para Belém, no Pará. Samuel, com apenas 7 anos de idade, ainda não aprendera a ler e escrever, vítima das dificuldades contraídas com a malária, doença que dizimava centenas de vidas no interior da Amazônia, além de outras epidemias tropicais, ainda hoje, infelizmente, não erradicadas de nossa convivência. Mas, graças aos cuidados de sua avó Alice, finalmente, após vencer a doença, concluiu o curso primário no *Colégio Progresso Paraense.* Como ele mesmo relata, a Amazônia, a partir de 1932, ingressou no caos de sua economia. A *hevea brasiliensis* havia perdido o seu valor comercial no mercado internacional e o preço aviltante conseguido pelos produtores da Amazônia não dava para custear o seguro e o frete dos navios que transportavam para a Europa, e outros continentes, a produção da região. Sem conseguir estruturar um negócio promissor em Belém, seu pai regressou para Manaus em 1933, reiniciando a vida profissional de guarda-livros (nome que se dava à figura do contabilista) e, trabalhando para várias empresas, conseguiu estabilizar sua situação financeira quando, então, Samuel Benchimol passou a ter uma carreira vitoriosa em várias e sucessivas atividades profissionais, estudando e pesquisando sem tréguas as vicissitudes da região amazônica. Quando estudou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas, desempenhava as funções de despachante de bagagens da empresa Panair do Brasil, no *roadway* de Manaus, onde mantinha contato direto com os imigrantes cearenses que aportavam em Manaus. Esse fato lhe proporcionou a ideia de escrever uma de suas mais importantes teses, quando elaborou o estudo *O Cearense na Amazônia.*

Formou-se em Direito, em 1945, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas cuja turma recebeu o nome do jurista Clóvis Bevilaqua e já havia se libertado, na mesma época, do compromisso patriótico com as Forças Armadas, tornando-se Oficial da

Reserva por meio do Núcleo de Preparação de Oficiais (NPOR) com outros alunos da mesma Faculdade. Consagrado como orador da turma, o bacharel Samuel Benchimol pronunciou seu discurso discorrendo uma tese sob o título: *O Bacharel no Brasil: Aspectos de sua influência em nossa história social e política* e começava a despontar, naquela noite de 12.12.1945, um autêntico intelectual amazonense, o mais conhecido amazonólogo com teses, estudos e pesquisas das mais importantes para o nosso país e para o mundo, tornando-se, de forma incontestável, um verdadeiro imortal, até então, não recebido pela Academia Amazonense de Letras, o que só veio a ocorrer no dia 11 de abril de 2002 depois de ter sido eleito, no dia 9 de novembro de 2001, para ocupar a Cadeira nº 11. Foi uma eleição e uma posse retardadas como sois ser em geral as eleições de grandes personalidades que, apesar do merecimento da imortalidade, nem sempre são convocadas no devido momento de sua ascensão ou, pelo menos, quando as energias do corpo e as luzes do espírito há muito fizeram por merecer. A eleição de Benchimol para a Academia Amazonense de Letras lembra o que ouvi, certa vez, do lúcido e grande imortal desse festejado sodalício, que ingressara no esplendor dos seus 28 anos, padre Raimundo Nonato Pinheiro Filho, exímio vernaculista e poliglota a esgrimir com mais de quatro idiomas, dominando, inclusive, o Latim, já em desuso nos idos de 1980, quando dizia: "O importante para um homem não é ser imortal a ingressar numa Academia sem merecê-la; o importante na vida de um intelectual é merecer a Academia, embora nela nunca ingresse".

Ensinava, o inesquecível acadêmico amazonense, que basta ao próprio homem medir sua dimensão intelectual para se satisfazer e conter a luta pela conquista acadêmica, interessante para todos, mas que nem sempre o destino a todos permite alcançar.

## A CONFISSÃO DE UM AMOR TELÚRICO INABALÁVEL

Nada mais verdadeiro do que a própria confissão do Prof. Samuel, quando prefaciou sua obra: *Amazônia Formação Social e Cultural,* para comprovar o amor telúrico pela região ao escrever:

> Há cinquenta e cinco anos venho estudando, pesquisando e escrevendo sobre as gentes de minha terra amazônica. Só ela tem sido, ao longo do meu viver, o motivo e campo de trabalho, ação, docência e pesquisa. Nessa longa travessia fui mudando, vivenciando e escrevendo os seus diferentes aspectos humanos, geossociais, antropológicos, econômicos, históricos, políticos e ambientais. Muita ambição universitária e holística para o meu provincianismo e amadorismo científico. O meu escrever e os textos que criei, produzi e publiquei nessa mais que cinquentenária jornada – a maioria sob forma reprográfica e edições de tiragem extremamente minguada e diminutas – foram mudando com a passagem do tempo e, por isso, sou réu confesso de contradições, ambiguidades e equívocos. Não importa. Pois todos revelam as diferentes fases de minha vivência e experiência amazônicas. Todos eles trazem, no entanto, a marca registrada do meu único código genético existencial: a fidelidade à terra e ao tema.
>
> A feitura deste livro – o centésimo trabalho da minha carreira – é fruto de um longo processo de maturação: foi elaborado, escrito, emendado, reescrito, compilado, mudado ao longo de todo esse incansável percurso. Começou com o *Cearense na Amazônia*: um inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante, que escrevi para o X Congresso Brasileiro de Geografia, em 1944.

Logo após escrever o estudo *O Cearense na Amazônia,* começou a advogar na cobrança de títulos e, vez por outra, enfrentava a fúria policial de alguns delegados nos ambientes das penitenciárias de Manaus e vivia, realmente, dos salários de professor de Economia Política, lecionando na Escola Sólon de Lucena. Mas, a sua grande paixão sempre foi direcionada aos estudos sociais e, para alcançar tais objetivos, partiu para novos trabalhos de pesquisas e estudos,

conquistando espaços na mídia nacional e internacional, quando a Amazônia, o Brasil e o mundo começaram a receber seus ensinamentos por meio de teses incontestáveis sobre a natureza amazônica, seu povo, sua economia e a importância de sua biodiversidade. A tese sobre os cearenses na Amazônia, embora tenha dado ao professor uma notável repercussão internacional, não o fazia adepto da ideia de que poderia sobreviver como intelectual, uma vez que Manaus jamais deixou de possuir características de uma província desintegrada do país. Mas essa realidade não o desanimou e, logo em seguida, ele elaborou a monografia intitulada: *Vista-alegre e Beira-mar: um Estudo de Geografia e Ecologia das Calamidades na Amazônia.* Esse estudo deveria ser apresentado em Lisboa, Portugal, em 1946, mas foi interrompido pois Samuel recebeu, na mesma época, uma bolsa de estudos para fazer mestrado nos Estados Unidos, na Miami University em Oxford, no Estado de Ohio. Para ser bolsista, assumiu o compromisso de ensinar português na mesma Universidade. Obteve o grau *stricto sensu* em Sociologia e Economia, primeiro título conquistado por um amazonense no exterior. Sua tese de mestrado, elaborada entre 1946 e 1947, recebeu o título de *Manaus: o Crescimento de uma Cidade no Vale Amazônico*. Essa tese versava sobre a natureza amazônica, sua gente e os primórdios da sua colonização. Escrita em inglês, com 130 páginas, constitui um rico acervo dividido em questões que compreendem desde a evolução urbana de Manaus chegando ao fluxo da vida, com tendências e perspectivas de uma cidade encravada no meio de uma floresta tropical e gigantesca. No bojo do assunto, escreveu o mestre: "a cidade não é produto de um homem só, porém, o resultado de uma integração de fatores geográficos, econômicos e humanos, operando ao longo de várias gerações".

Em 1947, o dedicado universitário da Miami University concluiu o curso de pós-graduação tornando-se Mestre em Ciências Econômicas e Sociais. Terminado o curso, começaram a surgir convites para continuar a viver nos Estados Unidos a fim de obter o título de PhD. Recebeu promessa de nova bolsa de estudos para realizar o doutorado na Syracuse University, em Nova York. Todavia, mais uma vez, o amor telúrico pelo paraíso verde e fascinante apertaram o seu coração caboclo e a paixão falou mais alto no fundo de sua alma. E, assim, temendo não voltar mais para o Amazonas, sucumbiu ao projeto movido pela saudade e amor pela terra que o viu nascer. Apressadamente, perdeu uma coroação maior na carreira profissional e retornou para recomeçar suas pesquisas e ensinar, como o fez por toda a sua vida para várias gerações de estudantes amazonenses.

## UM PROFESSOR QUE MANTEVE LAÇOS DE RESPEITO E AMIZADE COM SEUS ALUNOS

O autor deste artigo, aluno do mestre na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, citado em seu livro *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois* como estudante destacado e, novamente, mencionado na obra *Amazônia: Formação Social e Cultural* na condição de escritor e historiador, amigo dileto do mestre, pode dar o testemunho de sua larga competência e como ele era querido entre seus discípulos.

Ao defender sua cátedra para lecionar Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, o pesquisador Samuel Benchimol teve pela frente o laureado professor de Direito Civil, saudoso advogado e ex-governador do estado do Amazonas Dr. José Bernardino Lindoso, que obteve o segundo lugar alcançando, assim, o grau de doutor e livre docente em Direito Civil. Na sua tese de

doutorado, intitulada *Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica: Contribuição ao Estudo da Conjuntura,* editada em 1954, o mestre fez uma análise do período do pós-guerra, enfocando problemas de forma pioneira nas variações cíclicas, denunciando o descaso das investigações sobre o assunto em nível mundial.

Outro grande momento na vida do catedrático Samuel Benchimol, acostumado a grandes triunfos intelectuais, ocorreu no dia 24 de novembro de 1971, quando ele discursou em homenagem ao Coronel Jarbas Passarinho, um dos homens de maior prestígio do Brasil naquela época, ao ser agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Amazonas. Ao saudar os bacharéis em Direito, turma de 1973, encontramos no seu discurso sábias palavras de advertências técnicas para o mundo, comprovando acompanhar passo a passo a mudança universal dos comportamentos do homem e da natureza. Vejamos:

> Os recursos naturais, humanos, patrimoniais e tecnológicas que deveriam servir de elo de confraternização e interdependência entre os povos, passaram a ser utilizados como meios de dissuasão, pressão e domínio. Por isso, não causa mais surpresa nos dias correntes quando alguns povos utilizam os seus recursos naturais como arena de político beligerante. A mais recente delas, a arma-petróleo, ameaça destruir a base da produção e da própria vida. Outros povos seguirão em breve o mesmo exemplo, e então se falará e se usará a arma-trigo, a arma-kilowatt, a arma-proteína. A nós, da Amazônia, resta o consolo, nessa linha apocalíptica de raciocínio, de saber que quando se atribui à nossa floresta a função de pulmão do mundo, a humanidade, sem saber, estava criando a mais terrível das armas jamais surgida na face da terra: a arma-oxigênio, que um dia poderá asfixiar a todos e a nós mesmos.

Vale salientar que, quando escreveu essas palavras em 1973, vários cientistas e entidades, por meio das grandes potências, davam início às investidas de conquistas contra a Amazônia com pretensões de

se tornarem coproprietários de uma natureza que não lhes pertencia. As declarações de autoridades internacionais, governantes de países desenvolvidos, e de generais estrategistas em conflitos bélicos são graves e capazes de convencer a todos desse desejo de ocupação da Amazônia e de se aproveitarem de suas riquezas.

Contam sempre, esses conquistadores em andamento, com a passividade monstruosa, inequívoca e estranha, sob todos os pontos de vista, do governo brasileiro que a tudo assiste, como se os habitantes da Amazônia fossem os únicos interessados na preservação das riquezas e na integração da Região Norte. Vivem de costas para o manancial natural mais cobiçado na face da Terra, aguardando uma invasão que tem sido programada, lentamente, de forma eficiente, sutil e catastrófica para o futuro da região.

Quando o professor publicou, em 1944, a sua brilhante pesquisa intitulada *O Cearense na Amazônia*, constituindo-se no primeiro ensaio antropogeográfico de sua lavra, cursava ele, ainda, o 4º ano da Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas e, ao mesmo tempo, trabalhava no *roadway* da Manaus Harbour acompanhando as levas de cearenses que aportavam em Manaus, seduzidos pela hegemonia que a borracha houvera implantado na Amazônia. Ele despachava as bagagens desses viajantes no flutuante da Panair do Brasil e, por um período de 10 meses, embrenhou-se na pesquisa dessa avalanche migratória. Com essa obra, ganhou o prêmio José Boiteux no X Congresso Brasileiro de Geografia.

Provando ser, também, um competente romancista ao descrever os paralelos entre o homem do Nordeste e o caboclo da Amazônia, o faz com beleza poética e com uma colocação brilhante capaz de comover a todos com palavras inequívocas e bem colocadas

sobre o tema. Diz, como notável observador da natureza, na obra *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois:*

> O paralelo entre essas duas amazônias é impressionante. Na primeira, a conquista, o povoamento, a fronteira, a economia, a alimentação e a vida giram em função do rio e da montaria – a geografia nômade e o veículo móvel. Quase não se vê ninguém dizer: 'Sou filho de Porto Velho, de Lábrea ou de Santa Izabel'. A terra não tem expressão humana. O homem vive para o rio. Ele diz, portanto: 'Sou filho do Madeira, nasci no Purus, vim do Rio Negro'. A própria borracha é do rio. O seringal não é rico. O rio é que é 'bom de leite', os acontecimentos sociais de significação na vida regional. São filhos do rio, nunca da terra ou da cidade. O caboclo quando fala de si próprio afirma em sua linguagem: 'Casei-me no Madeira, batizei-me no Solimões, ele morreu no Juruá'. Essas é que são as expressões legitimamente amazônicas.

Sobre a assertiva de que o homem do rio é a antítese do homem da seca, Samuel Benchimol elaborou o mais perfeito diagnóstico sobre o imigrante cearense na Amazônia. Seu relato sincero sobre *O Cearense na Amazônia* está repleto de poesia e realidade porque ele fundamentou seu ponto de vista explorando o contraste humano e geográfico entre a gente da Amazônia e o povo do Nordeste. Exatamente esse povo patriótico do Ceará fez o interior do Amazonas florescer por todo o período esplendoroso da *hevea brasiliensis.*

Quando escreveu, em 1992, a obra *Romanceiro Antropológico da Batalha da Borracha*, como ele mesmo atesta, foi uma recomposição de sua tese de 1944, *O Cearense na Amazônia*, com alguns acréscimos e novas adaptações no sentido sociológico, antropológico e filosófico. Prosseguindo, com poesia amazônica, a descrever sobre as agruras e heroísmo dos protagonistas, afirma que o homem na região amazônica marca o regime da vida e é, a bem dizer, a estação na economia do caboclo. O rio, segundo sua apreciação, tem expressão econômica e

sociológica na psicologia da vida amazônica. Sem ele (o rio), o caboclo não vive.

Com astúcia e inteligência, dividiu na obra a hegemonia da hévea em dois períodos: Batalha da Borracha I e II, respectivamente enfocando os períodos de 1850 a 1915 e de 1942 a 1945. Segundo ele, esses períodos permitiram o surgimento de uma consciência brasileira sobre os erros de um passado de angústias, sofrimento, solidão e o início de novas tentativas de acerto para encontrar soluções mais racionais para a Amazônia, a fim de suprir a inexperiência internacional e a inocência interna. A Batalha da Borracha II ocorreu em consequência das discórdias, ameaças e insultos contra a Amazônia, empobrecida, desarticulada e falida, onde, sempre, o homem do interior padece com maior intensidade pelo isolamento e falta de assistência. Hoje, nada mais seduz o caboclo, como nada, também, consola os povos indígenas explorados e expulsos de suas terras.

Adverte, com lucidez e conhecimento inabaláveis, que o êxodo rural, fenômeno existente no mundo inteiro, é mais dramático na Amazônia porque as alternativas para fixar o homem à terra são nenhuma e nada fazem os governantes para criá-las. Não há como produzir a custo baixo na pobreza; impossível trazer tecnologia para onde não se consegue erradicar doenças e nem dispor dos remédios necessários à cura ou plantar alimentos e não ter como escoar a produção. A situação geográfica do interior da Amazônia é perversa pois isola o homem do próprio homem. A vazante e a enchente são, igualmente, prejudiciais, criando problemas diferentes. As doenças tropicais viajaram por todo o mundo africano, europeu e se fixaram na Amazônia. O mundo tem uma cobiça indisfarçável pelas riquezas do solo e do subsolo, mas despreza o homem da Amazônia. Os governantes brasileiros dão-nos a impressão de que, se os amazônidas

fossem proibidos de votar, já teriam exterminado essa gente para explorar com maior liberdade as riquezas da Região Norte.

Mais um trabalho de sucesso literário do sociólogo e professor Samuel Benchimol surgiu em 1999, com a edição do livro *Amazônia Formação Social e Cultural*. A obra começou a ser pensada desde 1992, quando o mestre imaginou estender o estudo iniciado com os nordestinos do Ceará e ampliar o assunto por meio de uma grande pesquisa sobre todas as raças que contribuíram para a formação social e cultural da história da Amazônia. Abordando aspectos que envolvem desde os índios e caboclos, ele foi buscar espanhóis e galegos, italianos, árabes, ingleses, portugueses, alemães, judeus e outras raças, enriquecendo com informações sociais e humanas a nossa formação étnica.

Se o caboclo do Amazonas não fosse apegado ao chão do verde que sempre acena com alguma esperança para o seu *habitat* na floresta; se não fosse ele um indomável guerreiro a plantar na vazante e ver o seu plantio alagado e destruído na enchente e, ainda assim, teimoso que não arreda o pé do lugar que o castiga, teríamos, hoje, não só o interior vazio, mas uma grande solidão na capital da Zona Franca, porque o amazonense seria o maior emigrante do Planeta.

## UM GIGANTE AMAZONENSE, QUE JAMAIS PERDEU A SIMPLICIDADE E A HUMILDADE

Esse homem exemplar que tanto colaborou na esfera pública e privada, dedicando parte de sua vida ao estado do Amazonas, desde a infância com grande espírito público, era o protótipo da simplicidade e da humildade sob o manto de um gigantismo intelectual do maior respeito sem, jamais, alçar voos em busca de Academias. Dessa estirpe,

podemos citar, também, o desembargador Hamilton Mourão, Sócrates Bomfim, João Martins da Silva, Phelippe Daou, Armando dos Santos, Manoel Octávio Rodrigues de Souza e outros grandes amazonenses que jamais almejaram publicamente uma cadeira de acadêmico, malgrado o merecimento.

Em verdade, quando analisamos o comportamento de certos homens vamos concordar, plenamente, com a beleza da definição feita pelo acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos ao expressar algumas palavras na Academia Amazonense de Letras, como segue:

> Alguns homens parecem árvores colossais que, à margem dos barrancos, expandem as franças verdejantes, indiferentes ao aliciante e traiçoeiro abraço das águas que, ano a ano, as vê cingir languidamente, levando ao retirar-se não só polvilho protetor da epiderme, mas também a seiva do húmus que se acumulara pelos meandros das raízes.

Samuel Benchimol foi, sem dúvida, o maior guerreiro e estrategista no combate à pirataria que infesta a Região Norte e aos predadores da natureza amazônica. Sua imortalidade está, pois, na sua obra. Se me fosse permitido parodiar o emérito Dom Alberto Gaudêncio Ramos, eu afirmaria que Samuel Benchimol se assemelha à uma Sapopemba frondosa a proteger não apenas o húmus acumulado desde a formação geológica da Amazônia, como foi, também, um autêntico defensor de todas as suas raízes naturais e culturais, com teses internacionais conhecidas e respeitadas pelos mais destacados cientistas que se atrevem a falar dessa região sem conhecê-la.

Aprendeu, o mestre, com o sacrifício do suor e do sangue, sentindo as agruras do imenso e desconhecido interior e adquirindo experiência, até mesmo, por meio de doenças tropicais que enfrentou na sua infância, juntamente com toda a família. Venceu pela dedicação ao estudo e pelo esforço, com muito sofrimento e trabalho, usando

inteligência e cultura, tenacidade e coragem, fortalecendo suas raízes, amando a natureza, a flora, a fauna, o povo e tornando-se um fascinado pelas riquezas do solo e do subsolo que tanto divulgou no exterior. Ministrava suas conferências dissertando, com magistral competência, sobre a biodiversidade da região contestando cientistas de renome que, malgrado seus esforços, referem-se à Amazônia com teses apoiadas no *achismo* universal, errando e tropeçando no cenário belíssimo de uma natureza doce, mas selvagem, encantada e cheia de mistérios capazes de fascinar humanos e desumanos. Em verdade, todos os cientistas do mundo deveriam ser obrigados a visitar a Amazônia e fazer um profundo estudo de sua natureza. Talvez, se assim fosse, a região não teria sido tão maculada com teorias criadas na esfera oposta à lógica da verdade científica.

## COBRAVA DOS CIENTISTAS INTERNACIONAIS MAIS CONHECIMENTOS SOBRE A AMAZÔNIA

Muitas das grandes universidades internacionais que investem, por meio de alguns pesquisadores, com teorias e definições às avessas sobre a Amazônia, deveriam incluir no currículo desses cientistas um estágio obrigatório *in loco* através do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), do Instituto do Meio Ambiente (IBAMA) ou da própria Universidade do Amazonas. Essa contribuição universal, avaliada pelo professor Samuel Benchimol em suas ideias em defesa da região, seria um bom preço cobrado para indenizar o caboclo sofrido, malgrado estar longe de ser o justo pagamento pela tolerância e pelo sacrifício imposto para preservar alimentos, animais e vegetais, enfrentando o risco de morrer de fome ou contrair doenças endêmicas num interior tão rico pelo solo e subsolo.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização das Nações Unidas (ONU) e outros organismos não-governamentais devem patrocinar esse comportamento de renúncia, destinando verbas necessárias aos estudos, às pesquisas e aos programas de desenvolvimento sustentado, reduzindo os gastos com armamentos bélicos ou ações predatórias contra a humanidade comandadas pelas grandes potências.

Essas ideias foram explanadas pelo professor em algumas de suas magistrais conferências. Costumava brincar com os números das estatísticas (sempre duvidosas) e o fazia com a mesma habilidade com a qual o matemático Melo e Souza, o fabuloso Malba Tahan, o fez com a Aritmética, quando contorceu os números na obra *O Homem que Calculava*, iludindo somas, subtrações, divisões e multiplicações para comprovar a sua agilidade mental. Com experiência e muito cuidado nas pesquisas que elaborou, o professor mostrou a perversidade da arrecadação tributária na região amazônica, onde o Amazonas ou essa *sui generis* capital-estado, a fascinante cidade de Manaus, vem contribuindo para a Nação, a despeito de se dizer existir aqui um paraíso fiscal. Tal qual um filho pródigo, com uma enorme honestidade fiscal, é constantemente retaliado como filho desprotegido.

Afirmava que estamos dando duas vezes, ou mais, do que recebemos em benefícios. O fato, por exemplo, de mantermos a virgindade de nossa natureza custa-nos um dos maiores sacrifícios impostos a uma região pobre e sem assistência, onde o homem no seu *habitat* fica impedido de extrair o alimento para a sua sobrevivência. Morre o homem para a natureza sobreviver, desde o seu oxigênio. Se não cuidarmos, em breve, o homem será o único animal que deverá ser extinto na região amazônica.

## AS OBRAS DO MESTRE FORMAM UM REPOSITÓRIO DE RIQUEZAS SOBRE A REGIÃO

Examinando mais algumas de suas obras, vamos conhecer melhor seus pensamentos e ideias sobre a preservação da Amazônia, embora, nem sempre, ele tenha alcançado sensibilizar os que a ignoram por desconhecimento ou, até mesmo, para não a deixar crescer. Ele discursava em defesa da região contra os que investem na intenção da conquista. Por mais de cinco décadas, esse renomado professor denunciou o processo criminoso contra os direitos internacionais da Região Norte do Brasil provando, com argumentações inteligentemente elaboradas, a falsidade e o exagero das denúncias do desmatamento, da extinção da fauna e flora, mostrando que os incentivos fiscais concedidos à Amazônia Ocidental, embora a favoreçam, em verdade, o país e o mundo recebem muito mais pelo que lhes tiram.

Com estudos abalizados sobre a Economia desde o século XIX, colaborava com a sua sagacidade de economista emérito sobre o que se passa com as importações, exportações da região, volumes de vendas no mercado interno por meio do Polo Industrial de Manaus, oferecendo um precioso diagnóstico da importância do modelo, não só para o Amazonas, mas para todo o país, numa contribuição à balança comercial.

Nas diversas teorias sobre a biodiversidade da Amazônia, em conferências internacionais sobre a natureza e suas vicissitudes, deixou perplexos aqueles que imaginam opinar, cientificamente, sobre o assunto, vislumbrando apenas a sua grandeza geográfica através de satélites ou informações teóricas e acadêmicas sem se submeterem a

visitar e conhecer seu clima e desconhecendo-lhe a exuberante e misteriosa formação geográfica.

## A GENIALIDADE DE BENCHIMOL NA DEFINIÇÃO DO JURISTA BERNARDO CABRAL

A Amazônia é capaz de surpreender até mesmo Deus, com seu esplendor natural, apesar de ter sido Ele o seu Criador. Bendito seja o professor Samuel Benchimol por ter nascido em Manaus, conhecer tantos mundos fantásticos e maravilhosos e ter escolhido esse paraíso verde do Universo para cumprir o seu destino, vivendo e defendendo aqui e alhures a terra natal onde foi feliz, venceu e um dia morreu, deixando viva a sua memória entre todos os amazonenses. Essa, sem dúvida, é a verdadeira imortalidade que o homem constrói e usufrui, inclusive, após desaparecer; ou seja, uma imensa obra para a eternidade a permanecer na história da humanidade. O consagrado jurista amazonense, ex-Ministro da Justiça, Dr. José Bernardo Cabral, ao apresentar o livro *Zênite ecológico e Nadir Econômico-Social* de seu amigo Samuel Benchimol, disse:

> O professor Samuel Benchimol é dotado de genialidade. Já disse, de certa feita, que a idade aproximada não me permitiu dele ser aluno nos bancos escolares, mas tem sido meu mestre nas mais de 100 obras que fez publicar, sobretudo porque creio que uma sociedade sem ideias de impulso, nem capacidade de ação e opção, é uma sociedade litúrgica, mais vencida do que vencedora, já que sua primeira condição de vitória é a responsabilidade e esta se mede pela dignidade tanto das ideias como das ações. É o que se evidencia neste livro, a cada passo: dignidade no que defende, responsabilidade nas discordâncias que regista. Por tudo isso, complemento a frase que integra o primeiro parágrafo desta modesta apresentação: a obra do professor Samuel Benchimol não nasceu apenas grandiosa... ela é também imensamente patriótica...
>
> Merece registro o seu amor pela Amazônia, quando ensina que a sua grandiosidade não se traduz, apenas, pela sua

> biodiversidade da flora e fauna, ictiodiversidade, fluviodiversidade e etnodiversidade, mas também por ser uma das maiores províncias minerais do planeta, produtos ferrosos e não-ferrosos como hematita, manganês, caulim, bauxita, cassiterita, cobre, ouro e diamantes, além da recente descoberta da província de petróleo e gás de Urucu, no Rio Coari, afluente do Amazonas.

Na obra acima citada, ao elencar entre os fatores de perpetuação da pobreza ou do subdesenvolvimento nadiresco, Benchimol afirma que não ocorrem por acaso e elenca alguns fatores de destaque, num total de 13 que necessitam de análises mais profundas, acentuando o item 8, quando se reporta ao uso da floresta para fins econômicos:

> Por isso é fundamental para uma boa e nova política florestal que a ciência e a tecnologia resolvam os problemas de reposição florestal heterogênea, através dos diversos métodos de reposição, enriquecimento, manejo e outras práticas modernas, porém ainda não disponíveis na sua plenitude nos campos da pesquisa e nas fazendas silviculturais. É fundamental, no entanto, que grandes recursos em escala mundial sejam encaminhados para os institutos de pesquisa, escolas e fazendas florestais modelo, desenvolvimento de novas sementes, clones e cultivares de alta resistência e produtividade, e sejam urgentemente desenvolvidas para que a silvicultura possa ser sustentável do ponto de vista econômico, pois grande parte das atuais práticas recomendadas são extremamente caras e inviáveis para permitir retorno econômico, pois uma atividade que exige longo ciclo de maturação e grande estoque de matéria-prima (algumas vezes esses estoques ultrapassam 30 anos de vida), para que possam ser usados pelas serrarias e estabelecimentos madeireiros.

Sabedor de que os grandes investimentos, via de regra, são implantados onde o homem está próximo da matéria-prima, dos mercados consumidores e exportadores, da tecnologia e da abundância de mão-de-obra barata ou das fontes energéticas que reduzem custos de produção, Samuel sempre defendeu os incentivos como arma indispensável para consolidar indústrias na região amazônica cujo perfil

de crescimento não oferece alternativas mais eficientes, embora existam. Foi um dos primeiros amazônidas a entender e denunciar, com muita propriedade, as razões indesmentíveis de que a Zona Franca de Manaus, modelo vitorioso e de sucesso mundial, beneficiou muito mais o país como um todo ficando a nos dever mais do que os benefícios dados em troca. E comprovou, em suas pesquisas sobre o assunto na obra *Amazônia 95: Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas*, publicada em março de 1996, como é feita e orquestrada essa perversidade fiscal que ilude até mesmo a nós, vítimas dessa distorção.

Denuncia o pesquisador Benchimol que, em 1995, o estado do Amazonas contribuiu na esfera federal com uma arrecadação de US$:969,7 milhões. No contexto regional, essa arrecadação significou 52,70% da arrecadação total da Região Norte, enquanto o Pará ingressou com 30,39%. No que tange ao ICMS, o caso não mudou. Enquanto o Amazonas contribuiu com US$:987,4 milhões, o Pará recebeu US$:686,8 milhões. Esse fenômeno, não divulgado pelo fisco, vem ocorrendo desde a década de 1990 quando a região arrecadou, de 1990 a 1995, um montante de US$ 15.735.324.279,00 como resultado das cobranças do fisco federal, estadual e previdenciário, incluindo-se o FGTS.

## DEFENDEU A ZONA FRANCA DE MANAUS DE FORMA INTELIGENTE E INCONTESTE

Inteligentemente, afirmava que não pode haver renúncia fiscal quando a produção seria igual a zero se não houvesse incentivos. Renúncia fiscal, para caracterizar o modelo de Zona Franca, é um jogo de palavras criado com a intenção de enfraquecer o progresso do Amazonas, concluindo, sobre a Zona Franca de Manaus, que a verdadeira renúncia fiscal brasileira se encontra nas bagagens dos

passageiros brasileiros que, naquela época (1995), traziam anualmente da Ciudad del Leste, no Paraguai, US$4 bilhões de mercadorias estrangeiras, representando, no mínimo, uma renúncia fiscal de US$2 bilhões. Ora, sem incentivos fiscais, sem indústria, sem produção e sem uso dos recursos naturais que poderiam gerar empregos e desenvolvimento social, isto sim, representa uma renúncia econômica sem preço.

Após avaliar os números das exportações dos estados da Amazônia, onde o Pará tornou-se o maior exportador nos últimos dez anos graças à implantação de projetos de mineração e metalurgia, mostrava, com números, o crescimento incontestável de nossas exportações globalizadas, transmitindo a todos nós uma possibilidade de aumentar ainda mais esses números. Contra os que atacam a Zona Franca de Manaus, sob a equivocada alegação de que a renúncia fiscal tem papel concentrador em Manaus esvaziando a economia do interior (o que em parte é verdadeiro), o professor contestava, sob o ponto de vista universal: onde não existiria nenhuma região do mundo livre do êxodo rural, com a superpopulação das metrópoles sedes.

Demonstrava, de forma corajosa e convincente, os imaginários da viabilidade econômica da Amazônia simplesmente alicerçada no ideário dos ecologistas radicais preocupados com o show internacional da mídia, pretendendo transformar a região num museu botânico, zoológico, antropológico ou num santuário para agasalhar a fome e a sede do mundo futuro.

Nas pesquisas elaboradas com profundidade no livro-denúncia intitulado *Amazônia 95: Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas*, ele apresentava números realísticos e capazes de comprovar como a região tem sido capaz de construir uma atividade agropecuária, florestal,

mineral e industrial geradora de receitas públicas jamais desprezíveis no cenário brasileiro. Afirmava que o estado do Pará representa um celeiro de divisas para o Banco Central com suas exportações, enquanto o Amazonas, muito ao contrário de ser um éden fiscal, transformou-se incontestavelmente num *paraíso do fisco*, revertendo-se a filosofia de renúncia numa realidade de arrecadação.

Os trabalhos e livros publicados pelo professor Samuel Benchimol chegam a 105, editados ao longo de mais de cinquenta anos de labor acadêmicos e de pesquisas. Eles abrangem os mais variados aspectos da Amazônia sob o ponto de vista geográfico, econômico, social, político, antropológico e ambiental. No acompanhamento de sua obra, podemos confirmar a sua missão estratégica na defesa de uma região atingida, perigosamente, pela cobiça internacional. Analisando as exportações da região amazônica, sobre as quais fez valioso trabalho apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em julho de 1997 em Quito, no Equador, afirmou em sua obra *Exportação da Amazônia Brasileira 1996-1995*:

> A atividade exportadora será, infalivelmente, a vocação e a saída para a produção da Amazônia, manifestada com sucesso desde os tempos coloniais, consagrada no período fastigioso da borracha, no extrativismo, e mantendo a mesma expectativa de desenvolvimento regional, com a Zona Franca.

Defendia o fato de que as exportações compactas dos nove estados componentes da Amazônia, utilizando um aproveitamento racional e sustentável dos recursos florestais, minerais, animais, do solo e subsolo, promoveram um crescimento satisfatório e surpreendente elevando essas exportações de US$546 milhões em 1983, para US$3,74 bilhões em 1996, significando um crescimento da ordem de 585% em pouco mais de um decênio. Na mesma obra acima, preocupou-se em apresentar um quadro sintético das exportações da Amazônia nos anos

de 1995, 1996 e 1997, comprovando com números oficiais que desde 1995 e 1996 houve um aumento de 6,1%, sendo que a área mineral (bens metálicos e não metálicos) foi a principal fonte dessas exportações. Condenava as proibições desnecessárias, restrições ambientais que conduzem a interpretações de fim do mundo quando, em verdade, as espécies amazônicas não correm o risco de extinção pela existência de matérias-primas pois, além do renascimento espontâneo dessas espécies, é possível fazer-se o remanejamento, adensamento florestal e, ainda, a agrossilvicultura sustentável.

Em verdade, chamava a nossa atenção para o fato de que, queiram ou não os que espreitam a região com olhos de inimigos e conquistadores, diferentemente dos que deveriam se aproximar com as mãos espalmadas e as mentes cheias de sabedoria e compreensão para a Amazônia, a região vem se transformando em polo de exportação, suprindo o mercado japonês, americano e de quase uma centena de países compradores dos produtos dos estados do Pará, Amazonas, Maranhão e outros, incrementando o nosso desenvolvimento sustentado.

Questiona, em suas alegações, as dificuldades de ser realizada a pretendida e ansiada reforma fiscal planejada pelo governo brasileiro, principalmente, se essa mudança fiscal transferir a incidência do ICMS estadual do lugar do destino ao invés de permanecer na fonte produtora como ocorre. Alerta, ainda, que a extinção do IPI não tem apenas a desvantagem incontestável alegada pelos investidores do Polo Industrial de Manaus com a perda do incentivo, mas pela fácil arrecadação desse tributo e por não ter características do princípio tributário da anuidade e não possuir a mesma rigidez do ICMS, comparando-se a flexibilidade de suas diferentes alíquotas, perdendo, pois, o governo federal, um valioso instrumento de política fiscal.

Advertia aos nossos governantes para o fato de que: "O Polo Industrial de Manaus está ameaçado de perder a atual cadeia produtiva industrial, sem a contrapartida e certeza de uma nova era de desenvolvimento duradouro e sustentável".

## PARA O MESTRE, O ÊXODO É UMA BUSCA DO HOMEM PELA SOBREVIVÊNCIA

Vale salientar que nem todos os sociólogos universais conseguiram definir, com a mesma propriedade de Samuel Benchimol, o fenômeno do inevitável êxodo promovido pelo homem ao abandonar a terra natal, o seu país, fugindo dos campos para não morrer de fome ou ficar na miséria sem arriscar a busca de riquezas, partindo para sobreviver nas grandes metrópoles a despeito da dor da separação homem-natureza-família. É uma síndrome que atinge o Planeta Terra nos dias de fome e desesperança causadas por conflitos bélicos, como vemos atualmente.

Fazendo um estudo profundo sobre o êxodo do povo judeu e sendo membro da religião judaica no Amazonas, no seu magnífico *livro Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia,* editado em 1998, praticamente esgota alguns temas que vivem acendendo as discussões acadêmicas, narrando com emoção e tristeza a expulsão desse povo sofrido da Ibéria para o Marrocos sob os reinados de Espanha e Portugal entre os anos de 1942 e 1946, sofrendo toda a sorte de humilhações e sacrifícios. No livro acima, Samuel narra a história da emigração dos judeus marroquinos para a Amazônia a partir do deslocamento de cerca de mil famílias dos sefardins, descrevendo a epopeia, sofrimentos, vitórias, derrotas, alegrias e tristezas do seu povo. Sobre os imigrantes nordestinos, enfoca o assunto fruto de suas pesquisas realizadas na convivência com eles, quando os cearenses invadiram a Amazônia em busca de trabalho e riqueza, desbravando os mais distantes municípios

do Amazonas. Informava que o cearense vive entre dois extremos: na esperança da chuva, quando há seca e na felicidade da fartura, quando há inverno. Para o nordestino, o sertão é como se fosse a sua pátria. E, quando se movimenta em direção a outras regiões, contribui com maior eficiência do que outros imigrantes construindo uma unidade necessária como elemento fundamental aos objetivos a serem atingidos.

Nos dois ciclos da borracha enfocados nos seus estudos, afirma que foi notória a chegada de muitos imigrantes, alguns que partiram, outros que morreram, mas não se arriscou a dar números precisos informando apenas que, em 1942, tomou conhecimento de que no período de 1877 a 1900 um número equivalente a 158.125 nordestinos havia chegado à Amazônia, conforme um memorial da pesquisadora Dorneles Câmara. Esse memorial foi publicado em 1919, sob o título *Colocação no Amazonas dos Flagelados do Nordeste.* Segundo informações da autora, em 1900 a população cearense havia sido reduzida em aproximadamente trezentas mil pessoas, entre os que emigraram e os que morreram. Samuel também cita o interessante estudo realizado pelo escritor Artur Dias na obra *Brasil Atual*, informando que, entre os anos de 1877 e 1889, o êxodo rural para o Norte e o Sul do Brasil era assustador quando cerca de 150.000 pessoas emigraram do Ceará para fugir das calamidades da seca.

## COMO SAMUEL BENCHIMOL DEFINIA A GRANDEZA DA AMAZÔNIA

No livro *O Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*, edição de 2002, Samuel definiu a grandeza da Amazônia ao afirmar:

> Devido à sua continentalidade, a Amazônia tem peso e grandiosidade universal, pois ela representa: um vigésimo (1/20) da superfície terrestre; um quinto (1/5) das disponibilidades mundiais de água doce; um terço (1/3) das florestas latifoliadas; um décimo (1/10) da brota

> universal; um vigésimo e cinco avos (1.25) da capacidade de sumidouro de carbono. Produzido pela queimada de combustíveis fósseis (Prof. L. C. Molion) dos países industrializados; três quintos (3/5) do território brasileiro; quatro décimos (4/10) do continente sul-americano; quatro milésimos (4/1000) da população mundial.

A despeito dessa massa de grandeza física e de grandeza potencial de recursos florestais, hídricos, minerais, energéticos e outros, a Amazônia continua a ser uma região economicamente pobre. A pobreza humana é consequência da falta ou insuficiência de serviços básicos ou de infraestrutura social, política, educacional, científica e tecnológica, que permitam a exploração de todo o potencial de sua geobioecodiversidade em bases sustentáveis, agravada pelas grandes distâncias e pela carência de cadeias produtivas que assegurem emprego, renda e tributos para fazer face aos elevados custos da administração pública (**Isso tudo, ainda hoje continua, grifamos).**

## ROMÂNTICO, NÃO DESPREZOU A POESIA POIS ENVEREDOU NA OBRA DE CAMÕES

Não podemos deixar de citar outro fato bastante peculiar e importante na vida desse cientista romântico que, a certa altura de sua vida, enveredou nos meandros da poesia chegando a escrever, entre os anos de 1942 e 1945, alguns poemas e haikais. Mas, infelizmente, conseguimos encontrar pouca coisa escrita nesse ramo para transcrever, salvo os que abaixo estamos apresentando, com o lamento de que houve, sim, um glossário de poemas a que ele denominou de *Versos dos Verdes Anos,* obra que não veio à lume. Vejamos uma pequena amostra de sua sensibilidade poética no haikai abaixo:

*Sol poente, lua minguante...*

*Fogo de amor quase morrendo*

*À espera de uma nova estrela.*

O único poema que se conhece como fruto de sua publicação foi em memória dos seringueiros, a quem ele cognominava de *soldados da borracha.* Esse poema aparece no seu livro *Romanceiros da Borracha* e aproveitamos para publicar:

*No começo e fim desta histórica história*
*- ninguém a recorda*
*- ninguém chora*
*- ninguém condecora*
*- ninguém comemora*
*O humilde e anônimo soldado da selva*
*sem sol e sem farda*
*que morreu de beribéri, de sezão,*
*de fome e solidão.*
*nos confins dos seringais sem fim*
*sem direito a toque de silêncio de herói*
*- sem nome*
*- sem número*
*- sem memória*
*- sem monumentos*
*na pira da tumba do soldado desconhecido.*

Tenho certeza de que muita coisa deixou de ser aqui contada sobre a grandeza desse cientista que esteve, sim, além do seu tempo. Espero que este modesto trabalho sirva de modelo para que outros, verdadeiros críticos literários, parem de enaltecer estrangeiros e alienígenas e que todos nós da Amazônia, juntos, possamos ser capazes de expurgar de nossos corações sentimentos negativos uns contra os outros. O legado do professor Samuel Brasileiro jamais será esquecido e viverá eternamente no coração dos amazonenses. Ave! Samuel Isaac Benchimol!

## REFERÊNCIAS

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Amazonas**: a outra parte da história. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 2001.

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Como agir sem ferir ética e prerrogativas**. 5. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1999.

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Duas águias no paraíso amazônico**: Mário Ypiranga Monteiro e Samuel Isaac Benchimol. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, Editora Rocha Ltda, 2000.

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Zona Franca**: um romance polêmico entre Amazonas e São Paulo. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1997.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: planetarização e moratória ecológica. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1989.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: quadros econômicos da produção. Brasília: Editora do Senado Federal, 1989.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. 2. ed. rev. Manaus: EDUA, 2010.

BENCHIMOL, Samuel. **Desenvolvimento sustentável da Amazônia**. Manaus: Valer, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. **Manual de Introdução à Amazônia**: com o apêndice: A Amazônia e o terceiro milênio. Manaus: Edição Reprográfica, 1996.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da batalha da borracha**. Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1992.

BENCHIMOL, Samuel. **Zênite Ecológico e Nadir Econômico-Social**. Manaus: Edição xerografada, 2000.

BENCHIMOL, Samuel. **Zênite Ecológico e Nadir Econômico-Social**. 2. ed. Manaus: Valer, 2001.

# Capitulo 2

# 2. CONVÍVIO EMPRESARIAL E APRENDIZADO PESSOAL COM SAMUEL BENCHIMOL

*Jaime Samuel Benchimol*

Poucos têm a sorte que eu tive de desfrutar do convívio de um homem com a estatura e o talento do meu pai, Samuel Isaac Benchimol. Que seja abençoada a sua memória!

Além do convívio pessoal como filho, trabalhamos formalmente juntos por 22 anos entre 1980, ano em que retornei dos meus estudos nos EUA e ingressei nas empresas Bemol e Fogás, e 2002, ano em que ele nos deixou.

Durante a sua vida, meu pai trabalhou em múltiplas funções: foi professor secundário da Escola Solon de Lucena, despachante da empresa de aviação Panair do Brasil, corretor de seguros, diretor do Banco do Estado do Amazonas, representante comercial de medicamentos, importador e revendedor de cimento, sal, cerveja, bacalhau, azeite, batatas, cebolas, leite em pó, carnes enlatadas, automóveis, pneus, fogões, entre outros, – atividade que deu origem à atuação no varejo com a empresa Benchimol, Irmão e Cia. Ltda., atual Bemol S.A., fundada em 1942 – e diretor da Companhia de Petróleo do Amazonas, a refinaria criada pelo grande empresário Isaac Sabbá, meu tio-avô – atividade que deu origem à Sociedade Fogás Ltda como distribuidora de gás liquefeito de petróleo, fundada em 1956. Paralelamente, teve intensa vida acadêmica como palestrante renomado e autor de 41 livros e 70 artigos sobre a Amazônia, tendo sido eleito para a Academia Amazonense de Letras. Lecionou por mais de 50 anos na Universidade Federal do Amazonas, tendo sido reconhecido com o título de Professor Emérito, o que muito lhe orgulhava. O magistério era, dentre todas as atividades que exerceu, a que mais

satisfação lhe dava e suas aulas eram muito apreciadas pelos alunos pelo conteúdo brilhante de seus ensinamentos e pelo entusiasmo e alegria com que as ministrava. "O Prof. Samuel dá aula sorrindo, diziam seus alunos..." Foi ainda presidente do Comitê Israelita do Amazonas, entidade que representa o judaísmo no estado, por quase 20 anos. É difícil imaginar como ele teve tempo para fazer tanto em 79 anos de vida!

Faço agora uma breve recordação de alguns aspectos da nossa vida familiar. Nossa família, meus pais, minha irmã e eu, costumávamos viajar de férias uma a duas vezes por ano. Uma dessas viagens era sempre para o Rio de Janeiro, com visitas eventuais a outros estados do Sudeste e Sul do Brasil para melhor conhecermos a história e a geografia do país. Em anos em que havia disponibilidade de tempo e de recursos financeiros, viajávamos ao exterior para os EUA, Europa e, uma vez, à Ásia em uma longa e inesquecível viagem de "volta ao mundo". Havia nessas viagens uma dose saudável de diversão, porém uma ênfase maior em aprendizado sobre a história, a geografia e a cultura dos países que visitamos. Meu pai era bem-humorado, especialmente nos momentos de lazer e descontração, mas tinha sempre muita pressa em fazer as coisas e, por esse motivo, nossas férias eram intensas, repletas de atividades.

Exploramos, assim, as principais atrações turísticas, museus, monumentos e também sinagogas e ambientes judaicos de significado em cada local que visitávamos. Ele fazia sempre muitas referências e ensinamentos sobre os grandes líderes políticos, empreendedores e empresas, pois tinha a preocupação de levar conhecimento amplo e diversificado para a sua família, "expor conceitos novos e abrir as nossas mentes para o mundo", como dizia.

Recebi de meus pais uma formação acadêmica bastante robusta, mesmo frequentando escolas públicas, pois, na época, essas ofereciam ensino de melhor qualidade do que as particulares. Essa formação era complementada por aulas particulares desde o ensino fundamental até a preparação para a universidade. A preocupação dele e de minha mãe Mery era de oferecer sempre os melhores professores aos seus filhos, não apenas os que tivessem mais conhecimento, mas, sobretudo, os que tinham melhor didática de ensino para que nós tivéssemos prazer em estudar.

Nas semanas de férias em que não estivéssemos viajando, eu era convidado a passar alguns dias em seu escritório e, como ele era preocupado com tantos exemplos de organizações que deixaram de existir pela falta de preparo e de vontade das gerações seguintes, meu pai colocou uma "mesa de trabalho" para mim dentro da sua sala quando eu tinha cerca de dez anos de idade. Era a mensagem de que eu teria um lugar nas organizações e, ao mesmo tempo, um convite para eu me engajar no futuro e no destino das empresas. Deu-me também, de forma precoce na ocasião do meu Bar Mitzvah, uma pequena participação societária nas empresas.

Nas visitas ao seu escritório, eu participava como ouvinte das suas conversas com funcionários, fornecedores e visitantes de um modo geral, o que representava uma forma de transmissão da cultura empresarial e um aprendizado importante sobre a tomada de decisões, dilemas e riscos dos negócios. Passava, também, períodos diretamente nas lojas acompanhando ou realizando os processos de vendas, entrega, crediário, atendimento a clientes etc. Durante dois períodos de férias trabalhei como auxiliar administrativo na Importadora Bemol, atacadista de produtos alimentícios como os leites holandeses da marca Campo Verde, Coroa de Ouro e Coast, presuntos e carnes

enlatadas dinamarquesas da marca DAK, entre outros. Houve, desta maneira, um período importante de experiência antes do início de minhas atividades profissionais nas empresas, que contribuiu para minha formação e desejo de participar na vida das organizações.

Em 1980, após eu ter concluído o bacharelado e o mestrado, meu pai convidou-me a retornar a Manaus para assumir, como diretor, as responsabilidades pela área administrativo-financeira da Bemol e financeira da Fogás. Foi um período novo da minha vida, pois nunca havia trabalhado em tempo integral e as múltiplas responsabilidades me assustavam.

Iniciavam-se, naquele momento, os 22 anos de convívio empresarial que tanto marcaram a minha carreira. Considero que meu pai executou de forma competente a transição da liderança dele para mim nas organizações, com a concordância de todos os sócios e diretores. Isso ocorreu com a transferência gradual de responsabilidades e atribuições ao longo de dez anos, período que ele sempre citava como o necessário para a formação de um bom executivo.

Em 1993, ele escreveu um livro chamado *Grupo Empresarial Bemol-Fogás: Lembranças e Lições de Vida*, que traz relatos da sua memória sobre o caminho percorrido pelas empresas e os vários aprendizados obtidos ao longo do tempo. É um texto precioso e com ricos exemplos do processo de construção das organizações em uma sociedade dos irmãos Samuel, Israel e Saul Benchimol.

À medida que Bemol e Fogás se consolidaram como empresas e marcas de sucesso junto aos nossos clientes, avançamos também com a modernização e melhoria de instrumentos organizacionais de gestão. O ano de 1998 foi um divisor de águas do ponto de vista organizacional

pois foi a partir daí que passamos a adotar, de forma predominante, a gestão baseada em valores. Nessa direção, adotamos o que chamamos de Diagrama Cultural das Organizações, um conceito formado por cinco princípios que refletem os mais relevantes traços das personalidades dos sócios-fundadores e que desejamos ver refletidos na cultura das nossas organizações. Esses princípios são: Integridade, Respeito, Economia, Energia e Melhoria Contínua.

Dentro desse contexto, aproveito, então, para compartilhar exemplos de conduta empresarial e pessoal de meu pai, que mais me marcaram e que tanto inspiraram as nossas empresas.

## INTEGRIDADE

Samuel Benchimol era cuidadoso em celebrar acordos e formalizar contratos. Planejava as conversas com antecedência e costumava discutir todos os detalhes importantes. Porém, uma vez que os fazia, honrava sempre os seus compromissos, fossem eles verbais ou por escrito, pois tinha grande preocupação em cultivar uma boa reputação fazendo as coisas certas do ponto de vista legal e moral. Guardava também os registros, a história e os documentos de todas as transações importantes que fazia nas empresas e na sua vida pessoal.

Nas relações internas com os sócios, tinha grande atenção com a continuidade e costumava ler muito sobre as histórias de outras organizações. Era ciente de que, para sobreviver, empresas familiares precisam ter diálogo aberto e franco entre os sócios. Na época, não era comum que as empresas do nosso porte tivessem os instrumentos de governança que hoje adotamos como: acordo societário, código de ética, conselho de administração, auditoria externa independente etc. No entanto, ele valorizava a boa governança empresarial, mantendo

informalmente um sistema de informações transparente para com os sócios, tratando a todos com justiça, sem tentar obter vantagem indevida para si ou para a sua família, a despeito de sua condição de sócio majoritário. Sua natureza era conciliadora e, sempre que possível, evitava confrontos dentro ou fora da família, "Um mau acordo é melhor do que uma boa briga", dizia com frequência.

Essa mesma postura ele tinha com relação a disputas judiciais de um modo geral. Não recordo de termos movido uma única ação judicial contra fornecedores, clientes, concorrentes ou vizinhos. Contestamos apenas impostos indevidamente cobrados e, ainda assim, somente na esfera federal, pois ele acreditava que os estados e os municípios não aceitam bem essas disputas e eventualmente podem retaliar. Criou-se assim uma cultura empresarial em que as empresas buscavam a resolução de seus problemas pelo diálogo e pela confiança, recorrendo apenas em último caso ao judiciário que costuma ser lento e imprevisível.

Como gestor, seu raciocínio era lógico, cartesiano, sem rodeios ou complexidades. Seu estilo gerencial era sempre direto e sincero, e gostava de compartilhar as informações que recebia com diretores e gerentes. Tinha sempre muita pressa em resolver as pendências e em dar retorno aos questionamentos, por isso, os funcionários ficavam muito nervosos quando eram chamados à sua sala, antecipando que receberiam tarefas urgentes. Era, no entanto, muito justo, respeitado e generoso, tendo estabelecido um sistema – raro na época – de bonificação anual aos funcionários mais leais e que mais se destacavam.

Na escolha de gestores, preferia dar prioridade aos funcionários de dentro das empresas do que contratar de fora. Acreditava que funcionários que demonstravam ser honestos, com suas condutas já

testadas pelo tempo de empresa, conseguiam compensar eventuais limitações técnicas com as virtudes da lealdade e da dedicação. Ele apreciava especialmente aqueles que "vestiam a camisa" da empresa e os "pé-de-boi", termo que usava para descrever os que tinham plena disciplina no horário e estavam sempre dispostos a atender as necessidades das empresas ao serem chamados.

Na área fiscal, orgulhava-se em recolher integralmente e pontualmente os tributos, encargos trabalhistas e demais obrigações legais, mesmo ciente de que muitos competidores buscam atalhos através de sonegação de impostos. Uma de suas grandes satisfações era ver as empresas figurarem anualmente na lista dos maiores pagadores de impostos estaduais e federais. Nesse sentido, o Deputado Serafim Corrêa traz, nesta mesma coletânea, um bonito relato com o artigo intitulado "Samuel Benchimol: o bom contribuinte".

Ele criou, assim, nas empresas, uma cultura de idoneidade onde as transações eram registradas na contabilidade sempre de forma conservadora e pelo seu valor integral, sem a existência do conhecido "caixa dois". Essa conduta se projetou em todas as áreas das nossas organizações, alcançando até as relações com fornecedores e clientes. Criamos, assim, organizações saudáveis e sem passivos fiscais, cíveis ou trabalhistas relevantes. Tivemos uma taxa de crescimento talvez mais lenta, porém, que se provou consistente e sustentável. O pagamento integral de impostos não nos impediu, por exemplo, de crescermos robustos 14% ao ano, em termos reais, durante o período de 22 anos em que convivemos nas organizações.

Destaco que o pagamento correto das obrigações é um ato de grande coragem no mundo empresarial brasileiro pois exige das organizações um nível de eficiência grande o bastante para compensar

o ônus tributário excessivo e permitir a competição em mercados com práticas menos éticas. No fundo, recolher corretamente os tributos devidos induz à produtividade e, portanto, prepara as empresas para um futuro próspero e longevo. É difícil minimizar a importância dessa conduta sem a qual posso afirmar que as nossas empresas já teriam deixado de existir.

Um importante exemplo de "paixão pela retidão" – termo usado para significar a integridade no Talmud, o livro da sabedoria judaica – havia sido dado muitas décadas antes pelo meu avô Isaac Benchimol, pai de Samuel. Durante o declínio do período da borracha, vovô Isaac havia sido sócio de um seringal em Fortaleza do Abunã (atualmente um distrito do município de Porto Velho em Rondônia). Ele tinha ido à falência em razão da derrocada dos preços da borracha na década de 1920 e do infortúnio de ter uma carga importante perdida no naufrágio de um barco de transporte que ele mesmo pilotava no Rio Madeira. Ainda assim, anos após prescrita a sua obrigação legal, fez questão de honrar os seus compromissos até a quitação completa da dívida junto aos credores. Na ocasião, meu pai recordava que o vovô Isaac publicou uma nota nos jornais informando da quitação de seus compromissos e fez, em sua casa, uma pequena celebração pela sua "libertação" da condição de devedor. Nesse momento, pediu aos filhos duas coisas: que fossem cautelosos em assumir dívidas ou conceder avais; e que se casassem com separação total de bens para evitar que, em caso de infortúnio, os bens do cônjuge também fossem alcançados.

## RESPEITO

Samuel Benchimol tratava a todos com igualdade, educação e respeito. Em mais de duas décadas de convívio empresarial e durante

toda minha vida como filho e amigo não recordo de tê-lo visto tratar alguém com grosseria, gritos, palavrões ou humilhações. Ele era apressado em realizar e, por vezes, colocava pressão para aumentar o ritmo da execução das ações e tarefas, mas jamais se encolerizava ou destratava as pessoas independentemente de sua origem, etnia, sexo, *status* ou cargo.

Nas empresas, meu pai alertava sempre para o risco de deixar de respeitar as empresas competidoras ou de permitir que o sucesso "nos suba à cabeça" dando espaço indevido ao ego e à autossuficiência. Lembrava que os concorrentes "não dormem de touca" e é preciso estar sempre preocupado com o ambiente competitivo local, nacional e mundial.

Ele tinha grande admiração por pessoas que demonstravam conhecimento e gostava muito de conversar e aprender com elas. Fosse professor universitário, aluno, cliente das empresas, empresário concorrente, caboclo do interior, índio, microempreendedor, meu pai tinha grande curiosidade em perguntar e aprender. Nessas ocasiões preferia ouvir a falar.

Seu maior prazer, porém, era ensinar e transmitir aos outros o vasto conhecimento que havia acumulado, especialmente sobre a Amazônia, sua grande paixão e tema principal de suas aulas em mais de 50 anos de magistério e de mais de uma centena de publicações acadêmicas.

Para ele, o mérito sempre teve prioridade sobre todas as demais condições e esse foi o único critério que adotava em reconhecer funcionários, alunos, empresários e amigos. Era mestre em encorajar as pessoas a crescerem e a instigá-las a adquirir mais conhecimento através do estudo e da leitura.

A despeito do seu sucesso como empresário e escritor, manteve durante toda a sua vida a postura de humildade, pois nunca esqueceu da infância difícil que teve, com poucos recursos e dependente da generosidade de seus tios e de alguns amigos para obter uma boa educação.

Destaca-se aqui a influência extraordinária do seu professor Agnello Bittencourt no Gymnasio Amazonense D. Pedro II, conhecido atualmente como Colégio Estadual. Foi o Prof. Agnello – o velho Agnello, como ele carinhosamente o chamava – o principal responsável pelo crescimento intelectual de meu pai ao oferecer-lhe acesso à sua biblioteca particular quando ele cursava o equivalente ao ensino médio de hoje. Esse acesso foi uma concessão transformadora em sua vida e na vida de todos os seus descendentes, pois cultivou na família o apreço pelo conhecimento, pelo estudo e pela cultura.

## ECONOMIA

Há um ditado popular que diz, "Há duas maneiras de se enriquecer na vida, ganhando muito ou precisando de pouco". Samuel Benchimol trilhou por esses dois caminhos. Dentre todas as suas virtudes, a mais visível era a simplicidade. Cultivava hábitos pessoais humildes, não por avareza, mas por ser essa a sua natureza e pela criação austera que recebeu de seus pais. Era muito objetivo e seletivo em seus gastos. Não valorizava bens de luxo e nem qualquer tipo de despesa desnecessária e extravagante.

Gastava pouco com lazer pessoal já que suas rotinas eram muito simples e previsíveis. Aos sábados à tarde jogava xadrez nos clubes Ideal e Luso. Aos domingos visitava os filhos e netos no sítio do Condomínio Vivenda Verde e, em seguida, ia para a sauna do Bosque Clube onde

desfrutava da companhia de amigos comendo tucumã, pupunha e outras frutas regionais que comprava habitualmente na estrada AM-010.

Não era uma pessoa vaidosa, usava um único sapato para todas as ocasiões em que saía, fosse para uma reunião empresarial, para dar aula na universidade ou para o lazer do domingo. Valorizava mais o conforto do que a beleza, quando comprava sapatos novos, por exemplo, pedia para seu bom amigo e cunhado Samuel Koifman usar por algumas semanas para amaciá-los antes.

Para ir ao trabalho, usava o tradicional paletó de linho nas cores bege, azul ou verde claro. Há, aqui, um relato anedotal curioso de um diálogo entre dois alunos na Faculdade de Direito do Amazonas: um dos alunos comentou que as coisas deviam estar difíceis para o professor Samuel pois ele estava usando o mesmo paletó desde o início do semestre, ao que o outro retrucou: "isso não é nada meu amigo, estou aqui há quase quatro anos e ele vem usando o mesmo paletó esse tempo todo...". Na verdade, meu pai comprava uma peça inteira de linho e pedia para o seu alfaiate fazer vários paletós iguais que usava durante anos seguidos parecendo, assim, como se fosse uma única roupa.

A combinação de muito trabalho, pouco tempo para lazer e simplicidade nos gastos resultou em uma taxa muito elevada de poupança pessoal e lhe permitiu conquistar um relevante patrimônio que usava para o conforto da família, apoio a comunidade judaica, ajuda a amigos e para desfrutar da tranquilidade que pode ser obtida com a segurança financeira.

Comia pouco e sempre que saíamos para jantar ele insistia em dividir o prato pois, tendo vivido períodos de dificuldade em sua

infância, lhe incomodava muito desperdiçar alimentos. Já com educação e saúde não fazia economia, ao contrário, buscava sempre o que houvesse de melhor: viagens, livros, professores para os filhos, médicos para a família, recursos modernos para tratamento e medicamentos de qualidade.

Nas empresas, o mesmo princípio se aplicava: gastar apenas o necessário com as despesas, evitando requintes e excessos para poder competir em serviços e também em preços, se necessário. Era bem mais generoso, contudo, com os investimentos, pois tinha ciência da necessidade dos melhores ativos e equipamentos para oferecermos segurança, qualidade, tecnologia e produtividade nas nossas operações.

Durante minha infância lembro-me, com alguma frequência, dele solicitar para minha mãe que "apertasse os cintos" pois precisávamos fazer novos investimentos em equipamentos na Fogás ou em lojas na Bemol. Talvez a principal evidência da prática desse princípio de "economia" tenha sido o fato de que durante mais de 40 anos, desde o início da sua carreira empresarial em 1942, nenhuma das duas empresas Bemol e Fogás distribuiu lucros ou dividendos aos sócios, acumulando sempre os resultados para reinvestir nas suas operações e em seus futuros.

Esse foi um período notável de renúncia pessoal tanto do meu pai, Samuel como de seus irmãos e sócios Israel e Saul e de suas respectivas famílias, pois essa economia permitiu capitalizar as empresas para o crescimento e minimizou o uso de capital de terceiros e de empréstimos bancários.

Em razão de juros, historicamente, elevados no Brasil, ele acreditava que o endividamento era sempre um fator de grande risco

para as organizações e que devia ser usado, moderadamente, apenas nos casos em que o retorno fosse elevado e dentro dos negócios que conhecemos.

Gosto ainda de contar a meus filhos um curioso episódio sobre a simplicidade do meu pai. Há cerca de 30 anos atrás comprei um apartamento em um prédio que havia sido recém-concluído pela J. Nasser Engenharia e onde moro até hoje. Na ocasião, busquei convencer meus pais para que comprassem, também, um apartamento no mesmo prédio, a fim de usufruírem de mais conforto, modernidade, segurança e os benefícios da proximidade, em razão da idade deles etc. Minha mãe compreendeu rapidamente e aceitou, mas meu pai relutou, alegou que gostava muito da casa onde morava, tinha receio de que o elevador quebrasse, vazamento de unidades vizinhas etc. Eu argumentei que havia uma unidade no primeiro andar disponível, resolvendo, assim, a questão do elevador. Ele visitou então o apartamento, gostou e ficou de me dar uma resposta sobre a aquisição. Porém, com receio de perder o negócio, eu me precipitei e fechei a compra com a construtora confiante que ele daria o "de acordo". Passada uma semana, ele retornou comigo e disse: "Jaime, eu pensei melhor e não quero mudar, o apartamento pode ter mais conforto, segurança, mas a minha alma mora naquela casa...". Essa era a resposta para a qual eu não estava preparado, foi difícil o convencimento, mas, finalmente, ele concordou em mudar, com alma e tudo, para o novo lar onde viveu muito feliz seus últimos anos.

## ENERGIA

Era impressionante o grau de energia e disposição com que Samuel Benchimol viveu a sua vida. No dia a dia das empresas, tinha sempre grande vitalidade, senso de urgência e motivação. Subia, por exemplo, todas as escadas de dois em dois degraus em uma

demonstração de que queria logo chegar ao seu destino. Não deixava para depois nada importante que pudesse fazer naquele momento, porém, tinha sempre aguçado o senso de prioridade para escolher quais tarefas realizar primeiro e quais poderiam esperar. Costumava sempre aguardar pelo menos 24 horas antes de tomar uma decisão importante, dizendo que "o travesseiro é um bom conselheiro".

Era mestre em fazer perguntas relevantes e objetivas e, com isso, poupava tempo evitando conversas desnecessárias, fosse em uma reunião de negócios ou ao tratar de assuntos acadêmicos. Conseguia realizar, com facilidade, múltiplas tarefas sendo capaz de alternar sua concentração entre assuntos da Fogás, da Bemol, conversa com alunos, redação de livros, diálogo com a família etc.

Nunca se acostumou com o uso dos computadores e, por isso, escrevia seus livros e artigos todos à mão, porém, com muita velocidade. Consequentemente, sua caligrafia era difícil de decifrar. Ele costumava dizer que "somente ele e D'us podiam entender o que escrevia e, cinco minutos após ele ter escrito, só D'us...", porém, na prática, a Srta. Tei Ihara, sua fiel e competente secretária por mais de 40 anos, era a única capaz de transcrever seus textos.

Em sua carta de despedida, escrita ao ser diagnosticado com câncer de pulmão, ele afirma que viveu, trabalhou e produziu "no limite de suas forças e de sua capacidade". Escreveu inclusive o livro *Zênite Ambiental e Nadir Econômico e Social* durante o tratamento de quimioterapia e radioterapia na Clínica Mayo, na Flórida, demonstrando a motivação que tinha para produzir e transmitir conhecimento, mesmo em um período difícil em que contemplava o ocaso da sua vida. Segundo seu experiente médico, Dr. Colon-Otero, esse foi o único caso que ele teve de um paciente conseguir a concentração e a energia para produzir um livro durante um tratamento oncológico tão grave.

## MELHORIA CONTÍNUA

Favorecido pela sua energia, cultura, visão mundial e conhecimento sempre atualizado, foi um pensador e empresário à frente do seu tempo.

Como escritor, suas muitas ideias e conceitos sobre a Amazônia estão contidas nesta coletânea, por isso não tratarei delas aqui, mas é inegável que continuam relevantes e atuais. Quando se fala em Amazônia é raro não ouvir seu nome citado, ainda hoje, mais de 20 anos após o seu falecimento.

Como professor, foi um mestre moderno que gostava de reconhecer talentos e dar a nota "Dez" aos bons alunos. Ele os estimulava inscrevendo os melhores na ordem dos "Cobras e Buiuçus", uma espécie de lista de honra que criou e que se tornou conhecida e celebrada no meio acadêmico.

Como economista, influenciou na formulação e conceituação do modelo da Zona Franca de Manaus e, através de seus livros e artigos, argumentou em defesa do modelo ao demonstrar que a arrecadação federal no Amazonas havia se multiplicado com a ZFM e chegou a ser maior do que a de todos os demais estados da Região Norte somados. Ao invés de paraíso fiscal, o Amazonas se tornou o "Paraíso do Fisco" como mais tarde ele argumentou em um de seus importantes trabalhos sobre a região.

Inovou também ao criar o conceito do "Imposto Internacional Ambiental" lançado no evento Eco-92 no Rio de Janeiro, em que propunha sermos compensados pelos serviços ambientais que a floresta Amazônica presta gratuitamente ao mundo. Anos depois, surgiram os créditos de carbono, mundialmente adotados, que são na realidade uma extensão do seu raciocínio nesse tema.

Como empresário, participou da criação da Refinaria de Manaus e foi um dos pioneiros da indústria do GLP no Brasil com a construção da primeira planta envasadora de botijões no Norte do país pela Fogás em Manaus. Inovou, ainda, na estratégia original da Bemol de ter poucas e grandes lojas para ganhar eficiência de custos e oferecer melhores serviços aos clientes, em um período em que os concorrentes iam na direção oposta, multiplicando o número de seus pontos de venda.

Seu processo criativo tinha como ponto de partida uma caderneta em que anotava tudo aquilo que achava interessante, novo, curioso ou útil. Eram pensamentos, frases, conversas, fatos, notícias etc. que, com sua prodigiosa memória e conhecimento, ele relacionava uns com os outros para produzir perspectivas inovadoras. Após o seu falecimento, fizemos uma compilação dessas anotações que traz fragmentos muito ricos e interessantes sobre aquilo que ele viu, notou e anotou. Esse sempre me pareceu um hábito muito saudável, porém difícil de ser copiado, pois a maioria de nós não tem a disciplina para fazer esses apontamentos e aproveitá-los posteriormente. Nem mesmo com as facilidades da era digital esse hábito parece ter se tornado popular.

Nos últimos anos de sua vida, uma de suas maiores preocupações era em como promover o "Ledor Vador", o termo judaico que significa "de geração em geração". Estava, assim, sempre atento com a continuidade da família, das empresas e da comunidade judaica de Manaus.

Essa preocupação o levou a planejar para o momento em que não estivesse mais entre nós, cuidando com antecedência da transmissão de seus bens e deixando fácil para seus herdeiros lidarem com a sua herança. Teve o mérito de ter falecido sem deixar nenhum único problema para a esposa e filhos resolverem e nenhuma pendência

para as empresas. Teve, até mesmo, a cautela de fazer e de me entregar um exame de DNA caso surgisse alguma pretensão indevida de paternidade. Faleceu no dia 05 de julho de 2002 e seu inventário foi concluído em 30 de agosto do mesmo ano, um tempo muito curto considerando o patrimônio que conquistou.

Eu costumo dizer que os desafios e complexidades de ser um empresário no Brasil são tantos que chegar ao fim da vida com o nome limpo de dívidas, processos judiciais, complicações societárias, disputas de herança etc. representa um verdadeiro prêmio Nobel empresarial.

Meu pai, Samuel teve esse mérito, viveu uma vida simples, rica de atividades e deixou para esposa, filhos, netos, familiares e todos os que o conheciam, um legado de muito trabalho, boas obras, bons valores e bons exemplos.

Por isso, sinto-me feliz e afortunado em ter aprendido muito com ele, por tantos anos. Poucos se apercebem de que é uma felicidade rara conviver com nossos pais e filhos na vida pessoal e na esfera profissional. Essa mesma alegria tenho hoje no convívio diário com o meu filho José, na Fogás, ao compartilharmos os desafios e estratégias da empresa. E também com a minha Rebeca, ao constatar os valores que ela transmite a seus filhos.

Concluo, assim, expressando meu desejo de conseguir, ao meu modo e com alguma sorte, deixar um legado similar de simplicidade e bons exemplos para minha amada família: esposa Anne, filhos José e Rebeca, nora Juliana, genro Joshua, netos Benjamin, Daniel e outros mais, se D'us quiser.

# Capitulo 3

# 3. IMENSIDÃO AMAZÔNICA: CIÊNCIA E VIDA DE SAMUEL BENCHIMOL

*Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares*

## APRESENTAÇÃO

Sintetizar a grande obra de Samuel Benchimol não é tarefa simples, sequer possível. Este artigo tenta trazer, brevemente, 60 anos dos resultados de seu trabalho que se inicia nos anos 1940 e que traz como característica o início da sua trajetória acadêmica e intelectual: sua formação, as primeiras pesquisas e a realização do mestrado nos Estados Unidos. Prosseguindo a análise, os anos 1950 são marcados pelo conhecimento em Direito, advindo da graduação e pelo conhecimento em Economia, oriundo do mestrado que o capacitou à busca do título de doutor na Faculdade de Direito do Amazonas. Nessa década, firma-se como professor e pesquisador. Nos anos 1960, seus interesses são ampliados. A Amazônia já não é mais vista, apenas, por uma perspectiva econômica, mas adquire toda a grandeza humana, cultural, geográfica, biológica, política, antropológica e social. A década de 1970 faz surgir o cientista-humanista, quando sua primeira grande publicação vem à luz: *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois*. Era apenas o começo da aventura que o aguardava. Nos anos 1980, consolida sua posição de profundo especialista na região amazônica e, com ela, a repercussão do seu trabalho. São inúmeros artigos e participações em eventos que tratam de pensar o futuro da Amazônia. A essa altura, seu nome já era referência no Brasil e no exterior. Chegamos aos anos 1990 quando, aos 67 anos, emerge o gigante, o magnífico pensador da Amazônia que, só nessa década, produziu 17 livros, sem contar as reedições, folhetos e artigos. Aqui está o melhor de seu trabalho: *Amazônia: a Guerra na Floresta*; *Romanceiro da Batalha*

*da Borracha*; *Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia*; *Amazônia: Quatro Visões Milenaristas* e o excepcional *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Os anos 2001 e 2002, ocaso de sua vida, estão longe de trazer consigo o enfraquecimento criativo. Ao contrário, escreve *Zênite Ecológico e Nadir Econômico-Social: Análises e Propostas para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*, totalmente criado na Clínica Mayo e uma de suas mais marcantes produções. O impacto e a importância das obras de Samuel Isaac Benchimol ultrapassaram as fronteiras nacionais e alcançaram o mundo. Sua morte em 2002, aos 79 anos, deixou enorme vazio sobre a reflexão e prospecção da região. Na esteira dessa ausência, sua produção intelectual continua repercutindo, agora, também, nas novas gerações, nos novos pensadores e nas novas políticas de desenvolvimento para a Amazônia.

## O AMADURECIMENTO INTELECTUAL

A trajetória intelectual de Samuel Benchimol começa, efetivamente, no início dos anos 40. Em 1941, aos 18 anos, inicia o curso de Direito na Faculdade de Direito do Amazonas. Concomitantemente aos estudos de graduação, tem início sua longeva carreira docente, como professor de Geografia e História da Escola Primária Prof. Vicente Blanco.

Seus primeiros escritos caracterizam-se pela perspectiva pessoal. *Versos dos Verdes Anos: Poemas e Haikais*, escritos no período de 1942 a 1945, mostram a poesia contida no mestre que se revelará, continuamente, em muitas de suas obras. No mesmo ano de 1942, produz um relato pessoal no *Quarto Centenário do Descobrimento do Rio Amazonas: Diário de uma Viagem pelo Rio Solimões até Iquitos*, infelizmente, inédito. Seu conteúdo, de acesso restrito, trata das

impressões, anotadas dia a dia, da viagem realizada com um grupo de estudantes de inúmeras cidades da região amazônica, em comemoração ao descobrimento do Rio Amazonas por Francisco de Orellana.

Um ano antes, em novembro de 1941, escreveu *Roteiros da Amazônia* como resultado da palestra realizada na Faculdade de Direito de Recife a uma "entusiasmada embaixada de estudantes amazonenses". O conteúdo de perspectiva histórica mostra a arrancada bandeirante do Planalto Paulista na marcha para o oeste, na afirmativa de conquistar mais Brasil para o Brasil. Para valorizar ainda mais esse movimento, Benchimol dá voz ao estudo épico-social das Bandeiras do historiador Cassiano Ricardo ao usar a perspectiva da "conquista do oeste brasileiro", sobretudo, pelo grupo nordestino. Argumenta que, embora o deslocamento social tenha sido motivado pelo clima que expulsou o homem da caatinga e a promessa econômica da borracha, o conjunto de atrativos desprezava que, de fato, a região era inóspita, fato confirmado pela expressão "cem mil vidas batendo à porta da selva e sem ninguém para abrir". No futuro, essa questão seria retomada no clássico *Romanceiro da Batalha da Borracha*, de 1992.

Em 1946, marcas e impressões do período de estudante superior vividas entre 1941 e 1945, traduzidas no relato de expectativas e compromissos profissionais que o aguardavam, produziram *O Bacharel no Brasil: Aspectos de sua Influência em Nossa História Social e Política*. Sua carreira docente mantém-se ativa e, entre 1943 e 1946, ministra a disciplina Economia e História Econômica do Brasil na Escola Técnica de Comércio Sólon Lucena. Ainda em 1946, ingressa como docente de ensino superior na Faculdade de Direito do Amazonas, aos 23 anos, como professor substituto da disciplina Introdução à Ciência do Direito.

O convívio no ambiente acadêmico influenciou o jovem pesquisador Samuel a investigar e relatar, em 1944, suas inquietações sobre o cearense na Amazônia. O texto trata da imigração do nordestino, em especial do cearense, quando e em que condições isso ocorreu. Mostra que a Amazônia se originou à imagem do cearense e da seringa, chaves da formação social e econômica, devido à arrancada sertaneja para a região. Esse trabalho mereceu a medalha de prata do Prêmio José Boiteux, concedido pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SBRJ) por ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia, com a presidência de honra de Getúlio Vargas. Cabe notar, do conjunto de pareceres aos textos enviados ao Congresso, o que diz um dos pareceristas sobre o conteúdo: "pelo original, magnífico e profundo trabalho de antropogeografia e sociologia que nos ofereceu [...] pelo documentário cujo valor impõe seja registrado naquela publicação, quer pelo patriotismo e alto objetivo que o nortearam".

Com os extraordinários resultados alcançados nesse trabalho, realizou a pesquisa *O Aproveitamento das Terras Incultas e a Fixação do Homem ao Solo*, publicada no Boletim Geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, também, apresentada no XVII Conferência Distrital dos Rotary Clubes do Brasil, ambos em 1946.

Após essas iniciativas bem-sucedidas, Samuel Benchimol percebeu-se apto a avançar nos estudos e realizou sua primeira pós-graduação. Entre os anos de 1946 e 1947, ele cursou o Mestrado em Economia na Miami University, em Oxford, Estado de Ohio/EUA, universidade pública fundada em 1809.

Sua dissertação de mestrado, intitulada *Manaus: the Growth of a City in the Amazon Valley*, trata do crescimento da cidade de Manaus. Traz o cenário econômico e geográfico da Amazônia do ponto de vista

da sua condição social e ecológica e os resultados dessa realidade para o desenvolvimento da cidade de Manaus. Em grau menor, sua pesquisa de mestrado também incide sobre a Sociologia, dando-lhe competência e legitimidade para lecionar o tema na Escola de Enfermagem do Amazonas.

## DE VOLTA AO BRASIL

De volta ao Brasil, o conhecimento em Direito, advindo da graduação e o conhecimento em Economia, oriundo do mestrado capacitaram-no à busca do título de doutor pela Faculdade de Direito do Amazonas, defendendo a tese *Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica: Contribuição ao Estudo da Conjuntura*.

Os resultados do aprofundamento na matéria são imediatos. Nos anos que se seguiram lecionou Introdução à Economia; Introdução à Economia e Repartição de Renda; e Ciência das Finanças e Direito Tributário. Escreveu seu único livro da década de 1950, *Problemas de Desenvolvimento Econômico: com Especial Referência ao Caso Amazônico* e firmou-se como professor de Economia Política e Introdução à Economia nas duas décadas seguintes (1954-1974).

Coexiste com o mestre e doutor em Economia, o empresário, presidente da Bemol desde 1942 e diretor da Associação Comercial desde 1945. Essa condição, própria dos homens empreendedores e arrojados, veio à luz com a publicação *O Banco do Brasil na Economia do Amazonas*.

À singularidade de sua formação seguiram-se a vivência e as qualidades, já a ele atribuídas, de especialista na árida temática econômica e a importante atribuição de presidente e relator da Subcomissão de Crédito e Comércio da Comissão Coordenadora dos Subsídios do Estado do Amazonas para o Plano Quinquenal da

Valorização da Amazônia de 1954, quando apresentou o relatório *Planejamento do Crédito para a Valorização da Amazônia: Situação Histórica e Atual do Crédito no Amazonas, Política de Crédito Necessária à Mobilização, e Medidas Complementares e Colaterais*.

## AMPLIAÇÃO DO INTERESSE

Samuel Benchimol experimenta atividade intelectual moderada do início até meados dos anos 1960. Firma-se como professor de Economia Política e de Introdução à Economia na Faculdade de Direito do Amazonas e na Faculdade de Estudos Sociais. O momento de estabilidade o conduz à reflexão e, de fato, aponta novos rumos ao pensador.

A nova abordagem sobre a Amazônia, ampliada, acomoda-se durante a primeira conferência que Samuel Benchimol profere. A bordo do navio Lauro Sodré, dirigindo-se aos alunos da Escola Naval de Guerra em 1969, ele apresenta as 12 variáveis independentes e 49 opções estratégicas para o desenvolvimento da Amazônia em uma palestra intitulada *Variáveis e Opções Estratégicas para o Desafio Amazônico*.

No final dos anos 60, precisamente em 1968, Benchimol publica *Política e Estratégia na Grande Amazônia Brasileira* tornando claro que sua avaliação de Amazônia não estará limitada a esta ou aquela matéria, mas sim ao todo, ao conjunto de saberes sobre a Amazônia que, na década seguinte, dos anos 1970, hão de torná-lo profundo especialista no tema.

## CONSOLIDAÇÃO DO CIENTISTA-HUMANISTA

Os anos de 1970 estabilizam, verdadeiramente, o interesse do pesquisador. São lançados seis livros dos quais se destaca *Amazônia: um*

*Pouco-Antes e Além-Depois*. A obra recebeu a segunda edição em 2010. Seria esse seu livro mais marcante? Do meu ponto de vista, um dos mais expressivos. O maior está por vir, no final da década de 1990.

A curiosa análise que se faz do ponto de vista pessoal é: quando Samuel escrevia? Como ele pôde escrever 6 livros com uma média de 384 páginas cada um entre 1977 e 1979, considerando que nessa época a Bemol estava em fase de consolidação como grande empresa e precisava tanto de seus fundadores? A única resposta possível está no amor, na motivação e na dedicação com os quais se comprometia com os assuntos em que acreditava e pelos quais trabalhou e estudou notabilizando-o, de fato, como forte personalidade no desenvolvimento da Amazônia.

No final da década, Samuel Benchimol dedicou-se a tratar do *Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira*, um folheto de 43 páginas que lança as bases para a apresentação, em 1979, de uma *oikopolítica* para a Amazônia. Tal neologismo tenta caracterizar uma nova ciência política interdisciplinar nascendo entre a fronteira da economia e da ecologia, a fim de motivar o exaustivo trabalho de mensuração e modulação realizado pelo autor, sobretudo, para o entendimento, desenvolvimento estratégico e modelamento econômico da região.

## REPERCUSSÃO DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

A característica dos anos 1980 para Samuel Benchimol é a repercussão do seu pensamento. Alguns eventos tornam-se, particularmente, marcantes para ele como o Congresso de Americanistas (*International Congress of Americanists ou Congreso Internacional de Americanistas*). Foram, ao todo, seis participações que

tiveram início no final dos anos 1980, com trabalhos relevantes sobre as suas descobertas e reflexões.

Outro destaque foi a sua participação nos eventos da Fundação Joaquim Nabuco, nos Seminários de Tropicologia quando apresentou *A Floresta Tropical Úmida: Aspectos Ecológicos* (1981), *Grupos Culturais na Formação da Amazônia Brasileira e Tropical* (1985); *Trópico e Meio Ambiente* (1990) e *Eco-92: Borealismo Ecológico e Tropicalismo Ambiental* (1992). No evento de 1985 conheceu Gilberto Freyre, um dos mais renomados sociólogos do século XX que o reconheceu como o maior especialista na região amazônica dentre os brasileiros. Em contrapartida ao elogio, Benchimol publicou *O Encantamento de Gilberto Freyre* no qual mostra que esse grande brasileiro, escritor que se dedicou à interpretação do Brasil sob os ângulos da Sociologia, Antropologia e História, ficou fascinado pela Amazônia. Cabe ressaltar que, a essa altura, o trabalho de Samuel Benchimol já tinha alcançado tal envergadura que o seu nome era conhecido e respeitado no país e no exterior.

Foram seis livros durante toda a década de 1981 até 1989: *Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica* (1981); *Amazônia: Andanças e Mudanças* (1981); *Amazônia Fiscal: uma Análise da Arrecadação Tributária e Seus Efeitos sobre o Desenvolvimento Regional* (1988); *Manual de Introdução à Amazônia: Programa, Bibliografia Selecionada, Notas, Mapas, Quadros, Material de Leitura para Análise, Crítica e Reflexões* (1988 e reeditado em 1996); *Amazônia: Planetarização e Moratória Ecológica* (1989). O livro *Zona Franca de Manaus: a Conquista da Maioridade*, de 1989, foi publicado em edição bilíngue (*The Manaus Free Trade Zone: Coming of Age*). Entre esses, destaca-se o *Manual de Introdução à Amazônia*. Denso, é o resultado da sua experiência docente na disciplina Introdução à Amazônia.

Da perspectiva pessoal, Samuel manteve-se fiel às suas tradições e publicou, em 1985, *Cobras e Buiuçus na Praça dos Remédios*, um folheto de 20 páginas que evidencia uma de suas facetas no legado ao ensino e à pesquisa: a metodologia de estímulo ao aprendizado por ele criada, chamada Ordem do Mérito aos Cobras e Buiuçus, concedida aos mais inteligentes e mais dedicados alunos da turma em determinado semestre letivo.

## O SURGIMENTO DO GIGANTE

A década de 1990 é a consagração plena do mestre, do empresário, do pesquisador, do cientista. Aos 67 anos está para ter início a maior produção científica e intelectual de Samuel Benchimol. Toda a sabedoria, todo o conhecimento e toda a imensidão amazônica estarão contidas nas páginas dos 17 novos livros por vir.

Em toda a sua vida, Benchimol publicou 32 livros. Desses, mais da metade (53%) foi nessa década. Podemos classificá-los de acordo com as seguintes categorias. A primeira, como outrora, traz a perspectiva pessoal. Em 1993, retrata sua experiência empreendedora e pioneira na obra *Grupo Empresarial Bemol/Fogás: Lembranças e Lições de Vida* e *Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial*.

O segundo grupo refere-se às políticas fiscais e à tributação. São eles: *Tributos na Amazônia: Tesouro Federal, Seguridade Social, Fazenda Estadual*; *Fisco e Tributos na Amazônia; Amazônia Fiscal* (1994): *Bonança e Desafios; Amazônia* (1995): *Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas; Amazônia* (1996): *Fisco e Contribuintes, e Zona Franca de Manaus: Polo de Desenvolvimento Industrial*.

O terceiro grupo trata de comércio exterior. As obras são: *Exportação e Exportadores da Amazônia Legal*, em 1994; *Exportação da*

*Amazônia Brasileira* (1995/1994); *Exportação da Amazônia Brasileira e Comércio Exterior da Amazônia Brasileira*.

O quarto grupo traz suas grandes obras, aquelas que selaram a sua passagem para o exímio pensador, cientista e especialista da Amazônia e que são referência de estudo e aprendizado a todos que se iniciam ou se aprofundam em estudos amazônicos. São elas: *Amazônia: a Guerra na Floresta*; *Romanceiro da Batalha da Borracha*; *Navegação e Transporte na Amazônia; Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia e o excepcional, Amazônia: Formação Social e Cultural.*

O livro *Amazônia: a Guerra na Floresta* foi lançado em 1992 e reeditado em 2011. A obra inicia localizando a região amazônica na riqueza encontrada no espaço entre os trópicos de Câncer e Capricórnio. O autor assegura que somente compreendendo a diversidade dessa faixa intertropical, que inclui extensa variedade de geomorfologia, clima, cultura e biologia, pode-se compreender a totalidade da Amazônia.

Ainda em 1992, o *Romanceiro da Batalha da Borracha* tem como fio condutor breves trechos do velho testamento. É como uma recordação estimulada sobre a composição tríade do homem da Amazônia: atavismo, preservação e desenvolvimento. Contém, delicadamente, depoimentos ou cânticos dos soldados da borracha na maior diáspora vista a partir do Ceará para o exílio amazônico, referindo-se aos Ciclos da Borracha I e II. São personagens e expressões de denso valor sociológico e humano que Benchimol conseguiu captar.

*Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia* recebeu duas edições em 1998 e a terceira em 2008. A obra dedica especial atenção às quatro gerações de judeus na Amazônia e mostra como o Brasil tornou-se a

maior nação judaica do mundo com cerca de 16 milhões de judeus e cristãos-novos.

*Amazônia: Quatro Visões Milenaristas* reúne os trabalhos de 1993 a 1998 que tratam dos modelos de desenvolvimento da região. O primeiro, chamado *Modelo Amazonense de Desenvolvimento*, é baseado em incentivos fiscais e uso intensivo de alta tecnologia, mas, para Benchimol, destituído de nexos fortes com os recursos naturais e humanos disponíveis. O segundo, *Modelo Paraense de Desenvolvimento*, é mais realista – caracterizado pelo uso de recursos minerais, hidrelétricos, florestais, agropecuário e pesqueiro – entretanto, traz alterações ostensivas aos ecossistemas primitivos. Ao longo do percurso, o autor percebe um terceiro modelo em formação, o chamado *Modelo Ambientalista,* segundo o qual o mundo inteiro deveria pagar pelo não uso ou pouco uso da floresta e demais recursos da Amazônia. Para ele, é um modelo de sustentabilidade duvidoso do ponto de vista econômico, social e político, pois o mundo não está preparado para pagar as despesas ambientais inseridas nos bens produzidos segundo as normas e os parâmetros da ISO 14.000, nem nos custos de santuarização e planetarização amazônica.

A última contribuição de Benchimol da década é *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Lançada em 1999, teve a segunda edição em 2008 e a terceira em 2009. Nela, o extenso legado sobre o conhecimento amazônico de Samuel Benchimol traz extraordinário estudo antropológico sobre a formação da sociedade amazônica.

A memória empresarial dos pioneiros foi documentada, magistralmente, registrando dados do período e histórias de como a região conseguiu atrair considerável número de empresários de todas as partes que buscavam (e ainda buscam) suprir a população de bens e serviços com alto nível de competitividade em inúmeros segmentos econômicos. Nesse aspecto, o livro demonstra que os únicos povos que

se mantiveram na pobreza foram os indígenas e os caboclos da região. Os estrangeiros, incluindo italianos, sírio-libaneses e japoneses que aportaram, prosperaram fazendo da região um foco de desenvolvimento de ciência e tecnologia; de indústria e agricultura e, atualmente, da biotecnologia tropical na trajetória do crescimento sustentável combinando o uso dos recursos, a preservação dos ecossistemas e o crescimento econômico.

Para encerrar a sua participação em livros nessa década, destaco o capítulo escrito para uma conceituada publicação do país, organizada pelo então ministro do Tribunal Superior do Trabalho Almir Pazzianotto Pinto. Intitulado *O Livro da Profecia: o Brasil no Terceiro Milênio*, Benchimol escreve *A Amazônia e o Terceiro Milênio: Antevisão*.

O projeto da coleção *Manáos-do-Amazonas* foi concebido em três volumes. O primeiro para apresentar a memória empresarial, onde o autor descreve pioneiros, tipos, personagens e líderes do empreendedorismo na região: do comércio, da produção, da indústria e dos serviços. Esse volume foi, efetivamente, o único a circular em produção luxuosa que servirá de "memento, memorando e memorial". Os volumes dois e três jamais foram lançados, apesar de planejados. No segundo volume, Benchimol estimou tratar da memória geoeconômica e política dos quatro ciclos econômicos: o apogeu da borracha (1890 a 1910); a crise e depressão (1911 e 1941); o ressurgimento a partir dos Acordos de Washington e da SPVEA (1942 a 1946) e, finalmente, a Zona Franca de Manaus, que se iniciou em 1967, cujo período áureo foram os anos da década de 1980. No terceiro volume, pretendia versar sobre a memória social e cultural de Manaus com a análise da influência dos diferentes grupos étnicos, culturais e sociais que formaram a massa crítica da população amazonense, com as suas contribuições, valores e identidades que abrangem a extensa sociodiversidade dos grupos

indígenas nativos, os migrantes nordestinos do Brasil e aqueles provenientes do exterior.

Nesse período, a sua participação nas comissões do Legislativo é significativa. Escreve e apresenta os seguintes relatórios: *Africanização Econômica e Balkanização Ecológica da Amazônia* para a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Internacionalização da Amazônia da Câmara dos Deputados (1991); *Amazônia: Crise no Erário e na Economia* para a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (1992); *Fatores Atuais dos Desequilíbrios e Alternativas de Desenvolvimento na Amazônia Ocidental* para a Comissão Mista do Congresso Nacional para o Estudo do Desequilíbrio Econômico Inter-Regional Brasileiro (1992).

Em 1998, encerra sua carreira de professor, de presidente do Grupo Bemol/Fogás e de diretor da Associação Comercial do Amazonas. Naquele momento, como reconhecimento pelo seu valoroso esforço acadêmico, recebe o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas.

## O OUTONO CRIATIVO

Os anos 2000 iniciam com a *Aula de Despedida, Saudade e Exortação* na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas. Em 2001, participa na Argentina, aos 78 anos, do *International Conference on Essential Oils and Aromas,* quando apresenta *Production of Brazilian Rosewood oil, Copailba Balsam and Tonka Beans*. No ano seguinte, lança o último livro, *Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: Cenários, Perspectivas e Indicadores*, resultado de uma palestra para o Seminário sobre o Potencial Econômico e Tributário da Amazônia realizado em Belém (PA).

Também em 2001 surge *Zênite Ecológico e Nadir Econômico-Social: Análises e Propostas para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia*, com segunda edição em 2010. O livro revela, a partir dos problemas e da singularidade amazônica, a metáfora geoastronômica para mostrar a situação do apogeu ecológico e perigeu econômico da região. O zênite ecológico seria, então, a parte mais alta da esfera celeste, livre de poluição e degradação. Na esteira desse conceito, apresenta as mudanças que deveria haver na sociedade e na economia para que a vida no planeta alcançasse condições ambientais cujo legado a gerações futuras não estivesse comprometido. O nadir econômico-social é, em contraposição, o resultado negativo da combinação de fatores climáticos, meteorológicos, de ordem espiritual e religiosa, racial e de gênero, distância e isolamento que geraram baixa produtividade das empresas; criações animais sem reconhecimento de qualidade; manejo florestal inadequado; uso indiscriminado do fogo; desmatamento; dificuldade em sair da pobreza; analfabetismo formal e informal e políticas inadequadas. A edição de 2010 traz uma novidade: incorpora ao texto o *Estatuto do Amazônida*, elaborado – e muito caro a Benchimol – para a Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, no Rio de Janeiro, em 1992.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antologia amazônica de Samuel Benchimol é única. Seu esforço intelectual contribuiu vivamente para compreender um pouco de toda a imensidão amazônica. Vibro ao ver citações de sua obra em vários idiomas. As pesquisas em desenvolvimento regional, formação econômica e territorial da região amazônica, por todo o país, trazem inúmeras citações de seu trabalho. Sua obra é a Amazônia impressa em toda a sua magnitude.

Pesquisador e Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas, Samuel Benchimol surpreende não apenas pela amplidão e domínio com que apresenta os temas relativos à Amazônia, mas, também, pelo modo como venceu os desafios, paulatinamente, até tornar-se o excepcional educador e empresário que foi. Sua trajetória é referência às novas gerações, pois sua vida é repleta de ensinamentos, de vitórias e de intensos desafios.

Do amazônida apaixonado, conhecemos também o humanista de vasta formação cultural que se orgulha de pertencer a essa faixa de terra, comparando-a com outras e destacando as potencialidades e qualidades daqueles que aqui habitam. A constelação de livros, folhetos, artigos e relatórios que ele produziu confirma a grandiosidade do homem que viveu pela Amazônia e que dedicou sua inteligência a estudar a realidade da região mais rica em biodiversidade do planeta.

## REFERÊNCIAS

BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol:** ensaio biográfico de um educador e empresário. 2. ed. Manaus: Valer, 2012.

EVANGELISTA, Helio de Araujo. Congressos Brasileiros de Geografia. **Revista Geo-Paisagem online**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jan/jun 2003. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/congresso.htm>. Acesso em: 24 jun. 2013.

FARIAS, Elson. **Nova terra da promissão:** a Amazônia de Samuel Benchimol. Manaus: Valer, 2010.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e empreendedores:** a saga do desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo (Edusp), 2007. v. 3.

# Capitulo 4

# 4. MESTRE SAMUEL BENCHIMOL

*Robério Braga*

> Escreve-se a narrativa de uma vida para mostrar que alguém precisa reviver[3].

## INTRODUÇÃO

O tempo da passagem de Samuel Isaac Benchimol foi entrecortado por vários cenários na Amazônia, que o seduziram desde cedo, quando conheceu o encravado da floresta, a mesma casa telúrica que ele esperava estivesse sempre aberta para o futuro e à qual se dedicou intensa e vivamente. Como natural, não ficou imune a dores, sofrimentos, inquietações e tristezas, ainda que os registros mais lembrados se reportem às alegrias, às conquistas, aos sucessos e às vitórias. Esse tempo que medeia entre o seu alvorecer (1923) e o encantamento estelar (2002) foi intenso e recortado de mudanças sociais, políticas e econômicas, que marcaram a sua geração.

Essas breves notas procuram vencer a dificuldade de falar dos que nos deixam, como assinala Newton Sabbá Guimarães[1] em recente obra, e trazer à memória nova o tempo de antanho, sem ser traído pela emoção ao reacender as belas aulas de Economia Política que ele ministrava na Faculdade de Direito do Amazonas ou as conversas muitas que fazia questão de entreter, preferencialmente, sobre as potencialidades, o futuro e a realidade amazônicos.

Essa contribuição integra um conjunto de apreciações acadêmicas de autores reconhecidos e que tiveram o privilégio da

---

[3] GUIMARÃES, Newton Sabbá. **Os sempre presentes**: dez perfis de amigos. São Paulo: Scortecci, 2022, p. 77.

convivência com Benchimol, cada qual observando variadas facetas de sua trajetória. O título dessas reflexões, por si só, define a opção preferencial pela abordagem na condição de professor, a que se nos pareceu natural seja porque o tivemos na cátedra de Economia Política (1970), seja porque foi esta a missão em que se empenhou de forma longeva, desde os primeiros anos universitários (1941) até a fase final de sua existência consagradora (2002). Este, o ponto focal escolhido como seu ex-aluno inscrito em sua Ordem de Cobras e Buiuçus na Universidade e como discípulo de seus ensinamentos e reflexões sobre a Amazônia.

Atravessar o caminho percorrido em quase 80 anos, com notícia curta de referência à família e a sua formação intelectual e a algumas de suas experiências juvenis, é apenas uma valiosa viela indispensável que serve de introdução ao aspecto principal abordado nesse estudo que, mesmo assim, representa um esboço de sua relevância, especialmente elaborado para os festejos do centenário de seu nascimento.

## FAMÍLIA E FORMAÇÃO

Vem de longe a relação da família Benchimol com a região amazônica, possivelmente de 1820, com o desembarque de avós maternos e paternos de Samuel em Belém do Pará. Porém, seus pais (aveirense do Tapajós e tefeense do Solimões) fixaram-se em Manaus, perpassaram por Porto Velho, enfrentaram seringais do interior em luta titânica, retornaram a Belém do Pará e, em seguida, para a capital amazonense, após experimentarem localidades distantes e polos que pareciam abrir-se ao mundo novo dos negócios. Vem de Tânger, no Marrocos, sua mais distante referência com Abraham Benchimol. Mas

foi na Amazônia que seus mais próximos viveram parte do auge do ciclo da borracha, decaíram e se ergueram anos mais tarde, apesar dela.

O período em que se estabeleceram em Porto Velho e nos seringais, segundo Abrahim Baze[4], pautado por palavras do próprio Samuel Benchimol, "foi um dos mais difíceis na vida da Família Benchimol, anos de pobreza, de miséria e doença. Esse momento marcou toda a família", depois obrigada a se transferir para Belém em graves dificuldades.

Advindos de Belém, empobrecidos, chegaram ao porto flutuante de Manaus a bordo do vapor Júpiter, em 11 de novembro de 1933: Lili e Israel Benchimol, Samuel Benchimol e três menores em viagem na qual, também, desembarcaram Marcos Pazuello, Sebastião Mestrinho e Victoria, Abrahão Dahan, Adamastor Figueredo e mais 49 passageiros em 3ª classe[5], dentre outros. Começava, então, o largo período em que se estabeleceram mais firmemente, lutaram, não se abateram e progrediram sem orgulho nem falsa nobreza.

Manauense, nascido em 13 de julho de 1923, Samuel Benchimol retomaria a formação escolar que iniciara com a alfabetização por modesta professora em casa de sua avó Alice Siqueira, depois no Colégio Progresso Paraense, mas só recuperaria esse caminho ao retornar à terra do seu nascimento e estudar com o professor José Chevalier[6] em preparatório para o Ginásio Amazonense Pedro II, no

---

[4] BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**. Ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 149.

[5] JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 11 nov. 1933, p. 8.

[6] Professor, jornalista e fundador do Movimento Escoteiro no Amazonas, José Chevalier Carneiro de Almeida, fundador da Academia Amazonense de Letras. O colégio ficava na esquina das ruas Quintino Bocaiuva e Dr. Moreira, no qual residiu

qual integraria geração que, em boa parte, preponderou na política. Depois, ingressou na Faculdade de Direito do Amazonas (1941), bacharelando-se em 1945. Estaria pronto para o exercício das carreiras jurídicas, mas estas não bastariam ao seu ideal. Disputou bolsa de estudos para universidade norte-americana, foi selecionado e vivenciou essa rica experiência em Oxford (Ohio), entre 1946 e 1947, retornando a Manaus para encetar larga caminhada que se concluiria aos 79 anos (2002).

## EXPERIÊNCIAS QUASE JUVENIS

A sua passagem pelo Ginásio Amazonense Pedro II, de tantas referências na história de inúmeros líderes políticos e destacados literatos, críticos, polemistas e poetas, não foi sem intensidade e prenunciava brilho. Foi ativo em grupos de estudos, de jornalismo escolar, de pesquisa e debates literários. Há de ter guardado boas lembranças das tertúlias e publicações de artigos em jornais do grupo que integrou e constituiu, o Grêmio Estudantil Humberto de Campos que, para ele, era onde exercitavam a oratória e as discussões acadêmicas, a tal ponto que assinalou ter sido com profunda saudade que deixou os bancos do ginásio[7]. Por lá, no Grêmio, estavam Caio Góes, José Lindoso, Humberto Bianco, Moacyr Rosas, Francisco das Chagas Pereira e Esther Amâncio Estrela, dentre muitos outros, sob a presidência de Fortunato Benchimol. Em seguida, o curso

---

João Barbosa Rodrigues e nasceu Arthur Cézar Ferreira Reis. Ver a respeito: BRAGA, Robério. **Fundadores da Academia Amazonense de Letras**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, Coleção Pensamento Amazônico, Série André Araújo, v. 34.

[7] BENCHIMOL. Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010.

complementar pré-jurídico no Colégio Dom Bosco, preparando-se para as provas de seleção à Faculdade de Direito, nas quais alcançou êxito.

Logo após seu ingresso na vida universitária, há de ter assistido ou participado do movimento estudantil contra o Fiscal Federal do Ensino Dr. Vicente Torres da Silva Reis[8], em razão de ser por demais grosseiro e exigente em seu trabalho, o que levou o Dr. Análio de Mello Rezende[9] a pedir afastamento da direção da escola[10] e desencadeou uma sucessão de diretores interinos e por curto prazo, aumentando a instabilidade no funcionamento da instituição.

Não fugiu à regra dos encantos poéticos que costumam seduzir os jovens. É dessa época o seu *Versos dos Verdes Anos: Poemas e Haikais* (1942-45). Pouco antes havia escrito *Roteiros da Amazônia*, palestra proferida no Recife (1941), fase em que também escreveu *Quarto Centenário do Descobrimento Rio Amazonas: Diário de uma Viagem pelo Rio Solimões até Iquitos* (1942). Se a poesia não permaneceu a seduzi-lo, os estudos amazônicos criaram raízes.

Em um grupo de jovens decididos, alistou-se e serviu no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), que se instalara em Manaus, criado em 11 de setembro de 1942[11] sob o comando do coronel

---

[8] Advogado, jornalista, dramaturgo no Rio de Janeiro. Proprietário do Jornal do Commercio, de Manaus. Pai do professor Arthur Cézar Ferreira Reis.

[9] Advogado, professor e jurisconsulto, ilustre piauiense com larga atuação em Manaus.

[10] MENEZES. Aderson Andrade de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**: 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959, p. 176-177.

[11] Criado por Aviso Ministerial n.º 2.342, de 11 set. 1942, com apoio Estado, foi sediado no Grupo Marechal Hermes, à Rua de José Clemente, atual edifício da Rádio Rio Mar. O primeiro instrutor-chefe foi o capitão Luiz de França Oliveira. Suspendeu as atividades após a conclusão dessa turma, retornando em 1962.

Gontran Jorge Pinheiro Cruz, visando preparar jovens oficiais para os quadros da reserva do Exército Brasileiro, o que se constituiu em audaciosa novidade e envolveu, inicialmente, cerca de cem inscritos dos quais 45 concluíram o curso.

Nesse período, participou do "desalojamento do inimigo da cabeça da ponte de São Raimundo"[12] em treinamento conjunto com o 27º Batalhão de Caçadores, evento amplamente noticiado como "um espetáculo deveras impressionante"[13] ou como "um desenvolvimento tático de invasão da cidade"[14] e "impressionantes exercícios de preparação bélica intensiva"[15] e, ainda, como "a primeira grande operação militar simulada no Amazonas"[16]. Outro exercício de seu grupamento, além de muitas e variadas atividades de campo, foi realizado em julho de 1944, no qual os aspirantes se demoraram seis dias encravados entre a região do Paredão e o campo aviatório da época e retornaram em marcha de 30 km[17], o que impressionou os leitores quando noticiado pela imprensa.

Naquele tempo, ações dessa natureza estavam se tornando corriqueiras e eram consideradas importantes. Várias cidades brasileiras também realizavam exercícios de defesa para a população civil, que recebia orientações sobre a guerra mundial, incluindo informações radiofônicas sobre cuidados e medidas especiais em caso de ataque de forças inimigas. Vários apagões orientados foram

---

[12] A TARDE, Manaus, 15 abr. 1943.

[13] Ibidem.

[14] O JORNAL, Manaus, 14 abr. 1943.

[15] O JORNAL, Manaus, 14 abr. 1943.

[16] A TARDE, Manaus, 15 abr. 1943.

[17] Jornal do Commercio, Manaus, 9 set. 1944.

efetivados na capital amazonense como parte desses treinamentos, tudo previamente programado, com as devidas explicações à população pelo corte do fornecimento de energia. O clima era de incerteza e insegurança, mas, também, de preparação para possíveis embates com invasores indesejáveis[18].

Na mesma época, traduzindo suas experiências no curso, vários alunos[19] publicaram artigos em jornal versando sobre o NPOR e a importância dessa corporação, entre os quais Samuel Benchimol, Aspirante n.º 14, sob o título de *NPOR: Uma História da Mocidade em Luta* no qual expendeu opiniões sobre a relevância dessa formação, animou o espírito de outros jovens a ingressarem nesse preparatório e assentou a sua compreensão sobre aquele momento histórico. Assinalou o tempo do início como:

> em dias tumultuosos em que vivemos. Preparando o espírito do povo para a guerra. Na rua, na praça pública, na imprensa, no microfone. Proclamando aquele célebre manifesto a nossa decisão de luta. Depois então nos alistamos como voluntários. Queríamos combater não mais com palavras, mas com o fuzil. Em vez da língua a metralha [...] e coroando tudo isso, essa magnífica escola de coragem – o NPOR"[20].

Sobre a temporada militar, Benchimol concluiu por afirmar que teriam sido "longos meses de exercícios duros e trabalhos árduos. Muita pestana se queimou e muitas pernas se quebraram". Adiante, destacou

---

[18] AGUIAR, Sidney Barata de. **Blackout e a luftwaffe nazista:** algumas notícias da II Grande Guerra na cidade de Manaus (AM).

[19] Arthur Virgílio Filho: "Apresenta-te, jovem"; Agnello Uchoa Bittencourt: "NPOR: Escola do Corpo e Caráter"; Adriano Queiroz: "Reservas do Brasil"; Aldemir Miranda: "Núcleo, Sentido!", por exemplo.

[20] BENCHIMOL, Samuel. **NPOR: uma história da mocidade em luta**. (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data).

a camaradagem estabelecida: "criamos os nossos apelidos. A camaradagem e a poesia da caserna. Pudemos sentir desse modo aquelas virtudes do caráter militar indispensáveis à formação do homem. A organização. A honestidade. O trabalho persistente e metódico. A vontade rígida e inabalável de bem servir à Pátria"[21], mesmo reconhecendo que o período não teria sido um "céu aberto", mas uma "terapêutica eficiente".

Os festejos pela conclusão do curso incluíram inúmeros eventos esportivos, concurso hípico no estande de tiro no bairro de Flores, baile de gala no Ideal Clube e missa festiva na igreja de São João Bosco[22] com benção das espadas oferecidas pelo interventor Álvaro Botelho Maia[23]. No dia 25 de agosto de 1944, a solenidade de formatura no estádio General Osório quando, na presença ilustre de inúmeras autoridades civis, militares e eclesiásticas, premiando Roderick Castelo Branco como primeiro colocado no curso e José Milton Caminha como primeiro colocado na turma, os 45 aspirantes foram sagrados oficiais da Reserva do Exército após os discursos do orador, o Aspirante João Martins da Silva; do interventor Álvaro Maia e da leitura do Boletim sobre o Dia do Soldado pelo coronel Valdir Cruz-Brilhantes[24].

É de se imaginar a vibração daquele grupo de jovens empenhados em preparar-se para a defesa da Pátria, como realçado por todos os jornais, ao receberem a espada que simboliza o ato. Benchimol

---

[21] Ibidem.

[22] Jornal do Commercio, Manaus, 25 ago. 1944.

[23] Professor, advogado, jornalista, político (interventor federal, deputado federal, senador da República, governador do Estado) e brilhante escritor como poeta, contista, romancista e ensaísta.

[24] Jornal do Commercio, Manaus, 28 abr. 1944.

a recebeu das mãos da senhorita e irmã, Robine Benchimol. Anos mais tarde (1962), um jantar festivo na Adega Portuguesa voltou a reunir os formandos em confraternização[25] e em comemoração da reabertura do curso do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva no Amazonas.

Por certo, para os seus companheiros de farda, deram-se a outras experimentações comuns aos jovens de sua época, o tumultuado período da ditadura civil de Getúlio Vargas (1930-1947) deposto por militares (1948), a mesma fase de grave empobrecimento da antiga capital da borracha e de guerra mundial que envolveu o Brasil, apesar de esforços oficiais pela manutenção da neutralidade. Em relação a Benchimol, depois de ginasiano, houve lugar para completar o aprendizado universitário, para apaixonadas leituras e inúmeras disputas em torneios e campeonatos de xadrez na sede do aristocrático Ideal Clube, nos altos da Avenida Eduardo Ribeiro, ali instalado desde 1921, ou para onde a Federação Amazonense de Xadrez convocasse seus filiados.

Com ele nessa convivência particular, pelos idos de 1949 e até depois, Fernando Padilha, Lúcio de Siqueira Cavalcanti, José Loureiro Amaral, Wilson de Menezes Vieiralves, João Veiga, Arlindo Frota e Sócrates Bonfim[26], dentre outros, os quais teimavam em fugir da monotonia sempre presente em uma cidade que, embora sonhasse com as lembranças das orgias mundanas do passado não muito distante, contadas e recontadas, e do que sucedera na fase áurea da exportação internacional de borracha (1880-1913), não mais podia dar-

---

[25] O evento foi em 25 de agosto de 1962, com cardápio próprio das cerimônias de natureza militar, com creme de palmito, filé "Aurora", sobremesas diversas e café. (Convite no arquivo do autor).

[26] Jornal do Commercio, Manaus, 11 jan. 1949, p. 4.

se aos mesmos luxos e requintes mas, ainda, fazia pose aguardando outro período de prosperidade econômica centrada em um novo esforço do homem nordestino que varava as estradas de seringa padecendo febres, quase miséria e crises de solidão e desesperança cada vez maiores. O valioso esporte o acompanhou.

Anos depois, bacharel em Direito e sem pendores para o exercício da advocacia, como ele mesmo declarou "a profissão de advogado não me seduzia"[27], e após desistir de prosseguir os estudos para doutorado nos Estados Unidos da América, retornando a Manaus demitido da escola pública em que lecionava e sem conseguir vaga no magistério como pretendia, seja pelo espírito dominador das oligarquias existentes que influíam no resguardo desses lugares para os seus apaniguados, seja por reduzidas oportunidades que a cidade oferecia, Benchimol procurou enveredar pela política candidatando-se a deputado estadual em 1950, primeiro pelo Partido Social Democrático (PSD) de Álvaro Maia, o professor e cacique do eleitorado de então. Sem obter legenda, foi encaminhado para a União Democrática Nacional (UDN) de Manuel Severiano Nunes, também influente homem público, e formou composição eleitoral com Abdul Sayol de Sá Peixoto, este sim, herdeiro de tradição político-jurídica que faltava a Benchimol. Há de ter conhecido alguns meandros desse mundo, muitas vezes sombrio e subordinado a interesses nem sempre republicanos, alguns dos quais registrou em várias oportunidades.

As eleições de 3 de outubro de 1950 para govenador, senador, deputado federal e deputado estadual foram marcadas pelo retorno de Getúlio Vargas ao cenário nacional e, com ele, seus antigos chefes

---

[27] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 158.

regionais como Álvaro Maia. A disputa pelos mandatos foi desigual. Nomes mais enfronhados nos partidos políticos e em conchavos interioranos estavam na lide. Havia bom número de menos cotados porfiando com altos figurões acostumados a esses embates, dentre os quais foram eleitos João Veiga, Ney Rayol, Danilo Corrêa, Gama e Silva, Josué de Souza, Arthur Virgílio Filho, Raimundo Nicolau da Silva, Sérgio Pessoa, Wilson Calmon, Assis Peixoto, Jackson Cabral e Homero de Miranda Leão e todos continuaram na política partidária por longos anos. A UDN, que lhe foi emprestada, ainda conseguiu uma boa representação parlamentar estadual. O PSD foi o grande vencedor. As propagandas mais almejadas eram anúncios nos jornais[28] e participação em comícios, aos quais ele teve pouco acesso "porque a grande tribuna estava reservada aos figurões do partido no horário nobre, ficando para os outros apenas uma ponta"[29] e a eleição dependia mesmo era de acordos e favores. Benchimol não teve êxito[30] e, como afirmou: "obtive uns cem votos e encerrei a carreira política antes sequer de iniciá-la"[31].

---

[28] Propaganda no Jornal do Commercio, Manaus, de 12 set. 1950, p. 2, com o nome e cargo; e na edição de 28 set. 1950, p. 2 e posteriores, com nome, cargo, foto e legenda.

[29] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 159.

[30] O mais votado foi João Veiga com 1.256 votos ou 2, 76 % e o segundo Ney Rayol (UDN), com 820 ou 1,80%. O último udenista eleito foi Oder Poggi de Figueredo com 460 votos e o eleito com menor votação foi Jackson Cabral (PTB) com 251 sufrágios. Wikipédia. A Enciclopédia Livre. **Eleições Estaduais no Amazonas em 1950**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_estaduais_no_Amazonas_em_1950. Acesso em: 28 mar. 2023.

[31] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 159.

Após essa experiência, fez-se atuante na empresa que o pai criara recentemente e assumiu posição ao lado do irmão. Diga-se a respeito, que o quadro político amazonense, se não era mais o de poucas e fortes oligarquias, como sucedeu até 1930, era o das novas forças que emergiram com Vargas e, com ele, atravessaram largo período de poder e domínio local, mas em digladiação de toda a ordem constantemente.

Nesse ponto e em completa sintonia com a realidade, em anotação já publicada, Benchimol[32] revela a dura realidade de então, imposta pelo empobrecimento da região: "centenas de jovens como eu sofreram as limitações da sociedade amazônica, a ausência de oportunidades e de perspectivas, muitos deles emigrando para o Sul do país definitivamente", aspecto igualmente ressaltado por Ulysses Bittencourt[33], que foi dos que emigraram para o Rio de Janeiro em terceira classe de vapor e em busca de oportunidades de estudo e trabalho.

Benchimol permaneceu em Manaus e a ela se dedicou, vencendo as agruras de todas as borrascas.

## O LONGO E PROFÍCUO MAGISTÉRIO: A CÁTEDRA

O percurso que escolheu fixar em sua vida magisterial e para o qual há de ter sido levado não só pela aspiração que nutria, mas também pelas circunstâncias e perspectivas econômicas da época, teve início em 1941, *pari-passu* ao seu ingresso no curso de Ciências Jurídicas e Sociais

---

[32] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 159.

[33] BITTENCOURT, Ulysses. Raiz. **Crônicas**. Rio de Janeiro: Copy Arte, 1985, p. 12.

da Faculdade do Amazonas, quando assumiu as salas de aula da Escola Primária Vicente Blanco, um dos estabelecimentos de ensino elementar de caráter privado da capital amazonense, ministrando Geografia e História aos 18 anos, inaugurando o caminho que o consagraria com a cátedra universitária em renhido concurso público de provas, títulos e defesa de tese.

Pouco depois, há de ter parecido audácia assumir as disciplinas de Economia Política e História Econômica e Administrativa do Brasil na Escola Sólon de Lucena (1943-1946) aos 20 anos, em meio a ilustrados e experimentados professores da instituição criada por Agnello Bittencourt (1909) para o ensino de técnica de comércio, funcionando em casarão simbólico da Av. Joaquim Nabuco, do Grupo Escolar Nilo Peçanha[34]. No ano seguinte, foi homenageado pelo Centro de Estudos da Mocidade por haver obtido o prêmio José Boiteaux por participação no X Congresso Brasileiro de Geografia (1944), ocasião em que foi saudado por Agnello Uchoa Bittencourt[35]. Pouco depois, licenciado do magistério para estudos no exterior, ao retornar com o mestrado concluído, havia sido demitido do cargo por questões de interesse menor[36].

---

[34] Escola de aulas noturnas criada pela municipalidade (Lei n.º 578, de 25 nov. 1909), iniciando atividades na Rua do Barroso, na Associação dos Empregados no Comércio em 26 fev. 1910. Esteve no prédio do Grupo Silvério Nery (1919), depois Faculdade de Direito; no Grupo Marechal Hermes (1926); no Ginásio Amazonense Pedro II (1931); na Rua do Barroso, n.º 115 (1936); na Av. Setembro com o Grupo Marechal Hermes e veio a ter sede própria em 1962, na Av. Constantino Nery, onde se encontra.

[35] Jornal do Commercio, Manaus, 1.º out. 1944, p. 8.

[36] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 157.

Do mesmo modo, recém-graduado, foi desafiador haver ingressado como professor interino da Faculdade de Direito do Amazonas, a única unidade remanescente da Escola Universitária Livre de Manáos (1909), para ministrar Introdução à Ciência do Direito (1946), assim como ocupar a cadeira de Sociologia da Escola de Enfermagem de Manaus (1948-1949), desta feita após concluir o mestrado em Sociologia e Economia na Miami University, Oxford, OH, EUA.

Eis que, ao mesmo tempo em que frequentava os cursos de História do Pensamento Econômico; Problemas Econômicos Atuais e Problemas Econômicos Internacionais, com os professores Marvin Peterson e Virgil Salera, Benchimol exerceu o magistério no exterior em curso de Português no Departamento de Línguas Românticas na Miami University (1946-1947), sendo estimado e considerado "afável, cortês e responsável"[37] por alunos e mestres. E mais, nas palavras da professora Glenn Barr, era possível poder "recomendá-lo como capaz, em virtude de sua personalidade, habilidade intelectual e conhecimento"[38]. Ao recusar-se a cumprir o doutorado em instituições norte-americanas, mesmo com bolsa, também deixou de lecionar português na Universidade preferindo voltar para Manaus[39]. Nesse ponto, uma declaração de Benchimol enriquece sua afeição pela Amazônia, quando assinala o valor da vivência e experiência com os estudos na América, que lhe teriam concedido novos horizontes e dimensão do mundo e

---

[37] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 155. (Declarações oficiais da Universidade de Miami).

[38] Ibidem, p. 156.

[39] Jornal do Commercio, Manaus, 16 mai. 1947, p. 4.

onde amadureceu, mas "permaneci fiel às minhas raízes e à minha terra", disse ele[40].

Pouco a seguir do seu retorno a Manaus, o quadro de professores da Faculdade de Direito da Praça de Torquato Tapajós estava em reorganização. A casa onde estudara e lecionara a título precário, ombreando-se com antigos mestres, então com alguns poucos catedráticos, experimentava circunstância que impunha riscos à continuidade da instituição. Na época, estadualização ou federalização, substituição de antigos titulares de várias disciplinas, necessidade de reorganização do Conselho Técnico e Administrativo e a realização de concursos para catedráticos eram os temas objeto de embates e disputas políticas que circundavam a Faculdade, ao final, federalizada (1949)[41] depois de um período sem vinculação a qualquer ente público e de uma curta fase de estadualização quase à margem da legislação federal do ensino.

A precariedade do regime magisterial era um dos principais problemas a serem vencidos e, por isso, todos os esforços do governo estadual e de personalidades remanescentes da fundação da escola superior se empenhavam em obter autorização para concursos públicos de provas, títulos e defesa de tese, afinal, desde 1938, somente três de seus mestres ostentavam a honra catedrática[42], mas, as rigorosas

---

[40] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 92.

[41] MENEZES. Aderson Andrade de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**: 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959, p. 184.

A Faculdade foi federalizada pela Lei n. 924, de 21 nov. 1949.

[42] Ibidem, p. 186.

seleções, apesar de autorizadas por Getúlio após a visita a Manaus (1940), pouco depois foram novamente suspensas permitindo que apenas a cadeira de Medicina Legal passasse a ter titular.

Com a reorganização geral da instituição e renovada a sua direção sob as ordens dos professores Análio de Mello Rezende e Aderson Andrade de Menezes, foram retomados os concursos para as cátedras de Direito Civil, Comercial e Penal (1953)[43]. No ano seguinte, para Teoria Geral do Estado, Direito Internacional Privado, Ciência das Finanças e Economia Política. A imprensa corrente tinha o assunto como destaque e, tão logo confirmou-se o concurso para essa última disciplina, surgiram notícias sobre os concorrentes: "cátedra a ser disputada por José Lindoso e Samuel Benchimol, ambos profundos conhecedores do assunto, o primeiro com largo tirocínio no magistério superior, e o segundo com um curso de especialização em centro universitário norte-americano"[44]. Adiante, novo destaque realçando que José Lindoso era na ocasião o "mestre da matéria e, sem dúvida, valor positivo da nova geração de estudiosos, e Samuel Benchimol também um moço estudioso e conhecedor do assunto"[45].

Tais tertúlias se transformaram, todas elas, em verdadeiro acontecimento social e cultural. A mobilização entre os alunos crescia a cada dia para presenciarem a exposição e defesa das teses diante de bancas examinadoras exigentes e altamente qualificadas e insuspeitas.

---

[43] MENEZES. Aderson Andrade de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**: 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959, p. 227.

[44] Jornal do Commercio, Manaus, 24 nov. 1954, p. 2.

[45] Jornal do Commercio, Manaus, 14 dez. 1954, p. 4.

A imprensa, os advogados, promotores de justiça e magistrados se mobilizavam e ocupavam os salões do prédio da Faculdade.

Ao mesmo tempo, crescia o interesse dos estudantes pela Academia, fato ressaltado pelo governador de então que via com "simpatia o entusiasmo com que os jovens afluem a esse conceituado estabelecimento [...] pois isso possibilitará futuramente o afastamento dos leigos dos cargos iniciais da magistratura no interior [...] prestigiando desse modo a classe dos diplomados em direito"[46]. A Faculdade tinha, também, essa importância, a de contribuir para a formação de quadros profissionais na estrutura de governo e da justiça, notadamente no interior, no qual atuavam práticos, leigos e rábulas.

Foi neste cenário que, em 1954, Samuel Benchimol e José Lindoso disputaram a cátedra de Economia Política perante banca composta pelos professores Análio de Mello Rezende, David Alves de Mello, João Ricardo de Araújo Lima e Adriano Queiroz, que representavam a Casa, e dos convidados Ernesto Chaves Neto (PA), Antônio Martins Filho (CE), João Perboyre e Silva (CE), Magdaleno Girão Barroso (CE), José Salgado Martins (RS), desembargador João Rebelo Corrêa e do promotor público Domingos Alves Pereira de Queiroz[47].

Em conversa fraterna sobre o fato, anos mais tarde, o então jovem acadêmico João dos Santos Pereira Braga[48], depois professor

---

[46] AMAZONAS. **Mensagem do governador do Estado do Amazonas**, Dr. Plinio Ramos Coelho apresentada a Assembleia Legislativa do Estado, em 1953. Manaus: Imprensa Pública, 1953, p. 107.

[47] Ibidem, p. 229.

[48] Advogado, presidente do Conselho Seccional do Amazonas da Ordem dos Advogados do Brasil, professor titular e diretor da Faculdade de Direito do Amazonas,

titular e diretor da mesma Faculdade, revelava ter sido um encontro de titãs, exposições brilhantes, respostas afiadas, momentos de engrandecimento da cultura jurídica no Amazonas. Não só esta, dizia ele, outras a que assistira o entusiasmaram, ainda mais, pelo exercício do magistério e estudos jurídicos aos quais, afinal, se dedicou por mais de cinquenta anos. Na ocasião, Benchimol expôs sobre o tema "ciclos de negócios e estabilidade econômica: contribuição ao estudo da conjuntura", enfrentando horas seguidas de apreensão e embates acadêmicos. José Bernardino Lindoso, igualmente brilhante, tratou "dos elementos conceituais de economia política".

O noticiário de imprensa, como visto, deu o tom da disputa e, mais do que isso, o resultado que consagrou a cátedra para Samuel Benchimol não pôde desconsiderar o brilho de José Lindoso e a este conferiu a honraria de Livre Docência. Anos depois, Benchimol diria confirmando o clima renhido: "a despeito das pressões e contrapressões, da guerra de nervos, e de todo o clima emocional que nos envolvia [...] consegui a cátedra [...]". Não há exageros nessa afirmativa, como não há de haver dito que o doutoramento e a cátedra na Faculdade de Direito do Amazonas possibilitaram a realização do grande ideal de sua juventude, vindo a realizar-se como professor e pesquisador[49].

A outorga do título de Doutor em Direito aconteceria no ano seguinte durante os festejos do Dia dos Cursos Jurídicos no Brasil, em

---

secretário de Estado em várias pastas, procurador geral de Justiça, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas do Estado e prefeito de Manaus em exercício. Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Academia Amazonense de Letras Jurídicas.

[49] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 160-161.

evento soleníssimo, com os professores em vestes talares e portando insígnias, no salão nobre da Faculdade reunindo Samuel Benchimol, José Lindoso e Abdul Sayol de Sá Peixoto, ocasião em que Análio de Mello Rezende recebeu o título de Professor Emérito[50]. Dessa forma, Benchimol veio a ocupar as aulas que tinham sido ministradas anteriormente por Augusto Rocha[51].

Imagino como ficaram os novos catedráticos na sala dos capelos preparando-se para a solenidade, aquela, ao modo de Eça de Queiroz[52], "onde se professa para doutor, onde se troca a graça mundana pela sensaboria catedrática, onde o sujeito deixa de ser um homem para ser uma lente, onde se faz o voto de melancolia e de carranca perpétua, e onde se substitui a alma por um compêndio".

Consagrado nesta posição, anos depois respondeu, também, pelas cadeiras de Introdução à Economia e Repartição de Renda; Introdução à Economia; Ciência das Finanças e Direito Tributário, da mesma forma que alguns outros encontravam para contribuir com o regular funcionamento da escola universitária, sempre carente de professores ante o aumento do número de alunos e a diversificação dos programas anuais. Nesse aspecto, aliás, os registros oficiais dão conta da inexistência de um sistema educativo racional no estado, pois "seus estabelecimentos funcionam mercê da boa vontade de um não pequeno grupo de abnegados professores e todos dizem da deficiência

---

[50] Jornal do Commercio, Manaus, 18 ago. 1955, p. 6.

[51] MENEZES. Aderson Andrade de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**: 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959, p. 187.

[52] QUEIROZ, Eça; Ortigão Ramalho. **Os brasileiros**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 75.

de métodos e processos, distanciados da pedagogia hodierna que imprescinde de aparelhamento adequado", como explicava o governador Plinio Coelho em comunicação ao Poder Legislativo, destacando que "afora a Faculdade de Direito que funciona sob os auspícios do Governo Federal e que é mantida por verbas consignadas no orçamento da União, não possuímos outros estabelecimentos de ensino superior"[53], o que reafirma a observação de Benchimol sobre as poucas oportunidades oferecidas na cidade de Manaus daqueles anos.

As habilidades de Benchimol na oratória, vez em quando, eram chamadas a cumprir missões especiais como sucedeu com o encargo de saudar o professor Paulo Garland na Faculdade de Direito[54]. Tratava-se de importante estudioso formado em Yale cuja palavra versou sobre O Direito nos Estados Unidos, em importante evento presidido pelo professor Lúcio Fonte de Rezende (1955). A vez primeira que assomou à tribuna para discursar, conforme ele mesmo confessa, deu-se em 9 de outubro de 1938, ainda estudante do Ginásio Amazonense Pedro II, ao assumir a cadeira de José do Patrocínio no Grêmio Humberto de Campos[55] cumprindo dever estatutário imposto aos gremistas, logo seguida do discurso de recepção ao novel membro da entidade, o jovem Arthur C.M. Pucu[56]. O mais se realizaria em variadas ocasiões, anos mais tarde, até a posse na Academia Amazonense de Letras (2002).

---

[53] AMAZONAS. **Mensagem apresentada pelo governador do Estado do Amazonas**, Dr. Plinio Ramos Coelho, a Assembleia Legislativa do Estado, em 1955. Manaus: Imprensa Pública, 1955, p. 40.

[54] Jornal do Commercio, Manaus, 3 jul. 1955, p. 8.

[55] BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. 4. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 361-364

[56] Ibidem, p. 365-366.

Autorizado por lei de 1955, de sua iniciativa, o governador Plinio Ramos Coelho levou a cabo a criação da Faculdade de Ciências Econômicas. De pronto, estabeleceu-se intenso movimento de interesse de estudantes. Diante do desafio, reuniram-se destacados professores para a sua implantação já em 1958, os quais, por dois anos, lecionaram de forma gratuita: Samuel Benchimol, Aderson de Menezes, Orlando Falcone, Mário Jorge Couto Lopes, Saul Benchimol, Mendonça de Souza, José Augusto Borborema e Fueth Paulo Mourão, sob a liderança do padre Pedro Mottais, mas tinha havido indicação de outros nomes para professores[57]. As resistências do governo federal eram grandes. As dificuldades crescentes, inclusive, quanto às instalações adequadas. O reconhecimento tardou, mas a escola prosperou e ampliou as perspectivas dos amazonenses e Benchimol foi inscrito entre os seus fundadores, confirmando a sua vocação para o magistério. Ao prefaciar obra do Acadêmico Ruy Alberto Costa Lins, que versa sobre essa instituição de ensino, anos mais tarde Benchimol[58] definiu aquela fase da vida nacional, objetivamente: "parece que havia, naquele tempo, receio e temor de democratizar o ensino universitário, a fim de preservar o domínio de uma pequena elite que dominava o país. Uma espécie de *coronelismo* acadêmico dominado pelo sistema feudal e elitista daqueles tempos". A esse respeito, vale a consideração do governador Plinio Coelho[59] em 1999, salientando que tomara essa

---

[57] Jornal do Commercio, Manaus, 17 fev. 1956, p. 3.

[58] BENCHIMOL, Samuel. Prefácio, *In:* LINS, Ruy Alberto Costa. **A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958-1976)**: uma contribuição para a sua história. Manaus: Editoração Norma, 1999, p. 10.

[59] COELHO, Plinio Ramos. Visão na bruma. *In*: LINS, Ruy Alberto Costa. **A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958-1976):** uma contribuição para a sua história. Manaus: Editoração Norma, 1999, p. 35.

iniciativa porque "o Estado não tinha projetos econômicos ou economistas capazes de plasmá-los, apreciá-los, analisá-los. Nem particulares possuíam escritórios especializados para esses fins – tudo era feito fora do Estado".

Pouco antes, em 1957, visando contribuir com o plano de completa reorganização da Faculdade de Direito em observância às regras da federalização de 1949, Benchimol havia passado a integrar o Conselho Técnico Administrativo da Faculdade, órgão máximo da unidade de ensino superior para o qual foi nomeado[60] juntamente com José Augusto Teles de Borborema, ombreando-se a antigos professores e a novos colegas catedráticos.

Ainda mais tarde, passados os anos e cada vez mais entusiasmado pelos estudos sobre a região amazônica, atento aos interesses internacionais que ampliavam as ameaças de fincar tentáculos nessas terras, Benchimol teve a ousadia nova de instituir e lecionar, na mesma Faculdade de Direito em que se formara, a disciplina Introdução ao Estudo da Amazônia, publicando obra específica com esse programa de modo a despertar e ampliar a consciência da nova geração sobre a necessidade de melhor conhecer a própria terra, compreender as implicações e as exigências para o seu desenvolvimento e ocupação ordenada, a fim de preservar a floresta como ativo patrimonial econômico, social e ambiental brasileiro a serviço da vida. Mesmo não mais acadêmico, por várias vezes compareci às suas aulas como convidado, ainda no prédio da Praça de

---

[60] BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Portaria n.º 145, de 23 de abril de 1957**. Empossado a 4 de junho do mesmo ano. MENEZES. Aderson Andrade de. **História da Faculdade de Direito do Amazonas**: 17 de janeiro de 1909 a 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959, p. 223.

Torquato Tapajós. Projeções ao fundo, ele dissertava com entusiasmo e precisão deixando-nos cogitar que estivéssemos em 1941, quando de suas primeiras ministrações, agora acrescidas de notável experiência de vida e enorme acúmulo de conhecimento, desafiando a todos para o despertar do valor eco-econômico do bioma amazônico.

Sim, ao ser sagrado doutor em 1955, assistira na mesma ocasião à elevação do ilustrado professor Análio de Rezende a essa mesma posição, particularmente, significativa, como referido. No discurso em nome da Congregação da Faculdade, o professor catedrático Oyama Cesar Ituassu da Silva[61] afirmou que Benchimol "possui uma carreira fulgurante em todos os sentidos, esplendorosa em sua mais lidima expressão. É sem dúvida (o título outorgado na ocasião), o coroamento de um percurso magisterial completo e eloquente, portador de uma obra extraordinária, elaborada no transcurso de muitas vidas". Era o depoimento inconteste e autorizado de quem acompanhara a carreira de Benchimol.

## O MESTRE E OS DISCÍPULOS

Aqui deu-se meu encontro com Benchimol como seu aluno, inicialmente, nas primeiras horas da manhã (1970). Éramos uma classe, em sua maioria, de jovens entusiasmados com a universidade e em vencer os desafios de nosso tempo. Diante de nós, para o magistério na sala à esquerda do casarão dos Remédios, compareciam Benjamin

---

[61] SILVA, Oyama Cesar Ituassu da. Samuel Benchimol: o homem sábio. Discurso. Sessão de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas. *In*: BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 228.

Brandão, Ernesto Roessing, João Braga e Samuel Benchimol. Todos nos empolgaram, cada um deles com características bem peculiares: Brandão sempre bem composto a iniciar-nos na Introdução à Ciência do Direito; Roessing, com simplicidade, a apresentar-nos o Direito Romano e seus laços com a modernidade; Braga, misto de irmão e mestre, exigente sem arrogância e professor da humildade a dispor sobre Teoria Geral do Estado; e Benchimol, singularmente dinâmico e provocador, a exigir dos recrutas o pensar e o refletir.

Desde então, estabeleceu-se uma sintonia entre nós. O que descobrimos mais tarde foi que o mestre de Economia Política ranqueava seus alunos em uma Ordem soberana de critérios que estabelecera no silêncio de seu gabinete. De há muito compusera uma forma de registrar e realçar aqueles que se destacassem em sua disciplina, conferindo-lhes condecoração que está expressa na edição de seu *Cobras e Buiuçus na Praça dos Remédios*[62] e depois em *Amazônia um Pouco-Antes e Além Depois*[63]. Esta Ordem do Mérito, segundo Benchimol[64], que visava distinguir os mais inteligentes e dedicados, "serve de estímulo para que iniciem a caminhada na vida profissional com os próprios pés e cabeças, com ingênuo orgulho, mas com a confiança do pássaro que sai do ninho".

---

[62] BENCHIMOL, Samuel. **Cobras e Buiuçus na praça dos Remédios**. Manaus, 1985. (Edição xerox).

[63] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA, 2010, p. 180 -184.

[64] BENCHIMOL, Samuel. Discurso. Sessão de outorga do título de Professor Emérito, em 17 de janeiro de 1998, 89.º aniversário de fundação da Universidade Federal do Amazonas. *In*: BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 248.

Honrados com a distinção e comprovando que o campo de observação do professor sempre esteve atento a cada um dos alunos ao longo da sua carreira magisterial, viemos, alguns de nós, a saber-nos reconhecidos em uma dessas importantes ordens meritórias pela dedicação acadêmica. Não sei de outra honraria que, resultante de criterioso olhar de professor de alto quilate, tenha sido ofertada a seus discípulos na vida universitária. Tenho orgulho de tê-la recebido no grau de *cobra* como sucedeu com João e Lourenço, visto que José foi *buiuçu*, meus irmãos de sangue, coração e ideal, igualmente condecorados por Benchimol. E foi um dos seus *buiuçus* que veio a substituí-lo na disciplina de Economia Política: Roberto dos Santos Vieira, com méritos realçáveis.

Adiante, ao comparecer aqui e ali ao seu gabinete da Rua de Miranda Leão, modesto para um homem de tantas posses e singular para um pesquisador emérito, foi possível acompanhar algumas de suas empreitadas científicas e aspirações de oferecer um legado para o futuro, como se deu com a transferência de acervos documentais e históricos amazônicos de Portugal para Manaus, providência que foi tomada como missão por João Renôr de Carvalho e Bernardino de Carvalho sob as lentes de Antônio Costa Lima, depois doados à Universidade Federal do Amazonas, mas custeados com recursos próprios.

Certa feita, e mais além desse tempo, admirado com sua intensa produção e publicações científicas, sempre bem abalizadas e consistentes, procurei compreender as razões que o levavam a fugir das gráficas e editoras convencionais, consumidoras de tempo e formadoras de estoques de livros caros e nem sempre circulantes, e verifiquei que ele insistia em colocar seus estudos à disposição do leitor

imediatamente, sem dar-lhes valor comercial. Nesse ponto, sempre parecia ter pressa.

Apresentado a Gilberto Freyre pelo museólogo Aécio Oliveira, após conferência que apresentei em encontro científico no Museu de Arte Sacra da Bahia, em 1975, muito melhor acolhido pelo gênio de Apipucos por ser filho de pernambucana da Piedade e dedicar-me aos estudos amazônicos, tive o privilégio de manter relação próxima e receber gratas orientações de estudos desse importante pensador brasílico e, adiante, na qualidade de presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, trazê-lo para conferência no sodalício versando sobre o negro no Amazonas (1981). Fazia pouco ele havia autorizado a José Braga, então secretário estadual de Planejamento, e a mim, instalarmos em Manaus um escritório da Fundação Joaquim Nabuco, o qual redundou em importantes pesquisas socioeconômicas e na criação do Museu do Homem do Norte, a exemplo do Museu Homem do Nordeste no Recife. Na oportunidade, disse-me mestre Gilberto do desejo de encontrar-se com Samuel Benchimol, a quem reputava à frente do seu tempo. O abraço dos mestres foi propiciado. Daí prosperou uma conjunção intelectual.

Próximo ao governador Amazonino Mendes, que fora seu aluno (*buiuçu*) e o admirava deveras, cruzamo-nos – Benchimol e o autor – em várias oportunidades, seja para tertúlias literárias, conversas amenas, apreciação de assuntos de governo, salvamento do prédio da Rua da Instalação onde estivera o Banco de Roraima e constava ter sido sinagoga, seja em encontros oficiais. Sempre atento, ouvia Benchimol com a reverência merecida e necessária, embora ele jamais tenha demonstrado o menor interesse ou preocupação em que isso se fizesse entre nós, como não o fazia em qualquer circunstância. Uma delas marcou-me singularmente: à porta do Teatro Amazonas, sugerindo

programas para concerto especial da orquestra Amazonas Filarmônica, que pude criar sob as bençãos de Amazonino, portando originais de seu novo livro e com o seu habitual blazer, provocou-me mais ou menos nesses termos: "Manaus não pode ficar sem um historiador operoso, pense nisso!". Instigava-me no rumo das minhas aspirações antigas, mas punha-me debaixo de maiores responsabilidades. Era o mestre, mais uma vez, provocador.

Quando operávamos a instalação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), criada por Amazonino Mendes (2001), Lourenço Braga, primeiro reitor e o dínamo de sua efetivação; Ruy Cantanhede; Raimundo Lasmar; João Coelho Braga e eu cuidamos de identificar imóvel nas proximidades do centro da cidade e de fácil acesso a usuários do transporte coletivo, que pudesse abrigar os primeiros alunos. O imóvel selecionado foi na Rua de Leonardo Malcher com Rua de Major Gabriel. De pronto, ao visitá-lo pela primeira vez, o reitor nos comunicou: "será chamado de edifício Samuel Benchimol", em decisão comunicada ao governador poucos dias depois. No mesmo sentido, outros nomes de destacados e tradicionais professores foram ornar os demais prédios e salas de aula da instituição.

A esse respeito, Lourenço dos Santos Pereira Braga[65] explicitou em discurso de posse na cadeira Samuel Benchimol do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (2018), que os primeiros cursos de saúde, artes e turismo e os da área social foram instalados no edifício

---

[65] BRAGA, Lourenço dos Santos Pereira. **Discurso de Posse na Cadeira Samuel Benchimol**, n.º 55. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus, 28 dez. 2018. (Cópia no arquivo do autor). Advogado, professor e diretor da Faculdade de Direito do Amazonas, secretário de Estado em várias pastas, primeiro reitor e organizador da Universidade do Estado do Amazonas, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

que pertencera à Embratel "e ao qual conferi, por ato monocrático, o nome de Prof. Samuel Benchimol como até hoje consagrado. No ambiente físico que homenageia o grande cientista amazonense de nosso tempo foram ministradas as primeiras aulas da Universidade dos povos da floresta".

Na Universidade do Estado do Amazonas, há desdobramento relevante da atuação de Benchimol como professor, a partir da referência que traçou com a cadeira de Direito Ecológico que criou e ministrou, transferindo-a depois ao professor Roberto dos Santos Vieira e, também, da cadeira de Introdução à Amazônia que, igualmente, estabeleceu na Faculdade da conhecida Praça dos Remédios. Foram estas ações que inspiraram a criação do primeiro curso de mestrado em Direito Ambiental do país, assim referido por Lourenço Braga[66], realçando a influência de Benchimol sobre a UEA, a qual

> conduziu à criação do primeiro mestrado específico em direito ambiental do país, hoje já com mais de duas centenas de mestres preparados para a docência nos cursos públicos e particulares. Afinal, Samuel construíra entre nós as primeiras letras do estudo dessa área do conhecimento, nos anos 70 do século anterior. E as aulas do primeiro mestrado em direito da história do Amazonas também foram ministradas no edifício Samuel Benchimol.

Destacado reconhecimento ao mestre deu-se na escolha de seu nome, pela primeira vez na história da Faculdade de Direito, para paraninfo da turma de bacharéis de 1973. Ao registrar a distinção que fora conferida a Benchimol, justificadamente, o formando José dos

---

[66] BRAGA, Lourenço dos Santos Pereira. **Discurso de Posse na Cadeira Samuel Benchimol**, n.º 55. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus, 28 dez. 2018. (Cópia no arquivo do autor).

Santos Pereira Braga[67], orador da turma e da Ordem dos Buiuçus o definiu como "expressão da cultura e do saber de nossa terra"[68], como professor de muitas gerações a merecer ter realçado que "sua conduta, o brilho de sua cultura, o seu talento, são predicados singulares a consagrá-lo no respeito e na admiração de todos nós"[69]. Destacou, ainda, que suas produções sempre foram ricas, "cuidadas na forma, conteúdo profundo, revelam o jurista, o sociólogo, o economista, o amazonólogo, o homem de letras, o intelectual de escola"[70]. Homenagem semelhante se repetiria em 2000, quando Benchimol foi escolhido para o patronato da turma daquele ano. Neste caso, ele respondeu aos alunos com uma sentida mensagem de agradecimento e os alertou para as responsabilidades que assumiam em relação ao novo milênio, como a de "continuar o esforço dos amazonenses e brasileiros de alcançar uma sociedade mais sábia, justa e fraterna"[71].

Outra homenagem a Benchimol, em decorrência de sua atividade no magistério associada à pesquisa, foi efetivada quando da conclusão da obra e implantação do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, na Praça Francisco Pereira da Silva, concebido no governo

---

[67] Professor, advogado, secretário de Estado em várias pastas, desembargador federal e presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 11ª. Região, membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, da Academia Amazonense de Letras Jurídicas, Academia Amazonense de Letras e Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

[68] BRAGA, José dos Santos Pereira. **Participação do advogado no desenvolvimento nacional**. Manaus: Imprensa Oficial, 1974, p. 12. (Discurso de orador da Turma "Ernesto Roesseing", da Faculdade de Direito do Amazonas, 1973).

[69] Ibidem.

[70] Ibidem.

[71] BENCHIMOL, Samuel. Mensagem aos bacharelandos da Faculdade de Direito, do ano de 2000. *In*: BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 250.

Amazonino Mendes e concluído, instalado e ampliado no governo Eduardo Braga pela Secretaria de Estado da Cultura, que tive a honra de criar e dirigir. No Centro, de amplos salões e rico acervo etnográfico, inaugurado com modernos equipamentos de tecnologia de ponta para o trato de documentos relevantes e com equipe especializada e setor de treinamento para jovens, foi estabelecido o Núcleo de Documentação Samuel Benchimol, destinado a recuperar e disponibilizar acervos históricos, públicos e particulares, aliado às bibliotecas Arthur Reis e Mário Ypiranga Monteiro e ao Museu do Homem do Norte, pronto para se tornar base de referências sobre estudos da Amazônia Continental[72].

Outros galardões reconhecem seu papel no magistério, em particular: a denominação de escolas públicas criadas pelos governos municipal e estadual, ambas em Manaus, aquilo que Abrahim Baze[73] sintetiza como a "dimensão simbólica de entronizar a figura do professor e as crianças, cujo futuro bebem na fonte de seus professores". Por seu turno, a municipalidade manauense decidiu instituir a Medalha de Ouro Samuel Benchimol (2003) para reconhecer e proclamar os méritos de quem se destaque em defesa dos interesses da Amazônia, sendo esta a forma encontrada pelos edis de inscrever o nome do homenageado nos anais da Casa e, ao mesmo tempo,

---

[72] As ações do Núcleo, desenvolvidas até 2016, encontram-se em: **Cultura e Arte no Amazonas**: 20 anos realizando sonhos. 1997-2016. BRAGA, Robério (org.). Manaus: Edições Governo o Estado; Secretaria de Estado de Cultura, 2016, p. 328-329. Inclui a digitalização de acervos de Genesino Braga, Sérgio Figueredo, Aristophano Antony, Salignac e Souza, Arquivo Público, J G Araújo, Biblioteca Pública, Museu Tiradentes, Denise Cabral dos Anjos, e fotos de Andréas Valentim e Leonide Príncipe, disponibilizados na rede mundial de computadores.

[73] BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022, p. 205.

estimular postura elevada e científica na defesa da região por quantos tomem como exemplo a trajetória de vida de Samuel Benchimol.[74]

Excedendo ao mundo acadêmico a demonstrar o alcance da obra do ilustre professor, o governo federal, por meio do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e com o apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), da Ação Pró-Amazônia, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), instituiu o Prêmio Samuel Benchimol (2004), o qual vem atraindo outras entidades como a Federação da Indústria do Amazonas, Suframa, Banco da Amazônia e federações de indústria dos estados da Região Norte. Esse prêmio tem cumprido a função para a qual se destina, religiosamente reconhecendo talentos de pesquisadores e cientistas com estudos voltados para a promoção do desenvolvimento sustentável na Amazônia, uma das causas que o homenageado defendeu, pioneiramente, e tem mobilizado os mais diversos estudiosos e instituições de ensino e pesquisa em suas várias categorias.

Bem sei que há quem considere a *Aula de Despedida, Saudade e Exortação*, que Benchimol proferiu na Faculdade de Direito, como o seu canto de cisne, recheada de forte emoção, profundamente humana e inteligentemente, pregada como nos áureos tempos em que nos surpreendeu logo no primeiro dia de aula universitária, ainda que a voz, agora, apresentasse sinais de cansaço e o corpo parecesse fraquejar. Com segurança intelectual, alertava aos ouvintes para o fato de que

> vivemos em um mundo de economia do conhecimento, de mudanças e de perene renovação, com criação de novos

---

[74] DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 10 nov. 2003. Projeto de autoria do vereador Isaac Tayah.

> direitos, funções e campos no aprendizado permanente (*life long learning*), sob pena de rápida obsolescência do saber jurídico pela constante mudança da legislação, jurisprudência, doutrina e novos impactos e exigências de um mundo que se globaliza e exige mais qualidade, melhor desempenho e eficiência.

Falava o professor de muitos anos, o homem curvado pelo tempo, mas a mensagem era do visionário que ele continuava a ser.

Afastava-se da Faculdade depois de mais de 50 anos de trabalho, inclusive gratuito, como fizera nos últimos tempos na qualidade de professor convidado, pois vinha sendo consumido por doença atroz que lhe subtraía as forças físicas, ainda que a lucidez fosse das mais aguçadas. Na ocasião, reconhecendo os prejuízos que o tabagismo causara a sua saúde física, conclamou emocionado que os alunos não se deixassem dominar por esse vício, ao mesmo tempo em que concitou os alunos e ex-alunos a procurarem amar o Direito e a Justiça, se debruçassem sobre os códigos, a doutrina, as jurisprudências e, ainda mais, para que não perdessem o entusiasmo, o que exprimia como mensagem de despedida e adeus.

Para mim, tenho que seu canto derradeiro se deu na sua posse na Academia Amazonense de Letras (2002), ao assumir a cadeira para a qual foi eleito, merecidamente, pois a Casa de Adriano Jorge se ressentia de sua presença que deveria ter-se dado no vigor dos anos, mas ele teria se esquivado de tais honrarias, diziam-me os mais antigos do sodalício, precisamente quando José Braga e eu apresentávamos seu nome à consideração dos Acadêmicos para o sufrágio bendito. O entendimento era de que a Academia Amazonense de Letras, quase centenária, precisava ser ornada com seu nome, sua história e sua obra. Ele, que participara da fundação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) no Amazonas (1947), ao lado de Djalma Batista, Domingos Queiroz, Agnello Bittencourt, Mitridhates Corrêa, André Araújo,

Huascar de Figueredo e Aristophano Antony[75]; que fizera conferências no Brasil e no exterior, inclusive com objetivo de benemerência como em favor da Liga Amazonense Contra a Tuberculose (1948)[76]; que falara aos jovens, aos sábios, militares de alta patente [77], aos jurisconsultos; que publicara centena de obras, muitas das quais tidas como clássicos nos estudos regionais, ainda não havia sido acolhido em uma das poltronas azuis e doiradas do nosso Silogeu.

Sagrado Acadêmico para a poltrona de José Veríssimo, vestiu-se em gala para a solene recepção e acolhimento pelo presidente Max Carphentier Luiz da Costa e pelo poeta Amadeu Thiago de Mello. A noite foi memorável. Inesquecível aos olhos e ao coração, tal como desejamos que se fizesse.

No discurso, tratou da vida como "milagre que nos desperta para os mistérios, desafios e beleza do mundo"[78]; da Amazônia como "um enigma a ser decifrado"[79], uma tarefa e forte desafio "que despertou a atenção de desbravadores e aventureiros, o fascínio de viajantes e naturalistas e a preocupação de cientistas e estudiosos que a perceberam como um rico ecossistema vital na cadeia da vida que

---

[75] Jornal do Commercio, Manaus, 18 dez. 1947, p. 5.

[76] Jornal do Commercio, Manaus, 25 nov. 1947, p.3.; Jornal do Commercio, Manaus, 4 dez. 1948, p.4. Neste evento proferiu palestra sobre o tema: *Aspectos pitorescos da vida de um amazonense nos Estados Unidos*, para angariar fundos em benefício do Cardoso Fontes, em apoio aos tuberculosos.

[77] Destaca-se a conferência que proferiu em 1969, no navio Lauro Sodré, para oficiais da Escola Naval na qual apresentou 12 variáveis independentes e 49 opções estratégicas para o desenvolvimento da Amazônia: *Variáveis e opções estratégicas para o desafio amazônico*", como analista da Amazônia.

[78] BENCHIMOL, Samuel. Discurso de Posse. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, Manaus, ano LXXXXIV, nov. 2002, n. 24, p. 53.

[79] Ibidem.

germinou nesse vasto território [...]"[80]. Cuidou de José Veríssimo, o patrono da cadeira que, tal qual Benchimol, e ele ressaltou esse aspecto, foi um apaixonado pela educação como questão essencial para uma democracia fundada no esclarecimento do povo; reverenciou os antecessores referindo Coriolano Durand, Djalma Batista e Octávio Mourão e realçando que mantivera "o compromisso, a fé e a crença na possibilidade de construção de uma sociedade esclarecida, criativa e próspera"[81], o que o encaminharam para vencer dificuldades e vicissitudes; homenageou o pai, relembrando ensinamentos para reconhecer que sua existência "foi um exercício de compromisso permanente com o conhecimento e com a perspectiva de construção de uma nova realidade econômica e social para a Amazônia"[82] e renovou a seguinte proclamação: "Fui fiel às minhas verdades, à minha consciência e à terra em que finquei minhas raízes – como uma árvore frondosa e resistente aos temporais amazônicos"[83].

Alquebrado pela doença que lhe consumia a carne e não vencia o espírito e a consciência telúrica, proferiu um breve concerto de oração que nos encantou a todos que tivemos o privilégio de conferir-lhe o voto e estar com ele na imortalidade acadêmica pelas obras que nos legara, pelos exemplos que nos concedera, ainda que ali estivesse apenas para reafirmar a imortalidade que conquistara bem antes da láurea da Academia. Os olhos brilhavam, o papel constava trêmulo em suas mãos, a voz cedia lugar ao quase sussurro, mas ele ali estava, de pé,

---

[80] BENCHIMOL, Samuel. Discurso de Posse. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, Manaus, ano LXXXXIV, nov. 2002, n. 24, p. 54.

[81] Ibidem, p. 55.

[82] Ibidem, p. 57.

[83] Ibidem.

altivo, pregando com sua inteligência invulgar, exercendo o magistério pela palavra e pelo exemplo. Iluminando a Casa. Oferecendo o sol da sua presença imorredoura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brilhante e dedicada trajetória de professor de Samuel Benchimol, compreendida entre 1941-2002, comporta estudos que se debruçam, não apenas sobre o percurso, mas sobre a aplicação atual das questões que, de forma pioneira, certamente audaciosa aos olhos de alguns, eram como uma antevisão do novo milênio. Prelecionar, avançar no tempo, esboçar, fundamentar e justificar ideias com base científica, pensamento lógico e fundamento histórico, jurídico e econômico caracterizam o seu desempenho como mestre e pensador, cientista social, político e econômico. Este é o novo desafio. Missão para muitas mãos e inteligências, e novas investidas.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Mensagem do governador do Estado do Amazonas, Dr. Plinio Ramos Coelho apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, em 1953. Manaus: Imprensa Pública, 1953.

AMAZONAS. Mensagem apresentada pelo governador do Estado do Amazonas, Dr. Plinio Ramos Coelho, à Assembleia Legislativa do Estado, em 1955. Manaus: Imprensa Pública, 1955.

AMAZONAS. Cultura e Arte no Amazonas: 20 anos realizando sonhos. 1997-2016. BRAGA, Robério (org.). Manaus: Edições Governo o Estado; Secretaria de Estado de Cultura, 2016.

AGUIAR, Sidney Barata de. Blackout e a Luftwaffe nazista: Algumas notícias da II Grande Guerra na cidade de Manaus – AM.

BAZE, Abrahim. Samuel Isaac Benchimol. Ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022.

BENCHIMOL, Samuel. NPOR: uma história da mocidade em luta. (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data).

BENCHIMOL, Samuel. Cobras e Buiuçus na praça dos Remédios. Manaus, 1985. (Edição xerox).

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco-antes e além-depois. Manaus: EDUA. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BENCHIMOL, Samuel. Discurso. Proferido na sessão solene de outorga do título de Professor Emérito, em 17 de janeiro de 1998, em comemoração do 89.º aniversário de fundação da Universidade Federal do Amazonas. *In*: BAZE, Abrahim. Samuel Isaac Benchimol. Ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022.

BENCHIMOL, Samuel. Prefácio, *In:* LINS, Ruy Alberto Costa. A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958-1976): uma contribuição para a sua história. Manaus: Editoração Norma, 1999.

BENCHIMOL, Samuel. Discurso de Posse. Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, ano LXXXXIV, nov. 2002, n. 24.

BITTENCOURT, Ulysses. Raiz. Crônicas. Rio de Janeiro: Copy Arte, 1985.

BITTENCOURT, Agnello Uchoa. NPOR – escola do corpo e caráter (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data)

BRAGA, José dos Santos Pereira. Participação do advogado no desenvolvimento nacional. Manaus: Imprensa Oficial, 1974.

BRAGA, Lourenço dos Santos Pereira. Discurso de Posse na Cadeira Samuel Benchimol, n.º 55. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manaus, 28 dez. 2018.

BRAGA, Robério. Fundadores da Academia Amazonense de Letras. Manaus: Academia Amazonense de Letras, Coleção Pensamento Amazônico, Série André Araújo, v. 34.

COELHO, Plinio Ramos. Visão na bruma. *In*: LINS, Ruy Alberto Costa. A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958-1976): uma contribuição para a sua história. Manaus: Editoração Norma, 1999.

GUIMARÃES, Newton Sabbá. Da arte da biografia, 2014.

GUIMARÃES, Newton Sabbá. Os sempre presentes. Dez perfis de amigos. São Paulo: Scortecci, 2022.

MENEZES. Aderson Andrade de. História da Faculdade de Direito do Amazonas – 17 de janeiro de 1909 – 17 de janeiro de 1959. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1959.

MIRANDA, Aldemir. Núcleo, Sentido! (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data).

SILVA, Oyama Cesar Ituassu da. Samuel Benchimol, o homem sábio. Discurso na sessão de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas. *In*: BAZE, Abrahim. Samuel Isaac Benchimol. Ensaio biográfico de um educador e empresário. 4ed. Manaus: Editora Valer, 2022

QUEIROZ, Adriano. Reservas do Brasil. (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data).

QUEIROZ, Eça; Ortigão Ramalho. Os brasileiros. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

VIRGÍLIO FILHO, Arthur. Apresenta-te, jovem. (recorte no arquivo do autor, sem indicação de edição, jornal e data).

A TARDE, Manaus, 15 abr. 1943.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, Manaus, 10 nov. 2003.

JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 11 nov. 1933.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 28 abr. 1944.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 25 ago. 1944.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 9 set. 1944.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 1.º out. 1944.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 16 mai. 1947.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 25 nov. 1947.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 18 dez. 1947.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 4 dez. 1948.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 11 jan. 1949.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 24 nov. 1954.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 14 dez. 1954.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 3 jul. 1955.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 18 ago. 1955.

JORNAL DO COMMERCIO, Manaus, 17 fev. 1956.

A TARDE, Manaus, 15 abr. 1943.

O JORNAL, Manaus, 14 abr. 1943.

Wikipédia. A Enciclopédia Livre. Eleições Estaduais no Amazonas em 1950. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_estaduais_no_Amazonas_em_1950. Acesso em: 28 mar. 2023.

# Capitulo 5

# 5. O CENTENÁRIO DE UM GRANDE PENSADOR

*Jacques Marcovitch*

As empresas Bemol e Fogás inscrevem o nome de Samuel Benchimol, um dos seus fundadores, na história do trabalho em nosso país. Estas marcas sólidas evidenciam o descortino de um empreendedor na economia da Região Norte. Considerando a visibilidade já conquistada e perene, este artigo revisita sua memória para lembrar um pouco do que ele pensou e escreveu.

As virtudes culturais deste grande brasileiro, a rigor não tangíveis como as de sua grande obra material, garantem largo espaço para ele no panteão de grandes pensadores da Amazônia. Entre eles, Euclides da Cunha, Bertha Becker, Lester R. Brown e Aziz Ab'Saber, para citar somente alguns.

O que é um pensador? De todas as acepções léxicas a respeito de uma pessoa com este dom, agrada-me aquela que identifica o seu poder de refletir criativamente, conceber estratégias, formular observações novas e acuradas em torno de problemas e soluções. Chamar um indivíduo assim de intelectual é pouco. O intelectual não se caracteriza, necessariamente, pela formulação de conceitos transformadores. Embora pense e reflita como qualquer ser humano, nem sempre faz isso com o propósito de melhorar a sociedade. É preciso dizer que Benchimol, além de escrever com habilidade e sabedoria, pensou (e sofreu) a Amazônia. É lícito supor que tenha dedicado a essa região e respectivos desafios o mesmo tempo de reflexão que dedicou aos seus interesses de empreendedor.

Euclides definiu o grande bioma como a última página do Gênese a ser escrita; Bertha Becker sonhou laboratórios da floresta para utilizar no processamento de fármacos o seu imenso capital natural;

Brown comparou a floresta a uma biblioteca de biologia com variedade de DNA sem equivalente no mundo; Aziz Ab'Saber, pioneiro no Brasil de uma geografia humanista, fez da Amazônia largo espaço de estudos; e Samuel Benchimol sinalizou, em seu tempo, os quatro paradigmas da Amazônia para se tornar economicamente viável, ecologicamente adequada, politicamente madura e socialmente justa.

Corriam os anos 1930 do século passado, quando sobreveio a súbita ruína da borracha na Amazônia. O menino Samuel, filho de um rico seringalista vencido pela crise, deu o primeiro passo em direção ao futuro. Matriculou-se no Ginásio Amazônico Pedro II, de onde saiu para o pré-jurídico e, daí para a Faculdade de Direito. Estudava e trabalhava como despachante da Panair do Brasil, além de lecionar Economia Política na Escola de Comércio Sólon de Lucena. Apesar destes múltiplos afazeres, o jovem Benchimol, leitor de Gilberto Freyre, decidiu ser pesquisador social.

Começou uma ambiciosa pesquisa de campo sobre a migração nordestina em busca da Amazônia. Deu-lhe, em 1942, o título de *O Cearense na Amazônia*. Isso coincidiu com um novo sopro de prosperidade na região, decorrente de acordo Brasil–Estados Unidos, em consequência da ocupação da Malásia pelas tropas japonesas durante a Segunda Guerra.

A excelência da tese ganhou ressonância nacional. Em 1946, Samuel obteve uma bolsa para pós-graduação em universidade americana. Com mestrado e doutorado, acumulou a docência na Faculdade de Direito e a atividade empresarial que marcou a sua vida. Contei esta experiência na trilogia *Pioneiros e Empreendedores*, volume 3. Aqui tratarei apenas do seu percurso de estudioso da Amazônia, documentado em vasta e reconhecida obra.

O livro *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois*, lançado em 1977, com mais de mil páginas, reproduz textos diversos desse produtivo e sempre honesto observador. A obra, que recebeu uma segunda edição revisada em 2010, retrata, entre muitas páginas de conteúdo inquestionável, algumas convicções passageiras e equivocadas, o que ele mesmo reconheceu em um dos prefácios:

> O leitor notará, por certo, muitas vezes, contrastes e contradições nos textos. Também os vejo, e os deixo, porque é inerente ao homem que amadurece repassar problemas, reciclar enfoques, na medida em que eventos e mudanças exigem novas angulações e posicionamentos. Afinal, a inteligência nada mais é do que a adaptação contínua a situações novas. (Benchimol, 2010, p. 55)

O traço dominante é a interpretação certeira de quem conviveu diretamente com o meio e extraiu do conjunto dos fatos as bases de sua obra: "O mundo amazônico não poderá ficar isolado ou alheio ao desenvolvimento brasileiro e internacional, porém ele terá que se autossustentar em quatro já referidos parâmetros e paradigmas fundamentais" (Benchimol, 2010).

Na página 1.044, a última do livro já referido, que é uma antologia de estudos, ensaios e memórias, o nosso homenageado escreveu:

> A Amazônia, ao longo de muitas gerações, tem sido uma história de problemas não resolvidos e tarefas a realizar. Cada geração recomeça a luta e entrega à que lhe sucede novas promessas e expectativas. Sucessos e frustrações. Avanços e recuos. Aos que chegam e aos que vão é importante saber que existe o elo da continuidade, do esforço comum e da solidariedade diacrônica das gerações. Do muito do que já se fez e do muito mais que precisa ser feito. (Benchimol, 2010)

Esta visão dialética dos problemas na região é recatada em sua formulação. Delega aos futuros estudiosos não apenas o aperfeiçoamento do que foi pensado antes. Esta modéstia foi uma das

marcas distintivas do pesquisador Benchimol. E a modéstia, para lembrarmos Machado de Assis, é o mais simples e mais belo ornamento de uma personalidade no universo da ciência. Neste espaço, entre os seus méritos, destacam-se a inconclusão e a permanente abertura, em seus teoremas, para a evolução dos fundamentos.

Na robusta e analítica obra da vida inteira, Samuel Benchimol incluiu, pioneiramente, a ideia de um imposto global. Este conceito chegou ao nosso tempo como "pagamento por serviços ambientais à Amazônia". Consta, hoje, da agenda climática mundial em formatos diversificados de aplicação. Samuel, na verdade, foi o primeiro estudioso a propor um debate sobre o mercado de carbono.

Ele manteve intenso contato com os nordestinos que chegavam ao porto de Manaus entre 1942 e 1944. Fez com eles centenas de entrevistas, das quais separou e analisou 57 para estudar a visão existencial dos migrantes e estabelecer contrastes sociológicos entre eles, chamados localmente de "cearenses" e os "caboclos", assim denominados os trabalhadores da Amazônia. O que surpreende é a falta de vaidade acadêmica do estudioso. Ele produziu, com método invejável, milhares de páginas. Nelas examinava, com minúcias de historiador, a linguagem dos personagens da migração, seus desabafos e sonhos.

Temos, além do inquérito antropogeográfico, um capítulo em que o autor lista mais de trinta adjetivos, cada qual precedido por uma identificação autobiográfica dos imigrantes e seus cânticos, como na Bíblia. Por exemplo:

- Flagelado. *A seca me cutucou, ou corre ou morre,* Joaquim Moreira de Sousa, Russas (CE).
- Ambicioso. *Eu aguento até enricar*, José Manoel, Souza (PB).

- Trabalhador. *Não sou homem de carinho, gosto do pesado*, José Moreira, João Pessoa (PB).
- Malandro. *Eu vim por safadeza e animação*, Milton Dias, Juazeiro (CE).
- Magoado. *A ferida sara, mas a dor fica*, Francisco de Almeida, Fortaleza (CE).

Outras categorias, com respectivos cânticos: Delirantes; Moderados; Românticos; Aventureiros; Trabalhadores; Líricos; Fatalistas; Desiludidos; Valentes; Patriarcais e dezenas de outros. Trata-se, já se vê, de uma visão multifocal, réplicas das duplas de Sérgio Buarque de Holanda ("Trabalhadores e aventureiros"); Nietzsche ("Apolíneos e Dionisíacos"); ou Umberto Eco ("Apocalípticos e Integrados").

A exposição acima torna-se, no texto de Samuel, mais ampla e mais aplicada ao universo que o rodeava. Nesse texto, o autor revela-se, por vezes, como leitor de Guimarães Rosa no registro escrito da linguagem dos "cearenses": gosta de colocar um aventureiro junto de um agricultor. O agricultor diz: "Sou perdido pelo mato. Gosto do mato grosso, do trançado. Só me ajeito com os bichos".

Fixemo-nos aqui na associação, em seus estudos, do desmatamento com a pecuária na Amazônia. Essa interação negativa, hoje corrente na literatura ambiental, já era notada por ele em 1970. É interessante observar que Samuel via, de forma indulgente, e com razão, o desmate moderado, naquele tempo, de pequenos sitiantes que acomodavam mínimos rebanhos e cuidavam de uma lavoura de subsistência. Lembra ele os rudimentares instrumentos agrícolas como serras de mão e machados. O fogo limitava-se ao varzeado, que é sabidamente mais fértil e de fácil recomposição. Samuel não mede

palavras para condenar os grandes exploradores da mata ou mesmos os supostos "agentes do progresso" em 1973:

> O problema da devastação da floresta pelo desmatamento indiscriminado, que constitui manchete nos dias de hoje e preocupação dos cientistas e ecólogos amazônidas e brasileiros, com repercussão universal, é um subproduto recente, resultante da abertura dos eixos rodoviários que favoreceram a entrada na Amazônia dos expedicionários desmatadores de outras áreas, agora armados com o arsenal moderno de destruição maciça, com os novos instrumentos mecânicos da motosserra, os agentes químicos desfolhantes e o uso de força física e térmica do fogo para o desmatamento florestal, a serviço do capim, do megaboi e do novo latifundiário-fazendeiro. (Benchimol, 2010, p.633)

Ele reitera, em vários trechos, os efeitos nefastos dos incentivos fiscais do sistema 751/69, que resultara na invasão da Amazônia por ambiciosos projetos empresariais e pecuários do Sudeste. Ressalta o papel devastador das grandes *fazendas* que se aproveitaram do baixo preço das terras e do baixo custo das operações com recursos dedutíveis do Imposto de Renda:

> Não se fez, naquela altura, nenhuma salvaguarda ecológica; fez-se contrariamente o desmatamento florestal intensivo e não discriminado, até que o problema fosse suscitado e as grandes clareiras abertas pelo fogo viessem a ser detectadas pelos satélites artificiais. (Benchimol, 2010, p. 840)

É importante assinalar que, ao referir-se a estas ações, Samuel, que anteriormente saudara o surgimento da Transamazônica e outras empreitadas do governo militar, inclui essa monumental via rodoviária entre os empreendimentos propiciadores do desmatamento. É uma das contradições que ele próprio, honestamente, assinala em um dos prefácios já referidos.

Os invasores, ignorando a ambiência amazônica, argumenta Samuel, se apropriaram de extensas áreas adquirindo "posses", recebendo "doações" a preços simbólicos e até expulsando posseiros

pela violência. Isso a despeito da Funai e do Incra, que se mostraram impotentes para deter a escalada. Ele registra o empenho de ambientalistas e cientistas que sensibilizaram a Sudam para negar a aprovação a novos projetos nesta linha devastadora. Já era tarde, porém, para impedir a consolidação das práticas invasivas.

O nosso homenageado se ocupa criticamente do que chamou "a ameaça do megaboi". Apresentando-se falsamente como prática de sadia colonização regional, no dizer do então Ministério da Agricultura, o grande pecuarista pretendia dar ao gado o tratamento empresarial de escala semelhante aos projetos industriais ou hidrelétricos. O seu diagnóstico é válido ainda hoje:

> A grande pecuária, de base internacional ou capitalista nacional, constitui um grande risco pois ela pode significar simplesmente um movimento puramente especulativo de base fundiária, eis que inexiste estrutura de suporte administrativo, logístico, tecnológico, infraestrutural, para conversão da floresta em campos de pastagens, aquilo que se vai queimar vale mais do que aquilo que se pretende, aleatoriamente, criar ou cultivar, face à incerteza dos resultados. (Benchimol, 2010, p. 1027)

A expressão "megaboi", cunhada por Samuel em artigo publicado no jornal *O Estado S.Paulo*, em 4 de setembro de 1974, e reproduzida no livro já mencionado, refere-se criticamente à ocupação de grandes extensões da Amazônia por uma pecuária notoriamente predatória. Este alerta foi emitido, portanto, há quase meio século e vem ecoando sistematicamente no discurso ambientalista, mas ainda sem solução definitiva. Houve, no período 2003 a 2014, um declínio significativo no abusivo uso do solo, mas depois retomado com ímpeto. Alcançou o seu auge entre 2019 e 2022.

Curiosamente, o ponto nocivo de inflexão neste assalto à biodiversidade foi chamado por seus autores – os governantes de então – de "boiada", mostrando similitude com o "megaboi" criticado por

Benchimol. A tal "boiada" era formada por centenas de decretos e normas facilitadoras do desmate e das queimadas. Espera-se que o Ministério do Meio Ambiente, agora sob nova direção e com o apoio do Fundo Amazônia, revogue a legislação predatória e retome os deveres assumidos pelo Brasil no Acordo de Paris.

A empresa agrícola ou pecuária na Amazônia, em sua visão, teria que adotar modelo mais modesto, evoluindo gradualmente até que os cientistas da região pudessem adequar a agricultura a práticas novas e sustentáveis. Ele condena, enfaticamente, a ação pantaneira do Mato Grosso, segundo a qual "o boi é que cria o fazendeiro". Lembrando que se opôs no passado à "planetarização da Amazônia", Samuel diz que naquele momento, a operação "megaboi" representava um perigo ainda maior.

A voz de Samuel Benchimol e demais pensadores (poucos em seu tempo) não foi ouvida. A realidade, hoje, confirma todas as suas previsões. Entre estudiosos e ambientalistas já ficou claro que passa de 70% o volume de árvores tombadas para dar lugar à pastagem de gado. Dados obtidos pelo satélite Prodes[84] do Inpe, difundidos pela Agência Fapesp (SP), mostram que a Amazônia perdeu 11.568 km² em áreas desmatadas no período 2021 e 2022. Nos cálculos referentes ao período 2019 a 2022, adquiriu magnitude a ostensiva fragilização dos órgãos de controle do desmatamento.

Pecuaristas quase sempre se apossam de terras públicas a custo zero ou as compram de particulares locais a preços mínimos. Já se disse que um pecuarista pode vender um hectare no Sudeste para adquirir dez hectares na Amazônia. Seus negócios ali são menos onerosos do

---

[84] Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal.

que em qualquer outra região do país. Terras gratuitas ou sequer arrendadas ou baratíssimas rebaixam o preço da carne em todo o mercado interno e garantem lucro certo, em qualquer hipótese, aos numerosos frigoríficos locais.

Dos milhões de hectares desmatados no território amazônico, a pecuária ocupa 90%. Racionalmente, não há por que desmatar para criar gado. Este é, claramente, um dos problemas na gestão do uso do solo que é ocupado majoritariamente pelo governo. Problema, como já foi dito, agravado pelo financiamento ofertado aos pecuaristas por fonte oficial de crédito.

Quando, algum dia, essas práticas forem abolidas por um governo efetivamente empenhado na substituição, em definitivo, da pecuária extensiva por outra de natureza intensiva em todos os pastos existentes, as teses de Samuel Benchimol serão lembradas por seu conteúdo corajoso e sábio. Soaram, nos anos 1970, como sinais de alerta, infelizmente ignorados.

Quando se lê os escritos de Benchimol adquire-se uma acurada visão de mundo e valiosas lições de vida. São frases soltas que se unem e se ofertam ao leitor para guiá-lo na vida prática, nas relações de convívio ou de trabalho. Faz-se aqui o excerto de alguns achados para quem tiver os olhos postos neste breve artigo:

- "(...) quando se comete um erro, quanto mais cedo você providenciar a sua correção, essa venda, mesmo com perdas, constitui lucro, pois você deixou de perder mais no futuro". (Benchimol, 1993). Recomendação de Samuel Benchimol repetindo o conselho que ouvira de seu pai: o primeiro prejuízo é lucro.
- "Foram anos de luta, de pobreza, de miséria e de doença, anos que trouxeram para ele (meu pai) e para todos nós as marcas

indeléveis da penúria" (Benchimol, 2010). A infância de Samuel Benchimol quando a ruína da borracha se acelerou na Amazônia.

- "Não conheço gente mais inteligente e perspicaz. Entendem as coisas de longe, aprendem as coisas depressa. Uma capacidade de observação fora do comum, com excepcional senso de humor. Uma linguagem forte, imaginosa, precisa. Às vezes basta uma frase sua para iluminar uma tese. Definem admiravelmente o que querem: 'O sertão está seco que nem língua de papagaio'; 'passei fome que nem cachorro amarrado', 'o meu Ceará está todo emborcado: seu destino é crescer como rabo de cavalo, olhando sempre para o chão'". (Benchimol, 2010). Sobre a migração dos nordestinos em direção à Amazônia.

- "Se a Diretoria adotar uma política íntegra de cumprimento de suas obrigações tributárias pagando as suas taxas, impostos e contribuições em dia e exigindo o registro de todas as operações de venda. [...] A verdade é sempre a melhor defesa. Se a soubermos utilizar, mesmo em situações difíceis, ela trabalhará a nosso favor. Com a verdade você ganha confiança de seu empregado, colega, amigo, fornecedor, banqueiro, autoridades e até do implacável cobrador de impostos. A mentira ou a falsidade tem perna curta. Ela pode ser expediente que pode trazer benefício ou alívio passageiro, mas a médio e longo prazo ela será descoberta, você vai perder inteiramente o crédito, a confiança, a amizade o respeito e até a benevolência do juiz" (Benchimol, 1993). Carta-testemunho de Samuel Benchimol aos seus filhos, sócios e diretores da organização, resumindo a sabedoria acumulada.

- "Lembre-se sempre, no caso de empresa familiar, que o melhor sócio pode, ainda, ser seu irmão, filho, filha ou parente habilitado, competente e leal" (Benchimol, 1993). Elogiando negócios em família.

- "Um cão com três donos morre de fome." Advertindo sobre os perigos que cercam a empresa familiar.
- "Ele foi bem-preparado para essa função, através de sua vida acadêmica nas universidades americanas e, depois, ao adquirir experiência e vivência do quotidiano de empresa, além de possuir visão estratégica do futuro da empresa" (Benchimol, 1993). Razões de *Samuel* Benchimol ao indicar seu filho Jaime como seu sucessor na presidência das empresas.
- "As décadas de muita luta, sofrimento, pobreza, mas sempre fiéis à terra e à família [razão pela qual] trazemos na alma o amor à Amazônia e a ela temos proporcionado o melhor de nossos esforços. [...] Tudo o que foi dito e lembrado representa um grande desafio e espero que os nossos sucessores venham a enfrentar e vencer com galhardia, integridade, dedicação e coragem. Os fundadores da organização, Israel, Saul e eu, temos a certeza de que cada um cumprirá com sua missão e continuará a nossa obra. Sede, pois, felizes nessa nova empreitada" (Benchimol, 1993). Final da carta-testamento de Samuel Benchimol, relembrando os princípios familiares que guiaram seus avós quando imigraram para a Amazônia em 1850.

A observação de Benchimol sobre a linguagem de seus entrevistados ("forte, imaginosa, precisa") mostra a empatia do pesquisador e uma generosa noção de alteridade no trato com a diáspora nordestina. O encanto declarado com a fala dos migrantes denota, sobretudo, uma sensibilidade tão notável quanto os saberes que o acadêmico acumulou. O trabalho resultante desta simbiose de opostos sociais, para além de simples inquérito sobre expectativas e frustrações de uma chegança na Amazônia, reflete o encontro fraterno de duas inteligências: a primeira, erudita e solidária; a segunda, inculta e expressiva; e ambas, portadoras de uma força comum de brasilidade.

Os demais textos acima foram extraídos, em sua maioria, de escrito de Samuel que chamamos aqui de "O testamento de um empresário". Tomemos o seu conteúdo como aconselhamentos a futuros empreendedores e com o destaque requerido. Cabe, porém, acrescentar a esses destaques algumas considerações.

Elaborado com o propósito inicial de uma divulgação limitada a familiares, funcionários e amigos, sem preocupação de imagem pública, torna-se tanto mais precioso por sua sinceridade. O documento aborda uma variada gama de questões da vida comercial. Dá uma importância especial às questões fiscais, na teoria e na prática, incluindo as suas implicações éticas e concluindo que a verdade é sempre a melhor defesa. Também encarece a necessidade de se investir numa contabilidade perfeita, alerta contra o perigo de sociedades com estranhos, defende as boas relações com a comunidade, analisa a reação adequada diante de uma compra malfeita ou de um prejuízo inesperado e discute as relações entre irmãos e parentes, executivos e acionistas, e o momento da sucessão.

Cada um desses itens é valorizado por histórias reais, acontecidas com ele mesmo ou das quais teve conhecimento direto. Referindo-se aos impostos, por exemplo, recorda incidentes tais como uma tentativa de extorsão ocorrida em uma de suas filiais. Ao ver recusado um pedido de propina, "um fiscal maluco lavrou um auto milionário e imaginário", que só foi anulado depois de quase um ano de batalha jurídica. Outra multa foi aplicada contra a Bemol por não ter emitido nota fiscal de transferência de uma partida de leite em pó entre o porão da Matriz para a Loja Mercado, algo totalmente desnecessário, pois havia uma passagem interna. Ainda assim, a multa foi reduzida, mas não anulada. Uma diferença de peso (menos de 1%), devida à má tecnologia de um fabricante, originou outro processo no qual a Bemol

só obteve ganho de causa depois de gastar US$ 20.000,00 com advogados.

O que fazer diante de tais dificuldades, que parecem penalizar bons contribuintes como a Bemol e favorecer os maus, premiados pelos conchavos e pela impunidade? Samuel Benchimol lista várias abordagens comuns no seu tempo, algumas inteiramente à margem da lei, como suspender a fiscalização antes do ato de infração ou paralisar o processo através de contatos políticos ou acertos pecuniários com os fiscais. Recorda, ainda, outra abordagem mais pragmática: pagar a multa imediatamente, mesmo se injusta, aproveitando o desconto. A esse propósito, cita o barão Rothschild: *cut short your losses and let your profits run*[85]. Mas alerta sobre os perigos dessa atitude quando há acusações de dolo ou sonegação, pois, o pagamento poderá ser tomado como confissão de culpa. Nesses casos, seria melhor a abordagem jurídica, por meio de um bom advogado, abordagem essa recomendável mesmo em casos de outra ordem, desde que se tenham boas razões amparadas na jurisdição e em provas documentais.

Melhor do que qualquer uma dessas abordagens, na opinião de Benchimol, é a ação preventiva, evitando cometer erros e infrações fiscais, através de supervisão da contabilidade e das declarações de imposto de renda auditadas periodicamente. Naturalmente, isso só será possível com um bom contador e auditor. Ele encarece a importância de profissionais capazes de guiar a organização pela selva das leis fiscais federais, estaduais e municipais, e a necessidade de sua constante atualização em cursos e seminários.

Como conselho de ordem geral aos contadores, ele cita a opinião de seu próprio pai, defendendo um conceito válido desde que

---

[85] Corte rapidamente suas perdas e deixe fluir seus lucros.

os contadores se chamavam guarda-livros: a contabilidade deve refletir o patrimônio e as operações da empresa, pois, uma vez obedecido esse princípio, qualquer infração poderia ser defendida. A partir de um balanço fiel, as multas acessórias, se houver, serão de pequena monta.

Estas questões ordinárias na vida empresarial tornam as recomendações de Benchimol ainda mais concretas. Há, em cada frase enunciada, o calor humano que faltaria a um discurso técnico e rebuscado sobre a conduta de um líder corporativo no exercício de suas funções. Não é o gestor de pessoas e negócios que fala, é o homem em sua condição real, sem os acréscimos da fortuna e da posição social. Estas palavras vão ficar aqui expostas aos olhos da posteridade como reflexos de uma vida significativa, dedicada ao trabalho e sensível às dores e alegrias do cotidiano.

Um grande empresário pode ser também um grande intelectual. A capacidade de entender o mundo por meio de abstrações, característica do intelectual, não exclui, obrigatoriamente, a visão prática e voltada para a ação, marca do empresário. Ambas podem conviver harmonicamente na mesma personalidade. Na tradição de Roberto Simonsen, Samuel Isaac Benchimol é um exemplo perfeito. Autor de uma centena de ensaios, teses, livros e artigos, era professor emérito da Universidade do Amazonas onde lecionou durante mais de 50 anos e criou a cadeira de Iniciação à Amazônia. Mas foi, também, o fundador de sólido grupo que inclui empresas voltadas para o comércio exterior e distribuição de gás de cozinha até lojas de departamento.

Nas empresas de hoje o planejamento estratégico, as pesquisas de mercado e o estabelecimento de metas amarram executivos aos processos e à busca de resultados. Antes, prevaleciam, além da intuição, o faro para boas oportunidades, a consulta aos botões e travesseiros. Cada negócio novo era uma grande aventura pessoal, onde contavam, em doses iguais, a ousadia e a inteligência. Isso não

quer dizer que atualmente a capacidade mental seja substituída pela racionalidade. Samuel Benchimol tinha uma personalidade marcante, não se dissolvia como se fosse mais um na multidão. Mais do que isso: ele pertencia à raça dos que, um século depois de nascidos, chegaram à posteridade. Mas o empreendedor, no fundo, é sempre o mesmo. No centro de um ou de outro contexto histórico estão a garra individual e o desejo de prosperar.

Esta é, também, uma história milenar. O fenômeno do empreendedorismo, ainda sem este nome, surgiu na cultura pré-literária quando não havia sequer linguagem escrita. O vocábulo, hoje corrente em nosso idioma, até recentemente não tinha sido incorporado pelos gramáticos. Dicionários, embora repletos de gírias chulas, não faziam o seu registro. Computadores, talvez a sua descoberta mais revolucionária, proibiam o seu nome grifando-o com uma linha vermelha. Mas, o empreendedorismo, com esta ou qualquer outra denominação, existiu sempre. O homem neolítico intuiu que poderia fazer fogo pelo atrito das pedras, inventou as primeiras embarcações, construiu casas de barro e madeira, criou a arte de fiar e tecer o pano. Já no final do período veio a descobrir as possibilidades do metal.

Os séculos marcharam, vieram o que se chamou de civilizações, tidas apenas como obras coletivas, mas que trouxeram no seu bojo incontáveis feitos individuais. A revolução agrícola e a revolução industrial, assim como este nosso tempo ainda em busca de uma definição, tiveram seus artífices desconhecidos jamais anotados. Em terras do Novo Mundo, obscurecidos por figuras de políticos, eclesiásticos e soldados, quantos empreendedores ficaram para sempre anônimos? No Brasil, que apenas completou meio milênio e duas décadas de vida institucional, também surgiram modelos para as novas gerações. Aqui deixamos uma contribuição para que a poeira dos

arquivos não sepulte esta memória tão útil para fixar o conceito de que não há sucesso duradouro sem trabalho. Esta homenagem a Samuel Benchimol alcança, também, os seus pares contemporâneos em disposição para os desafios que se apresentaram em sua trajetória como empresários inovadores.

Dizem os estudiosos da mente humana que o trabalho e o amor são as duas únicas coisas que contam na vida. Se assim é, podemos deduzir que o empreendedorismo reúne os dois fatores. Para o empreendedor, o trabalho é quase um ato amoroso a julgarmos pelas energias no envolvimento do homem com o seu projeto. É isso que faz a diferença entre um empreendedor e um cumpridor de rotinas.

O espaço do empreendedorismo, com estes elementos afetivos, é infinito na vida universal. Mesmo numa economia cada vez mais complexa e ativada por meios tecnológicos de informação, as grandes decisões ainda partem de mentes humanas. E, neste processo, torna-se indispensável a lição do exemplo histórico. É verdade que já se proclamou o "fim da história" com a mesma pressa que se apontou para o "fim de Deus", o "fim das artes" ou o "fim da utopia". Não faltaram vozes fortes neste coral de ceticismo. Mas a história segue o seu curso, mesmo em ziguezague, e com as surpresas do imponderável.

Parodiando Jorge Luis Borges, digamos que a maioria da humanidade nasceu para o anonimato. Os medíocres, principalmente, chegam bem antes ao limbo do esquecimento. São raros os nomes que se fixam na memória coletiva. No Brasil, Samuel Benchimol faz parte dessa minoria cultuada, merecidamente, nas páginas da história social. Temos certeza, hoje, de que a posteridade alongará mais ainda sua presença no mundo visível. O professor que sempre foi ampliará o número de discípulos pela difusão de seus ensinamentos. O empreendedor terá sempre uma outra vida na perenidade do seu legado. E cada árvore preservada na Amazônia representará uma

reverência grata pelo muito que ele contribuiu para a causa, hoje planetária, da sustentabilidade ambiental.

A suas ideias e palavras em defesa da natureza animaram uma época. Ainda hoje devem ser lembradas, jamais tidas como obsoletas ou primevas. O nome de Samuel Benchimol atravessará os séculos porque ele soube liderar pelo exemplo em tudo o que fez. E por ser, acima de tudo, um grande pensador da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. 2. ed. Manaus: EDUA, 2010. 55-56, 633, 840 e 1027 p. ISBN 857401537-7.

BENCHIMOL, Samuel. **Grupo Empresarial Bemol-Fogás**: lembranças e lições de vida. Manaus: Edição reprográfica, 1993.

CONSTANTINO, Luciana. **Degradação provocada por humanos afeta 38% da Amazônia, aponta estudo**. Agência Fapesp, 2023. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/degradacao-provocada-por-humanos-afeta-38-da-amazonia-aponta-estudo/40568/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MARCOVITCH, Jacques. **A gestão da Amazônia**: ações empresariais, políticas públicas, estudos e propostas. São Paulo: Edusp, 2011.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros & empreendedores**: a saga do desenvolvimento no Brasil. vol. 2. São Paulo: Edusp/Saraiva, 2005.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros & empreendedores**: a saga do desenvolvimento no Brasil. vol. 3. São Paulo: Edusp/Saraiva, 2007.

NETO, Lira . **Arrancados da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

# Capitulo 6

# 6. O SEGUNDO CENTENÁRIO DO LEGADO DE SAMUEL BENCHIMOL

*Denis Benchimol Minev e Samuel Minev Benzecry*

Esse é um texto pessoal de um neto e um bisneto de Samuel Benchimol. Somos dois amazônidas, duas e três gerações depois, cujas vidas continuam profundamente influenciadas por Samuel.

No judaísmo, existem muitos tipos de vida após a morte. Há três indiscutíveis, três que nós (Denis e Samuel) juntos personificamos e buscaremos estender até onde o horizonte das nossas vidas nos permitir ir e transmitir para as próximas gerações. Se depender de nós, o legado de Samuel Benchimol chegará ao século XXII na Amazônia, vivo e vibrante.

A primeira forma de vida após a morte é por meio da nossa genética, dos pais aos filhos. Denis casou-se com uma verdadeira amazônida também, Luciana, ¼ indígena munduruku ou saterê-mawé, e tem dois filhos cuja educação já é focada em abraçar as maravilhas amazônicas – do tambaqui ao tucupi, da farinha ao jambu. Do banho de rio à pesca. Samuel desde pequeno estuda a Amazônia – ainda pequeno escreveu um livro sobre o Monte Roraima (que visitou posteriormente). Depois estudou fungos regionais no INPA, item que impulsionou sua candidatura de sucesso a Stanford (onde ele, em 2023, está em seu segundo ano). Em 2022, ele lançou com um amigo um teclado que permite que inúmeras línguas indígenas possam utilizar seus caracteres na escrita no celular (Linklado, confira!). Já nos estudos está buscando maior conhecimento que seja útil na Amazônia da segunda metade do século XXI.

A segunda forma de vida após a morte é por meio das obras. Samuel deixou obras e instituições vivas e duradouras. Denis trabalha

hoje na Bemol, empresa que ele e os irmãos criaram em 13 de agosto de 1942, aos seus 19 anos recém completados. Ainda criou a Fogás em 1956, empreendeu em muitas construções, prédios em Manaus, principalmente. Junto à comunidade judaica, foi presidente do Comitê Israelita do Amazonas por muitos anos, doando desde o terreno para a construção do Clube Hebraica até para o novo cemitério. Durante sua vida, foi parte da construção de muitas outras instituições: foi co-fundador do Banco do Estado do Amazonas, diretor da Refinaria de Manaus e professor emérito da UFAM. Dentre sua obra, a contribuição talvez mais importante foi a formação de milhares de cidadãos, dos quais os melhores são os conhecidos cobras e buiuçus. Até hoje somos frequentemente interpelados por cidadãos orgulhosos afirmando "*eu sou buiuçu do seu avô*". É uma exigência de respeito à qual continuamos a nos curvar – um pouco de Samuel está naqueles lábios. Samuel empurrou durante sua vida o mundo para a frente e muitos dos seus empurrões foram tão fortes que continuaram, com inércia, gerações mais tarde.

Mais forte do que as obras, Samuel deixou ideias. Essa é a terceira forma de vida após a morte. Em mais de 100 livros e artigos, Samuel deixou um legado de conhecimento profundo da região, estimulando o debate sobre a Amazônia como talvez nenhum outro autor tenha conseguido. Suas ideias continuam vivas e impactando o mundo hoje. A sua perenidade e profundidade fará com que permaneçam relevantes até o século XXII – Denis e Samuel, e seus descendentes, ajudarão a mantê-las vivas até lá.

Como homenagem póstuma, foi estabelecido o Prêmio Prof. Samuel Benchimol, anual, que faz com que centenas de pessoas mundo afora parem para refletir como contribuir aos diversos aspectos da Amazônia. Cremos que poucas homenagens são tão adequadas ao

homenageado e temos certeza de que nosso avô/bisavô sorri orgulhoso a cada vez que um grupo de pretendentes ao prêmio se reúne para debater os ainda imensos desafios da região.

No nosso caso, há ideias e emoções transmitidas. Ideias infusionadas de emoção. Samuel Benchimol era um apaixonado pela Amazônia – mas seu amor verdadeiro era o amazônida. A prosperidade dos povos da Amazônia, imigrantes ou indígenas, sempre foi seu principal objetivo de vida. Nos muitos estudos das diversas correntes migratórias, iniciados pelos cearenses, ecoa um inconformismo com a condição humana na Amazônia. Cem anos após seu nascimento, infelizmente, ainda fazemos jus, como região, a este inconformismo. Ele nos move mais de 20 anos após sua morte. Ele nos moverá durante todas as nossas vidas.

A combinação do DNA marroquino de Samuel Benchimol, em conjunto com as obras e instituições que ele criou e ajudou a construir e perenizar, os alunos a quem lecionou e contribuiu para formar cidadãos, em conjunto com as ideias e emoções amazônicas transmitidas, farão com que o legado dele sobreviva mais 100 anos. É nossa missão e faremos com que se torne verdade.

# Capítulo 7

# 7. SAMUEL BENCHIMOL E OS JUDEUS NA AMAZÔNIA

*Elson Farias*

## O INTELECTUAL E EMPRESÁRIO

O legado literário de Samuel Benchimol constitui uma obra realizada em mais de 100 livros, a maior parte relacionada com os motivos da Amazônia. Há momentos em que pratica a poesia na linha dos antigos trovadores hebreus e, noutros, aproximando-se dos contemporâneos como Bialik (1873-1938) ou Cohen (1881-1961), ambos de origem russa e radicados em Israel. Benchimol era um autêntico poeta em sua visão de mundo, embora não fosse um poeta contumaz, como o classificaria Manuel Bandeira (1886-1968) ao chamar de bissexto aquele "poeta que só entra em estado de graça de raro em raro"[86]. Benchimol constitui alta descendência da geração dos judeus sefaraditas de Manaus, fundamento dos marroquino-brasileiros vindos para a Amazônia em 1820, há mais de 200 anos.

Uma das linhas de sua visão poética estava na atmosfera de bom humor criada em passagens de sua vida, como nesse passo em sala de aula no tempo de professor da Faculdade de Direito do Amazonas. Ele criou a *Ordem dos Cobras e dos Cobrões* para jogar com a concorrência dos seus alunos, no intuito de estimular um melhor aproveitamento no aprendizado. Um "Cobra" era aquele que respondia à designação das várias índoles dessa criatura ardilosa, uma pessoa muito capaz. "Cobras", enfim, para o Prof. Benchimol, eram todos os

[86] Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos, 2ª. Edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1964.

seus alunos chegados ali após a aprovação no vestibular. Os mais destacados durante o curso eram considerados "Cobrões" ou "Buiuçus". Os "Buiuçus" eram associados à cobra-grande, entidade popular do imaginário amazônico, detentora de um poder mítico extraordinário. Por fim, os seus alunos "Buiuçus", devidamente bacharelados, distinguiram-se na linha de frente da vida pública do Amazonas como advogados, empresários, professores e políticos.

Na prática do poema, parecia compor versos em momentos raros e nos intervalos de um e outro ensaio de interpretação da realidade amazônica, na linguagem moderna do verso livre, mas sempre fundada em densa inspiração como está nos seguintes poemas:

*Os pássaros viris levaram*
*Para as pétalas das flores*
*O pólen germinal da fecundação.*

*Os ventos maus e tempestuosos*
*Dispersaram do gineceu*
*O sêmen e a semente do frustrado fruto.*

E em

*Sol poente, lua minguante*
*e o novo amor quase morrendo*
*à espera de uma nova estrela.*

Distinguiu-se como professor e empresário numa síntese característica do povo judeu, que é considerado uma gente de intelectuais e de comerciantes, tendo criado, ainda adolescente com os irmãos em Manaus, a rede de lojas Bemol e, em seguida, a distribuidora de gás para cozinha denominada Fogás. Nesse ponto se aproxima do perfil dos intelectuais brasileiros, trabalhadores das letras e de

empreendimentos comerciais, como o poeta e empresário Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), o cantor de Desaparição da Amada e criador da cadeia de supermercados Disco no Rio de Janeiro.

Exercia liderança efetiva entre os judeus de Manaus e a classe empresarial. Escrevia os seus livros entre uma e outra decisão de negócios. Sua atividade intelectual, no entanto, resultou numa obra que o coroou com o título de Professor Emérito da Universidade do Amazonas. Dava a impressão de não deixar ociosa a imaginação criadora em nenhum momento, tal como na ideia de definição dos estados amazônicos.

A organização política da Amazônia teve seu início mais próximo com a instalação da Capitania do Grão-Pará e do Rio Negro, em 1621. Mais tarde, o projeto concluiu-se após muitos momentos de afirmação de sua autonomia, com a criação dos estados do Pará e do Amazonas, na República. Samuel Benchimol desenvolveu um conjunto de ideias, que suscitou a tese de que o desenvolvimento efetivo da região devia ser feito por meio de uma nova concepção política na criação dos estados amazônicos. Desse modo, se poderia conferir à região maior poder de barganha no processo de ocupação, visto essa medida atribuir mais expressiva representatividade no Congresso Nacional com uma boa maioria na Câmara dos Deputados e no Senado. A criação dos estados do Amapá (1943), do Acre (1962), de Rondônia (1981) e de Roraima (1988) era a ideia que, aos poucos, se concretizava, mas havia a necessidade de ampliar essa política de divisão territorial como resposta, ainda, à vocação socioeconômica das diversas sub-regiões da hinterlândia marcadas por individualidade própria, inclusive, de seus fatores geográficos.

Ainda no terreno de questões gerais, propôs, na esfera das relações das classes conservadoras com o poder público, em reunião da

Associação Comercial do Amazonas, uma política fiscal por ele denominada de *negotia bonae fidei,* expressão latina para designar os *negócios de boa-fé* que seriam firmados entre o contribuinte e o tesouro estadual, num sistema que funcionaria com a projeção da média de faturamento anual da empresa. Sobre esse montante de negócios, se convencionaria o valor anual fixo da contribuição a ser tributada. A norma funcionaria com a consignação das empresas que aderissem ao preceito, e viria para beneficiar as duas partes porque permitiria ao contribuinte um melhor controle no fluxo de caixa da empresa e maior segurança na projeção da receita orçamentária do Estado. Mas, finalmente, a ideia não vingou. Porém, ficou registrada nos anais da Casa para futuras avaliações.

São dados das distintas áreas de interesse de Samuel Benchimol que, sem dúvida, serão tratados por outros colaboradores desta obra e que apresento, na introdução do meu artigo, para lembrar o quanto a sua imaginação criadora repercutia nas várias correntes de pensamento e ação, desde a própria especialidade como cientista social a temas de literatura, formulação de políticas de Estado e de atividades empresariais.

Escolhi, para a minha participação nessa homenagem, fazer uma leitura de sua obra máxima[87] em que estuda a influência das várias correntes migratórias na formação do amazônida, desde os índios e caboclos, aos portugueses e espanhóis, os judeus, os afros, os ingleses, o sírio-libanês, o norte-americano, os italianos, os japoneses e a intensa movimentação interna representada, principalmente, pelos nordestinos que ele nomeava como "os cearenses".

Este artigo é sobre a saga do povo judeu, em que me detenho em dois aspectos da questão, uma síntese da história desse povo no

---

[87] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. Manaus: Valer, 1999.

mundo moderno e a sua influência na formação do homem da Amazônia, temas exaustivamente tratados por Samuel Benchimol nesse livro que é, enfim, uma súmula do seu pensamento nos domínios da sociologia.

## O MARTÍRIO DA SADIKÁ SOLICA

A saga do judeu sefaradita marroquino, origem da maior parte dos judeus migrados para a Amazônia, pode ser simbolizada pela história da jovem Solica. É um episódio cruel, referido na parte do livro intitulada *Os Judeus na Amazônia*, em que Benchimol analisa a situação vivida em Portugal e Espanha, a passagem por Marrocos e a chegada ao Brasil, na soma do tempo de um milênio, neste caso, os que se fixaram na região.

*Os Judeus na Amazônia* é uma das partes mais longas do livro. Das 480 páginas do volume, 158 são dedicadas à questão judaica, por volta de 30%, considerando-se que a obra envolve 13 itens temáticos sobre as várias correntes migratórias formadoras da sociedade amazônica, sem contar com as 31 páginas reservadas ao índice, prefácio, introdução, bibliografia, referências à documentação oral, relação dos seus trabalhos publicados e o *curriculum vitae*.

O Prof. Samuel Benchimol ensina que o povo judeu possui um carisma secular em sua movimentação nômade pelo mundo. Quando chega a um lugar, é sinal de que esse ambiente está prestes a crescer em todos os ângulos e, mais forte ainda, nos segmentos da economia. Quando o povo judeu começa a sair da área, é sinal de que vem por aí um período de crise.

Não por coincidência a essa verificação, o professor informa que os primeiros judeus começaram a chegar à Amazônia a partir de 1764,

com o primeiro grupo instalado em Mazagão[88], município localizado no estado do Amapá. Mas, a maior parte chegou bem depois, entre 1810 e 1820, instalando-se nas capitais e no interior do Amazonas e do Pará. Nesse palco, se iria viver o ciclo da borracha, período de desenvolvimento econômico sucedido nos anos de 1880 a 1910. O mais expressivo dessa leva migratória chegava de Tânger, Fez e Marrakesh, além de tantas outras cidades e vilas marroquinas, em seguida ao período de muito sofrimento vivido em Portugal e Espanha após a nova diáspora que o dispersou por várias nações como a Holanda, o Egito, a Turquia, a Grécia, o norte da África e o Marrocos, em especial.

Samuel Benchimol descreve, com sentimento e cadência épica, essa fase de três séculos de história do seu povo. Eles foram para o Marrocos expulsos da Espanha e de Portugal.

No período que vai de 1810 a 1910, cerca de 1.000 famílias de imigrantes, tanto sefaraditas-marroquinos como de outros grupos judeus da Europa e do Oriente Médio, vieram fazer a Amazônia um pouco antes e durante o *boom* do ciclo da borracha (p. 225).

A expulsão do povo judeu de Portugal e Espanha encerrou um longo período de sofrimento, massacres, assassinatos e perversidades, somente comparáveis ao holocausto de Hitler durante o regime nazista, conforme afirma Benchimol. Foram tempos terríveis de perseguição que abrangia, principalmente, a censura às suas cerimônias religiosas. O povo sofreu prisões e a humilhação do trabalho escravo em Portugal.

---

[88] Mazagão foi uma antiga possessão portuguesa localizada no norte da África, entre os séculos XV e XVIII. Seu nome atual é El Jadida, perto de Casablanca, no Marrocos. Após a derrota dos portugueses o Marquês de Pombal determinou que os seus moradores fossem transferidos para a Amazônia, localizados em Nova Mazagão, conhecida como *a cidade que cruzou o oceano*.

Foi coagido a se converter ao catolicismo, momento em que ocorreu o fenômeno cultural do *cristão novo* em que, segundo o mito que não cabe dirimir neste trabalho, as famílias lusodescendentes passaram a adotar nomes de árvores, Oliveira, Figueira ou Carvalho e de animais, Carneiro, Lobo ou Falcão.

Foram homiziados em guetos, rigorosamente, fiscalizados e denominados juderias. Para sair dos limites desses confinamentos, precisava-se de autorização oficial. Só os médicos gozavam de maior privilégio visto a prática de a medicina ser uma atividade rara desde a antiguidade, exercida na tradição firmada pelo Antigo Testamento. No cristianismo, concebia-se a validade dos atos humanos na cura dos homens e mulheres, desde que se acreditasse que somente a Deus competia mexer nas reservas da vida. Só o criador podia interferir no bem-estar da criatura. Os profetas curavam e ressuscitavam as pessoas. Mas os judeus foram mais pragmáticos em seu exercício. A medicina, portanto, eleita como profissão pelos hebreus, conquistou sucesso nos seus resultados, concluindo por conferir prestígio aos médicos judeus. Eles podiam movimentar-se fora dos guetos, com alguma regalia, pelo simples motivo de serem requisitados pela clientela de fora. Ainda assim, tendo que experimentar muito esforço para conviver com aristocratas e eclesiásticos do mundo ibérico.

Durante a implantação dos cursos universitários na sociedade ocidental, os jovens judeus se interessavam pelos cursos de Medicina fazendo com que, nos séculos XII e XV, época em que foi criada a universidade na Europa, eles constituíssem número expressivo. A universidade mais antiga do mundo, no entanto, foi criada em Marrocos, em 859 d. C., mas a única faculdade que os jovens judeus podiam frequentar era a de Medicina. Por isso, nesse tempo, mais de um terço desses profissionais da saúde eram judeus.

A Faculdade de Medicina da Universidade de Pádua, na Itália, recebia a maior parte de jovens judeus nos seus cursos. Era uma universidade que se formara da dissidência de um grupo de professores da Universidade de Bolonha, a mais antiga da Europa, provocada pela orientação acadêmica que encurtava o sentido de liberdade de pensar e especular sobre os novos rumos do saber, muito caros à tradição do povo judeu. Era uma escola de orientação católica, mas aberta a todos.

A preferência da juventude hebraica aproximava-a desses cursos, ainda, porque a Medicina se ajustava à sapiência tradicional das práticas rabínicas e dos métodos esotéricos cabalísticos, aglutinadores dos ensinamentos relacionados com Deus, o Universo, o homem, a criação do mundo, a vida e a morte. Há de se admitir que o ritual da circuncisão, dirigida sempre por um rabino, é praticado numa pequena cirurgia. A cabala constitui mística fundamentada na revelação divina a Adão e a Moisés, tudo bem descrito e explicado no Pentateuco, os cinco primeiros livros bíblicos do Antigo Testamento[89], onde está a essência da cultura hebraica. O maior contingente vindo para a Amazônia era formado por judeus marroquinos. Diz Benchimol: "cinco mil anos depois os judeus-marroquinos, no início do século XIX, iriam repetir a história do êxodo bíblico em busca da *Eretz* Amazônia: a Nova Terra da Promissão" (p. 271).

Fatores determinantes marcaram a migração dos judeus marroquinos para a Amazônia. Eram anseios de melhoria nas questões econômicas, sociais, religiosas e educacionais que não mais satisfaziam a esse povo no lugar onde estavam. Havia, ainda, pontos de ordem política predominantes na ocasião, estabelecidos por regimes absolutistas, que restringiam os projetos de crescimento humano de

---

[89] Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

cada cidadão. A Amazônia surgia como a ideia de uma nova Canaã. Os judeus a conheciam por meio da leitura dos relatos de naturalistas e viajantes na região, aquele verdadeiro paraíso que lhes despertava o interesse num lugar para viver. Era estimulante a ideia de ali estar o celeiro do mundo. Em verdade, eles sonhavam em encontrar ali uma nova terra da promissão.

A maioria do povo judeu marroquino vivia em extrema pobreza, vítima de pestes avassaladoras e de acidentes eventuais dos incêndios em suas moradias incertas, de conjuntos plantados sem as menores condições de higiene, experimentando a epidemia de cólera e a fome. Quando saíram perseguidos de Portugal e Espanha, eles foram sem nada. Benchimol apoia-se em relatos fidedignos para averiguar essa verdade. Poucas famílias de judeus sefaraditas – isto é, herdeiros de judeus originários da Planície Ibérica que era conhecida pela denominação hebraica de Sefarad – conseguiram uma situação de vida razoável em Marrocos. Eram aquelas que moravam em Tetuan e Tânger, cidades situadas em frente ao mar Mediterrâneo e ao Atlântico.

Os judeus eram desrespeitados vivos ou mortos. Benchimol conta, sempre balizado em relatos seguros, que morava em Tânger um hebreu notável chamado Abraham Serruya que peticionou, e foi atendido pelo sultão, que mandassem construir um cemitério localizado mais perto de suas residências porque os cortejos fúnebres dos judeus eram apedrejados pelos moleques muçulmanos. Na sanha preconceituosa dos muçulmanos, eles foram alvo também da destruição dos seus templos.

As elites religiosas e políticas consideravam os judeus "filhos da maldição, deicidas *(*os que matam Deus*)*, párias e excluídos*"*, conforme observa Benchimol (p. 252). Esse modo de ver a questão era resultante

de um preconceito fundado na Idade Média em que os reis e o papa, os cardeais e os bispos formavam uma hierarquia monárquica, um grupo de autoridades instalado nessa classe de privilegiados e poderosos. Os judeus viam-se, assim, forçados à catequese cristã, coagidos a renunciar às suas crenças malvadas. Do processo resultaram os meio-judeus e os meio-cristãos conhecidos por *marranos*, palavra derivada de marrão que designa o pequeno porco ainda há pouco desmamado. A palavra, portanto, faz referência aos hábitos alimentares dos judeus que evitam o porco em sua dieta. Os marranos eram banidos "dos ofícios e das honras reais até o 14º grau de descendência" (p. 252).

A palavra "marrano" ficou, por fim, instalada no léxico da língua portuguesa e celebrizada pelo notável poeta português Teixeira de Pascoaes (1877-1952), no largo poema intitulado *Maranos*. Diz Benchimol: "na diáspora para o Marrocos, também de forma episódica ou constante, essa pressão se fazia sentir para que os judeus aceitassem a crença de Maomé e substituíssem a *Torah* pelo Alcorão, para torná-los *judid-al-islan* (mulçumano por fora e judeu por dentro) (p.252).

Havia casos de recusa a esse procedimento, que se transformavam em martírio. É o episódio registrado de uma jovem de 14 anos, bela e encantadora, chamada Sol Hachuel, da família Hatchwel vinda para Maués no Amazonas, que se converteu numa heroína envolvida por controvérsia religiosa e degolada em praça pública.

É uma história comovente. Solica, seu nome de agrado, era extremamente bela e disputada pelos jovens judeus desejosos em desposá-la. Brilhava como a luz do sol. Morava com a família no bairro aristocrático de Fuente Nova, na cidade de Tânger. Revelava aprimorada formação doméstica regida por cuidados da tradicional educação judaica.

De repente, foi envolvida por uma trama odienta. Possuía uma amiga vizinha de quem se tornara confidente. A amiga era muçulmana devota e divulgou, falsamente, que havia convertido Sol ao Islã. Isso porque um ato piedoso como esse – conseguir a conversão de mais um fiel – na comunidade islâmica, acarreta prestígio e benesses espirituais a quem o pratica.

Sol, no entanto, esclareceu à comunidade que nada mudara em seu comportamento religioso, que permanecia na fé hebraica, sendo, por isso, acusada de apostasia ao Islã. Aí começou o seu calvário. Montou-se um processo contra ela. Foi retirada dos cuidados dos pais e presa num calabouço comum. Pensem na dor dos afetuosos pais ao ver presa a própria filha!

O assunto chegou ao conhecimento do Sultão Muley Abderrahman, reinante em Fez, que a chamou à sua presença e, também, se encantou com ela. Hospedou-a em seu palácio, convocou os sábios da corte e determinou que ela fosse instruída no Islã. Ela dizia, no entanto, que "preferia a morte a mudar de religião" (p. 252). A questão demorava a ser decidida e o povo estava insatisfeito com a proteção do sultão a uma infiel. O monarca, então, decidiu devolvê-la aos seus julgadores.

Prosseguiu o demorado e rumoroso processo. Houve a interseção de amigas mulçumanas de Solica, que tentavam persuadi-la quanto à consequência do seu ato. Houve a ação de advogados, juízes, a intervenção real do sultão, mas a jovem dizia: "Nasci hebreia e hebreia hei de morrer" (p. 253).

Seus verdugos de toga decidiram que ela fosse decapitada em praça pública. No dia marcado para essa festa macabra, a praça ficou apinhada em delírio pela consumação daquele ato de "justiça". A

recomendação dos juízes foi a de que o carrasco devesse executar a sentença de morte numa lenta tortura, a fim de que desse tempo à sentenciada de renunciar a sua fé. O carrasco simulou vários golpes com a adaga sobre a cabeça de Sol para assustá-la, sob o grito e os aplausos do povo, e ela se mantinha impávida. O carrasco, então, suspendeu as belas tranças de Solica e, com o afiado cutelo, aplicou-lhe um leve corte no colo. O sangue escorreu. Como o carrasco não conseguia nada com esses arranhões de tortura, de um só golpe decepou o pescoço da jovem hebraica. Antes de morrer ela pronunciara a seguinte oração: "*Shema Israel, Adonai Elohenu, Adonai Ehad*[90]" (p. 253).

Sobre um mapa de sangue, o carrasco deixou cair ao chão o corpo e a cabeça de Solica. Os judeus encarregados do tratamento dos mortos enrolaram num lençol branco os despojos da bela jovem e os levaram para a juderia-gueto onde a memória daquela mártir haveria de receber as homenagens de sua gente. Para abrir caminho ao cortejo entre os árabes enfurecidos, "os judeus iam jogando moedas à direita e à esquerda" (p. 253) para acalmá-los. Eram moedas de ouro.

Foi enterrada no cemitério de Fez, ao lado da tumba do santo Eliyahu Hasserfat. O povo israelita passou a chamá-la *Solica, la Sadicá* (santa) e os muçulmanos de *Lalla Suleika* (a santa senhora Suleika). Sua vida e morte têm sido objeto de manifestações artísticas de exaltação memorial em músicas, poemas, artes plásticas e teatro em todo mundo. Sol Hachuel nasceu em Tânger, em 1820 e foi decapitada em Fez, em 1834.

---

[90] Ouve, Israel, Adonai é nosso Deus, Adonai é um só.

## LUZES DA ESPERANÇA

Benchimol conta que, nos séculos XVI e XVII, o Marrocos foi objeto de guerras e motins provocados por vários países cobiçosos do seu domínio político. Portugal envolveu-se com a batalha travada na cidade de Alcácer-Quibir onde se deu o desaparecimento do jovem rei de 24 anos Dom Sebastião, em que morreram, também, dois monarcas mulçumanos, daí conferindo-se ao evento o nome de Batalha dos Três Reis. O desastre político decorrente desse acontecimento repercutiu nos destinos da nação portuguesa, engendrando até o mito do sebastianismo, história que não cabe neste artigo.

O caso é que essa guerra deixou em desamparo muitos portugueses em Marrocos. Os judeus, então, ofereceram abrigo aos antigos patrícios, comemorando a data com a festa da salvação conhecida como o *purim de los cristianos*. Daí vieram os primeiros judeus marroquinos para o Brasil, fixando-se em Mazagão, episódio referido páginas acima, neste trabalho.

A relação dos judeus com os católicos também sempre foi conflituosa, desde os primeiros passos da consolidação do cristianismo no mundo. A partir do século XVI, com a instalação do Concílio de Trento, o mais longo da história da Igreja e realizado entre os anos de 1545 e 1563 sob a orientação de 6 papas, acentuaram-se os problemas da questão judaica definida, desde os primeiros tempos da Era Cristã, no Concílio de Jerusalém convocado no século I. Neste conclave debateu-se, entre outros pontos da doutrina, se os gentios, os não judeus, deveriam seguir as leis de Moisés, com a polêmica aberta sobre a prática da circuncisão.

Entre os muitos conclaves realizados a partir do Concílio de Jerusalém, o Concílio de Trento foi convocado para debater a situação

após o mais significativo cisma entre os cristãos, a Reforma Protestante, num movimento conhecido como contrarreforma. Nele se acentuou a divisão entre os luteranos e os cristãos ortodoxos, os católicos, tendência que repercutiu nas relações com os judeus e só dirimida, na modernidade, pelo Concílio Vaticano II sob a liderança do Papa João XXIII, em 1961. Esse concílio deliberou sobre a aproximação dos católicos com as igrejas cristãs ou não cristãs, incluído o judaísmo, numa atitude que o papa definiu com a expressão italiana de *aggionamento* que quer dizer, simplesmente, *atualização*. Foi a atualização da Igreja Católica em relação a outros credos, sob o abrigo da crença no mesmo Deus. As relações entre o judaísmo e o cristianismo foram, totalmente, dirimidas a partir desse momento definitivo ao seu bem-estar.

No âmbito das relações civis, as coisas passaram a melhorar desde 1860, quando se fundou, em Paris, a *Aliança Israelita Universal*, por iniciativa de um grupo de filantropos de várias nacionalidades constituído de empresários, educadores e artistas, com o objetivo de dar apoio moral e atender às necessidades dos judeus no mundo, defendendo-os da perseguição ao antissemitismo. O funcionamento da instituição se fazia por meio de ações diplomáticas, atos assistenciais a imigrantes e na prioridade da educação. Em 1867, foi criada, em Paris, a *Escola Normal Israelita Oriental*, destinada a formar professores aptos a atuar nos centros educacionais do mundo.

Logo essas escolas se multiplicaram por várias capitais da Europa, formando meninas e meninos judeus com um currículo orientado pelas disciplinas dedicadas às humanidades, com ênfase particular ao ensino de línguas, o francês, o inglês, o espanhol e o hebreu. As mulheres aprendiam corte e costura, trabalhos manuais e música. Foram formados profissionais nos setores de trabalho refinado.

Os líderes judeus vindos para a Amazônia prepararam-se nessas escolas.

No final do ciclo da borracha, após a volta aos seus países dos ingleses, dos franceses e dos alemães que foram, enfim, os operadores desse tempo de bonança, os judeus marroquino-brasileiros, na menção do Prof. Benchimol, assumiram de vez os lugares antes ocupados por esses executivos que estavam interessados apenas na produção da hévea. Os judeus tomaram a liderança da vida econômica e social das cidades de Manaus e Belém, na revitalização da atividade econômica fundada no extrativismo e outras atividades, como a de refino de petróleo conduzida pelo gênio de Isaac Sabbá (1907-1996).

O fato de dominarem o francês e o inglês, línguas oficiais da diplomacia e do comércio de então, credenciou-os a participar de congressos e exposições no Exterior, atraindo o zelo para os negócios na região no período determinado entre o encerramento do ciclo da borracha e a implantação do projeto da Zona Franca de Manaus. Num espaço de mais de 50 anos, as suas lideranças, em conjunto com outros imigrantes de escol oriundos de outras nacionalidades e crenças vindas para a Amazônia, mantiveram acesas as luzes da esperança em tempos melhores.

Do ponto de vista político, os judeus viviam desprotegidos desde o início da nossa Era. Não dispunham de um estatuto que os abrigassem em seus direitos em termos universais. Não possuíam um território geográfico que considerassem o seu berço. A sua pátria era Deus, como diria Fernando Pessoa (1888-1935) do ponto de vista do idioma: "a minha pátria é a língua portuguesa".

Nos domínios da história universal dos povos antigos, a presença dos judeus permanece alimentada por sua fé num Deus único. O estatuto que faltava para orientar o destino do povo judeu foi, enfim, constituído sob o imperativo da Revolução Francesa entre 1789 e 1799, consolidado na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. No primeiro artigo dessa peça jurídica determina-se logo: os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

Novas luzes brilharam no horizonte e o século XIX foi pródigo em iniciativas de aproximação dos povos entre as nações do mundo, vistas as providências adotadas nos campos jurídicos, políticos e econômicos como, no âmbito mundial, o ato que considerou extinta a Inquisição.

No Brasil, celebraram-se os tratados de comércio e navegação, de aliança e amizade do Brasil com a Grã-Bretanha, a Constituição Imperial Brasileira, a liberdade do culto judaico, a abertura do Rio Amazonas à navegação de todas as nações, navegação do Exterior, a imigração estrangeira e a intensificação da navegação interior no Brasil. Foi como se fosse o raiar de um novo dia nos horizontes do mundo.

## A NOVA TERRA DA PROMISSÃO

Depois da *Guezerá* (sentença maldita) da Ibéria e do *Guehinam* (inferno) de Marrocos, a Amazônia, por volta de 1810 quando se iniciou a emigração dos judeus para o Grão-Pará e Amazonas, surgiu como o Gan-Eden, o Jardim do Paraíso, a Terra da Promissão. Setecentos anos de exclusão e sofrimento na Espanha e Portugal, seguidos dos trezentos

anos de reclusão e perseguição em Marrocos, perfizeram um drama de mil anos ou cerca de quarenta gerações de antepassados (Samuel Benchimol, *Amazônia, Formação Social e Cultural*).

A viagem para a Amazônia foi cheia de muito sentimento. Os corações vibravam com a esperança de vida numa nova terra da promissão. Benchimol imaginava os alvoroços das despedidas. Mas as suas observações se fundamentavam em depoimentos de personagens dessa história. Os jovens iam às sinagogas para cumprir as suas obrigações religiosas, os velhos rezavam as suas orações, os pais e as mães em lágrimas arrumavam as malas e os baús. Homenageavam os pais falecidos, visitavam os cemitérios, embrulhavam os seus livros, acondicionavam em sacos as joias e as moedas de ouro amealhadas ao longo do trabalho de várias gerações. Muitos jovens eram oriundos da Escola da Aliança Israelita Universal, com excelente formação acadêmica, portanto. Apressavam-se nos casamentos com suas namoradas e noivas para que chegassem à nova terra com a família já constituída. Os mais pobres pediam ajuda para as suas primeiras despesas de viagem.

Às jovens que não podiam viajar por falta de recursos, só restavam lágrimas de despedida dos seus prometidos. Naquele tempo os casais se formavam sob o comando dos pais. As moças eram encantadoras desde o estilo da educação doméstica. As famílias cultivavam o bem-estar e a fortuna, a alegria de viver desde os nomes escolhidos para as suas filhas chamadas Pérola; Safira; Preciosa ou Letícia de alegria; Gimol, a bela; Aziza, a amada. Depois da partida dos seus prometidos, muitas ficaram esperando por um bom tempo, outras tiveram a sorte de ser chamadas pelos primos ou namorados e noivos já instalados na nova terra para se casar.

Os primeiros imigrantes chegaram entre 1810 e 1820, e a economia da Amazônia era ainda representada pelas drogas do sertão. A borracha, ainda, não tinha conquistado o mercado mundial que a transformou no melhor negócio da região. Os espaços eram ocupados pelas nações indígenas. Belém, que era o maior centro populacional formado por não indígenas, na maioria portuguesa, contava apenas com 24.500 habitantes. Tudo muito solitário e pobre como, enfim, acontecia na região desde o período colonial.

Além dos sefaraditas originários da Península Ibérica e os forasteiros identificados por judeus oriundos do interior do Marrocos, vieram também para a Amazônia os serfatitas de origem francesa, de *serfaty*, que quer dizer francês em hebraico; vieram os askernazitas de *askenas*, alemão em hebraico, originários também da Europa Oriental; e os foinquinitas, originários da Fenícia, em hebraico *Foiquinos*.

Os foinquinitas eram os que sofriam os maiores preconceitos da "Lusíndia", isto é, da sociedade indígena e portuguesa na interpretação de Benchimol, porque, além de judeus e turcos, eles eram regatões e teco-tecos, duas atividades comerciais repudiadas pelos comerciantes devidamente estabelecidos. Eram ambulantes, iam comercializar de porta em porta dos seus fregueses, o regatão, ao longo dos rios e o teco-teco, nas ruas das cidades.

Abramos aqui um largo parêntesis para falar da Lusíndia. No princípio da Amazônia, do ponto de vista da geografia humana, os indígenas dominavam a paisagem. No século XVII, chegaram os portugueses. Aí sucedeu o fenômeno cultural denominado por Samuel Benchimol de *Amazônia Lusíndia*, produto da assimilação desses dois segmentos culturais, o índio e o português.

Um exemplo significativo desse fato pode ser identificado na poesia popular tradicional, formatada na literatura cordelista portuguesa. Seleciono, como exemplo, as cantigas de roda e as canções de ninar. São elementos plantados na formação do amazônida por meio da ação das amas portuguesas e das cunhantãs indígenas.

Só assim se pode explicar a fixação, no imaginário regional, de quadras literárias da mais autêntica forma portuguesa, como a canção de ninar que se segue:

*Camisinha de criança,*
*não se lava com sabão,*
*se lava com ramo verde,*
*raiz do coração.*

Sempre me impressionou a existência de uma canção como essa, cantada pelas mães e amas da beira do rio. Refere-se a uma paisagem, realmente, nada condizente com a natureza amazônica. Tudo ficou na tradição plantada pela influência portuguesa na formação do amazônida. Ficou também nas cantigas de roda, profundamente marcadas pelo romanceiro ibérico:

*Vamos maninha*
*vamos à praia passear,*
*vamos ver a barca nova,*
*que do céu caiu no mar.*

E

*Nossa Senhora vai dentro*
*e os anjinhos a remar,*
*rema, rema remador,*
*que essas águas são de amor.*

São textos eminentemente portugueses, logo influenciados por motivos indígenas, na seguinte canção de ninar cantada pelas mães e cunhantãs indígenas ao embalar a criança na rede. É um singelo retrato dessa miscigenação:

*Murucututu de cima do telhado*
*me empresta o teu sono*
*pra essa criança que não quer dormir,*
*me empresta o teu sono*
*pra esta criança dormir.*

Murucututu é o corujão, também conhecido como urutau, palavra tupi designativa de ave noturna. Ele canta, habitualmente, nas noites chuvosas, gerando temor a toda gente pelo som semelhante ao batido de um martelo na feitura de um caixão.

Fechado o parêntese para informar sobre a Amazônia Lusíndia, batizada por Benchimol, e de como se encontrava a região quando da chegada dos imigrantes judeus, retomemos o fio da meada.

Ao escolher o comércio flutuante nos grandes rios da Amazônia, os foinquinitas transplantavam para cá o tirocínio característico da vocação fenícia reconhecida como comerciantes e navegadores.

Já havia, nessa época, estabelecimentos comerciais instalados em sítios. Os seringalistas mantinham o comércio nos barracões para abastecer os trabalhadores dos seringais com produtos, geralmente, superfaturados. Aí apareciam os regatões como se fossem casas de comércio flutuantes, em seus barcos movidos a remos de faia ou os motores movidos a gasolina. Os preços dos regatões saíam mais em conta, abrindo concorrência com os comerciantes instalados ao longo dos rios e, em particular, com os seringalistas nos seus barracões.

Eles, os regatões, negociavam sobre a produção dos moradores dos rios. Eles trocavam a mercadoria por produtos como peixe seco, farinha de mandioca, sementes de cacau, castanhas, couro de animais e especiarias da floresta como as sementes de cumaru e puxuri, baunilha e raiz de priprioca.

O regatão, por fim, passou a ser praticado por empresas de grande porte como a que mantinha o Barão de Cametá com sede em Belém do Pará, um navio movido a vapor destinado, ainda, ao transporte de passageiros nos anos 40 do século passado. Eram barcos confortáveis, dotados de camarotes e salas de refeição com serviço à francesa. Para tomar as refeições precisava-se estar bem-vestido. À mesa do comandante, envergando as suas vestimentas oficiais, eram convidados passageiros respeitáveis como políticos no exercício de função pública ou comerciantes fortes, em regra, fregueses desses regatões.

O teco-teco era um mercador ambulante das ruas das cidades. Vendiam, principalmente, tecidos e produtos de armarinho. Foram apelidados de teco-tecos por anunciarem a sua presença nas ruas com a percussão de uma varinha tocada na outra. Ofereciam comodidade porque eles iam à porta do freguês. Mas, constituíam figuras de difícil aceitação na sociedade. As mães proibiam as filhas de namorar um filho de teco-teco. Herdeiros dos teco-tecos são os prestamistas de hoje.

Sei, por exemplo, do acontecido na relação de um comerciante judeu com um trabalhador da floresta, fato narrado pelo próprio personagem da história que, no início de sua atividade comercial, praticou o regatão. Regateava num motor a gasolina, que é um barco mais confortável. A prática se fazia num processo assemelhado ao escambo, uma forma do comércio de trocas. O freguês, nessa história,

era um mateiro que vinha com o produto do seu trabalho para negociar com o regatão. Trocava os produtos colhidos na floresta e no rio por mantimentos como sal, açúcar, comida em conserva ou querosene, tecidos para confecção de roupas, armas e munições, ferramentas de trabalho na floresta, instrumentos de pesca e muita cachaça, entre tantos outros itens.

Feito o negócio, o dono do regatão, que é o personagem e narrador da história, pegou papel e lápis para fazer as contas e, no malabarismo em lidar com os números, no final dos cálculos ele disse ao freguês: "– Tudo bem, você não me deve nada nem eu devo nada a você".

Acontece que o caboclo, atordoado com o jogo daqueles números no papel, reagiu com um gesto negativo de cabeça. Ante a insistência do dono do regatão nas suas contas, o caboclo, que não é de usar muitas palavras nas suas decisões, partiu de surpresa para cima do comerciante com tal fúria que o obrigou a se lançar n'água. De bubuia ali por perto no rio, ele pensou até em voltar ao barco, mas viu que o caboclo empunhava um grosso mole de tabaco mais parecido com uma borduna à sua espera. Decidiu, então, deixar o motor com seus empregados e atravessar o paraná a nado. Teve sorte porque os paranás são braços de rios, em regra, mais estreitos.

No final da história que lhe havia acontecido há muito tempo, não se continha em rir das aventuras no início de sua atividade comercial de regatão, ao contar esse caso. Acontece que aquele caboclo, embora fosse hábil no manejo da floresta e dos rios, não sabia nem ler nem contar. O modo como reagiu, era a única forma que dispunha para manifestar o seu desagrado. Foi um risco inevitável que os dois correram e que pode acontecer nos processos de aculturação.

Quantos não foram os casos de expedições civilizatórias que acabaram em verdadeiras chacinas?

Os judeus, sem dúvida, devem guardar muitas histórias para contar sobre a implantação dos seus costumes e suas técnicas de trabalho na região. Dos arkenazitas, há uma história dolente acontecida na Polônia. Havia uma organização criminosa instalada em Varsóvia, denominada Zwi Migdal, que distribuía os seus agentes nas comunidades judaicas no interior, com o fim de aliciar as jovens com promessa de casamento. Diz Benchimol que, com a ajuda de inocentes úteis, esses cidadãos conseguiam ser reconhecidos como prósperos judeus estabelecidos na América do Sul oferecendo-se para se casar com elas.

Mas, logo ao chegar ao navio, esses casamenteiros juntavam-se às suas esposas que os esperavam a bordo, enquanto as belas hebreias se viam enganadas e já possuídas por tais criminosos. Sem saída, permaneciam exploradas, já dentro dos navios, como forma de pagamento das despesas na viagem de travessia do oceano.

Nas terras do novo mundo ficaram conhecidas como "polacas", tanto assim que a palavra se mudou em sinônimo de prostitutas. Por serem belas, tiveram logo muito sucesso nos centros urbanos do país. Muitas delas transformaram-se em empresárias do lenocínio e enriqueceram. Foram, no entanto, discriminadas pelos patrícios dedicados aos preceitos da fé hebraica. Tiveram que se organizar, ao ponto de adquirir quadras particulares nos cemitérios judeus. Em São Paulo e no Rio tinham os seus próprios cemitérios.

O Sr. Isaac Israel Benchimol, pai de Samuel Benchimol, que presidia o Comitê Israelita do Amazonas por essa época, testemunha que essas mulheres, ainda que afastadas da fé hebraica, ofereciam

donativos para as festas judaicas de Páscoa no intuito, ainda, de merecer a misericórdia de Deus por meio das boas ações, visto a fé há muito já lhes ter abandonado.

Samuel Benchimol informa que a maioria dos judeus vindos para a região eram os sefaraditas e forasteiros procedentes do Marrocos. Durante 100 anos, de 1810 a 1910, aportaram na Amazônia cerca de 1.000 famílias judias marroquinas e de outras origens, antes e durante a economia do Ciclo da Borracha. Dessas famílias, 650 foram para o Pará, 200 para o Amazonas e 150 para Iquitos, na Amazônia peruana.

Em 1891, a produção de borracha começou a crescer e atingiu o auge em 1910. Veio para a Amazônia, um grande contingente de europeus no período: portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães e os sírio-libaneses no final de século XIX. Benchimol afirma: "depois dos cearenses e portugueses, a maior contribuição, tanto quantitativa quanto qualitativa, proveio dos sefaraditas marroquinos, cujos nomes e vozes familiares até hoje colorem o caleidoscópio cultural da pluralística sociedade amazônica".

Elemento a ser observado na imigração para a Amazônia é que os judeus, na maioria, já vinham com a família constituída. Traziam, no comportamento, o sentido agregador tradicional na cultura e na prática religiosa hebraicas. Ao se fixarem nos lugares escolhidos para morar, iam logo adotando o sentido do bem viver nas comunidades eleitas, plantando as suas instituições para assegurar "permanência de sua cultura e tradição" (p. 278).

Eram todos, intelectualmente, bem formados nos cursos primários, secundários e os profissionais realizados nas escolas da Aliança Israelita Universal, instituições educacionais judaico-francesas. As mulheres, além do conhecimento intelectual adquirido nessas

escolas, recebiam formação doméstica nos trabalhos manuais, costura e bordados, culinária, doceria e música.

Nos momentos de dificuldade como, por exemplo, no momento da desvalorização da borracha no mercado mundial, elas assumiram as máquinas de costura para confeccionar calças de brim e camisas feitas com sacos de algodão de embalagem de trigo e açúcar (p. 279) e ensinavam música nos velhos pianos Dorner, presença obrigatória nos lares judeus.

## HÁBITOS ALIMENTARES

Um dos pontos mais sensíveis do intercâmbio cultural entre os povos com a integração de imigrantes, verifica-se na alimentação. Os povos chegam com os seus costumes, as ideologias, a crença religiosa, os idiomas e, também, os seus hábitos alimentares. Quanto às ideologias, se pode oferecer como exemplo o anarquismo, que chegou ao Brasil em 1850 junto com os grandes contingentes de europeus, em especial, dos italianos. Estes, por fim, substituíram, no campo, o trabalho escravo, 38 anos depois com a extinção da escravatura.

Quanto às religiões, os evangélicos, por exemplo, chegaram ao país na segunda metade do século XIX e tiveram a ajuda dos Estados Unidos, tendo as igrejas das diversas denominações militado em favor do movimento religioso denominado "teologia da prosperidade". O cristianismo, implantado pelo colonizador português desde a primeira missa celebrada em 1500, pelo Frei Henrique de Coimbra, como um dos atos constitutivos de posse da nova terra, era o catolicismo com o apelo ao ideal da vida eterna, ao passo que, três séculos depois, chegaram os cristãos evangélicos com a ideia de que para se ganhar o céu era necessário, primeiro, que se ganhasse a terra.

Em face dessas questões, pode-se avaliar como podem influir as correntes migratórias nos hábitos alimentares, levando em conta os valores a um bom desempenho da saúde humana. Os alimentos constituem a base de uma vida saudável. O caboclo amazonense, o mais próximo herdeiro dos costumes indígenas à mesa, gosta mesmo é do peixe e da carne de caça assados ou cozidos. O acompanhamento é sal, pimenta e limão. Só não pode faltar a farinha de mandioca amarela, chamada farinha d'água, assim conhecida porque é feita com as raízes de mandioca brava amolecidas dentro de canoas afundadas à beira do rio, hoje, sem dúvida, fabricadas com processos mais modernos, mas permanentes na mesa do amazônida.

Na formação da Amazônia Lusíndia, assim definida por Benchimol no livro que estamos lendo para a realização deste trabalho, a cozinha regional recebeu influência portuguesa, principalmente, nas caldeiradas de peixe e no preparo das carnes de vaca. Desde o século XVII, quando chegaram à Amazônia, os portugueses se encarregaram de consolidar os gostos dessa cozinha e dessa dieta. Só bem mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, adicionou-se aos hábitos alimentares do amazônida uma radical situação alimentar provocada pela imigração japonesa.

Apesar de ser tão próxima no tempo a sua chegada à região, foi grande a influência japonesa na formação cultural e social do amazônida. Testemunhei nos anos quarenta dos 1900 essa presença. O homem da beira do rio, em sua dieta, não consumia verduras. O verde na cozinha era adotado no uso de coentro, alfavaca, chicória e da cebolinha, tudo como tempero e em pequenas porções. Dos legumes se consumia em doses também de tempero, maxixe, jerimum e quiabo, tudo muito bem cozido. O tomate era cozido e servido no tempero de um bom caldo de peixe. Nada de comida crua, nem verduras, nem

carnes ou peixes. A salada não era bem-vista. Meu tio dizia que não comia folha porque não era camaleão, nem gostava de rosbife porque era uma comida crua e não saudável.

Os japoneses ensinaram os moradores da beira do rio a comer salada de verdura. Ensinaram também a comer peixe cru. Em Parintins comentava-se, com reservas e ar de repulsa, que os moradores da comunidade japonesa da Vila Amazônia, ali perto, comiam peixe cru. Diziam que eles comiam carne de boto, num comentário que não cheguei a comprovar. Hoje, o hábito é adotado no cardápio do amazônida, nos grandes centros urbanos, como um bom paladar, com a adoção da carne de filhote que é uma piraibazinha.

No consumo alimentar do amazonense testemunhei, no Baixo Amazonas, o preconceito contra o peixe liso ou peixe de couro. Ao me informar sobre a dieta do povo judeu, convenci-me de sua influência, também, nesse jeito de ser. O homem da Amazônia, principalmente das regiões do Baixo Amazonas de que tenho conhecimento, não come peixe de pele, a piraíba, a pirarara e a piranambu, entre outros. Acreditam que o seu consumo provoca doenças de pele.

Mas onde se origina esse hábito que pode ser considerado como um tabu alimentar? Algo me diz que esse hábito possui origem na influência do povo judeu na região. De acordo com as leis judaicas de mais de 5.000 anos de tirocínio, os alimentos devem sustentar o corpo e a alma. Tais preceitos estão no Torá, conjunto de regras sagradas dos judeus, composto dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento denominado Pentateuco. No Deuteronômio, um desses livros, está a regra de consumo dos animais puros e impuros na dieta alimentar. Há uma determinação explícita sobre os peixes, nos versículos 14-9&10: "De todos os animais que vivem nas águas, comereis estes: comei os

que têm barbatanas e escamas. E não comeis daqueles que não têm barbatanas, nem escamas, porque são imundos".

Há restrições na dieta judaica, também, sobre o consumo dos frutos do mar porque, do mesmo modo, são imundos. Os camarões e as lagostas são considerados os lixeiros do mar, tal como os peixes lisos dos rios da Amazônia, por isso, classificados como animais impuros. Os peixes de couro são espécies carnívoras e rapinantes. Eles têm o hábito de se alimentar de restos de peixes mortos e do dejeto orgânico do fundo de rios e mares. Sua flora de micro-organismos é bem mais rica para poder auxiliar sua digestão na limpeza das toxinas e das carcaças podres ingeridas por eles. Mesmo que se ressalte que muitas das bactérias desses peixes fabricam substâncias que neutralizam os venenos e as toxinas das carcaças apodrecidas nos pântanos e brejos dos quais costumam se alimentar – não afasta do amazônida a postura. Com o agravante da poluição e do contágio dos esgotos, esse tipo de peixe se torna mais impróprio, ainda, por se alimentar de dejetos e lixo orgânico tóxico e contaminado. Muito do lixo orgânico de que os peixes de couro se alimentam, além de contaminantes, são tóxicos e alergênicos.

Tais substâncias se alojam no organismo humano e podem causar vômitos e diarreia, sensação de fervor, urticária ou eczemas, coriza e outros problemas respiratórios. Uma reação mais séria, mas rara, é o choque anafilático que acarreta perigo de morte e requer atenção médica imediata. Mesmo sem conhecer as consequências dessa fundamentação clínica, os habitantes do Baixo Amazonas retiraram de sua mesa os peixes de pele, quem sabe movidos pelo carisma dos livros sagrados hebreus.

## AS VÁRIAS GERAÇÕES DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA

Samuel Benchimol aprecia quatro gerações dos judeus na Amazônia. A primeira geração distribuiu-se entre as comunidades do interior, onde foram conhecidos como jovens aprendizes, empregados de serviços gerais e balconistas. Eram ainda vendedores ambulantes, em regra, representantes de firmas de judeus prósperos de Manaus e Belém. Em seguida, os jovens mascates, aviados por esses comerciantes, implantaram casas comerciais nas cidades paraenses de Breves, Gurupá, Cametá, Baião, Macapá, Afuá, Alenquer, Óbidos e Santarém, e nas amazonenses de Parintins, Maués, Itacoatiara, Coari e Tefé.

Em Parintins, na ausência de sinagoga na cidade, testemunhei, olhando da praça em frente, cerimônias religiosas hebraicas realizadas no salão frontal da residência do Sr. Moisés Cohen, um comerciante forte e representante na cidade da Panair do Brasil, empresa de transporte de passageiros e correio aéreo fundada no Brasil em 1929 e extinta em 1965.

Ao longo dos rios e nos seringais, muitos deles se instalaram nos barracões de apoio aos coletores da hévea e se transformaram em coronéis de barranco. A história dos coronéis de barranco teve início na Regência, em 1851. Para manter a ordem no país, o Estado brasileiro criou o instituto da Guarda Nacional que devia agir em todo o território na defesa da ordem e da segurança do povo. A Guarda era formada de milícias, sob o comando de um coronel. O título de coronel era adquirido por comerciantes e proprietários de terras. No caso da Amazônia, o título proliferou entre os seringalistas. Em muitos casos, o sistema se perverteu e as milícias passaram a agir a serviço dos interesses dos coronéis, numa linha próxima ao feudalismo medieval. Eram

autoridades muito respeitadas, faziam a lei, mandavam e desmandavam de tal sorte que todos os patrões, embora não tivessem adquirido o título dessa honraria, eram tratados pelo povo da beira do rio com o apelido de coronéis, conhecidos na Amazônia com a alcunha de "coronéis de barranco".

Cheguei a conhecer de perto uma dessas figuras da nossa história na Vila de São Sebastião no rio Uatumã, hoje elevada à cidade sede de município. Era o coronel Manuel Paciente Monteiro, um senhor de boa altura e compleição atlética, cabeleira e largos bigodes brancos. O coronel Paciente andava sempre bem-vestido, metido em calças e dólmã também brancos. Possuía voz grave e austera, embora revelasse um ar de paz e serenidade, qualidades reconhecidas pelos moradores do lugar. Trabalhava com o aviamento de coletores de sorva e balata mansa, nativas do alto-rio Uatumã e seu afluente Jatapu. Possuía uma dúzia de filhos com a mesma esposa, sendo moça a última que não conseguia algum valente que ousasse namorá-la em face dos seus irmãos, homens robustos que a protegiam. A energia elétrica da Vila era fornecida por um gerador instalado na casa do coronel. Nas noites de luar, ele decidia não ter necessidade de luz elétrica e as lâmpadas permaneciam apagadas nos postes nas duas únicas ruas da vila. Hoje, o seu nome é reverenciado numa escola da cidade.

Embora corram por aí fatos de violência praticados pelos coronéis de barranco, essa é a imagem que possuo dos seus estilos de vida. Eram ferozes e predadores. Corre nos estudos de história da época, a façanha de tais figuras que rasgavam notas de dinheiro em seus rompantes autoritários. Não me consta que os coronéis judeus fossem assim. Parece-me que mais se assemelhavam à figura do coronel Paciente Monteiro, visto o mestre Benchimol não se deter nos hábitos e no comportamento desses senhores.

Seguiram-se as gerações. Vieram os professores e doutores, geralmente comprometidos com a tradição de suas origens. O próprio Prof. Samuel Benchimol é um exemplo dos representantes dessa geração.

Ao longo das opulentas páginas do livro, Benchimol relaciona as famílias formadoras dessas gerações de judeus na Amazônia. Não só nas capitais, mas também nas cidades do interior. Firmas industriais e de serviços. Define o que é ser, viver e ficar judeu.

Ser judeu é ser filho de mãe judia na forma da lei hebraica. O rabino também pode receber um judeu. Houve problemas no passado com os judeus convertidos. Em verdade, o cidadão não se converte judeu porque o judaísmo não converte, mas identifica como um novo irmão na aliança com Abraham.

O viver judeu é mais difícil porque exige do cidadão uma vida cheia de restrições e disciplinas. Aos oito dias de nascimento, a criança precisa fazer, a sangue frio, a circuncisão. Aos quatro anos, a criança já deve estar alfabetizada para ler os livros sagrados. Se na infância começa assim, na maturidade as exigências são maiores no comportamento e nas obrigações. Com a emancipação do mundo moderno, muitos judeus abandonaram a ortodoxia e elegeram para si o convívio de uma vida laica.

Se ao homem o judaísmo exige tanto, o que se diria da mulher judia? Por ser impossível aqui, por carência de espaço, fazer uma síntese das normas a serem seguidas pelas mulheres, eu concluo que a mulher judia, na obediência de todas essas regras, precisa ser uma santa.

O se manter judeu também não é para qualquer um. É preciso que o cidadão cumpra os 613 mandamentos e preceitos do judaísmo, comprometendo-se a transmitir esses valores aos filhos e netos. É

necessário que haja coesão entre os membros da família para que o espírito se mantenha forte. Benchimol assinala que a crise dos anos 20 e 30 do século passado, que obrigou os judeus a se retirarem das pequenas cidades amazônicas rumo às capitais, deixou aquelas pequenas comunidades precárias na permanência de judias, fato que determinou a formação de famílias caboclas ausentes do judaísmo. Até 1999, data da publicação de *Amazônia, Formação Social e Cultural*, Samuel Benchimol informa e estuda a situação dos 283.859 judeus caboclos existentes na Amazônia: "São famílias que desapareceram para o judaísmo" (p. 363), mas sem dúvida, digo eu, levaram consigo os hábitos, os costumes e a crença, difundidos na vida nova e que acabaram por influir na formação social e cultural do amazônida.

Para onde forem, os judeus vão criando logo uma comunidade em torno da sinagoga ou de algo que a represente, como as reuniões na sala da frente da residência do senhor Moisés Cohen em Parintins, e o cemitério. Os cemitérios judeus são sóbrios e uniformes, não se distinguem nas aparências pela situação material do pranteado em vida. São rasos e cobertos com uma lâmina de pedra mármore, onde são gravadas as datas de nascimento e morte do pranteado, assim como orações e pensamentos pios escritos em hebraico. O livro do mestre Benchimol registra a existência de 4 cemitérios em Belém, 2 em Manaus e 15 em cidades do interior.

São muitas as histórias de vida dos judeus na Amazônia, todas elas de muita luta. Um exemplo disso é a existência dos pais do Mestre Samuel Benchimol. O pai Isaac Israel Benchimol, originário da segunda geração de marroquinos vindos para a Amazônia, visto o seu pai ser de Tânger, esteve em muitos lugares na luta pela vida, viajou a Tânger onde estudou na histórica escola da Aliança Israelita Universal, de volta, andou para inúmeras atividades em vários estados amazônicos, do Pará

ao Acre, casou-se com D. Nina Siqueira e formou uma família numerosa, constituída de doutores, professores e empresários de sucesso.

Eis a questão.

# Capítulo 8

# 8. SAMUEL BENCHIMOL, O BOM CONTRIBUINTE

*Serafim Corrêa*

A vida é o nosso próprio caminhar. Quanto maior o caminho, mais experiências e aprendizagens carregamos em nossa bagagem. E, nesse percurso, encontramos pessoas que deixam marcas positivas para sempre em nossa memória e na nossa emoção. Assim foi conhecer e conviver com o professor Samuel Benchimol, pessoa admirável, inteligente, sensível e inesquecível.

Eu o conheci quando ainda era pequeno e ele já era catedrático da Faculdade de Direito, sendo pessoa respeitada em nossa cidade, em 1958. Morávamos na mesma rua, a Dez de Julho, no centro de Manaus. A minha família na casa nº 891, ao lado da Beneficente Portuguesa. Ele e sua família residiam no trecho entre a Praça de São Sebastião e a Av. Getúlio Vargas. Eu estudava no Colégio Dom Bosco e era colega do Manoel Lapa e do José Augusto Carvalho, também vizinhos da casa do professor Samuel Benchimol. Todos tínhamos profunda admiração por ele.

Em 1967, fui estudar economia na Faculdade de Ciências Econômicas e lá conheci o professor Saul Benchimol, seu irmão, com quem fiz ótima e duradoura amizade. Naquela época, era comum a realização de seminários para debater o futuro da Amazônia, tendo o professor Samuel como presença obrigatória na qualidade de palestrante. Esses eventos me permitiram conhecê-lo melhor e, assim, passamos a ter um diálogo mais próximo.

Em 1976, logrei aprovação no concurso para Fiscal de Tributos Federais e ingressei na Secretaria da Receita Federal, instituição criada em 20 de novembro de 1968 com a finalidade de melhorar a administração tributária e "integrar o fisco e o contribuinte", numa

outra visão dessa relação quase sempre conflituosa. A SRF adotou o princípio da boa-fé como regra.

Todos os anos, de janeiro a abril, a Receita Federal, sem deixar de lado a sua função de arrecadadora de tributos para suprir as necessidades do Estado brasileiro, passava a ser uma grande universidade. Era o chamado Programa de Imposto de Renda (PIR) que começava no ano anterior, com dois grupos considerados de elite, um de pessoa física e outro de pessoa jurídica que, reunidos em Brasília, tinham a responsabilidade de elaborar o material (manuais, formulários, perguntas e respostas, entre outros). Em janeiro de cada ano, os dois grupos voltavam à Brasília juntamente com outros representantes do Brasil inteiro. Nessa oportunidade, era realizado um seminário, momento em que era feito o repasse do material. Quem participava dessa fase tinha a obrigação de replicar o treinamento nas suas regiões para os demais colegas e, estes, para advogados, contadores, economistas, empresários, entidades de classe, em cursos e palestras organizados pela Escola de Administração Fazendária (Esaf).

Em janeiro de 1979, passei a integrar o grupo na segunda fase e, no ano seguinte, fui promovido para a primeira. Passei períodos em Brasília e lá assisti, em primeira mão, a campanha publicitária feita pela Agência DPZ que criou o leão como símbolo da Receita Federal. Esse símbolo provocou uma certa euforia na instituição. E, a partir de 1980, todo o material da Receita tinha o seu novo símbolo, o leão.

No lançamento em Brasília, foi dito pela agência de publicidade que as razões da escolha do leão foram as seguintes: é o rei dos animais, mas não ataca sem avisar, é justo, é leal e é manso, mas não é bobo. Confesso que, fora o fato de o leão ser considerado o rei dos animais, não sei de onde a agência tirou as outras características, mas o fato é

que o uso desse símbolo foi um sucesso. Para os mais novos, sugiro acessar o Youtube e conhecer um dos vários filmes exibidos à época em comerciais de televisão[91].

Quando retornei para Manaus, fui chefiar o plantão fiscal de pessoa física, que tinha a missão de tirar as dúvidas dos contribuintes. Certo dia avistei o professor Samuel Benchimol na fila. Fui até ele, disse-lhe que iria atendê-lo, mas ele não aceitou e me disse que respeitaria a fila. Tal gesto foi muito significativo em minha vida e o recebi como uma importante lição de cidadania e igualdade, pois ele era um dos maiores contribuintes de impostos do Amazonas, tanto na pessoa jurídica quanto na física, na fila, e não aceitou ser atendido passando à frente de outras pessoas. Que gesto! Que lição!

Quando chegou a sua vez, eu o atendi. Trazia o rascunho da sua declaração manuscrito a lápis, expôs suas dúvidas e eu as esclareci. Presenteei-o com o livro *Perguntas e Respostas: Pessoa Física,* que reunia cerca de quatrocentas perguntas e respectivas respostas. Ele agradeceu e eu terminei falando acerca do símbolo da Receita Federal. Na prática, repeti o que havia ouvido no lançamento pela agência DPZ. Ele, com toda a serenidade que sempre teve, ponderou:

> Serafim, a Receita Federal nasceu da fusão de diversas repartições tributárias objetivando alcançar a integração fisco-contribuinte. Ter um leão como símbolo não é integração. Convenhamos que é, no mínimo, uma ameaça. No imaginário das pessoas o leão é um destruidor.

---

[91] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pT7rDoRvGnM&t=6s> e disponível em <https://g1.globo.com/economia/imposto-de-renda/noticia/2022/04/07/nao-deixe-o-leao-pegar-no-seu-pe-conheca-a-historia-por-tras-do-simbolo-do-imposto-de-renda.ghtml>

De repente, tudo o que eu tinha ouvido do representante da agência de publicidade em Brasília deixou de fazer sentido diante das palavras do professor Samuel Benchimol. Ele prosseguiu:

> Como regra o contribuinte brasileiro é um bom pagador de impostos e muitas vezes não paga porque não consegue saber como fazer. Claro que eu sei que existem os que não pagam porque não querem e isso é ruim para todos, inclusive porque provoca a concorrência desleal. Eu sempre defendi a separação dos contribuintes, porque não são todos iguais. Nivelar por baixo é um equívoco.

Continuou a discorrer sobre o assunto, considerando a existência de três tipos de contribuintes: a) os que possuem um histórico de regularidade; b) os que, eventualmente, podem ter alguns atrasos por dificuldades conjunturais, mas agem sempre com boa fé e c) os que agem de má fé e buscam formas de lesar o Fisco. Segundo ele, o tratamento não pode ser igual, pois são contribuintes diferentes. No caso dos dois primeiros, ele defendia que fossem considerados contribuintes *bona fide* (que significa, segundo o Wikipédia, "*Bona fide,* ou mais apropriadamente *bona fides*, é uma expressão em língua latina que significa literalmente com boa fé, com lealdade, com honestidade, em cumprimento da palavra dada, mas que é também utilizada com o sentido de genuíno"). Estes teriam tratamento diferenciado. Seriam avisados de eventuais falhas e lhes seria dado um prazo para esclarecer ou pagar. Tal aviso não quebraria a espontaneidade, ou seja, poderia regularizar sem pagar multa por essa razão.

Ouvi atento a sua explanação. Ponderei, no entanto, que embora, pessoalmente, concordasse com os seus argumentos, a legislação vigente não fazia essa distinção, ao contrário, exigia que todos fossem tratados de forma igual. E que uma mudança nesse sentido seria muito difícil de ser aprovada. Reiterei que ficava à sua

disposição e dei-lhe o número do telefone da minha mesa para tirar qualquer dúvida.

No dia 16 de abril de 1980, foi publicado no Diário Oficial da União o Decreto-lei nº 1782 que criava um empréstimo compulsório "para absorção temporária do poder aquisitivo". Era um absurdo que jamais seria admitido nos dias de hoje. No dia seguinte, o telefone tocou na minha mesa. Era o professor Samuel:

– Serafim, você já tem o Decreto-lei sobre o empréstimo compulsório anunciado ontem?

– Sim, professor. Recebemos por telex. O senhor pode mandar buscar uma cópia comigo aqui na Tributação no 10º andar?

– Vou mandar buscar agora. Obrigado.

Tão logo recebeu e leu o texto, telefonou-me novamente e, com sua fina ironia, disse-me:

– Serafim, obrigado pela cópia. Agora convenhamos, o Leão da Receita ataca de surpresa, não é justo, nem leal, muito menos manso.

– Realmente, mestre. O senhor tem toda razão. Todos fomos surpreendidos.

– E essa justificativa de absorção temporária do poder aquisitivo...não corresponde à realidade.

– Professor, concordo com o senhor. Agora, do ponto de vista legal, realmente isso está previsto no CTN.

Anos depois, logo em seguida à promulgação da Constituição de 1988, na primeira oportunidade em que nos encontramos, o professor Samuel comentou comigo:

– Serafim, você viu que a nova Constituição mudou as regras do empréstimo compulsório? Agora os contribuintes ficam mais

protegidos.

– Sim, professor. Agora empréstimo compulsório só por lei complementar, o que obriga a ser aprovado por metade, mais um, dos deputados e senadores e define claramente em que situações isso pode ser feito.

Importante transcrever como ficaram as novas regras na CF/88:

> Art. 148. A União, mediante lei complementar, poderá instituir empréstimos compulsórios:
>
> I - para atender a despesas extraordinárias, decorrentes de calamidade pública, de guerra externa ou sua iminência;
>
> II - no caso de investimento público de caráter urgente e de relevante interesse nacional, observado o disposto no art. 150, III, "b".
>
> Parágrafo único. A aplicação dos recursos provenientes de empréstimo compulsório será vinculada à despesa que fundamentou sua instituição.

O professor Samuel Benchimol sempre se dedicou a estudar os números da nossa economia, aí inclusos os referentes à arrecadação de tributos federais, estaduais e municipais. Hoje, esses números estão disponíveis na *internet* e a pesquisa é instantânea, mas no final dos anos 80, início dos anos 90, todos tinham que aguardar as publicações oficiais.

Os dados da arrecadação federal eram disponibilizados por publicações e ele tinha acesso através da Neyde Menezes Fonseca, a nossa saudosa chefe da Arrecadação da DRF, Manaus; do delegado Airton Claudino e do superintendente José Barroso Tostes Neto. Os três colegas tinham profunda admiração e respeito pelo professor Benchimol.

A partir de 1994, ele fez algo inusitado, assumiu a condição simultânea de pesquisador, escritor e editor e, assim, começou uma produção literária sobre os números da economia, mas, principalmente, da arrecadação tributária na Amazônia. Divulgava os números e fazia a sua análise contando com a colaboração da sua competente secretária nissei Tei Ihára, que cuidava da parte de digitação e formatação dos quadros e gráficos da arrecadação por ele elaborados.

O lançamento dessas publicações era feito na Ufam, nas associações de classe, após as palestras que ele começou a fazer, pois o tema despertava interesse e os convites vinham naturalmente. E, com um detalhe: os exemplares eram distribuídos gratuitamente. Ou seja, ele arcava com todos os custos da edição. Compartilhar informações e análises era algo que lhe dava prazer.

Foi através dessas pesquisas e estudos que o professor Samuel Benchimol, após comparar a arrecadação federal e os gastos federais em nosso estado, constatou que a União arrecadava no Amazonas, graças à Zona Franca, duas vezes o que gastava. Essa afirmativa continua atual. Ele disse: "A Zona Franca de Manaus não é um paraíso fiscal. Em verdade, ela é o paraíso do Fisco".

Com o passar dos anos, por conta de suas publicações, o professor Samuel Benchimol tornou-se bastante conhecido, respeitado e admirado dentro da Receita Federal. Em abril de 2001, o superintendente da 2ª Região Fiscal, Dr. José Barroso Tostes Neto, convidou-o para fazer uma palestra no Seminário sobre o Potencial Econômico e Tributário da Amazônia, realizado nos Mercedários, em Belém (PA), para toda a estrutura regional da RF que reúne seis estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima. Foi um momento memorável em que um contribuinte deu aula, por assim dizer, para a

elite da Receita Federal. Manejava os números com muita competência como se fosse alguém do quadro da instituição.

A mesa da sua palestra foi composta pelo superintendente José Tostes, por mim, Serafim Corrêa, pelo Dr. Simão Jatene, então secretário de Planejamento e mais tarde governador do Pará e pela Andrea Lemgruber Viol, então coordenadora de Estudos Tributários da Receita Federal e hoje diretora fiscal do FMI. Ao final da sua fala, o auditório o aplaudiu de pé. Foi uma homenagem justa e merecida a quem tanto se dedicou ao estudo dos nossos números.

Hoje, vinte anos após o falecimento do professor Samuel Benchimol, vejo alguns avanços no âmbito da Receita Federal, contemplando a sua tese do *contribuinte bona fide*. Cito três:

- Antes, quando um contribuinte cometia um erro em sua declaração de Imposto de Renda Pessoa Física, ele já recebia uma Notificação de Lançamento com multa de ofício de 75%; agora, ele é intimado do fato, sendo-lhe assegurada a possibilidade de retificar a declaração sem multa de ofício.

- Antes, o contribuinte não tinha acesso aos seus dados na base digital da Receita Federal; agora, tendo o certificado digital, o contribuinte acessa a base de dados e sabe tudo sobre a sua vida tributária, podendo, inclusive, optar por apresentar a declaração que a Receita Federal já fez com base no cruzamento de informações, a chamada Pré-Preenchida.

- A Medida Provisória 1160/2023 em seu artigo 2º estabeleceu:

> Art. 2º A Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil do Ministério da Fazenda poderá:
>
> I - disponibilizar métodos preventivos para a autorregularização de obrigações principais ou acessórias relativas a tributos por ela

> administrados; e
>
> II - estabelecer programas de conformidade para prevenir conflitos e assegurar o diálogo e a compreensão de divergências acerca da aplicação da legislação tributária.
>
> § 1º Nas hipóteses de que trata o caput, a comunicação ao sujeito passivo para fins de resolução de divergências ou inconsistências, realizada previamente à intimação, não configura início de procedimento fiscal.
>
> § 2º A Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil do Ministério da Fazenda poderá disciplinar o disposto neste artigo.

Ou seja, era exatamente isso que ele defendia.

Fiquei muito honrado e grato por haver sido convidado pelo Jaime Benchimol, seu filho, a contribuir com esta publicação pelos 100 anos do nascimento do professor Samuel Benchimol.

Com certeza, este seu lado era conhecido por poucas pessoas e julguei meu dever torná-lo público. É o mínimo que posso fazer em homenagem a um grande homem, justo e honesto: o bom contribuinte Samuel Benchimol.

# Capitulo 9

# 9. SAMUEL BENCHIMOL, UMA SAGA DE SONHOS E ESPERANÇA

*Márcio Souza*

Samuel Benchimol pertence a uma categoria de autores bastante rara nos quadros da inteligência amazônica. Como professor universitário da Universidade Federal do Amazonas, ele desenvolveu sozinho um intenso trabalho de pesquisa, publicando alguns dos livros fundamentais para o entendimento da Amazônia. Pode-se dizer que Samuel Benchimol constituiu uma teoria sobre as questões do grande vale, provavelmente a mais abrangente e complexa já pensada por um intelectual brasileiro. Suas obras foram constituindo, paulatinamente, esta teoria, compondo, no final, uma espécie de polifonia temática que atravessa os campos da Economia Política, da História, da Sociologia e firma-se como uma Filosofia. Ler Samuel Benchimol é descer aos arquétipos do processo social do Norte brasileiro, avançando o olhar para o futuro, numa escritura sempre carregada de fina ironia. Embora tenha perpassado por alguns dos temas mais candentes da região, há um eixo analítico que se concentra no papel das etnias. Em Samuel Benchimol, a Amazônia não é apenas um espaço geográfico ou um cenário de conflitos históricos não resolvidos, mas um lugar de encontros humanos, capaz de atrair as mais diversas etnias e grupos sociais que para ali se deslocaram e foram construindo uma sociedade nova e diferente. Como historiador, ele refaz a saga dos nordestinos, dos árabes, dos diversos estoques de europeus e asiáticos e, finalmente, dos judeus. Para estes últimos, ele dedica uma obra inteira que é este *Eretz Amazônia*, em boa hora, novamente em circulação pela editora Valer.

Livro de História, elaborado com a técnica mais rigorosa de investigação, que levou seu autor a palmilhar as cidades do interior da Amazônia visitando cemitérios, anotando as inscrições nas lápides e entrevistando centenas de informantes, além de compulsar arquivos no Brasil e no estrangeiro, *Eretz Amazônia* é também uma crônica escrita com amor e emoção. É o relato de uma saga que, em sua particularidade, repete tantas outras sagas humanas das gentes que abandonaram seus lares e enfrentaram o imenso oceano em busca de sonhos e esperança. Ao reconstruir a chegada e o estabelecimento dos judeus na Amazônia brasileira, com algumas curiosas pinceladas sobre as minúsculas comunidades do Peru, Samuel Benchimol fez o papel de um dedicado arqueólogo que, pacientemente, foi desenterrando preciosidades fadadas a se perder no tempo, trazendo à tona a feliz integração aos rios e à mata de uma gente aferrada à tradição, à religiosidade e acostumada ao êxodo. *Eretz Amazônia*, como parte do grande painel teórico que Samuel Benchimol legou aos brasileiros, presta o inestimável serviço de evitar o esquecimento e a desmemoria.

O professor Samuel Benchimol foi um estudioso seminal da Amazônia. Um estudioso destemido e que nunca se deixou tentar pelo lugar comum que vitimava os estudos amazônicos que preferiam o folclore e o lugar comum. Por isso mesmo é, e continua sendo, um autor seminal, o estudioso amazonense mais arguto e profundo entre todos aqueles que palmilhara a Economia, a Etnologia e a História da grande e ameaçada Planície Amazônica. Sua obra vasta merecia estar traduzida em diversos idiomas cultos e posta à disposição nas grandes bibliotecas do Brasil e do mundo.

Um texto sobre o professor Samuel Benchimol não estaria completo sem a sua participação, junto ao seu irmão Saul, na fundação do Clube da Madrugada, um movimento cultural que se origina com o

fim da Segunda Guerra Mundial, uma Era repleta de otimismo democrático, numa cidade marcada pela decadência econômica. O Clube da Madrugada, com seu espírito libertário e boêmio, empurrou o Amazonas e a cidade de Manaus para fora do clima derrotista e, através da boemia, das conversas de botequim que chocava os conservadores, legou nomes como Jorge Tufic, Luis Bacelar e Elson Farias.

De sua obra imensa, encerro este depoimento destacando três obras brilhantes e certeiras em sua análise e relatos. *Amazônia: Um Pouco Antes e o Além Depois*; *Eretz Amazônia* e *Os Cearenses na Amazônia*.

# Capitulo 10

# 10. SAMUEL BENCHIMOL, UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO, À CULTURA E AO DESENVOLVIMENTO DO AMAZONAS E DA AMAZÔNIA

*Osíris M. Araújo da Silva*

> O caboclo, antes de construir a sua casa, mede o espeque alto e seguro, levanta o 'jirau' para aguardar a cheia; o fazendeiro ou criador, ao construir o seu curral, não se esquece de levantar a maromba, onde o gado se refugia na alagação; o mariscador aproveita a vazante para colocar as tapagens nas bocas dos lagos para pegar o peixe: a 'camboa', o 'cacuri', o 'pari'; não se esquece de salgar o seu pirarucu, que constitui a 'reserva da gente pobre durante o inverno'; o roceiro planta sua 'mandioca de seis meses' para colher antes que o rio alague sua roça feita na vazante; o 'aviador' da praça de Manaus e de Belém despacha a sua mercadoria logo nas 'primeiras águas', para pegar ainda em tempo 'a cheia nos rios'; os engenheiros levantam as pontes sobre os igarapés periódicos, para assegurar o tráfego permanente em Manaus, e constroem o 'roadway' em função da baixada e da subida do Rio Negro. Influências econômicas e técnicas, ditadas pelo regime das águas. Geografia econômica e humana, rural e urbana, cujo tema fundamental é o do rio, com suas enchentes e vazantes periódicas[92].

## INTRODUÇÃO

Não fui um dos privilegiados alunos de Samuel Isaac Benchimol, professor de Economia Política da Faculdade de Direito, a histórica Jaqueira da Praça dos Remédios. Tive, contudo, a imensa satisfação de ter estudado Macroeconomia na Faculdade de Ciências Econômicas da

[92] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. 1977.

Ufam com seu irmão Saul Benchimol, de fortes e gratas recordações. Os dois, como mestres, guardam importantes semelhanças. Ambos, no campo pessoal e profissional, ostentavam o protótipo da elegância no ser, no trato cordial e gentil, dedicados e solidários com seus alunos e colegas professores. Jamais se negavam a atender a uma demanda de alunos em dificuldade na Faculdade ou em seus escritórios nas Lojas Bemol.

O momento, a propósito, enseja um registro particular. Creio ter mantido uma ligação cósmica especial com o mestre, em particular, face à coincidência de sermos cancerianos, ele do dia 13, eu do dia 12 de julho. Por essa razão, também, muito me honrou o convite dos organizadores para fazer parte do grupo que integra o corpo editorial do livro *Samuel Isaac Benchimol: memória da influência cultural, intelectual e social na Amazônia contemporânea.* Assim motivado, faço questão, na oportunidade, de prestar minhas homenagens à família Benchimol por intermédio de seus filhos Jaime Benchimol e Nora Benchimol Minev, da nora Anne Gimol Benchimol, do genro Ilko Minev e dos netos José Benzecry Benchimol, Rebeca Benchimol Neman, Denis Minev e Ilana Minev.

Conheci pessoalmente o Prof. Samuel Benchimol em 1967 ou 1968, num evento realizado na Federação da Agricultura do Amazonas, então presidida pelo legendário Eurípedes Lins. Discutiam-se questões relevantes sobre a aplicação de tecnologias de cultivo e manejo no setor agropecuário, envolvendo a aplicação de calcário como elemento catalisador essencial à fertilização de solos. Ele demonstrava, com enorme simplicidade além do charme especial, elegância e simplicidade no vestir, a importância da calagem e sua fundamental ação na diminuição da acidez do solo por meio do aumento de seu pH (correspondente ao potencial hidrogeniônico de uma solução,

determinado pela concentração de íons de hidrogênio ($H^+$)). O indicador serve para medir o grau de acidez, neutralidade ou alcalinidade de determinada solução, além de fornecer cálcio e magnésio para as plantas. É uma etapa da preparação para o cultivo agrícola e pecuário (na formação de pastagens) em que materiais de caráter básico como o calcário são adicionados ao solo com o fim de neutralizar a sua acidez.

Uma calagem bem-feita pode fazer grande diferença na produtividade final, melhorando o retorno financeiro da lavoura. Segundo os manuais técnicos de Agronomia, enquanto o cálcio (Ca) é essencial para a manutenção da integridade estrutural e funcional das membranas e paredes celulares vegetais, o magnésio (Mg) é fundamental para o processo de fotossíntese e diversos outros processos fisiológicos e de nutrição das plantas ou do campo. Em termos práticos, simplesmente, não há produção agropecuária em nível adequado de produtividade sem o uso balanceado (determinado por análises de solo) desses elementos e de outros de idêntica importância como o potássio (K) e os micronutrientes, entre eles zinco, ferro, manganês, boro, cloro, cobre e molibdênio.

À época, estudante de Economia, exercia paralelamente a profissão de jornalista em O Jornal e Diário da Tarde, da empresa Archer Pinto. Aquelas informações – uma tremenda novidade no Amazonas nos anos 1960 – aguçaram a minha atenção e passei a dedicar algum tempo lendo e ouvindo agrônomos na Secretaria de Produção e na ACAR (AM), a respeito da questão. Mal podia realizar que a conferência do Prof. Benchimol na FAEA, menos de 10 anos depois, viria a configurar as bases de minha dedicação ao setor primário, simultaneamente às minhas atividades como economista no setor de consultoria empresarial, até tornar-me um produtor rural a partir de 1976. Observei outro detalhe fundamental em sua palestra: a

simplicidade e erudição com que expunha suas ideias e recomendações em palestras, conclaves ou na Universidade.

O economista e professor da Ufam, Admilton Salazar, escreve no Prefácio do livro *Samuel Benchimol: Ensaio Biográfico de um Educador e Empresário* (2012), de Abrahim Baze:

> O professor Samuel Benchimol é dessas almas privilegiadas cuja trajetória luminosa constitui uma dádiva divina para todos aqueles que puderam abeberar-se de seus conhecimentos, desfrutar de sua cativante simplicidade e admirar sua profunda sabedoria. Ressaltam aos olhos a cultura e os dons intelectuais do Professor Samuel Benchimol.

Prossegue Salazar: "Espírito empreendedor, dedicado ao estudo e ao trabalho, dotado de aguda inteligência, raciocínio cristalino e fácil comunicação revelou-se o protótipo do mestre, pesquisador e educador que formou gerações de amazonenses, pela palavra e pelo exemplo". O Prof. Benchimol moldou gerações de discípulos atentos que, com ele, aprenderam a amar a Amazônia, compreender as razões de sua grandeza, o balanço realista de seu imenso potencial e os desafios da construção de um futuro auspicioso, conclui.

Nas palavras do próprio historiador Abrahim Baze,

> O amazonólogo Samuel Isaac Benchimol, cidadão incondicionalmente apaixonado pela Amazônia, fez se reconhecer mundialmente como estudioso e profícuo pesquisador. Encantado pelas potencialidades Amazônicas, preocupado com seus problemas e sempre pronto para corroborar com respostas aos seus desafios, presentes e futuros, foi assim enquanto viveu entre nós. O Mestre Samuel Isaac Benchimol destacou em suas obras reflexões densas e, consequentemente, propostas sobre os possíveis caminhos relativos à nossa região Amazônica, garantindo espaço nobre para detalhar as nuances daqueles que chegam e vão, que chegam e ficam, que vivem e sobrevivem de forma constante neste chão que lhe serviu de berço e escolhido a mais de duzentos anos pelo povo judeu para viver e trabalhar.

Baze destaca, adicionalmente, que:

> O professor Samuel Isaac Benchimol foi um pensador original, inovador e inquieto que esteve sempre à frente de seu tempo. A mais de meio século falava da necessidade de uma valorização econômica dos benefícios ambientais gerados pela floresta amazônica ao mundo. Sua fala, enquanto esteve entre nós, foi sempre um chamamento, um despertar em especial as nossas autoridades, para as necessidades urgentes de se construir e colocar em prática políticas públicas capazes de explorar adequadamente as florestas e o grande manancial das águas doces que serpenteiam a Amazônia.

Samuel Benchimol foi um mestre – creio, na verdade, ter nascido com esse dom – que muito influenciou gerações de profissionais liberais, professores e empresários amazonenses desde os anos 1960. Foi um iluminista das ciências econômicas, sociais e políticas da Amazônia, sobretudo, pelo seu comprometimento com a verdade galvanizada no princípio, segundo Kant, de que:

> uma época não pode firmar um pacto que impeça épocas posteriores de ampliar sua visão, aprimorar seu conhecimento e reabilitar-se de seus erros. Isto seria um crime contra a natureza humana, cujo destino apropriado reside precisamente nesse progresso.

Ele foi bem além de seu tempo, não pelo volume de sua obra, mas pelas verdades científicas identificadas na efetiva qualidade de um verdadeiro e autêntico amazonólogo.

A seu respeito, assim se pronunciou o poeta amazonense Thiago de Mello, cujo verde de sua imensa e fértil índole florestal foi das mais importantes a difundir a alma do amazônida Samuel Benchimol em outros continentes:

> De todos nós, caboclos amazonenses (Samuel Benchimol é só culturalmente caboclo, o que já é muito) que amamos a nossa floresta (e por isso a estudamos para conhecer melhor a sua verdade), ele é, de longe, quem mais sabe da Amazônia: sabe sua história todinha, sabe a sua formação social e econômica,

> sabe os sangues que urdiram os seus tipos étnicos, sabe as razões e os frutos de sua cultura de cor e salteado. Há mais de meio século que Samuel não faz outra coisa senão estudar a Amazônia e o Amazonas em particular. Samuel Benchimol trouxe para a Universidade Federal do Amazonas, da qual é professor, e criador de uma cadeira dedicada a estudos da região, toda a documentação existente na Torre do Tombo e no Arquivo do Ultramar Português, de Lisboa, relacionada com a ocupação e colonização da Amazônia, desde os dias antigos de quase cinco séculos. Eis todo o alcance de suas convicções: 'Da proteção ambiental depende a continuidade da própria vida humana'. E vê a urgente necessidade de harmonizar a proteção com fatores econômicos, políticos e sociais, como a visão estendida para o futuro, não apenas de nossa floresta, mas do porvir da vida dos homens deste planeta.

## O HOMEM E A OBRA

Samuel Benchimol, economista, cientista e professor, defendia a sobrevivência do homem em estreita harmonia com a floresta. Para ele, o homem tinha de ser feliz com a floresta em pé, mas a floresta não poderia se sobressair ao bem-estar do homem. De acordo com o artigo *Imensidão Amazônica: Ciência e Vida de Samuel Benchimol*, de Lillian Alvares, prefaciado pelo economista e empresário Jaime Benchimol, filho de Samuel,

> a Amazônia foi a grande paixão intelectual de Benchimol, que a ela dedicou a totalidade de seus 32 livros e mais de 70 artigos. Suas publicações sobre a região tiveram escopo extremamente amplo, incluindo, mas não se limitando às áreas de economia, sociologia, antropologia, geografia, história e ecologia.

No conjunto diante de tão vasta contribuição, salienta o texto, é possível destacar cinco conceitos centrais que permeiam o seu pensamento e a sua obra, a seguir especificados:

a) O primeiro apresenta os quatro paradigmas fundamentais para projetos de desenvolvimento da Amazônia: serem economicamente viáveis; ecologicamente adequados; politicamente equilibrados e

socialmente justos. Essas visões representam, segundo os autores, "o equivalente ao *balanced scorecard* da sustentabilidade da região, paradigmas que estabelecem os fundamentos para balizar macropolíticas públicas para a Amazônia, sugerindo critérios que permitem filtrar e enquadrar projetos como sustentáveis".

b) O segundo conceito trata do fato de que a busca da vocação para a nossa região deve colocar o homem no centro, e não à margem, da equação e de nossas preocupações. Benchimol, em suas obras, resume seu desconforto com um mundo bipolar que exibe a dissociação entre a Sociologia e a Ecologia, entre o homem e os recursos naturais. Segundo ele, enfatiza o artigo em referência, políticas públicas maniqueístas desconsideram a interdependência do homem com a natureza e, assim, têm retirado, progressivamente, a base econômica de sustentação de grande parte das populações do interior da região com a criação de numerosas restrições ambientais que têm promovido o empobrecimento, a falta de perspectivas e o êxodo do homem do interior, mesmo daqueles engajados em atividades de baixo impacto ambiental. O movimento ambientalista, a despeito de seus méritos de preservação de recursos e da preocupação com o futuro, tem desconsiderado a presença e os direitos de sobrevivência de quase 25 milhões de habitantes da Amazônia.

c) O terceiro conceito tem como fundamento a publicação, em 1990, do artigo *O Imposto Internacional Ambiental e a Poluição Nacional Bruta*, em torno do qual se sustentam as discussões sobre a necessidade de as economias e os agentes econômicos geradores de poluição e de carbono compensarem, financeiramente, aqueles que renunciam ao direito de usufruir de seus recursos naturais para preservar o meio ambiente para as futuras gerações do planeta. Efetivamente, o estado do Amazonas "que conservou intactos

cerca de 97% dos seus 1,5 milhões de quilômetros quadrados de floresta original", por exemplo, merece ser compensado pelos "serviços ambientais" (fixação de carbono, regulação do ciclo das águas, conservação do patrimônio biogenético da fauna e flora, entre outros) que presta àqueles que poluem o meio ambiente ou utilizam um modelo de desenvolvimento emissor de carbono na atmosfera. O conceito apresentado por Samuel Benchimol com destaque na Eco 92 no Rio de Janeiro, hoje é tema central das Conferências do Clima da ONU, Conferência das Partes da UNFCCC ou COP.

d) O quarto conceito parte da constatação segundo a qual

> a Amazônia é vasta e diferente demais para ser considerada uma só. A sua geodiversidade, biodiversidade e ecodiversidade são tais que necessitamos estudá-las, segmentá-las e compreendê-las para, assim, promovermos ações e políticas em harmonia com suas verdadeiras vocações. A adoção, em 2012, de um novo código florestal para o Brasil, que desconsidera as grandes diversidades amazônicas, é uma evidência recente de quanto o país desconhece a região, ignora seus sistemas ambientais, desperdiça seu potencial e desconsidera as necessidades de seus habitantes.

e) O quinto e último conceito refere-se ao *Estatuto do Amazônida* (uma analogia ao majestoso poema *Os Estatutos do Homem* do amazonense Thiago de Mello) e representa, praticamente, uma síntese do pensamento de Samuel Benchimol. O Estatuto, de acordo com o artigo de Lillian Alvares, "faz considerações sobre a grandeza, continentalidade e importância da Amazônia para o Brasil e para os brasileiros, destacando o seu rico potencial natural e humano". Trata-se de um chamado para construirmos com trabalho e responsabilidade o nosso próprio futuro. Os estatutos, em síntese,

> atribuem direitos e obrigações aos habitantes da Amazônia de usufruírem desse potencial de forma responsável; de realizarem investimentos em infraestrutura que permitam o desenvolvimento de suas comunidades e economias; de buscarem a educação, a ciência e o conhecimento; de protegerem as populações indígenas assegurando-lhes suas terras e manutenção de suas identidades culturais; de reagirem contra a intervenção internacional, mas aceitarem a cooperação legítima e bem-intencionada de cientistas e instituições estrangeiras.

Samuel Benchimol compõe o grupo formulador do pensamento amazônico ao lado de Arthur Reis, Sócrates Bonfim, Djalma Batista, Araújo Lima, Cosme Ferreira Filho, Alberto Rangel, Leandro Tocantins, Mario Ypiranga Monteiro, Moacir Paixão e Silva, Agnelo Bittencourt, Alfredo da Mata, Armando Mendes, Ozório Fonseca, Thiago de Mello, Bertha Becker, Alfredo Homma, Marcio Souza, João Meirelles Filho, Etelvina Garcia, Menezes Fonseca, Roberto Vieira, Eneas Salati, Warwick Estevam Kerr, José Seixas Lourenço, Adalberto Val, Niro Higuchi, Charles Clement, Carlos Roberto Bueno, dentre outras inteligências que despontam como precursores, uns difusores, outros das bases, do conhecimento científico do bioma.

O mestre Samuel Benchimol, por meio de sua extensa e profícua obra, lança as pré-condições do que se pode interpretar como a gênese da Geopolítica, da Sociologia e da Bioeconomia do setentrião brasileiro. São esses estudiosos que fundamentam a base científica, os conceitos e as soluções voltados à estruturação do processo de desenvolvimento sustentável da região. Trabalhos fundamentados em pesquisas realizadas por meio de esforços pessoais, muitas vezes, dado que programas de apoio à pesquisa e ao desenvolvimento e inovação (PDI), tornar-se-iam acessíveis bem mais recentemente, agravado, com efeito, pela escassa disponibilidade de recursos destinados ao financiamento e à publicação de obras daí geradas

De acordo com o Prof. Jacques Marcovitch da Universidade de S. Paulo (USP), Samuel Benchimol, além de professor, pesquisador nato e escritor "foi um dos mais ativos pioneiros empresariais do Brasil". Atuou principalmente na Amazônia, onde também se distinguiu por uma vasta produção intelectual. Legou à posteridade notável obra escrita sobre a região, na qual se insere o livro *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois*, lançado em 1977, reeditado em 2010. Antecipou-se ao conhecido *Relatório Brundtland*[93] publicado em 1987, *Our common future*, que relaciona fatores ambientais e economia. Líder que serviu a sua comunidade de forma destacada, o Prof. Benchimol defendeu o desenvolvimento sustentável da Amazônia respeitando-se quatro diretivas: viabilidade econômica; adequação ecológica; equilíbrio político e justiça social. A obra atualíssima desse empresário-pensador fez dele, também, um pioneiro dos estudos amazônicos.

De fato, entender as assimetrias geopolíticas do setentrião brasileiro requer familiaridade com as obras seminais relativas à História, à Antropologia, à Sociologia, à cultura e, por extensão, às vocações e aptidões da economia regional onde se insere, em relevo, a Bioeconomia. Discursar sobre a Amazônia, seus problemas, suas perspectivas de integração e seu crescimento, desconhecendo a base conceitual precursora, pode até ser considerado fraude intelectual. Na verdade, a noção de Amazônia é ainda bastante fragmentária, muitas vezes desprovidas ou distantes da realidade da vastidão de seus rios,

---

93 Elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, presidida pela norueguesa Gro Harlem Bruntland, daí o nome do relatório. Fornece orientações sobre como conciliar o desenvolvimento econômico e social com a proteção do meio ambiente e dos recursos naturais para as presentes e futuras gerações.

igarapés e igapós, de sua fauna e flora, da gente que habita os beiradões ou as profundezas da selva habitadas pelos povos originários.

Samuel Benchimol, como se procura demonstrar ao longo deste ensaio, muito contribuiu para a interpretação da complexidade e mistérios característicos do bioma amazônico. Avançou com conceitos e teses robustas, cientificamente comprovadas que, entretanto, se mantêm no aguardo de políticas públicas para a sua implementação. O artigo de Lillian Alvares dá a exata dimensão da obra de Samuel Benchimol que, a meu ver, deveria constar como referência nos cursos de Economia, Direito e Sociologia das universidades brasileiras. Pois é exatamente isso que significam. Lições que evidenciam a complexidade social, econômica e geopolítica de uma Amazônia significativamente desconhecida do Brasil. Mas não, certamente, dos países que monitoram a região via satélite, 24 horas por dia. Exatamente por ser a Amazônia, acima de tudo, uma questão global, regional e, sobretudo, nacional. Como tal, promover o seu desenvolvimento é uma imposição do Estado a ser debatida por governos, universidades, centros de pesquisa e por toda a sociedade aqui e alhures.

Lillian Alvares observa em seu texto que

> A antologia amazônica de Samuel Benchimol é única. Seu esforço intelectual contribuiu vivamente para compreender um pouco de toda a imensidão. Vivo a ver citações de sua obra em vários idiomas. As pesquisas em desenvolvimento regional, formação econômica e territorial da Região Amazônica, por todo o país, trazem inúmeras citações de seu trabalho. Sua obra é a Amazônia impressa em toda sua magnitude.

Alvares vai mais além ao escrever:

> Pesquisador e Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas, Samuel Benchimol surpreende não apenas pela amplidão e domínio com que apresenta os temas relativos à Amazônia, mas também como venceu os desafios, paulatinamente, até tornar-se o excepcional educador e

> empresário que foi. Sua trajetória é referência a novas gerações, pois sua vida é repleta de ensinamentos, de vitórias e de intensos desafios.

E conclui:

> Do amazônida apaixonado, conhecemos também o humanista de vasta formação cultural, que se orgulha de pertencer a essa faixa de terra, comparando-a com outras e destacando as potencialidades e qualidades daqueles que aqui habitam. A constelação de livros, folhetos, artigos, relatórios que ele produziu confirma a grandiosidade do homem que viveu pela Amazônia e que dedicou sua inteligência a estudar a realidade da região mais rica em biodiversidade do planeta.

**Figura 1. Capa de algumas obras de Samuel Benchimol**

Fonte: Biblioteca Samuel Benchimol, Manaus (AM)

Na extraordinária obra *O Homem Medíocre* (2006), José Ingenieros, médico, escritor, docente, filósofo e sociólogo ítalo-argentino escreve:

> Sem ideais seria inexplicável a evolução humana. Eles existiram e sempre existirão. Palpitam por detrás de todo esforço magnífico realizado por um homem ou um povo. São faróis sucessivos na evolução mental dos indivíduos e das raças. A imaginação os acende, sobrepondo-se continuamente à experiência, antecipando os seus resultados. Essa é a lei do porvir humano: os acontecimentos, inabitados de todo para a mente humana, recebem vida e calor dos ideais, sem cuja influência permaneceriam inertes e os séculos seriam mudos. Os fatos são pontos de partida; os ideais são faróis luminosos que, de trecho em trecho, iluminam a rota. A história da civilização mostra uma infinita inquietude de perfeições, que grandes homens pressentem, anunciam ou simbolizam.

Contexto no qual Samuel Benchimol e sua obra assentam-se sem qualquer retoque. O mestre, o pesquisador incansável, o educador, o intelectual e o empresário legou, em seus 32 livros e mais de 70 artigos publicados e compartilhados em todo o Brasil e mundo afora, um facho de luz, *faróis luminosos* capazes de transmitir aos pósteros, às gerações que o sucedem, seus alunos ou não, a obrigação de conhecer uma obra seminal e dar continuidade ao pensamento e aos ideais relacionados ao dever comum, a cada ser pensante, de alimentar os ideais subjacentes ao desenvolvimento da Amazônia, ao amadurecimento social, cultural e político de nosso povo.

## A COMPLEXIDADE AMAZÔNICA

Geograficamente, a Amazônia tem peso e grandiosidade universais. Assim resume Samuel Benchimol:

> Um vigésimo (1/20) da superfície terrestre, um quinto (⅕) das disponibilidades mundiais de água doce, um terço (⅓) das florestas latifoliadas (plantas com folhas largas, típicas de regiões de clima tropical úmido e equatorial), um décimo (1/10) da biota universal, um vigésimo e cinco avos (1/25) da capacidade de sumidouro de carbono, produzido pela queima de combustíveis fósseis dos países industrializados (ano 2000), três quintos (⅗) do território brasileiro, quatro décimos (4/10) do continente sul-americano, quatro milésimos (4/1000) da população mundial (ano 2000).

Não se pode deixar de considerar, com efeito, segundo a geógrafa, professora e amazonóloga Bertha Becker que,

> face a números tão grandiosos, a Amazônia seja considerada 'como o coração ecológico do planeta, o *heartland'*. O conceito se aplica à região devido à extensão da massa terrestre e florestal – que historicamente dificultou a ocupação, constituindo autodefesa que envolve hoje a Amazônia sul-americana, à posição geográfica estratégica entre os blocos regionais e à conectividade, que atualmente permite maior mobilidade interna acrescentando valor à biodiversidade, base da fronteira da ciência com a biotecnologia e a biologia molecular.

Becker destaca que

> O novo valor atribuído ao potencial de recursos naturais confere à Amazônia o significado de fronteira do uso científico-tecnológico da natureza e, em sintonia com a política da formação de grandes blocos supranacionais, revela a necessidade de pensar e agir na escala da Amazônia sul-americana.

Nessa linha de raciocínio, observa, verificou-se entre 1980-2000 "forte retração dos investimentos produtivos do capital internacional, influenciado por bancos e agências, que passaram a orientar-se por meio de políticas preservacionistas da região associada à emergência da questão ambiental". Fundamentalmente, tal orientação está associada "à nova geopolítica mundial – que, como visto, não mais visa a apropriação direta de territórios, mas sim o poder de influir na decisão dos Estados sobre o seu uso – e o papel que a Amazônia assumiu nesse contexto".

Além do mais, outro fator potencializa a necessidade de, incansavelmente, com denodo, intrepidez e ousadia, cuidarmos de nossos próprios destinos levando em conta que a disputa das potências pelas novas fronteiras incide, vigorosamente, sobre o Brasil. Até por que, ao que salienta Bertha Becker, "três grandes eldorados podem ser

reconhecidos contemporaneamente: os fundos dos oceanos ainda não regulamentados, a Antártida, partilhada entre as potências, e a Amazônia, único a pertencer, em sua maior parte, a um só Estado Nacional". Diante desse extraordinário potencial, uma questão, porém, segue desafiante à ciência, às tecnologias, às estratégias econômicas, às políticas públicas: o que o brasileiro, o Brasil e a comunidade internacional esperam da região? Afinal, tema central subjacente ao complexo amazônico, segundo Samuel Benchimol em *Amazônia: a Guerra na Floresta*, permanece praticamente irremovível, exatamente, por não se centrar

> exclusivamente no problema do relacionamento do homem com a natureza. Se essa relação é a grande questão que preocupa a todos nós, esse binômio homem-natureza, ao envolver duas ciências: a ecologia e a economia trazem evidentemente no seu bojo outros problemas humanos, sociais e políticos.

Em circunstâncias de excepcional significância para a ciência e a bioeconomia mundial, Benchimol defende a tese segundo a qual "nós nos defrontamos com três níveis de questões fundamentais. A primeira é a relação homem com o homem, a segunda é a relação natureza com a natureza, e a terceira diz respeito à relação natureza com o homem ou o homem com a natureza". No primeiro nível, esclarece, "a relação homem com o homem é de caráter existencial, filosófico e social: como nós nos relacionamos com nossos semelhantes e somos capazes de viver em sociedade". Do outro lado, desponta "o problema da natureza, a relação do mundo natural com o mundo natural, a relação das plantas e animais com outras espécies da flora e da fauna". Por fim, o relacionamento do homem com a natureza necessita maior atenção porque, exatamente aí, "é onde os problemas se tornam muito complexos e diferenciados no tempo e no espaço. Exatamente porque

trazemos à discussão aspectos culturais, valores éticos e sociais gerados pelo homem e a sociedade".

A Amazônia, enfim, é um exemplo vivo dessa nova geopolítica. De acordo com Bertha Becker em *Amazônia: Geopolítica na Virada do III Milênio*, exatamente por aí se encontrarem todos esses elementos, "constitui um desafio para o presente, não mais um desafio para o futuro". E qual é este desafio atual? Becker esclarece:

> a Amazônia, o Brasil, e os demais países latino-americanos são as mais antigas periferias do sistema mundial capitalista. Seu povoamento e desenvolvimento foram fundados de acordo com o paradigma de relação sociedade-natureza, que Kenneth Boulding denomina de economia de fronteira, significando com isso que o crescimento econômico é visto como linear e infinito, e baseado na contínua incorporação de terra e de recursos naturais, que são também percebidos como infinitos. Esse paradigma da economia de fronteira realmente caracteriza toda a formação latino-americana.

**Figura 2. Limites Amazônicos**

Fonte: Red Amazónica de Información Georreferenciada, 2012

A obra de Samuel Benchimol, por outro lado, ressalta, de forma contundente, equívocos inerentes e recorrentes a políticas de desenvolvimento da Amazônia brasileira, análises e diagnósticos

empreendidos alicerçados "no pressuposto de que a região constitui um todo mais ou menos homogêneo, suscetível de um planejamento uniforme e global". Desde a SPVEA, passando pela Sudam, Banco da Amazônia e Suframa, foram "subestimadas as diferenças, não levando em consideração que, em verdade, existem oito amazônias: oriental, central, setentrional, meridional, do planalto, ocidental, guiano-orinoco e pré-andina", cada uma delas com suas próprias características geopolíticas:

- Amazônia Oriental: economia do delta, a mais desenvolvida, com o maior índice de concentração populacional e elevado grau de urbanização.
- Amazônia Central: predominam várzeas férteis com peculiar economia ribeirinha de subsistência.
- Amazônia Setentrional: mais distanciada do litoral, extremamente frágil.
- Amazônia Meridional e Extremo Ocidental: grande área extrativista florestal.
- Amazônia Periférica do Planalto: zona de transição, prolongamento natural da economia brasileira do cerrado do centro-oeste.
- Amazônia Guiana-Orinocense: que se alonga no grande arco da fronteira norte e noroeste, embasada no sistema Pario-Guiano e na zona de transição dos vales do Orenoco para os rios Putumaio, Japurá, Negro, Branco, Trombetas, Paru-Jari e Oiapoque.
- Amazônia Pré-Andina: abrangendo, em maior porção, o território peruano.
- Amazônia Extremo-Ocidental: arco da fronteira acreana, Alto-Solimões, Putumaio e Caquetá.

De acordo com um dos expoentes mais apaixonados pela região, o general Rodrigo Octávio Jordão Ramos, ex-comandante do Comando Militar da Amazônia,

> A Amazônia não é um inferno verde nem um paraíso perdido! Mas, sim, uma vasta área onde toda uma geração espera ansiosa e confiante o esplendente alvorecer de um amanhã fecundo, diferente e promissor. É tempo, na verdade, de o homem comandar a vida na Amazônia, deixando de escravizar-se ao rio, como secularmente vem acontecendo. É tempo de findar aquela extrema anomalia, tão decantada no passado de que o homem, na selva, vivendo da exploração florestal, pelo isolamento insuperado, trabalha para escravizar-se. É tempo de mudarmos essa imagem. O que queremos é uma Amazônia integrada, mas para sempre brasileira.

## OPERAÇÃO AMAZÔNIA

No livro *Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois*, Samuel Benchimol faz uma profunda análise do momento mais exuberante da intervenção pública no processo de desenvolvimento da região. Segundo suas próprias palavras, grafadas à época,

> poucos na Amazônia se apercebem de um fato que merece a maior atenção: embora lentamente, vem sendo estruturada uma nova estratégia e logística para a ocupação e o desenvolvimento da Amazônia. As peças dessa doutrina, sob a pressão dos interesses da segurança nacional a partir do advento da Revolução de 1964, estão sendo montadas sob a liderança do Ministério do Interior e das Forças Armadas, e são defendidas pelos mais esclarecidos políticos e intelectuais brasileiros.

Políticas públicas adotadas a partir de 1965 produziram grande impacto no processo de desenvolvimento. São exemplos, como sintetiza a obra:

a) A reformulação da Sudam, do Banco da Amazônia e dos principais órgãos federais na região; a criação da Zona Franca de Manaus e o reconhecimento da Amazônia Ocidental.

b) A ativação do papel das Forças Armadas na criação de colônias e unidades de fronteira; a abertura de novos eixos rodoviários com a participação do Exército.

c) A modernização e localização de novos aeroportos pela Aeronáutica; a instalação de bases fluviais pela Marinha; a dinamização da navegação atlântica e fluvial.

d) Os pesados investimentos na construção do sistema de comunicações da região.

e) E a criação da Fundação Universidade do Amazonas (FUA), hoje Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Estes fatos retratam, enfaticamente, uma mudança de filosofia política, no tangente a uma nova concepção da estratégia que passou a ser adotada no processo de desenvolvimento amazônico. Dentro de mais algum tempo, identificada, ao que salienta Samuel Benchimol, como a Doutrina de Brasília para Ocupação e Desenvolvimento da Amazônia, pois graças à interiorização da capital federal, em 1961, é que foi possível empreender a grande escalada econômica na região.

A Doutrina de Brasília preconizava, por meio de instrumentos de consistentes políticas econômicas, "a arrancada definitiva do povo brasileiro para garantir a posse da herança física que recebemos há três séculos e duramente mantida ao custo do sacrifício de tantas gerações de amazônidas". Essa nova doutrina visava, sobretudo, incorporar alguns princípios e condicionantes básicos em sua estratégia e logística, entre as quais, segundo o Prof. Benchimol, merecem ser assinalados com destaque:

a) A preservação do caráter nacional da Amazônia e sua ocupação por brasileiros.

b) A integração da periferia e do centro amazônico ao sistema Centro-Sul brasileiro, proporcionando acesso mediterrâneo através de eixos rodoviários longitudinais, já construídos ou em construção, acompanhando a linha seca dos divisores de águas.

c) A ênfase nos transportes fluviais, tendo em vista aproveitar a linha de menor resistência dos rios e de mais fácil penetração na bacia.

d) A construção de aeroportos comerciais em pontos estratégicos ao longo da calha e nos principais pontos de concentração humana, para dar apoio ao deslocamento e fixação do homem, tendo em vista as enormes distâncias vencíveis somente por avião, na verdade, o principal ponto de apoio para a sobrevivência e fixação de suas populações: ele voa, sobrevoa e povoa.

e) A ocupação militar da fronteira através de unidades do Exército e de colônias militares para manter constante a presença brasileira e assistir às populações nas mais longínquas regiões, enquanto a retaguarda da fronteira econômica se encaminha em direção a elas.

f) O estabelecimento de cinco poderosos polos urbanos de desenvolvimento para propiciar o apoio logístico à produção, ao povoamento e à defesa nacional, situados em Belém, no delta; em Santarém, no Baixo Amazonas; em Manaus, no Médio Amazonas; em Coari (ou Tefé), no Médio Solimões; e em Benjamin Constant (ou Tabatinga), no Alto Solimões.

g) A adoção de uma política imigratória com os excedentes da população do Nordeste e de outras áreas brasileiras, visando fixá-los nos altos varzeados férteis da calha central, próximos aos cinco polos de desenvolvimento.

h) Apoio às universidades amazônicas para a formação de novas lideranças voltadas para os problemas regionais e para os centros

de pesquisa tecnológica e agronômica, em particular, com vistas à identificação de novos produtos e oportunidades econômicas (observe-se que, à época, conceitos de bioeconomia não eram ainda discutidos como alternativa de desenvolvimento sustentável na região).

i) A formulação de planos sub-regionais para cada uma das *oito amazônias* e a consequente instalação de superintendências regionais, com autoridade e poder decisório para conceder estímulos fiscais, aprovar e dispensar crédito, resguardada a conformidade com as diretrizes fixadas no plano diretor da região.

j) A participação ativa das Forças Armadas no processo de ocupação e de desenvolvimento, objetivando interiorizar as unidades de comando e de execução, de modo a dar-lhes maior mobilidade e autonomia de ação nas diversas *amazônias* sob sua jurisdição.

k) O apoio aos estados e territórios federais para estimular e compatibilizar os seus programas de desenvolvimento com os objetivos dos planos setoriais pelas Superintendências Regionais da Sudam e do Banco da Amazônia, nas *oito amazônias*.

l) A convocação do empresariado nacional, à semelhança do que já foi feito uma vez a bordo do navio Rosa da Fonseca, para participar da escalada amazônica, não apenas com a opção dos depósitos para investimentos, mas, também, para a organização e fundação de novas empresas.

m) Uma ampla campanha promocional, através da fundação de potentes emissoras de rádio e de televisão federais com o objetivo de motivar a população, gerar e consolidar a cultura do desenvolvimento.

n) A cooperação internacional para o financiamento das obras de infraestrutura, notadamente no setor de transportes,

comunicações e pesquisas, com vistas a programas multinacionais na região, preservada a soberania e os interesses brasileiros.

o) A redivisão política e administrativa com o reconhecimento das *oito amazônias* como unidades de planejamento e a criação da "Amazônia dos Vinte e Quatro Estados e Territórios Federais", para atender à diversidade da programação regional e à necessidade imperiosa de interiorizar a administração federal e estadual de alto nível, em apoio à nova Doutrina de Ocupação e Desenvolvimento: *dividir para desenvolver, unindo esforços.*

No regime militar, particularmente nos anos 1960 e 1970, conforme analisa Samuel Benchimol, o governo adotou posicionamento construtivo em relação à dotação de infraestrutura básica para o crescimento econômico. Foram iniciadas a construção da Transamazônica, Perimetral Norte, criada a Universidade do Amazonas em 1965, a Sudam e o Basa em 1966 e instituída a Zona Franca de Manaus em 1967. Igualmente, ocorreu a implantação dos troncos de telecomunicações e transporte, além de expressivos investimentos nos setores educacional e de saúde pública. Numa perspectiva contemporânea em relação àqueles anos da Doutrina de Brasília, muito pouco dos itens elencados por Samuel Benchimol foram realizados. A maioria continua dependente de decisões de Estado que priorizem o longo prazo, não o curtíssimo adstrito a mandatos governamentais.

## ZONA FRANCA DE MANAUS E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 4.0

Ao ser criada a Zona Franca de Manaus em 1967, o regime militar completa o plano geopolítico, econômico e social de ocupação estratégica (e de segurança nacional) da Amazônia, analisado por Samuel Benchimol. O Plano, descrito em sua integridade no texto *ZFM:*

*a Cara da Coreia do Sul*, publicado em 19 de abril de 2009, na minha coluna no jornal A Crítica[94], tinha por objetivo adicional a interiorização do desenvolvimento por meio de investimentos em infraestrutura e nos projetos:

a) Polamazônia, constituído por 15 polos sub-regionais e amplas metas a serem alcançadas via cadeias produtivas estratégicas nos campos da agricultura e pecuária e em segmentos como os de energia, mineração, pesca, indústria, serviços, transporte, comunicação, educação e saúde.

b) O próprio polo urbano da ZFM.

c) A instalação do Comando Militar da Amazônia, em Manaus.

d) A construção da malha rodoviária constituída pelas rodovias BR-319 (Manaus-Porto Velho), BR-174 (Manaus-Boa Vista-Caracas), BR-165 (Cuiabá-Santarém), a BR Porto Velho-Acre, a se interligarem à Transamazônica e à Perimetral Norte.

O Plano, por outro lado, visava, sobretudo, abrir espaço para a ocupação espacial, humana e econômica das fronteiras Centro-Oeste e Norte do Brasil. A meta consistia em viabilizar planos, programas e projetos de assentamento, que se efetivaram por colonos deslocados em massa do Sul do Brasil para os estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso, norte de Goiás, hoje Tocantins, e sul do Pará. A franja sul do Amazonas teve participação discreta no processo por meio de assentamentos, hoje, polos agropecuários importantes do sul do Amazonas, centrados nos municípios de Manicoré, Apuí e Humaitá, Rio Madeira, Lábrea e Boca do Acre no rio Purus.

---

[94] O texto também integra meu livro Economia do Amazonas: Visões do Ontem, do Hoje e do Amanhã, de 2016.

Esta é a base estratégica de ocupação definitiva, economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente sustentável do governo militar para o setentrião brasileiro. Parte ficou, tornou-se realidade, parte foi consumida pelo abandono. É lamentável constatar, com efeito, que, no período pós redemocratização de 1985, a presença do governo federal na Amazônia encolheu, tornou-se inexpressiva. A região voltou à condição de "entregue à própria sorte", submetida a amplo e invasivo processo de ocupação ditado por "*neo* colonizadores" (invasores, melhor dizendo) ao seu próprio talante, em geral, à revelia da autoridade governamental, no que resultaram os grandes avanços no desmatamento predatório da região, que vêm se verificando desde então. A despeito dos percalços e conflitos na alçada governamental graças, principalmente, ao trabalho incessante e corajoso da iniciativa privada, a franja sul do estado do Amazonas vem se constituindo no novo polo de expansão da fronteira agrícola brasileira com intensas atividades nos segmentos de manejo florestal sustentável, pecuária, grãos e mineração.

Em meu artigo, dando sequência à análise do período militar descrito, destaco:

> Do estado do Amazonas cuidaria a Zona Franca de Manaus (ZFM). O distrito industrial, que começara a se implantar no final dos anos 1960 deveria transformar-se no maior parque fabril da América Latina movido a incentivos fiscais concedidos aos setores relojoeiros, químico, termoplástico, eletroeletrônico, e, especialmente, ao de duas rodas, que se instalaria, com grande sucesso, a partir do final dos anos 1970/1980. Todas as cadeias produtivas, ressalte-se, arrimadas em tecnologias predominantemente originárias do Japão, da Europa e dos Estados Unidos, e, mais tarde, da Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e dos demais Tigres Asiáticos que então se espalham pelo continente.

Como hoje se pode observar, nem tudo funcionou. Basicamente, resultado de deficiência gerencial de sucessivos governos

– federal e estadual – que não tiveram a clarividência e a competência técnica de apostar no modelo ZFM, no curso da revolução tecnológica que transformaria o mundo a partir dos anos 2000, evoluindo dos arranjos locais para economias globalizadas movidas a altas tecnologias de processo e produto. O *gap* tecnológico instalado expandiu-se, incontrolavelmente, desde a adoção da desastrosa reserva de mercado instituída pela Lei da Informática de 1984. A política governamental a partir desse dispositivo legal teve, praticamente, ao que se é levado a inferir, um único propósito: restringir a entrada de empresas estrangeiras do setor de informática no Brasil e, ao final, isolar e distanciar o Brasil da revolução que o setor promoveu no mundo moderno daí em diante. O processo culminou com a Quarta Revolução Industrial 4.0, que teve origem em 2012, como parte de um projeto estratégico de alta tecnologia do governo Alemão. A hipótese consiste em buscar a promoção da informatização da manufatura, com foco na melhoria da eficiência e da produtividade dos processos.

Samuel Benchimol é realista ao reconhecer "as dificuldades operacionais que tão ambiciosa reformulação representa". No entanto, a nova Doutrina de Brasília para Ocupação e Desenvolvimento da Amazônia passa a ser exercida de forma vaga e, talvez, inconsciente nos bastidores da República, buscando incorporar grande parte desses princípios e condicionantes. Se, contudo, não chegar a ser formulada, conclama o Prof. Benchimol, "resta-nos apenas a última esperança de que o povo da Amazônia que até aqui vive e sobrevive, possa reunir ainda forças suficientes para uma vez mais, nesta imensa região, resguardar e preservar a soberania brasileira".

Ao contrário, se o mundo de Samuel Benchimol e dos pensadores da Amazônia de então tivesse prosperado, a região ostentaria, hoje, no mínimo, o padrão da economia do Canadá; a Zona Franca estaria ao nível, ou próxima, da Coreia do Sul e o Amazonas

poderia estar vivenciando um mundo de equilíbrio proporcionado pela integração do Polo Industrial de Manaus (PIM) à bioeconomia, produzindo e exportando para o mundo produtos processados no PIM padrão 4.0 e oriundos da exploração sustentável de nossa biodiversidade, dos setores da mineração, do polo gás-químico, da piscicultura, da produção de alimentos e, ainda, abastecendo o mundo por meio da produção madeireira via manejo florestal sustentável. Tal cenário, penso eu, é absolutamente realista, e não o sonho de uma noite de verão. Seria, efetivamente, o resultado da marcha *full steam ahead* de políticas públicas responsáveis e de larga visão de futuro, gestadas nos anos 1960 para a região amazônica e a Zona Franca de Manaus, em particular, aperfeiçoadas e ajustadas a *insights* baseados em dinâmica conjuntural doméstica e internacional.

Na era da *internet*, ao que ensina Henry Kissinger em seu abrangente e provocativo livro Ordem Mundial (2014), é que "a ordem mundial tem sido muitas vezes equiparada à proposição de que, se as pessoas dispõem da capacidade de acessar e trocar livremente as informações do mundo, o impulso humano natural para a liberdade acabará por enraizar e se realizar e a história passará a avançar como se estivesse no piloto automático". Porém, adverte, filósofos e poetas dividiram o alcance em três componentes: informação, conhecimento e sabedoria. No tocante à *internet*, a tecnologia

> centra seu foco no domínio da informação, cuja disseminação ela facilita de modo essencial. Funções crescentemente complexas são concebidas, em particular adequadas para responder a questões essenciais associadas a fatos, que em si mesmas não são alteradas pela passagem do tempo. Mecanismos de busca são capazes de lidar com questões cada vez mais complexas a velocidade cada vez maior.

O próprio Henry Kissinger, com extrema sabedoria e ponderação, cita, em sua obra, o poeta T. S. Eliot (1888-1965), Prêmio

Nobel de Literatura (1948), e sua transcendental obra *A Rocha* (1934), uma mistura típica de ironia e grande dramaticidade, em que o mestre da literatura do século XX denuncia o *deserto* existencial em que se transformaram as sociedades modernas, e interroga o leitor sobre uma possível via de superação.

> *Onde está a Vida que perdemos vivendo?*
>
> *Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?*
>
> *Onde está o conhecimento que perdemos na informação?*

A representação esquemática a seguir sintetiza o evoluir do mundo, movido pelas revoluções industriais, segundo os paradigmas históricos subjacentes aos avanços tecnológicos que, em si próprios, distinguem nações avançadas e estagnadas ao longo da história. O Brasil, constata-se, tem presença muito discreta no processo.

**Figura 3. Revoluções Industriais**

Fonte: Estadão, 2019

## POR UM MODELO INOVADOR

O modelo de desenvolvimento buscado para a Amazônia é, certamente, desafiador, inovador e único. Nesta região, ainda é possível a concepção de um modelo de produção e consumo sustentável dos recursos naturais que permita, não somente o desenvolvimento social e econômico da região, mas, também, a conservação da natureza e da cultura dos povos indígenas que nela habitam. Esse modelo deve corresponder às exigências das sociedades brasileira e internacional quanto à mitigação dos problemas ambientais que afetam a Terra.

O documento produzido pelo INPA *Amazônia: Desafio Brasileiro do Século XXI: a Necessidade de uma Revolução Científica e Tecnológica*, de 2013, dá conta de que a Amazônia é uma questão global, regional e, sobretudo, nacional. Como tal, o desafio de promover o seu desenvolvimento é uma questão de Estado, a ser debatida pelo governo e por toda a sociedade do país. À ciência, à tecnologia e à inovação cabem contribuições cruciais no enfrentamento desse desafio.

O ensaio do INPA ressalta, adicionalmente, que ao longo de sua história,

> o Brasil criou ilhas de competência em C&T que se assemelham aos países mais ricos e desenvolvidos do mundo. No entanto, as históricas desigualdades regionais criaram óbices que limitam drasticamente a geração, a transferência e o uso intensivo de C&T para um desenvolvimento econômico e social equitativo em todas as suas regiões. Enquanto isso, as demandas do mercado global por água, energia, alimentos, biocombustíveis e fármacos, bem como a crescente preocupação mundial com os riscos para a humanidade decorrentes de práticas ambientais destrutivas, aumentaram a importância geopolítica da Amazônia e de seus recursos naturais.

O documento do INPA pondera, de forma muito preocupante, que "a matriz concebida nesses termos deve responder às exigências

das sociedades brasileira e internacional quanto à mitigação dos problemas ambientais que afetam a Terra". Por conseguinte, o desafio de "transformar o capital natural da Amazônia em ganhos econômicos e sociais de maneira ambientalmente sustentável é singular, tendo em vista inexistir 'modelo' a ser copiado". A propósito, forçoso levar em conta outro fator de extrema complexidade e preocupações, quanto à eficácia das estratégias para o desenvolvimento adotadas pelo governo brasileiro, verdadeira ducha de água fria derramada sobre a região pela obra *Tristes Trópicos*, ensaio do antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss, publicado em 1955, na França, que documenta suas viagens e trabalhos antropológicos centrando-se, principalmente, no Brasil, embora se refira a muitos outros lugares como o Caribe e a Índia. Segundo Lévi-Strauss, um dos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, "no Novo Mundo as cidades vão do viço à decrepitude sem parar na idade avançada". Espada de Dâmocles, que se mantém irremovível sobre o Brasil, sem perspectivas concretas de remoção.

O ponto transcendental de tais considerações, por outro lado, é agravado ao se levar em conta não haver sequer "um país tropical desenvolvido no Planeta com economia baseada em recursos naturais diversificados, principalmente de base florestal, intensivo uso de C&T de ponta e força de trabalho educada e capacitada na utilização de C&T". E, também, chama a atenção para "as possibilidades de que grandes investimentos em infraestrutura, energia e exploração mineral na região estão previstos para realização no médio prazo". Na verdade, "somente a atribuição de valor econômico à floresta em pé permitirá a ela competir com outros usos que pressupõem sua derrubada ou degradação, e somente a CT&I poderão mostrar o caminho de como

utilizar o patrimônio natural sem destruí-lo" e nos livrar das armadilhas que fortemente emperram nosso desenvolvimento socioeconômico.

Ainda de acordo com o estudo do INPA em referência, nos últimos 30 anos, a preocupação com a CT&I culminou em diversas iniciativas para o fomento da ciência e tecnologia na Amazônia. Diversos programas, planos e projetos foram concebidos e inseridos numa agenda amazônica sempre fragmentada entre eles e, para citar apenas alguns, temos: o Programa do Trópico Úmido (PTU); o documento da Comissão Coordenadora Regional de Pesquisas na Amazônia (Corpam); o Programa Norte de Pesquisa e Pós-Graduação (PNOPG); o Programa Norte de Interiorização (PNI); o Protocolo de Integração das Universidades da Amazônia Legal (Piual); e o Fórum das Universidades da Amazônia (Unamaz), Mestrado e Doutorado Interinstitucional da Capes, Mecanismos Estratégicos de C&T na Amazônia (Mecta), 2005.

Na virada do milênio, aponta o documento, projetos de pesquisa importantes e avançados foram implantados na região pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). A contribuição dessas ações tem sido substancial, embora apresentem superposições e lacunas decorrentes da falta de articulação. É consenso que todos esses instrumentos focaram, de alguma forma, nos esforços de criação de uma base institucional mais forte, com preocupações voltadas para a identificação de prioridades em C&T, acesso aos financiamentos e qualificação de pessoal. Todos eles, contudo, são caracterizados por uma fase de expansão seguida de estagnação e declínio que decorreram, em grande parte, da desarticulação e da falta de continuidade das políticas públicas. É fundamental, portanto, que os instrumentos de avaliação e controle do plano sejam, permanentemente, acionados.

Exemplos claros da discrepância do Instituto no tocante aos padrões do mundo desenvolvido: O INPA que, em tempos idos, contava com mais de 1.800 funcionários, hoje tem não mais do que 500. Dos 500 pesquisadores dos anos 1990 a 2000, restam menos de 150, a maioria dos quais em fase de aposentadoria. No mesmo passo, seu orçamento definhou para cerca de R$ 32 milhões em 2023, enquanto o *budget* da Universidade de Stanford, por exemplo, alcança o montante de US$ 7 bilhões. No Brasil, a previsão orçamentária do governo federal para ciência, tecnologia e educação superior, relativamente ao exercício de 2023, é equivalente ao mesmo valor de 15 anos atrás. É o que mostra o balanço divulgado pelo Observatório do Conhecimento. No Projeto de Lei Orçamentária Anual (LOA) deste ano, os recursos do orçamento do conhecimento seguem em queda que se registra desde 2015. O valor passou, em números corrigidos pela inflação, de R$ 40,76 bilhões em 2014 para uma previsão de R$ 17 bilhões para 2023, cerca de 3,3 bilhões de dólares para todo o país.

A Universidade de Harvard, escola mais rica dos Estados Unidos, adicionou quase US$ 10 bilhões aos seus cofres por meio de uma campanha de arrecadação de fundos que atingiu um valor recorde. A campanha foi anunciada publicamente em 2013, com uma meta de US$ 6,5 bilhões e terminou, oficialmente, em 1º de julho. Segundo informações de Harvard, mais de 153 mil famílias doaram para a campanha. Dos US$ 9,6 bilhões arrecadados, US$ 1,3 bilhão será destinado à ajuda financeira estudantil. Os fundos também apoiarão 142 professores, instalações novas e renovadas e pesquisas de tópicos como a cura do câncer e mudanças climáticas. O recorde anterior em arrecadação para faculdades pertencia à Universidade de Stanford, que encerrou uma ação de cinco anos em 2012, no valor de US$ 6,2 bilhões, uma marca que Harvard bateu com três anos de campanha. Grandes

campanhas de arrecadação em andamento incluem US$ 6 bilhões da Universidade do Sul da Califórnia, US$ 5 bilhões da Universidade da Virgínia e US$ 4,2 bilhões da Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

Em síntese, os orçamentos anuais dessas universidades têm, basicamente, em média a seguinte procedência: 35% *endowment* (doações, inclusive de ex-alunos), 22% mensalidades, 17% pesquisas e patrocínios, 26% outros. Para efeito comparativo com o Brasil, tomando-se o exemplo da Universidade de São Paulo (USP), dos R$ 5,98 bilhões de orçamento, R$ 5,7 vem do repasse do Estado (ICMS) ou 95% da receita total.

Em relação à Amazônia, governos têm lançado planos e programas para promover o desenvolvimento aliado à conservação ambiental da região. Alguns esforços têm sido direcionados à região, mas insuficientes face às carências multissetoriais que impedem o equilíbrio voltado à exploração econômica com sustentabilidade ambiental, tampouco têm, estas ações, conseguido promover o desenvolvimento sustentável da região. Exemplos: Criação de Reservas Extrativistas, Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras e Ministério do Meio Ambiente entre 1987-1995; mais recentemente, Plano Amazônia Sustentável (2003), Plano de Combate ao Desmatamento, Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável da BR-163 (Cuiabá-Santarém), Deter.

Tal situação decorre, praticamente, consensual nos meios acadêmicos e da pesquisa, em grande parte da desarticulação entre as diversas iniciativas e da dificuldade em fazer cumprir a lei nacional, abrindo espaço para ingerências externas e fragmentação social e territorial. São, ainda, tímidas e pouco articuladas as ações do país no

sentido da construção de políticas sistemáticas que apontem novos caminhos e novos horizontes para a Amazônia. Também tímidas e pouco articuladas, apesar de proativas, têm sido as políticas multilaterais com os países detentores de megabiodiversidade e aqueles que compõem a Amazônia Pan-Americana.

O texto ressalta, como que efetuando síntese da obra de Samuel Benchimol, a necessidade de se resgatar o planejamento e integrar suas várias dimensões, visando a uma agenda prioritária que oriente a articulação dos projetos de pesquisa e das instituições com a coordenação das políticas ministeriais, de forma a fortalecê-los e associá-los aos problemas e demandas da região. Este planejamento deve ser, continuamente, atualizado em face das rápidas mudanças que ocorrem na Amazônia. A articulação com as instituições de pesquisa dos países amazônicos – a Pan-Amazônia – deve ser parte desse processo. Além do que, um planejamento integrado de grande porte para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação exige a participação e coordenação de diferentes Ministérios, governos estaduais, setores empresariais e sociedade civil, por meio de uma ação concertada.

Entretanto, os problemas se avolumam fugindo de soluções pragmáticas e ajustadas às idiossincrasias geopolíticas da região. O general Guilherme Theophilo Gaspar de Oliveira, comandante Militar da Amazônia, em palestra proferida em novembro de 2015, abordando soberania e segurança na Amazônia perante o auditório do Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos (GEEA) do Inpa, enfatizou que os dados sobre o desprovimento das fronteiras brasileiras, que hoje beiram à "terra de ninguém", são dramáticos. Por elas, transitam com liberdade o narcotráfico, o contrabando de armas, de minérios, animais silvestres e todo tipo de mercadorias, além do fluxo migratório que se avoluma a

cada ano. O contrabando de nióbio, não raro, se processa por meio de feixes de piaçava. Observe-se, a propósito, que, enquanto o Brasil detém 98% das reservas mundiais, o Canadá, com apenas 2%, controla a tecnologia de extração e processamento industrial desse raro e estratégico minério, aqui desperdiçado.

Segundo Gaspar de Oliveira, ao longo das fronteiras "a biodiversidade ainda não é conhecida por muitos de nós". Contudo, "caberá ao pesquisador, com apoio de programas oficiais como o Pró-Amazônia, e os estudos técnicos especializados que descobrirá e difundirá seu valor econômico e estratégico". Ao tomar conhecimento da plenitude desses recursos naturais, "a Defesa tem o papel de proteger e defender essa riqueza para que possam tornar-se produtos rentáveis para o país", diz o general. E prossegue: "por isso, é fundamental unir o meio acadêmico com o Ministério da Defesa". Com efeito, o Estado brasileiro precisa ter uma preocupação com o desguarnecimento de suas fronteiras.

## DISTANCIAMENTO DA REALIDADE AMAZÔNICA

A Conferência do Clima de Glasgow pouco acrescentou em relação às demandas do Brasil e ao que setores do ambientalismo internacional impunham ao país pelo controle do desmatamento na Amazônia. O assunto, ao que se deduz dos documentos-síntese divulgados, não assumiu o caráter bombástico apregoado por ONGs e linhas da esquerda radical, interna e externamente. Efetivamente, o que faltou mesmo foi coragem para admitir equívocos e quebra de compromissos do passado. A COP26 refletiu, em certa medida, as conclusões do relatório IPCC SR1.5 e IEA net zero, ordenando uma aceleração na ação climática e novos planos até 2022, no contexto do regime voluntário e não vinculante da ONU. Todos os principais

emissores seriam obrigados a retornar em 12 meses e explicar na ONU como suas políticas e planos para toda a economia estão alinhados com os objetivos da Paris 2015. Embora a promessa de "eliminação progressiva" dos combustíveis fósseis tenha sido enfraquecida por um acordo de última hora entre a China (o maior consumidor mundial de combustíveis fósseis), os EUA (o maior produtor mundial de combustíveis fósseis), a União Europeia e a Índia, quem os obrigará a honrar seus compromissos?

Apesar da mudança da "eliminação gradual" para a "redução gradual", pela primeira vez, a causa principal da crise climática foi nomeada pelos 198 signatários do Acordo de Paris. Como na pandemia de COVID, a solidariedade global para salvar vidas esteve ausente na COP26. Saliente-se ter ido por água abaixo o imenso esforço global para enfrentar as mudanças climáticas, desenhado no Acordo de Paris 2015 e consubstanciado na promessa de levantar US$ 100 bilhões anuais, além de US$ 32 bilhões aprovados na COP26, em Glasgow, para financiar iniciativas no mundo em ações voltadas à mitigação dos impactos dos Gases do Efeito Estufa (GEE) sobre cidades, setor corporativo, agropecuária, ciclo de vida do produto, entre outros. Efetivamente, nenhum centavo de tais fundos foi, até hoje, implementado.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, desenhados e aprovados em Nova York em 2015, são constituídos de 17 objetivos e 169 metas, um marco para guiar o mundo até 2030. Menos conhecido do que os ODS é o plano Agenda de Ação de Adis Abeba, Etiópia, 2015 que, legalmente, faz parte do acordo ODS voltado, sem sucesso, a como financiar o desenvolvimento sustentável junto a países carentes. A ONU admite em relatório que "uma vez mais os fluxos líquidos para países em desenvolvimento devem permanecer negativos

por muito tempo ainda, comprovando que 'fluxos líquidos negativos' significam que os pobres estão financiando os ricos".

Anterior a todas essas propostas emergentes das COP, aparentemente irrealizáveis no curto e médio prazo, o Prof. Samuel Benchimol antecipara-se mais uma vez ao tempo. Com efeito, para ele, tanta riqueza não impede a Amazônia de vivenciar um estado de pobreza lastimável, que se verifica devido à falta dos "serviços básicos ou de infraestrutura social, política, educacional, científica, tecnológica, e que permitam a exploração de todo o potencial de sua geobioecodiversidade em bases sustentáveis".

Diante de tais carências, propôs a criação de um Imposto Internacional Ambiental (IIA) na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, tendo em vista que, conforme os fundamentos de sua proposta,

> os princípios de globalização e mundialização política são fatores preponderantes para a eficácia deste instituto tributário ambiental, sendo concretizados [...] em escala de participação, contribuição e retribuição das indenizações e pagamentos pelos serviços prestados pela renúncia econômica ao uso dos recursos naturais, em benefício de toda a humanidade, incluindo os países mais desenvolvidos, em vias de desenvolvimento e subdesenvolvidos, que seriam todos aquinhoados com receitas financeiras para promover a solução do relacionamento homem natureza, a solidariedade diacrônica intergeracional e a cooperação internacional em todos os níveis.

Na ocasião, dentre as propostas de sustentabilidade amazônica, Samuel Benchimol destacou:

a) Desenvolvimento de tecnologias eficientes e de baixo custo para a dessalinização das águas do mar, que representam um total de 97% de toda massa de água do Planeta.

b) Criação de novas formas de energia limpa, como energia solar, eólica, hidrelétricas e energia baseada no hidrogênio (H2O), hoje

sendo viabilizadas em boa parte do mundo, especialmente no Brasil.

c) Eliminação da energia atômica, que representa uma grande ameaça para a sobrevivência do ser humano.

d) Desenvolvimento de tecnologias para a agricultura, com fertilizantes menos agressivos que permitam o enriquecimento do solo.

e) Universalização e melhoramento da escola pública, pois, uma educação de qualidade com programas específicos de cidadania e consciência ambiental, pode preparar o ser humano para enfrentar as situações de crise ecológica, econômica e social, criando alternativas sustentáveis.

f) Pesquisas para conhecer o potencial da biodiversidade dos países do cone sul (países latino-americanos, africanos e alguns países asiáticos), com ecossistemas ainda desconhecidos ou não estudados, possíveis de conter "a chave para a solução de graves problemas que afetam a humanidade".

A soma desses eventos, tanto os de âmbito local, nacional ou internacional, não tem permitido superar o elevado grau de ignorância de *especialistas* em Amazônia – muitos dos quais aqui jamais puseram os pés – ao abordarem questões substantivas sobre a região. As COP têm se configurado exemplos marcantes do nível de ignorância sobre a região. Não obstante *preocupações* manifestas de ONG e ecologistas da linha radical, o fator Amazônia, usualmente, mantém-se fora de propostas específicas sobre desenvolvimento sustentável, salvo quando a questão diz respeito a mudanças climáticas. Medidas já foram formuladas e apresentadas, difícil é viabilizá-las econômica, social e geopoliticamente.

Contudo, em relação à valoração da Amazônia, ao que avalia Samuel Benchimol em seu livro *Amazônia: a Guerra na Floresta* (2011), aspectos de alta relevância continuam pendentes de apreciação e deliberação objetivas, por ocasião dos diversos eventos internacionais realizados pelo mundo, que transcendem a avaliação do seu potencial econômico, agrícola, mineral, hidrelétrico, pecuário, pesqueiro, entre outros. Valores econômicos, sobretudo, que "devem e precisam incluir sistemas de produção autossustentados, conservacionistas e preservacionistas, integrados em outros níveis de grandeza, entre eles os biológicos, ecológicos, ambientais, sociais, políticos e humanos", nas seguintes dimensões: economicamente viável, ecologicamente adequado, politicamente equilibrado e socialmente justo.

Sem a incorporação desses paradigmas vis-à-vis a combinação do *Homo sapiens* de Lineu com o *Homo economicus* de Adam Smith, Karl Marx, ou com o *Zoon Politikon* de Aristóteles, ressalta o Prof. Benchimol:

> seremos sempre levados a uma situação perversa, pois, quando interpretados separadamente podem nos conduzir à crueldade econômica, ao romantismo ambiental, à instabilidade e exacerbação política xenófobo-nacionalista ou, ainda, à criação de uma sociedade injusta e despojada.

Vale dizer que tais populações se constituem, conforme classifica,

> preponderantemente de migrantes – que descem o Planalto Central buscando na nova fronteira amazônica um chão, um lar e uma oportunidade de trabalho – e de tradicionais habitantes ribeirinhos e indígenas, que há séculos sustentam a soberania e a presença brasileira na área. Portanto, é fundamental ultrapassar a fronteira do curto prazo e da visão míope, para enxergar e adotar uma análise holística e geral, que considere e integre os valores acima mencionados.

A obra de Samuel Benchimol e de amazonólogos de raiz, alguns aqui mencionados no texto, ou seja, os pioneiros do pensamento amazônico, evidencia não ser por falta de trabalhos formuladores de questões-chave, a partir de intensos, profundos e definitivos conhecimentos científicos, que a Amazônia continua desconhecida, sujeita a interpretações de autoproclamados expertos nos mistérios e nas complexidades do bioma. Na verdade, único no planeta. Alguns esquecem, ou fingem ignorar, que a base do conhecimento da região foi formatada aqui mesmo por nossos amazonólogos e pesquisadores que vivem a experiência amazônica no dia a dia. Nessa condição, precisam, obrigatoriamente, ser ouvidos nos mais diversos foros que tratam sobre Amazônia, meio ambiente e mudanças climáticas. Sem essa base estrutural, *conclusões* resultantes desses eventos, sejam quais forem, estarão inevitavelmente incompletas e distanciadas da realidade do mundo amazônico.

Gilberto Gil, na canção Aquele Abraço, de 1969, crivou:

> *... Meu caminho pelo mundo*
> *Eu mesmo traço*
> *A Bahia já me deu*
> *Régua e compasso ....*

Um verso que se espalhou como rastilho de pólvora por todo o Brasil, abrindo espaço e despertando consciências sobre o papel do brasileiro no consciente da nacionalidade. Samuel Benchimol muito contribuiu para proporcionar essas ferramentas à juventude amazonense e amazônica. Cabe a cada um, seus alunos ou não, seguir o *compasso* da sabedoria transmitida e, desafiante, buscar aperfeiçoar os ensinamentos dos mestres em favor do crescimento científico, social e econômico da região, única via efetivamente de defender e preservar a integridade de nosso ecossistema.

## REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. **Desenvolvimento sustentável da Amazônia**: cenários, perspectivas e indicadores. Manaus: Valer/UEA Edições, 2002. 180 p.

BENCHIMOL, Samuel. **Estrutura geo-social e econômica da Amazônia**. Manaus: Sérgio Cardoso, 1966. 186 p. v. 1.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderaro/Universidade do Amazonas/CODEAMA, 1977. 841 p.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. 2. ed. Manaus: EDUA, 2010. 1044 p.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: a guerra na floresta. 2. ed. Manaus: EDUA, 2011. 272 p.

BAZE, Abrahim. **Samuel Isaac Benchimol**: ensaio biográfico de um educador e empresário. Manaus: Valer, 2010. 172 p.

BECKER, Bertha K. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. **Ateliê Geográfico,** Goiânia, v.5, n.1, p. 269-275, 2011.

ESTADÃO. Bem-vindos à quarta-revolução industrial. **Seção Blue Studio**. Edição de 14 de abril de 2019.

SILVA, Osíris M. Araújo da. **Pan-Amazônia**: visão histórica, perspectivas de integração e crescimento. Manaus: FIEAM, 2015.

SILVA, Osíris M. Araújo da. **Da Economia da Borracha à Zona Franca de Manaus**: uma análise comparativa. Manaus: EDUA, 2020.

SILVA, Osíris M. Araújo da. **Economia do Amazonas:** visões do ontem, do hoje e do amanhã. Manaus: Editora Cultural do Amazonas, 2016.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

# Capítulo 11

# 11. SAMUEL ISAAC BENCHIMOL, O JUDEU

*Isaac Dahan*

Conheci o Prof. Samuel Isaac Benchimol em setembro de 1972, quando vim a Manaus para concelebrar, ao lado do venerando Rabino de Manaus à época, Jacob Azulay, de saudosa memória, as solenidades do *Rosh HaShaná* (Ano Novo Judaico) e *Yom Kipur* (Dia do Perdão).

Foi quando ele me fez o convite para vir trabalhar na comunidade israelita de Manaus auxiliando os serviços religiosos, criando uma escolinha complementar sobre a religião judaica e integrando, sob o ponto de vista religioso, cultural e social nossa pequena comunidade, na época com cerca de 120 famílias, com a grande comunidade maior da nossa cidade.

Vacilei no início pois era um jovem com 24 anos de idade, relativamente estável em Belém, oficiando na Sinagoga Eshel Abraham, na TV Campos Sales; estava me formando em Odontologia; era bancário concursado do BASA, além de todo o círculo familiar e de amizades que me cercavam.

Entretanto, interiormente, sentia que aquele dirigente comunitário não estava, simplesmente, me oferecendo um cargo religioso. Com o passar do tempo e conhecendo-o melhor, entendi que havia algo muito superior em seus pensamentos. Ao lado do grande mestre que foi e da vasta obra que deixou, tão bem expressa nesta Coletânea por honoráveis escritores que o retratam tão bem como um dos maiores amazonólogos, defensor e criador de soluções para este magnífico rincão da terra brasileira, fui descobrindo um homem altamente preocupado com a preservação do judaísmo na Amazônia, no nosso caso, em especial, pois conhecia, profundamente, também, a grande importância que tiveram árabes, portugueses, judeus, italianos,

nordestinos, além dos aqui nativos, no desenvolvimento autêntico e idealista para o seu crescimento, plantando raízes e formando grandes gerações amazônicas que hoje traduzem a beleza dos nossos habitantes.

Ficou muitos anos à frente da comunidade conduzindo-a, literalmente, de modo homogêneo, conhecedor das vertentes religiosas e conseguiu, com sua personalidade marcante e acolhedora, agregar pessoas muitas vezes com diferentes pensamentos em nível religioso. Na minha leitura, isso se devia ao berço que teve nesse âmbito. Conheceu o interior da Amazônia; nasceu pobre; viveu em um seringal em Fortaleza do Abunã, interior de Rondônia; foi crescendo, estudando; viveu e conheceu Manaus, Belém; galgou estudos importantíssimos no exterior, enfim, na sua visão, ele precisava preservar o judaísmo em nossas plagas e, para isso, esse precioso conhecimento adquirido em sua vida, ao lado do idealismo e da chama do judaísmo milenar, o tornaram um símbolo vivo em seu caminhar.

Vejam, vim para ensinar, mas, na realidade, aprendi muito com o seu convívio. Meu leque de conhecimentos comunitários descortinou-se, amplamente, na medida em que o tempo passava, entendendo muito melhor porque os judeus conseguiram guardar suas tradições por mais de duzentos anos, mesmo mergulhados na imensidão do nosso *hinterland*. O meio termo religioso, acredito ter sido a resposta. A religião era praticada e, ao mesmo tempo, o convívio com todos os praticantes de outros cultos era cordial, amigável, respeitoso, o que preservou até hoje este clima sincero e franco no qual vivemos. Eu mesmo, nascido em Alenquer (PA), criado em Belém e há cinquenta anos em Manaus, sou testemunha dessa realidade.

Alguns anos mais tarde, esses conceitos se consolidaram em mim, quando li em sua obra *Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia* (1998), no capítulo *O Ser, Viver e Ficar Judeu*, o escrito: "para tanto, é necessário preservar valores através da sinagoga, escola e clubes judaicos, dar motivação, modernizar, aperfeiçoar e enfrentar o desafio dos jovens", bem propício para nossa deslumbrante Amazônia, observação notória em sua visão privilegiada.

Senti, então, como ele desejava preservar este ambiente. Aos poucos, fui vendo que ele me confiou essa tarefa no âmbito da nossa comunidade. Nos contatos, praticamente diários que tive com o mestre Samuel, a cada vez que subia a escada de seu escritório em frente ao antigo Hotel Amazonas ficava ansioso por mais saberes que, certamente, daí adviriam.

Criei uma pequena escolinha de estudos judaicos, alfabetizando, ensinando orações, oficiando os cultos religiosos na Sinagoga de Manaus, além de representar a comunidade nos mais variados níveis da sociedade manauara, governamentais, acadêmicos e inter-religiosos, entre outros. Sem nos fechar ao mundo que nos rodeava vi, então, como anteriormente relatado na citação ao *Eretz Amazônia*, a grande importância aos olhos do mestre de manter dentro do possível a tradição dos judeus hispano-marroquinos, herdada dos pioneiros que nos antecederam, liturgia, cânticos e costumes, tanto para aprendizado quanto para lembrar essa magnífica saga, já que era inevitável que novos costumes também se juntassem aos antigos num amálgama viçoso e estimulante para as novas gerações.

Em 1974, ele me mandou para um importante seminário cultural em Israel. Isso abriu as portas de Manaus que passou a ter acesso a modernas técnicas educacionais e culturais com a chegada (via

Correio naquela época) de materiais aos quais não tínhamos conhecimento e, mui especialmente, para as entidades israelenses, onde Manaus passou a existir como comunidade ativa, atuante e com muita sede de realizações. Cheguei a ver, tristemente, em tempos idos, uma foto de Manaus como uma comunidade em extinção como tantas que foram se perdendo. Aqui, com aquele dirigente, não seria assim, o crescimento era e foi (*Baruch HaShem*[95]) a meta.

Meu aprendizado prosseguiu nas três décadas convividas com o Prof. Benchimol. Quantas vezes ele me ajudou a melhorar os textos para várias cerimônias; quantas vezes me fez melhorar eventos dentro da própria comunidade, sempre com sugestões, nunca imposições, de forma tão sutil que me tornei um verdadeiro fã dessa técnica tão especial que ninguém tinha. Assim, por sua própria experiência em manter a harmonia coletiva, me passava exatamente essas fórmulas, que eu absorvia avidamente.

Lembro-me de um evento promovido pelo governo do estado, na Catedral de Manaus, em agosto de 1983, onde os ministros religiosos dedicariam preces pela saúde do Presidente João Figueiredo, operado do coração nos Estados Unidos. Ele me indicou para ir; fiz a mensagem judaica; cumprimentei as autoridades religiosas e governamentais e entendi que tinha completado uma missão representando a comunidade.

Qual a minha surpresa, quando recebi uma mensagem de próprio punho do Presidente João Figueiredo agradecendo as minhas preces. Vou transcrevê-la pois acho que vale a pena: "*Brasília, 22/08/83. Prezado rabino Isaac Dahan, muito obrigado pelo seu gesto ao participar*

---

[95] Graças a Deus.

*do Culto Ecumênico em Manaus. Que Deus o conserve sempre solidário com os seus semelhantes. Respeitosamente João Figueiredo, Presidente da República Federativa do Brasil".*

Nunca imaginei que a mensagem chegaria ao Palácio do Planalto. Então, o Prof. Samuel disse: "Você vê, até o Presidente da República sabe que os judeus de Manaus rezam por ele". Ele estava citando um trecho da liturgia judaica, *A Ética dos Pais* (III:2), no qual aprendemos: "*Orai pela saúde e bem-estar daqueles que estão à frente do Estado".* Com efeito, na grande efeméride judaica do *Yom Kipur* (Dia do Perdão), da antiguidade até hoje, fazemos preces especiais ao presidente da República, ao governador do estado, ao prefeito de Manaus e todos os seus secretários, conselheiros e familiares pois, assim, eles terão paz que se traduzirá no bem de todo o povo. Muitos se fazem presentes ou mandam representantes para essa bênção.

Sempre me aconselhei com ele, mesmo em assuntos particularidades. O amor e o respeito que sentia por ele superava qualquer dúvida, pois todas as vezes que conversávamos, primeiro ele perguntava por mim, como eu estava, depois é que eu falava dos assuntos que me levavam a sua presença. Na realidade, era notório que ele se preocupava com o meu bem-estar que, certamente, se refletiria no trabalho comunitário. Claro que ninguém é insubstituível, mas ele confiava e me queria muito bem, cada vez fazendo mais pela preservação da vida comunitária que ele tanto lutou para manter. Essa confiança, nunca vou esquecer, mesmo sabendo que as gerações mudam junto com os modelos de trabalho. Assim como ele me passou, eu também tento passar, pois as sementes ficam e as ideias também.

Sua paixão pela Amazônia era tão grande que, vejam, mesmo em um assunto estritamente comunitário, captei o seu pensamento. De

1997 a 2000, eu estive como presidente do Comitê Israelita do Amazonas (e continuava minhas visitas a ele). Estava comentando sobre a dificuldade para conseguir um terreno para o futuro cemitério judaico pois o atual, de 1928, estava praticamente completo, o mesmo acontecendo com os cemitérios comunais de Manaus. Ele pensou um pouco e disse-me: "vou comprar e doar um terreno na área alta do Tarumã pois, de lá, o nível espiritual de cada um ali sepultado, poderá contemplar o Rio Negro". Entendi, na hora, a sua ligação indissolúvel com a Amazônia. O Rio Negro representava os nossos caudalosos rios por onde tantos navegaram e, mesmo sepultados em Manaus, espiritualmente ali estavam. Para mim, esse sentimento só poderia ter vindo de um homem como o Prof. Samuel. Fiquei impressionado, alegre, encantado e todos os demais adjetivos que se poderiam encontrar, tudo ao mesmo tempo, em ter o merecimento de estar conversando com um homem daquele quilate.

Em seu livro *Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia* que considero, entre outros elevados conceitos, um livro obrigatório em todos os lares judaicos da nossa região, além da didática de suas colocações sobre como os judeus vieram parar na Amazônia, ele catalogou, ao máximo que pôde, as sepulturas de todos os cemitérios judaicos conhecidos, a maioria das vezes sempre às suas expensas ou mandando alguém ou contratando pessoas locais que fossem fidedignas nas informações. Isso é História, ensino, informações às gerações futuras de um mérito inestimável.

Existe outro trecho na *Ética dos Pais* (II:2) que diz: "todos os que trabalham pela comunidade, façam-no por amor a Deus. Serão assim amparados pelos méritos dos seus antepassados, a recordação da sua equidade subsistirá sempre e as suas boas intenções serão consideradas como feitos realizados". Imaginem, então, quantos de nossos

antepassados derramam suas bênçãos sobre o Prof. Samuel Benchimol *Z'L* (de abençoada memória), já em seu convívio celestial, por toda essa herança espiritual que ele preservou e soube dar caminhos exemplares.

Quando oramos por um falecido dizemos: "um bom nome vale mais que óleos perfumados e o dia da morte é preferível para o seu possuidor que o dia do nascimento". Ainda citando a *Ética dos Pais* (IV:17): "há três coroas, a coroa da Lei, a coroa do Sacerdócio e a coroa Real, porém a coroa do bom nome é maior que todas elas". E ele faz jus, plenamente, a este conceito.

Com agradecimento fervoroso ao Altíssimo, podemos dizer que a comunidade judaica, dirigida com amor e perseverança por homens dessa escala de idealismo, com os quais tive o merecimento de aprender, *Chai Vekaiam*[96].

E, assim, concluo este modesto texto, escrito do fundo d'alma para um digno integrante de nossa terra: Samuel Isaac Benchimol, o judeu. *Tihiê Nafshô Tserurá Bissror Hahhaim*[97].

---

[96] Vive e Existe.

[97] Que sua alma repouse serena nos laços da vida eterna.

# Capitulo 12

# 12. SAMUEL ISAAC BENCHIMOL, UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO

*Abrahim Baze*

Há quem construa, na trajetória da vida, a sua própria história. O amazonólogo e professor Samuel Isaac Benchimol pôde apresentar-se, já a partir de sua inserção no mundo do saber e ao futuro, tendo como referência a busca do conhecimento e o trabalho.

Enquanto viveu entre nós, Samuel Isaac Benchimol interpretou e advogou a grande causa cívica propondo, com maestria, a integração da Amazônia ao resto do país. Suas obras são de tal magnitude pelo significado de avanço nas formas de pensar e conviver com a problemática amazônica que, por muitas décadas, determinaram os rumos do nosso desenvolvimento regional, cuja principal marca foi a promoção do homem da Amazônia e sua população ribeirinha.

A Amazônia torna-se hoje, queiramos ou não, órfã da presença física do intelectual que sabia defender problemas como as mudanças climáticas mundiais, a regulação do mercado bem como o debate sobre o uso da água e da biodiversidade. Foi o pioneiro no debate em voga sobre o mercado de carbono. Ele não tinha dúvida de que, para defender-se a soberania nacional, era absolutamente necessário estudar o papel que a Amazônia desempenha no contexto nacional e internacional.

Outra identidade presente na vida do professor Samuel Isaac Benchimol é a afirmação de que, a cada instante da vida, ele se encontrava com a dinâmica de fazer algo inovador, diferente, construtivo e educativo, e com tal magnitude que outras pessoas pudessem compartilhar essa grandeza. Ele defendia a convicção de que o homem é o mestre de seu próprio destino, o grande homem olha o mundo e percebe que há nele a presença de algo que o desafia a uma nova missão.

**Figura 1. Samuel Isaac Benchimol**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

A vida é uma aventura em que os justos e os bons, apesar das provas e desafios, afirmam com a força de seu caráter e com as suas ações, as marcas de sua singularidade e de grandeza de suas atitudes. Eis aí o diferencial que distingue as almas nobres daqueles que vivem nas sombras ou se contentam com a pequenez de seus sentimentos.

A trajetória do homem Samuel Isaac Benchimol deixou exemplos de seus múltiplos compromissos com a vida e com a possibilidade de construção de uma sociedade fundada no respeito aos valores humanos, ao estado de direito e com profunda consciência do valor da cidadania escudada na justiça social. Esses fundamentos já estavam, desde a tenra idade, latentes e arraigados em sua consciência.

> os homens não valem pelo privilégio da fortuna de que desfrutam ou do poder que eventualmente conseguem empalmar, mas pelo que produzem em prol da coletividade.

Ele, Samuel, foi um vitorioso, pois sua vida foi alicerçada na crença de seus pais de que o maior patrimônio que se poderia legar aos filhos é o conhecimento. A Amazônia também está presente no roteiro da imigração judaica de homens e mulheres que souberam construir, economicamente, o nosso território, nas barrancas e nos rios.

A presença de Samuel Isaac Benchimol na Academia Amazonense de Letras foi breve, brevíssima. O curto tempo de convivência do amazonólogo, pensador, educador, escritor e intérprete da Amazônia não ofuscaria o clarão incandescente que ele espargiu no salão do pensamento amazônico, sobre a poltrona de José Veríssimo referta de luzes e saberes de Coriolando Durand, Djalma Batista, Otávio Mourão e de Marcos Barros, hoje a ilustrá-la. Empossado no dia 11 de abril de 2002, Samuel Isaac Benchimol, que nasceu a 13 de julho de 1923, viria a falecer a 5 de julho de 2002.

A inelutável circunstância privou-nos, muito cedo, da amável convivência com o mestre nesta confraria, mas aqui ficaram perpetuados, nos livros e em sua vasta e rica produção intelectual, lições monumentais sobre a Amazônia, legado que está sendo preservado na biblioteca particular que é mantida pela família e oferecido aos estudiosos e pesquisadores atuais e do futuro.

Hoje é uma espécie de reencontro com o professor Samuel Isaac Benchimol, como se o mestre estivesse sentado aqui nesta Academia, em uma das poltronas azuis do Salão do Pensamento Amazônico. Aqui ele permanece vivo, imortal nas nossas lembranças e na história cultural desta casa.

## A FAMÍLIA BENCHIMOL EM PORTO VELHO

A família Benchimol, que embora tivesse casa em Porto Velho, estava localizada na Fortaleza do Abunã e, naturalmente, sofrendo as agruras de um período difícil como relata o autor Jacques Marcovitch na sua obra *A Saga do Desenvolvimento do Brasil*:

> Na Amazônia da década de 1920, durante uma temporada de malária brava no Rio Abunã, um dos formadores do Madeira-Mamoré, todos os dias da semana um seringueiro chegava ao hospital da Candelária, pertencente à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Carregava nos braços um menino judeu, enfraquecido demais para caminhar sozinho.
>
> No hospital, o menino recebia as injeções de quinino que acabariam por salvá-lo. Chamava-se Samuel Benchimol e anos mais tarde dedicaria a sua primeira tese universitária aos seringueiros da Amazônia, em sua maioria nordestinos, recolhendo centenas de depoimentos sobre as razões que os levaram a migrar para a Amazônia.98

A História nos revela que as primeiras famílias judias aportaram na Amazônia em meados de 1820. Depois de testemunharem tanto sofrimento no Marrocos, optaram pelo Brasil tão somente pela facilidade da língua. De fato, como já foi dito, falavam haquitia, um dialeto ibero-judaico-marroquino e, naturalmente, pela sua permanência na Espanha e Portugal conheciam os dois idiomas. Falavam também o hebraico e o francês, pois frequentaram a Escola Aliança Israelita Universal que existia nas principais cidades marroquinas.

---

[98] MARCOVITCH, Jacques. **A saga do desenvolvimento no Brasil**. Volume 3. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Saraiva, 2007, p. 233.

## ESCOLA TOBIAS BARRETO

Transcorria o ano de 1928, Samuel Benchimol, que se transferiu para Porto Velho para tratamento de saúde, teve o contato com as primeiras letras de alfabetização na escola Tobias Barreto.

> Não só o Município, como a Estrada de Ferro Madeira Mamoré tinham preocupações com a instrução dos habitantes desta área.
>
> O Superintendente Municipal, Major Fernando Guapindaia de Souza Brejense, pouco depois de instalado o município, com a Lei nº 5, de 1º de março de 1915, criava e instalava a primeira escola pública municipal. Frequentada, inicialmente, por poucos alunos, ao fim do período letivo já apresentava uma frequência média diária de 40 alunos. Nomeou a Professora Teivelinda Guapindaia, sua filha, para a direção da Escola que funcionou durante algum tempo em parte do edifício onde está atualmente instalada a Panificação Resky. Essa primeira Escola foi o sêmen da atual estrutura de ensino, a exemplo dos majestosos Grupos Escolares 'Antônio Ferreira da Silva', inaugurado em 12 de outubro de 1971, quando prefeito do município, o advogado Odacir Soares Rodrigues e o 'Padre Chiquinho', inaugurado em 19 de outubro de 1973, quando prefeito, o médico Jacó de Freitas Atallah.
>
> Antes do Grupos Escolares Antônio Ferreira da Silva e Pe. Chiquinho, só houve em funcionamento por conta da municipalidade, uma escola. A tarefa do ensino esteve sempre a cargo do estado do Amazonas, da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, depois de 10 de julho de 1931 e, do governo do Território, depois de 29 de janeiro de 1944.
>
> Paralelamente ao esforço da administração municipal, juntava-se a colaboração da Madeira Mamoré criando uma escola, restringindo as matrículas apenas aos filhos dos seus empregados. Funcionou nos baixos de uma casa de madeira, chamada Fiscalização, situada na Avenida Farkhuar onde é atualmente o Mercado Central. Sua direção foi entregue ao emérito mestre português, professor Heitor de Figueiredo.
>
> Em frente ao Cemitério dos Inocentes, num ponto chamado Céu, existiu uma escola de primeiras letras denominada Marcílio Dias sob a direção do mestre José Manuel Machado, mais conhecido por "Prefessô Zé Manél".

Essa Escola era o pavor da meninada daquela época. Os castigos que o professor infligia aos alunos eram severos e variavam desde o ajoelhar-se sobre coroços de chumbo a uma quantidade de bolos dados com uma palmatória de massaranduba com cinco furos no centro formando o Cruzeiro do Sul. Ai de quem tentasse escapar da crueldade do professor José Manuel. O castigo que recebia seria dobrado. Além do professor proceder dessa maneira, contava com a conivência dos pais e responsáveis pelos alunos.

Causa admiração porque daquela escola saíram pessoas cujo tratamento deixava muito a desejar, mas não se conhece ter saído alguém que se transformasse em marginal. Antes da instalação da Missão Salesiana quem maior colaboração prestou à instrução neste Município foi a iniciativa particular. As Escolas Municipais tiveram pouca duração e, as do Estado do Amazonas sempre apresentavam alguma deficiência. Ora faltavam professores que não eram nomeados, ora porque o atraso do pagamento de seus vencimentos os forçava a empregar suas atividades em outros setores e a viajar constantemente a Manaus. Assim, os pais que tinham filhos a instruir, procuravam as escolas particulares que nem sempre eram pagas, como o Externato Gratuito Tobias Barreto, dirigido pelo Juiz Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro e que contava em seu corpo docente com abnegados mestres, entre eles o Promotor Armando de Queiroz Teixeira, os Engenheiros da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, Gustavo Adolfo Corrêa da Cunha e Francisco Alves Erse, Pe Dr. Antônio Carlos Peixoto, Professores Protásio Independente Ribeiro da Silva e Leontina Santos, Maestro Raul Andrade e o Sargento Engenheiro Civil Edson Mason Jackson. Essa funcionou no salão de bailes do Clube Internacional, um casarão de madeira, situado onde é atualmente a sede do Ferroviário Athlético Clube. Não aceitava mais de 50 alunos de ambos os sexos, mas restringia-se a só aceitar filhos das autoridades daquela época.[99]

---

[99] MENEZES, Esron Penha de. Instrução em Porto Velho. *In*: MENEZES, Eron Penha de. **Retalhos para a história de Rondônia.** Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980, p. 194-197. (Com os agradecimentos do professor doutor Dante Fonseca da Universidade Federal de Rondônia).

**Figura 2. Av. Sete de Setembro, início dos anos 40. Da direita para a esquerda, a antiga Casa Três, os Correios e, ao lado, o Clube Internacional onde funcionava a escola Tobias Barreto**

Fonte: Luiz Brito, na obra Revelando Porto Velho, p. 80

**Figura 3. Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, proprietário da escola Tobias Barreto em Porto Velho e foi professor de Samuel Benchimol**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

## MEMÓRIA HISTÓRICA DO COLÉGIO PROGRESSO PARAENSE

Foi nesse tradicional Colégio Progresso Paraense (atual Colégio Santa Maria de Belém), que outrora pertencera a Julia Barjona Labre e Isabel Barjona de Freitas Labre (mãe), de acordo com o próprio depoimento deixado por ela, que estudaram os adolescentes Israel Benchimol, Raphael Benchimol e Samuel Benchimol, que já moravam com sua avó em Belém do Pará

Durante o governo episcopal de Dom Jaime de Barros Câmara na arquidiocese de Belém do Pará, promoveu-se a reforma dos estudos do seminário, adquirindo-se o Colégio Progresso Paraense em 1952, a sede do Círculo Operário e o Seminário Ferial (atual Centro de Treinamento Tabor, hoje em Icoraci).

O Colégio Progresso Paraense encerrou suas atividades no começo da década de 1950. O cenário de hoje é diferente daquele período, porém, temos que destacar que ocorreram mudanças complexas e cada vez mais dinâmicas que marcaram essa atividade em todo o mundo e que, diferentemente daquela época, hoje temos avanços vertiginosos dos conhecimentos científicos e tecnológicos, principalmente, no campo da comunicação e da informática.

Foi, porém, a caminhada paciente de Israel, Raphael e, principalmente, Samuel, comprometida com desejos e sonhos iniciados pela família naquele colégio, que deram o ponto de partida para que as experiências daquele momento formassem os homens do amanhã. Eles venceram o desejo da formação para o futuro.

Já nessa época, os meninos Benchimol davam partida em suas trajetórias intelectuais. Essa afirmação tornou-se realidade com o passar do tempo pelos avanços e pelas conquistas obtidas. Foram todos alunos

aplicados, aproveitando esse bafejar da sorte. Samuel tornou-se um amazonólogo cuja liderança foi um modelo de inquietação em defesa da Amazônia, tornando-se conhecido mundialmente. Fez de sua vida estudantil e acadêmica um aprendizado para a ciência, partilhando conhecimentos em sala de aula.

É com esse traço de amor à Amazônia e de pesquisador comprometido, que dividiu suas experiências como docente, que fez, talvez, sua maior ação, dividiu-se entre as relações comerciais e a sala de aula. O Colégio Progresso Paraense guarda, no silêncio de suas paredes e sala de aula, os momentos importantes de Samuel Benchimol que, assim, relata parte de sua infância no Colégio:

> [...] Foi minha mãe quem nos salvou da morte, a mim e a meus irmãos. Uma velha máquina de costura ela confeccionava blusões e calças de brim azulão para seringueiros, e conseguiu assim reunir algumas economias, mandando-nos para Belém do Pará. Seriamos criados e educados pela avó portuguesa Alice. Tinha eu quase sete anos e, ainda não sabia ler e nem escrever. A doença não me permitia frequentar a escola. Uma humilde professora de nome Madalena vinha à nossa casa, na rua Batista Campos, nº 165, ensinar-lhe a ler e a decorar a tabuada, todos os dias de manhã. Minha avó exímia conhecedora de medicina caseira fazia-me tomar, todos os meses um purgante de mamona com calomelano; ela mesma me ajudava a engolir com auxílio de uma chave de porta, que eu apertava nas mãos. Usava ela, desse modo de uma rara intuição psicológica, para que eu pudesse suportar o gosto intragável da droga. O certo é que, com sua ajuda e do farmacêutico Josias, nosso vizinho, acabei vencendo o impaludismo.[100] Pág. 61.
>
> [...] Quando melhorei e com a mesada que recebíamos de nossos pais, que ficaram lutando nos seringais, foi matriculado no Colégio Progresso Paraense, do professor e desembargador Artur Porto, onde minha tia Anita Siqueira ensinava. Ali comecei meu aprendizado e fiz o curso primário em companhia de colegas paraenses, a maioria de humildes e pobres como eu. Recordo-me de alguns entre eles: Aluísio Chaves, mais

[100] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco antes e além depois. 2 edição, revisada. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Pág. 61.

tarde governador do Pará, José Augusto Borborema, que mais tarde seria meu colega de magistério como professor da Faculdade de Direito e desembargador do Tribunal de Justiça, cuja, morte prematura tanto me comoveu. Isaac e Mário Assayag, hoje empresários e lutadores na Amazônia Ocidental e, Isaac Farache, um executivo de alto nível.[101] Pág. 61.

[...] Evoco do fundo de minha memória a imagem do venerando desembargador Artur Porto, diretor de nosso colégio e, parece que ainda ouço os sons dos cavos de seus passos arrastados. Tinha ele um defeito na perna e, isso e mais a sua idade anunciavam de longe a sua presença trôpega nos corredores, fazendo cessar as nossas travessuras na sala de aula. Tínhamos por ele o máximo respeito.[102] Pág. 62.

O professor Arthur, Theodulo dos Santos Porto, nasceu no dia 4 de abril de 1966, na cidade do Recife, Pernambuco, sendo seus pais o conferente de alfândega coronel João dos Santos Porto e dona Emília dos Santos Porto. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal ingressando por fim, na tradicional Faculdade de Direito de Recife, tendo sido aluno de Tobias Barreto, entre outros mestres de excepcional talento.

Concluído o curso jurídico, viajou para o Estado do Pará, onde exerceu primeiramente o cargo de promotor de justiça da Comarca de Bragança. Por ocasião de um dos pleitos eleitorais da Província veio a denunciar diversas fraudes o que lhe valeu uma perseguição implacável contra sua pessoa por parte da facção dominante. Em face de sua atitude corajosa, o então governador do Estado doutor Justos Chermont, foi pessoalmente à Bragança apurar os fatos e verificando que, no caso em apreço, nada mais fizera a que cumprir estritamente o próprio dever com risco da sua vida, convidou-o para ser Oficial de Gabinete função que desempenhou até 1890, quando retornou a Pernambuco.

Voltou para o Estado do Pará no ano seguinte, para casar-se com a jovem Júlia Pinheiro, filha do ilustre Coronel José Caetano Pinheiro, Senador da República e um dos líderes políticos de maior prestígio em toda a zona de Bragança e, assentar banca de advogado dedicando-se então a profissão que tão bem soube honrar durante muitos anos de intensas atividades, não só no Fórum de Belém, defendendo causas cíveis e criminais, como na

---

[101] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco antes e além depois. ² edição, revisada. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Pág. 61

[102] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco antes e além depois. ² edição, revisada. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Pág. 62.

imprensa local, onde por vezes teve de sustentar polêmicas memoráveis abalizados juristas da época, entre os quais o brilhante e conhecido causídico doutor Mac-Dowell. Instalou o seu escritório de advocacia à travessa Sete de Setembro nº 50, primeiro andar, em Belém, onde logo se instalaram também, os ilustres bacharéis doutor Euládio Lima, Alfredo Souza, José Carneiro da Gama Malcher e o Solicitador Euzébio Cardoso. No desempenho de tão rosa carreira distinguiu-se pelo brilho de seu talento e pela elevação moral de seu caráter criando por isso, uma sólida posição social e grande conceito como jurista.

Foi professor a Cadeira de Geografia do antigo Liceu Paraense e posteriormente de História Universal da Escola Normal do Pará, onde disputou e obteve Cátedra dessa disciplina em 1893, em brilhante concurso ao qual se candidataram fortes concorrentes, entre os quais, Raimundo Beleza e Antônio Passos de Miranda.

Ocupou diversas vezes cargos importantes na Administração Pública Estadual, como Procurador Fiscal da Fazenda, Procurador-Geral do Estado, Membro do Conselho Superior de Ensino e Secretário-Geral do Estado no Governo do Doutor Emmiliano de Souza Castro a quem sucedeu interinamente no Governo do Estado. Ainda exercia altas funções quando em 1927, foi nomeado para o Tribunal Superior de Justiça por merecimento, na vaga aberta pelo falecimento do Desembargador Alfredo Barradas, tendo sido presidente do Egrégio Tribunal de Justiça.

Sobrevivendo a Revolução de 1930 e aposentado como Desembargador o Professor Arthur Theodulo dos Santos Porto passou a dedicar-se inteiramente as atividades pedagógicas no conceituado Colégio Progresso Paraense que foi fundado em 03 de julho de 1907, pela família de Júlia Barjona Labre, sob os melhores auspícios e que dirigiu com proficiência até 1942, ano em que veio falecer.

O regime escolar era duro, como, aliás, em todas as escolas primárias do Brasil na década dos anos trinta. A palmatória, a sabatina e o boato de que nos colocavam uma famosa máscara de 'orelha de burro', na porta do colégio, para que os pedestres da rua Mundurucus testemunhassem o nosso desamor ao estudo, serviam de instrumentos de pressão para que estudássemos as lições e exercitássemos nossa inteligência e memória. Não guardo testemunho de que algum colega tenha ficado frustrado, criando complexo ou sofrido neuroses devido ao rigor do ensino de então, face aos novos e modernos métodos pedagógicos de liberdade e permissividade da educação atual. A disciplina era rígida, inflexível, o asseio corporal exigido de cada aluno. Tínhamos revista diária nos sapatos, verificavam se estavam engraxados; como não tínhamos

dinheiro para graxa, lembro-me que defronte do colégio, na Praça Batista Campos, havia papoulas no jardim; então eu e outros íamos colhê-las para passar nas nossas botas, torná-las negras, luzidas, tirando assim das marcas dos chutes nas pedras soltas das calçadas. À tarde, íamos caçar borboletas com puçá, ao término das aulas. Foi o nosso primeiro 'hobby' de colecionador e muitas vezes nos serviu para ganhar algum dinheiro vendendo-as a um antiquário amigo. Para poupar as nossas botas, usávamos ferradura na ponta e no calcanhar e depois de gastas, tínhamos ainda o recurso da meia-sola e da sola inteira. [103]

**Figura 4. Julia Barjona Labre**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

[103] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. 2.ª ed. revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010, p. 61 e 62. Os dados biográficos do professor Arthur Theodulo dos Santos Porto (1866-1942) foi fornecido pelo seu filho Raul Porto, de Belém do Pará. Annais do Colégio Progresso Paraense (1907-1915). Belém: Grêmio Literário "Joaquim Nabuco 1915. Álbum do Pará. Paris: Imprimerie Chaponet, s/d.

**Figura 5. Prof. Arthur Theodulo dos Santos Porto, proprietário do Colégio Progresso Paraense e foi professor de Samuel Benchimol**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 6. Sala de aula de desenho do Colégio Progresso Paraense**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 7. Israel Benchimol, Rafael Benchimol e Samuel Benchimol em Belém do Pará. Alunos do Colégio Progresso Paraense, 1930**

Fonte: Acervo da Família

**Figura 8. Alice, Alberto e Robine, Belém (PA), 1934**

Fonte: Acervo da Família

## MANAUS: BERÇO DE NASCIMENTO DE SAMUEL ISAAC BENCHIMOL

A baía do Rio Negro era bem a vitrine do que significou o poderio do período do látex. Apesar de ter sido um período difícil para a economia do estado do Amazonas, muitos navios de todos os tipos e calados permaneciam fundeados ao lado da baía do Rio Negro, cujo contato com a terra era ligado por dezenas de catraias remadas por portugueses da Póvoa de Varzim, que traziam e levavam passageiros e tripulantes desses barcos nacionais e internacionais, que aguardavam por suas cargas a serem transportadas para Nova York, Liverpool, Hamburgo e outras praças.

Mesmo com a queda vertiginosa do látex, ainda mantínhamos a exportação de castanha, óleos vegetais, couros de animais silvestres e demais produtos menores que eram trazidos do interior do estado do Amazonas por navios a vapor que, à época, foram denominadas "gaiolas, chatinhas e vaticanos".

Samuel Isaac Benchimol nasceu nesse período, em 13 de julho de 1923, filho de Isaac Israel Benchimol e Nina Siqueira Benchimol. Manaus, apesar da crise, oferecia, aos visitantes e moradores, ruas largas, cortadas por belos espaços e logradouros públicos com bondes de tração elétrica e carroças com tração animal, que cruzavam a cidade pois, naquele período, eram também uma forma de transporte de mercadorias, especialmente, das serrarias para o transporte de madeiras.

Se a arquitetura é o símbolo mais visível de uma sociedade, a fisionomia urbana de Manaus reflete bem o espírito da sociedade que aqui floresceu. Na verdade, a arquitetura de Manaus daquela época

exprimia uma atitude emocional e estética do apogeu de um período do látex e da burguesia enriquecida pelo processo produtivo.

> A Avenida Eduardo Ribeiro, uma espécie, na importância que possui, da Avenida Rio Branco dos Cariocas, resulta do aterro do Igarapé do Espírito Santo. Embora esse trabalho de soterramento, sobrevive em alguns igarapés que emprestam à Manaus um pouco do ambiente primitivo e muita cor local.[104]

De uma aldeia dos índios Manáos, o antigo Lugar da Barra se transformara num dos mais importantes centros do mundo tropical graças à vitalidade econômica da borracha que lhe deu vida, riqueza e encantos, como na Antiguidade, o comércio intenso no Mediterrâneo e no Adriático possibilitou a Roma, Florença e Veneza um papel preponderante na economia, nas artes, nas letras e na arquitetura da velha Europa.

Tal como Veneza, por meio de seu comércio de longo alcance com povos europeus e extra europeus, Manaus veio a conhecer o gosto e a experiência de países extra americanos, onde sua burguesia procurava inspirações de vida e de ação. O passeio de férias à Europa era ocorrência de rotina para as famílias de Manaus que, por sua vez, de lá traziam ideias e sugestões transformados em valores culturais, às vezes, um tanto invulgar de uma sociedade desejosa de crescer e firmar-se como força civilizadora.

Samuel Isaac Benchimol protagonizou, com o seu nascimento, a Manaus desse período, como descreve o autor Leandro Tocantins:

> Cidade de suaves colinas, Manaus desdobrava-se em vistas múltiplas para quem a cruze nas avenidas e ruas de um lúcido

---

[104] TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Manaus: Editora Valer: Governo do Estado, 2000, p. 229.

urbanismo. E não deixa de impressionar a obra urbanizadora creditada ao governador Eduardo Ribeiro, a topografia da cidade, antes do governo dele, vislumbrava-se em cortes hidrográficos: era o igarapé do Salgado, o igarapé da Castelhana, o igarapé da Bica, o igarapé do Espírito Santo, o igarapé de Manaus, o igarapé da Cachoeirinha, o igarapé do São Raimundo e o igarapé dos Educandos, entre outros.[105]

**Figura 9. Samuel, Rafael, Alberto (no colo), Alice (sentada), Israel e Robine. Belém do Pará, 1932**

Fonte: Acervo da Família

[105] TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Manaus: Editora Valer: Governo do Estado, 2000, p. 228.

O movimentado Centro Comercial regurgitando de gente de todas as raças – nordestinos, ingleses, peruanos, franceses, israelenses, norte-africanos, norte-americanos, alemães, italianos, árabes e portugueses.

> A cidade rica, progressista e alegre, calçadas com granito e pedra de liós, trazidas de Portugal, sombreadas por frondosas mangueiras de praças e jardins bem cuidados, com belas fontes e monumentos, tinha todos os requisitos de uma grande urbe moderna: água encanada e telefonias; energia elétrica, rede de esgotos e bondes elétricos deslizando em linhas de aço espalhadas por toda a malha urbana e penetrando na floresta até os arredores mais distantes do bairro de Flores. O seu porto flutuante, obra-prima de engenharia inglesa, construído a partir de 1900, o qual recebia navios de todos os calados e das mais diversas bandeiras.[106]

A Avenida Eduardo Ribeiro concentrava um número expressivo de casas comerciais. Nas proximidades do Mercado Municipal, as ruas Marcílio Dias, Guilherme Moreira, Quintino Bocaiúva, Sete de Setembro, Henrique Martins, Praça XV de Novembro. Tudo o que o comércio internacional oferecia à época poderia ser encontrado nesta longínqua cidade, plantada a milhares de quilômetros dos principais centros capitalistas.

Atividades comerciais bem constituídas abrigavam, nos andares inferiores, o comércio e, nos andares superiores, a residência do proprietário que, instalado próximo ao seu trabalho, era razão para uma dedicação de maior tempo ao trabalho, o que ocorria normalmente das 7 às 21 horas.

---

[106] BAZE, Abrahim. **Luso Sporting Club**: a sociedade portuguesa no Amazonas. Manaus: Valer, 2007, p. 4.

Esse espaço residencial era o que predominava em nosso Centro Comercial. Mais afastadas, como na Praça dos Remédios ao longo da Joaquim Nabuco, Praça de São Sebastião, Sete de Setembro, Barroso, 24 de Maio, Saldanha Marinho e outras ruas circunvizinhas, dispunham-se as residências mais ricas, magníficos palacetes construídos no melhor estilo da época, assoalhos de acapu e pau-amarelo, e pinho-de-riga, onde o sol vazava as janelas e vitrais europeus.

As salas, normalmente iluminadas de belíssimos lustres europeus, paredes e tetos decorados de pinturas em telas ou de afrescos. Seus salões amplos exibiam luxuosíssimos móveis, porcelanas, cristais e pratarias, e permaneciam sempre abertos para receber visitas e festas de aniversários, banquetes e saraus, as diversões familiares da *belle époque*.

Casas de alvenaria com porões habitáveis, com fachadas de painéis de azulejos europeus, com suas entradas de escadas em degraus de pedra de liós ou madeira, sala de visita, alcova, sala de jantar, o grande corredor ladeado de dois ou três quartos, cozinha e demais dependências.

As famílias de menores recursos habitavam as extensas vilas de casas populares, o que ainda encontramos hoje nas ruas 24 de maio, Lauro Cavalcante e Joaquim Nabuco, assim como as chamadas estâncias, extensas construções de meia-água divididas em pequenos quartos para aluguel. Entre os hotéis destacavam-se: o Cassina, na Praça Dom Pedro II e o Grand Hotel, na Rua Municipal, número 70, belíssimo edifício de dois andares com 42 quartos cujos cômodos eram caprichosamente mobiliados.

Samuel Isaac Benchimol estudou as primeiras letras de alfabetização na escola Tobias Barreto, na cidade de Porto Velho, em 1928. Mais tarde, fez o curso primário no Colégio Progresso Paraense, em Belém do Pará, entre 1929 e 1932. O retorno da família Benchimol de Belém do Pará para Manaus, apesar das agruras, foi feito de sonho e muito trabalho. Esse esforço foi, sobretudo, de esperança. À cada pesquisa da vida do intelectual professor Samuel Isaac Benchimol, é extremamente necessário dar voz a esse personagem que, em várias áreas, contribuiu no desenvolvimento de nossa região.

Sua mãe, ainda lá no seringal no rio Abunã, já se preocupava com esse aspecto peculiar da busca do estudo de seus filhos, como ocorre até os dias atuais com seus descendentes. Essa história não foi um diálogo emudecido pelo tempo, pelo contrário, construíram pelo saber um caminho para a sobrevivência e para as conquistas de que foram e são merecedores.

Os mitos permanecem no ar, sobrevoando a vida das pessoas, ancorando na busca do estudo para seus filhos e no trabalho do velho guarda-livros que chegava a Manaus cheio de sonhos por dias melhores. Definitivamente, o jovem Samuel Isaac Benchimol, puro e feliz, antevia, já na chegada a Manaus, que não fora em vão toda a vontade de estudar, fato que sempre esteve presente na sua vida como estudante.

**Figura 10. Manaus, década de 1930**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 11. Manaus, década de 1930**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 12. Manaus, década de 1930**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

## MANAUS: O NOVO DESTINO

Foi uma decisão difícil, porém acertada. Manaus, apesar da crise, oferecia melhores condições de sobrevivência. Uma vez estabelecido em Manaus, Isaac Israel Benchimol e sua família conseguiram estabelecer seu escritório de contabilidade prestando serviços contábeis a várias empresas, dentre elas Phelippe Daou e Campânia. Durante o dia, normalmente, trabalhava nos estabelecimentos contratados e à noite em sua residência, uma casa simples na antiga rua Corrêa de Miranda, hoje Av. Joaquim Nabuco. Foi difícil esse recomeço.

A cidade, que despertou a admiração de tantos estrangeiros imigrantes ou visitantes nas primeiras décadas de 1900, surgiu como por encantamento. Cidade de suaves colinas, Manaus desdobra-se em vistas múltiplas para quem a cruza nas avenidas e ruas de um lúcido urbanismo. E não deixa de impressionar, na obra urbanizadora da capital creditada ao governador Eduardo Ribeiro, a topografia da

cidade. Antes do seu governo, vislumbrava-se em cortes hidrográficos: era o igarapé do Salgado, o igarapé Castelhano, o igarapé da Bica, o igarapé do Espírito Santo, o igarapé de Manaus, o igarapé da Cachoeirinha, o igarapé de São Raimundo e o igarapé dos Educandos, entre outros.

Eduardo Ribeiro aterrou os caudais em benefício de um urbanismo funcional que lutou contra a natureza até fazer secar os pequenos cursos d'água, transformando-os em amplas avenidas. A Avenida Eduardo Ribeiro, com sua imponência, é resultado do aterro do igarapé do Espírito Santo. Outros tantos igarapés foram atravessados por sólidas pontes de ferro, em disposições geométricas artisticamente apresentadas. O Teatro Amazonas, inaugurado em 1896 e erguido no topo de uma colina como se fosse a acrópole dos deuses da floresta, marca a capital no espaço e no tempo.

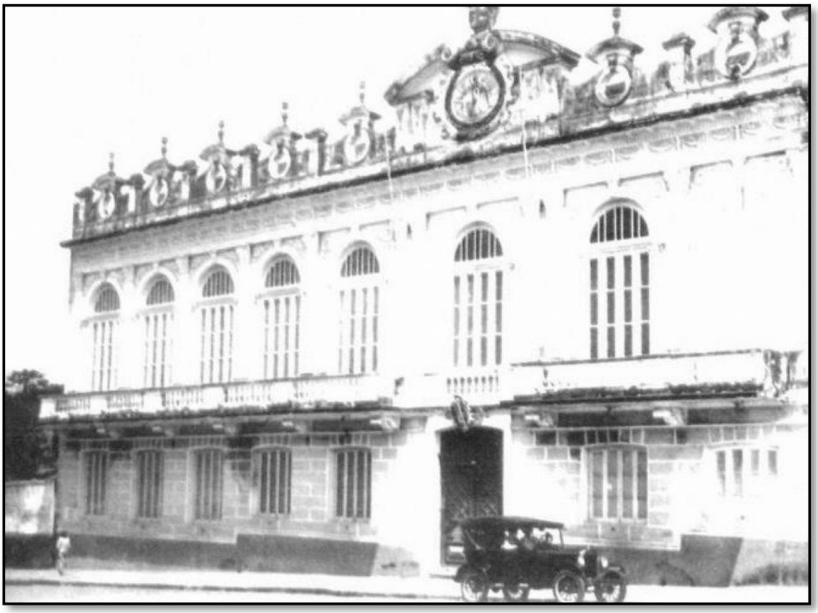
**Figura 13. Família Benchimol, 1937, em Manaus**

Fonte: Acervo da Família

**Figura 14. Avenida Eduardo Ribeiro, 1902**

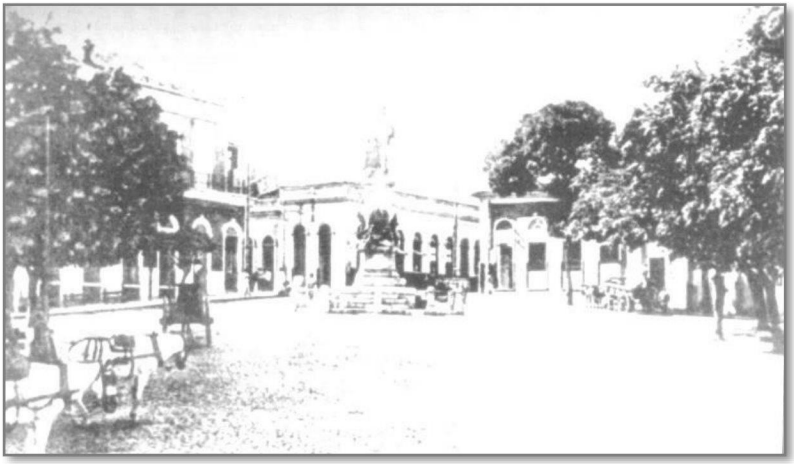
Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 15. Ideal Clube 1930**



Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 16. Praça Tamandaré, 1930**



Fonte: Acervo de Abrahim Baze

**Figura 17. Rua dos Remédios, 1930, hoje Rua Miranda Leão**

Fonte: Acervo de Abrahim Baze

Fora por meio de seus conhecimentos de outros idiomas que seu pai, também, prestava serviço de correspondente comercial.

Apesar de tudo, a família Benchimol adotara uma forma de vida simples e de muita economia. Uma parte importante de seu ganho era reservada para o pagamento das dívidas comerciais, para saldar as dívidas que restaram da falência e que, mais tarde, foram pagas integralmente.

Quando o último credor foi pago, Isaac Israel Benchimol fez publicar um comunicado à praça de Manaus, nos jornais da cidade, chamando credores. De fato, foi um dia muito importante na vida de Isaac Israel Benchimol e, em especial, para toda a família Benchimol.

Foram momentos difíceis pois eram famílias numerosas, cujas despesas não eram pequenas. Todo recurso amealhado era destinado às necessidades básicas; tudo o mais era considerado fora de cogitação.

> No Colégio Progresso Paraense, onde Samuel estava matriculado, havia uma inspeção diária para verificar se os alunos traziam os sapatos bem engraxados. Como não havia dinheiro para a graxa, ele disfarçava a falta de brilho nos sapatos esfregando-os com papoulas no jardim público em frente à escola.
>
> Em Manaus, conseguiu matricular-se no Ginásio Amazonense Pedro II, de onde saiu para o curso pré-jurídico e, daí, para o vestibular na Faculdade de Direito. Era a única opção aberta para jovens que desejavam seguir estudos universitários e não queriam ou não podiam afastar-se de Manaus. A crise também atingia a Universidade. Todas as faculdades pertencentes à Escola Universitária Livre de Manaus, inaugurada em 1909 no auge do boom da borracha, haviam fechado suas portas. A Escola de Agronomia e a Faculdade de Farmácia e Odontologia haviam sido as últimas a resistir.[107]

Os espaços constituídos pelos judeus na Amazônia, a partir de 1810, revelam um passado de diferentes experiências históricas de

---

[107] MARCOVITCH, Jacques. **Primeiros e empreendedores**: a saga do desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Saraiva, 2007, p. 239-240.

deslocamentos, adaptações e fixação de grupos populacionais estrangeiros nessa região de apropriação e múltiplas transformações.

A trajetória de vida daqueles que participaram desse processo imigratório rumo à Amazônia, em diversos itinerários coletivos ou individuais, expressa as particularidades e o caráter desse movimento que está perto de completar duzentos anos.

Diante dessa movimentação social para se construir um conhecimento sobre o desenrolar do processo imigratório judeu para o nosso território, em suas diversas formas e especificidades, importa compreender que existe um tempo construído pelo sujeito, que é o tempo subjetivo onde se expressa a singularidade dos seus protagonistas. Dimensões dessa expressão podem ser aprendidas na própria multiplicidade da existência humana movida por necessidades, valores, costumes, subjetividade, sonhos, desejos e expectativas. A materialização de um sonho exige tempo. Esse não é um tempo qualquer, o tempo prático é um tempo particular de cada sujeito.

Ao indagar sobre a presença de imigrantes judeus na Amazônia, com o intuito de acompanhar historicamente as dimensões das relações socioculturais desses sujeitos no espaço amazônico, emergiu uma diversidade de questões e problematizações superando as expectativas em torno do assunto. Tem-se como base a experiência da família Benchimol, com suas experiências e vivências no nosso território, mas que revela, também, outras expectativas de análise necessária à compreensão da presença desses sujeitos e, principalmente, seus modos de viver em seus espaços.

Estágios de sobrevivência e projetos de vida postos em prática foram fundamentais no espaço amazônico. Aqui, abriram diversos estabelecimentos comerciais e foram, aos poucos, conquistando seus

espaços. Temos, na família Benchimol, um exemplo vivo dessa presença na Amazônia.

A particularidade temporal e a ação subjetiva de povo ordeiro no processo de construção de uma nova vida nessa terra desconhecida exprimem, de uma maneira geral, dentre outros imigrantes que se estabeleceram na Amazônia – entre eles, portugueses, franceses, alemães, árabes e outros, um modo de ação e experiência singular, que fixaram marcas profundas e históricas em nossa região.

## A FACULDADE DE DIREITO

Transcorria o ano de 1941. Naquele período, as opções oferecidas aos jovens eram poucas. De certa forma, a grande memória desse jovem que concluía o ginasial, em especial no Ginásio Amazonense, passava a procurar emprego nos seguimentos que lhes ofereciam segurança: repartições públicas, Banco do Brasil ou no comércio. Aqueles que nasciam em famílias com mais recursos logo viajavam para o Sul e, naturalmente, para outras cidades mais desenvolvidas como Belém, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, onde procuravam condições de crescimento e para dar continuidade nos seus estudos:

> Os estudantes amazonenses que a frequentavam, ao voltarem no fim do ano para gozo das férias na cidade, possuíam um tão elevado status social que despertavam em todos nós um sentimento de admiração e inveja. O mesmo ocorria com referência àqueles amazonenses que exibiam uniforme de cadete da Escola Militar de Realengo ou da Escola Naval.[108]

---

[108] BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Editora Calderaro, 1977, p. 31.

Os jovens que optassem por permanecer em Manaus e prosseguissem com o sonho de conquistar um curso superior, só encontravam uma opção: a tradicional *Jaqueira*, Faculdade de Direito do Amazonas, lá na praça dos Remédios, que substituíra a antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais e que fora sobrevivente da antiga Escola Universitária Livre de Manáos. Essa foi a principal opção do jovem estudante Samuel Benchimol.

## UEA HOMENAGEIA SAMUEL BENCHIMOL

A rapidez com que ocorreram as transformações em Manaus mudaram o visual da *belle époque* da cidade do período do látex. Esses artifícios de modernidade permitiram a construção de novos prédios e vêm mudando o aspecto iconográfico dos dias atuais.

A concepção de traçados modernos pode ser vista como uma configuração de um novo momento na arquitetura, dentro da organização e ampliação dos nossos espaços urbanos públicos, comerciais ou particulares. Erguem-se em avenidas, os prédios com fachadas de aspectos modernos.

Sem esquecermos a descrição de um passado do látex, a cidade busca se instalar de forma moderna e confortável, com sua população usufruindo dos melhoramentos desenvolvidos no momento atual. O prédio, onde se encontra instalada uma das unidades da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), está na esquina das ruas Leonardo Malcher e Major Gabriel.

Registra-se, pois, para a posteridade, como se fora um álbum de fotografia, principalmente, a presença imponente do edifício aliado à identidade do homem Samuel Benchimol. É o resultado do olhar atento dos transeuntes e alunos, reafirmando o compromisso com a memória e com a valorização da nossa história.

**Figura 18. Universidade do Estado do Amazonas, cujo prédio presta significativa homenagem ao Prof. Samuel Benchimol**

Foto: Acervo de Edfrance Souza, Folha da Cidade

## ESCOLAS ESTADUAL E MUNICIPAL SAMUEL BENCHIMOL

Esses espaços físicos são tributários importantes para se fazer como registro da vida e obra do homem Samuel Benchimol, ressaltando a legitimidade do homem que viveu a sua Amazônia com o pensamento voltado para o futuro. Ele, Samuel Benchimol, legitimou um período de sua aldeia, invocando o que lhe tinha de mais caro: a Amazônia.

O vaivém dos alunos das escolas Estadual e Municipal Samuel Benchimol jamais se fará em silêncio, promovendo um singelo encontro da busca do saber. Eis aqui a dimensão simbólica de entronizar a figura do professor e as crianças, cujo futuro bebe na fonte de seus professores.

Na genealogia desse espaço físico se escondem passagens da vida dessas crianças e adolescentes, rompendo os limites do tempo entre aquele garoto, Samuel Benchimol, que um dia sonhou em ser grande, e os sonhos e conquistas dessa nova geração.

A estética de uma escola, que assenta nas particularidades desse meio de saber, define a fisionomia imutável do seu patrono, cujos traços expressivos comuns são repartidos entre os sussurros e gritos de tempos ou períodos diferentes que convivem no mesmo espaço e se harmonizam.

Samuel Benchimol está relembrado nesses paraísos escolares como se fora o espaço de sua infância e juventude, lá na cidade de Belém do Pará.

O nome do professor Samuel Benchimol emprestado a essas duas escolas registra-se, também, na identidade do educador. Essas escolas serão ponto do saber futuro de muitas gerações, promoverão a educação e a instrução, e formarão homens livres das amarras da ignorância. Preparará para o futuro todo esse universo de novos alunos.

As duas escolas têm como proposta ensinar a viver toda essa juventude de futuro promissor.

**Figura 19. Fachada da Escola Estadual Prof. Samuel Benchimol**

Fonte: Acervo de Edfrance Souza, Folha da Cidade
Figura 20. Fachada da Escola Estadual Prof. Samuel Benchimol

Fonte: Acervo de Edfrance Souza, Folha da Cidade

**Figura 21. Fachada da Escola Municipal Prof. Samuel Benchimol**

Fonte: Acervo de Edfrance Souza, Folha da Cidade

## FACULDADE DE DIREITO (UFAM)

Do ponto de vista meramente arquitetônico, perdeu a Faculdade de Direito quando saiu da sede da velha Jaqueira e transferiu-se para o *campus* universitário. De certa forma, pode ser visto como um ato capaz de criar novos espaços, proporcionando aos alunos de Direito a solução do conforto pessoal, como também resolveu problemas com o estacionamento. Perde a história da Jaqueira e ganham a modernidade e o conforto.

**Figura 22. Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (Ufam)**

Fonte: Acervo do Prof. José Russo

Aquele espaço físico ficou conhecido pelas suas ruas de paralelepípedos de granito pontilhado e pelos trilhos dos bondes que passavam pelo Mercado Municipal, subiam a Praça dos Remédios a levar e trazer mestres e alunos na década de trinta e quarenta, cuja vista do Rio Negro permitia visualizar os navios a vapor chegando e saindo de Manaus, trazendo manufaturados da Europa e, por sua vez, levando látex.

O prédio onde funcionava a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas mantém, praticamente, as mesmas características do início da obra, embora com sua situação de conservação bastante precária.

## SAMUEL BENCHIMOL, PROFESSOR EMÉRITO

**Figura 23. Professor Emérito Samuel Benchimol, honraria recebida da Universidade Federal do Amazonas**

Fonte: Acervo do Prof. José Russo

## A SEGUIR, TEXTOS ORIGINAIS DO PROF. BENCHIMOL

## Aula de Despedida, Saudade e Exortação

Nessas vetustas salas de aula e nessas escadas do quase centenário prédio da Faculdade de Direito do Amazonas, da Praça dos Remédios, passei a maior parte de minha vida como estudante e bacharel da turma de 1945, professor catedrático a partir de concurso público em 1953 e professor emérito desde 1998, graças à generosidade da reitoria, Conselho Universitário, da Diretoria da Faculdade de Direito desta Universidade do Amazonas, que é herdeira e sucessora da Escola Livre Universitária, criada em Manaus em 1909, antes do fim do período do apogeu do ciclo da borracha, em 1910.

Isto comprova que durante esse *boom* econômico se teve também a preocupação de formar lideranças e proporcionar educação ao povo, ao lado de intensos investimentos em infraestrutura econômica de água, luz, energia elétrica, bancos, cabo submarino, abatedouro, mercado público, drenagem, aterros, construção de pontes, saneamento, transporte urbano, navegação fluvial e oceânica, que proporcionaram a oportunidade de interiorizar o desenvolvimento e prover o Amazonas com exportação direta para os portos da Europa, Mediterrâneo, Estados Unidos e o restante do Brasil. Também proporcionaram a imigração de mais de 300.000 cearenses-nordestinos que vieram trabalhar nos seringais do interior dos altos, médios e baixos rios e que contribuíram com os elementos indígenas e caboclos e imigrantes europeus, americanos, do Oriente Médio e de outras partes do mundo para tornar a Amazônia, cultural e biologicamente, mais rica e diversificada.

Apesar de alguns esporádicos exageros, esse período da nossa vida foi economicamente explorado de maneira ruidosa por alguns setores menos informados. O certo é que, durante esse período, foi possível iniciar as bases de desenvolvimento do Amazonas e da

Amazônia interior, pois o preço alcançado pela borracha no topo do preço do pregão da Bolsa de Valores, em 10 de abril de 1910, chegou a 21 guinéus (21 *shilings*) a libra, equivalente hoje a cerca de US$ 180,00 o quilo, ou R$ 360,00, comparado com o preço de menos de US$ 1,00 nos anos 30 e cerca de US$ 0,60 por quilo nos dias de hoje. O interior, assim, se esvaziou e perdeu a sua cadeia produtiva. Dessa forma, os preços de seus produtos ficaram depreciados no mercado interno e internacional.

O único caminho que restou para nossos irmãos do interior foi o êxodo migratório para Manaus, Manacapuru, Tefé, Coari, Itacoatiara, Parintins, Maués e outras cidades e vilas que passaram a sofrer com a explosão demográfica e a explosão humana e social nas periferias das cidades, nos alagados, fundo de igarapés e bodozais das favelas, nas baixas, sujeitos a enchentes e pântanos, ou nos beiradões sujeitos a erosões, sem saneamento e infraestrutura urbana e escassos investimentos públicos, o que agrava o problema da miséria, dos desvios de condutas, de desagregação familiar e vícios, entre outros.

A obsolescência das técnicas primitivas da exploração florestal e dos produtos não florestais, por conta das dificuldades e altos custos gerados pela dispersão e heterogeneidade das florestas tropicais chuvosas, dos rios com os seus complexos ecossistemas, agravaram a situação regional na ausência de investimento em ciências, tecnologia, educação e infraestrutura. A sobrevivência desse tipo de atividade econômica do extrativismo primitivo, disperso e heterogêneo, só foi possível quando os altos preços do monopólio do produto compensavam a cobertura dos rios das pequenas produções artesanais e dos altos custos de transferência e transporte.

Quando o monopólio quebrou e outros países passaram a desfrutar de nossa biota por meio da globalização do intercâmbio legal ou obtido de forma disfarçada e informal, a região amazônica entrou

em depressão. O êxodo rural se encaminhou para as cidades e capitais, onde ainda era possível sobreviver à custa de empregos públicos, verbas federais e da pequena arrecadação.

A nossa Faculdade de Direito e as suas colegas congêneres regionais viveram, desde a sua fundação, em 1909, todas as fases acima descritas e mais a da atual fase da Zona Franca de Manaus e dos grandes projetos de mineração e energia. Por isso, ela possui, juntamente com as suas colegas desses estados, extraordinária tradição e experiência na formação de líderes, conhecimento de seus diferentes períodos de prosperidade e pobreza, proporcionando ensino superior para a formação de líderes, juristas, professores, políticos, governadores, prefeitos, deputados, senadores e ministros.

Podemos nos orgulhar de que a nossa Faculdade de Direito do Amazonas possui um dos melhores corpos docentes do Norte e Nordeste brasileiro, conforme a avaliação do Ministério da Educação, graças à formação dos nossos professores pós-graduados, mestres e doutores, atuando no campo da pesquisa, educação e extensão. A despeito dos modestos salários recebidos, estes tornaram a atividade do magistério mais uma função missionária do que econômica, desestimulando o talento de jovens brilhantes para o ingresso da carreira funcional em tempo integral e dedicação exclusiva. Mesmo assim, o corpo docente não faltou com o seu dever de bem ensinar.

Dessa Faculdade já saíram grandes nomes e talentos, algo que continua se perpetuando tanto no campo de juízes, desembargadores, ministério público, advocacia privada, tendo chegado muitos deles a exercer altos cargos e funções judicantes no Supremo Tribunal Federal, Tribunal Superior de Justiça e do Trabalho e outros órgãos judiciais de todo o país. Outrossim, grandes nomes daqui também saíram para

ocupar a representação política na Câmara dos Vereadores, Assembleia Legislativa, Câmara dos Deputados, Senado Federal e Ministério do Governo.

Somos, portanto, uma escola pública que sempre soube retribuir ao governo federal e ao povo amazônico e brasileiro, justificando as verbas e o custo de sua manutenção como entidade pública e gratuita, contando agora, também, com a ajuda e a parceria de outras entidades e organizações não governamentais.

Da parte do alunato universitário também podemos afirmar que, durante quase um século, eles vêm sendo formados por esta antiga e tradicional escola dentro dos melhores padrões possíveis de ensino, apesar da pobreza e das obsoletas instalações, pois hoje, com cerca de 800 alunos, continuamos com as mesmas e precárias instalações existentes há mais de 50 anos. A precariedade de nossas instalações, equipamentos e bibliotecas estão a exigir mudanças para novas e modernas aparelhagens no campus universitário. Tal proposta foi sugerida pelo nosso diretor ao reitor, para que sejam construídos em frente ao campus, na estrada Rodrigo Octávio, em um terreno que faz frente para a referida rua, numa área de 30 hectares, ou 30.000 m², destinada a criar instalações condizentes com a nossa necessidade.

O plano do qual participei e sou ardoroso defensor, juntamente com o diretor e o reitor, foi no sentido de que se construísse: 1) um edifício de três andares para abrigar de 40 a 60 salas de aula, com ar-condicionado e instalações sanitárias condignas; 2) um edifício para a administração, sala de professores, diretoria, auditório para, pelo menos, abrigar mil estudantes e convidados, a fim de funcionar como centro de conferências, celebração, formatura e auditório; 3) um terceiro edifício que seria destinado ao centro de convivência estudantil

e acadêmica, destinado aos alunos, onde estes pudessem estabelecer laços de amizade, discussão e debates, manifestação e arte musical, esporte, lazer e bate-papo e diálogo com professores e visitantes, de modo democrático e informal, bem como os serviços de alimentação e lanche; 4) uma quarta área seria destinada à criação de um estacionamento para 500 ou mais veículos, de alunos e professores, a fim de evitar congestionamento, e que pudesse ser usado às noites e feriados como centro de diversão, dança, lazer, comícios e outras manifestações coletivas.

É preciso salientar que esta faculdade pública foi responsável pela nossa formação e ascensão cultural e econômica. Ela nos retirou da situação de pobreza e penúria, inclusive eu, que fui um estudante pobre, vindo do interior do Rio Abunã, filho de pais com numerosa prole. Como estudante pobre e conhecedor das dificuldades e da luta para a difícil ascensão social e econômica, trabalho desde os 15 anos. Primeiro como despachante de bagagem e passageiros na estação da Companhia de Aviação da Panair, na atual feira da Panair, e depois fui professor primário na escola de admissão do prof. Vicente Blanco, na rua Miranda Leão; em seguida, fui lecionar na Escola Estadual Sólon de Lucena, onde ensinei Economia e História Administrativa do Brasil. Fui propagandista de produtos farmacêuticos da Sharp Dohme para manter-me e ajudar meus irmãos menores. Todo esse grande esforço de trabalho e dedicação serviu de base para concluir o curso de Direito para depois obter, através de um concurso público, uma bolsa de estudo na Miami University, de Oxford, Ohio, na qual me graduei em Sociologia e Economia, em 1947. Com a abertura do concurso público para a obtenção da cátedra de Economia Política em 1954, inscrevi-me como candidato e, após disputa de provas, exames e títulos, consegui obter a ambicionada cátedra. Aqui estou, portanto, há mais de 55 anos como

estudante e professor, exercendo o meu ofício de ensinar e pesquisar, com absoluta frequência e assiduidade, à semelhança do que também fazem os meus colegas e alunos ao longo desse viver.

Por tudo isso, sou grato a esta escola que me fez cidadão e homem de bem, e de pesquisa que deixo, por meio dos 108 trabalhos já publicados, o atestado e a prova de minha gratidão, pelo aprendizado e sucesso que me proporcionou. Desejo, assim, pensando no seu futuro, abrir a lista de contribuição com uma doação de R$ 10.000,00 (dez mil reais), para ser empregada, exclusivamente, na construção da nova Faculdade de Direito do Amazonas, cuja sede foi escolhida para se localizar na área vizinha à entrada do campus, com frente para a avenida Rodrigo Octávio, pois evitará problemas e dificuldades de localização na área interior do atual campus, situada a cerca de 4 km da estrada principal, com grande dificuldade de aclive, com estrada sem manutenção, insuficiência em iluminação pública e possíveis assaltos que já se têm verificado, criando problemas para o funcionamento da universidade à noite.

Espero que, com esse gesto, outros colegas e ex-alunos formados por esta escola contribuam, dentro de suas possibilidades, para completar o esforço público dos três níveis de governo para poder continuar mantendo a nossa universidade como estabelecimento público federal e gratuito, sobretudo para aqueles que não podem pagar, criando, assim, condições para que os pobres tenham acesso à formação superior.

Vivemos em um mundo de economia do conhecimento, de mudanças e de perene renovação, com a criação de novos direitos, funções e campos no aprendizado permanente (*life long learning*), sob pena da rápida obsolescência do saber jurídico pela constante mudança da legislação, jurisprudência, doutrina e novos impactos e exigências de um

mundo que se globaliza e exige mais qualidade, melhor desempenho e eficiência.

Aqui passei os melhores anos de minha vida, e como professor, sempre procurei cumprir minhas obrigações docentes e incentivei os meus alunos a obterem formação profissional, tendo aqui ensinado, além da cátedra de Economia, as funções de professor substituto de Ciências de Finanças, Direito Tributário, Introdução à Ciência do Direito e Política Fiscal. Finalmente, há mais de dez anos, passei a lecionar a disciplina Introdução à Amazônia e agora o seminário de Problemas Econômicos e Sociais Contemporâneos, para dar aos estudantes uma visão global, tanto do mundo amazônico e brasileiro quanto mundial, nos seus diversos aspectos, confrontações, intercâmbio, novas ideias, tendências, teses e discussões sociais, políticas, econômicas e éticas.

Durante estes longos anos de docência permanente nesta escola, jamais descansei, pois mesmo quando aposentado, ofereci-me para ensinar, no ano passado, como professor voluntário, sem remuneração, e dada a minha condição de professor emérito, como ocorre nas universidades americanas, decidi continuar frequentando a faculdade e as salas de aula, fazendo conferências e orientando alunos, de modo a formar ou não. Esta longa trajetória me trouxe infinita satisfação e prazer, pois creio ter contribuído para ajudar milhares de alunos a se tornarem meus colegas, amigos, tendo a maioria deles superado em sapiência o velho mestre que se despede hoje, nesta última aula da saudade, recordação, agradecimento e exortação.

Afasto-me, hoje, desta escola tão amada e querida por motivo de saúde e doença, pois apesar de ainda me sentir lúcido, estou quase no fim de minha jornada de vida útil. É que, apesar dos cuidados médicos, a que venho me submetendo todos os anos na Clínica Mayo, nesta última visita realizada em novembro do ano passado, fui

informado de que os 40 anos de vício de fumagismo de cigarro comprometeram a minha saúde, apesar de haver deixado de fumar havia 15 anos.

Felizmente, sempre fui um homem de luta, e com a ajuda da família e de amigos e colegas que me telefonam, por fax e e-mail, consegui recuperar o meu espírito e coragem de enfrentar com serenidade esta fase do meu universo existencial.

O motivo desta revelação formal que aqui faço tem um sentido didático e um forte conteúdo de apelo, testemunho, pedido e exortação para que se engajem na luta contra o tabagismo, o uso excessivo de álcool e se afastem e combatam outros vícios como a droga, coca, maconha e outros estupefacientes responsáveis por danos irreiteráveis no aparelho respiratório e nas -doenças coronárias.

Espero que os livros que escrevi para revelar, descobrir e pesquisar a Amazônia sirvam para manter a minha passagem por este mundo, e que a minha conduta como cidadão, professor, empresário e homem de fé e consciência, que teve a sorte de ter uma vida limpa e consciente, livre de favores, isenta de ódios, sem apaniguamento e apadrinhamento e tendo formado uma família unida e obtido o reconhecimento dos meus colegas e amigos, proporcionem a minha permanência através da memória, da ciência e do meu canto.

Pensei que esta aula de despedida fosse útil para dar um conselho de grandeza e de amizade a cada um, em particular, e a todos em geral, para que nunca fumem e eliminem, de logo, o tabagismo inveterado, a todo custo, este terrível vício, baseado no nativo tabaco dos índios das Américas, usados pelos líderes ameríndios sacrificados como Montezuma, Atahualpa, Ajuricaba, Tupac Amaru e outros líderes,

que transmitiam durante a conquista para os espanhóis, portugueses e ingleses.

O fumo da maconha e o uso da coca, do ponto de vista folclórico, diz-se que constitui a vingança desses líderes sacrificados contra os povos europeus e americanos pelo sacrifício e perda de sua identidade e dos seus valores culturais e sociais.

Com tristeza, olho em torno de mim, alunos e colegas que são dependentes do vício do fumo, fazendo com que os não fumantes se tornem fumantes passivos, poluindo o ar, a atmosfera, prejudicando a saúde e contribuindo por baixar a qualidade de vida, ou abrindo portas e cancelas, para a infiltração de outros males.

Espero que, com esta aula de despedida e de saudade, todos possam dela extrair lições para se livrarem desses vícios, *bic et bunc*, aqui agora, para que não venham sofrer as consequências da maldição de Ajuricaba e outros famosos xamães, caciques e índios de modo geral, que introduziram essa e outras drogas no mundo europeu.

O problema do tabagismo tornou-se um problema quase insolúvel para as empresas industriais fabricantes e o governo dos Estados Unidos, por conta das ações judiciais de indenizações e danos morais, ambientais e sociais. Essas indenizações milionárias e danos morais, ambientais e sociais, às famílias dos fumantes viciados forçaram os Estados Unidos a -realizar um acerto com todas as companhias americanas de fumo e ao valor do atual PIB brasileiro de 1999, para serem pagos nos próximos vinte anos, em parcelas anuais de, aproximadamente, US$ 30 bilhões, para as indenizações existentes e as que serão iniciadas. Essa providência destina-se evitar que as indústrias deixem de indenizar os danos morais e materiais causados

pela venda de um produto extremamente perigoso à saúde, apesar do aviso meio vago de que o cigarro e o fumo fazem mal à saúde.

Além das restrições, cada vez maiores aos fumantes, em todos os lugares, está sendo anunciado um projeto de lei exigindo prescrição médica para vender cigarros aos clientes, sendo proibida a venda desses produtos a menores de 18 anos. Trata-se, pois, de uma indústria insustentável do ponto de vista ambiental e de saúde humana, que deve ser banida e tratada como crime, sujeitas às penalidades da lei. É um novo campo de direito que está sendo aberto, para evitar que os lucros e os impostos decorrentes da arrecadação desse produto venham à ribalta como *lobbies*, para evitar a aprovação pelo parlamento dessa nova lei.

Os velhos juristas e advogados criminais costumavam dizer que a testemunha era a prostituta das provas. Creio que, no meu caso, esse meu exemplo e testemunho, ao contrário, sirva de advertência e ajuda para salvar milhões de vidas, ajudando a aliviar a poluição ambiental e protegendo a saúde pública e privada e o próprio INSS e o SUS das despesas causadas pelos danos originados do inveterado hábito de fumar. Sei, por meio de minha experiência, quão difícil é deixar o velho vício, pois a nicotina, o alcatrão e os outros produtos criam dependência difícil de ser erradicada.

É uma decisão difícil, que exige persistência, mudança de hábito e prolongados esforços de resistência às caídas, mas que, afinal, virão compensar com uma vida mais longa, saudável e feliz.

Depois dessa mensagem de amor e amizade, desejo finalizar esta aula de despedida, saudade e exortação, para que os meus alunos, colegas, professores, pós-graduados, mestres e doutores continuem com o seu entusiasmo, bem realizando a sua missão de docência por intermédio do seu talento e dedicação à sala de aula, à pesquisa e à

extensão. Que eles consigam transmitir aos nossos alunos, além do aprendizado jurídico, experiência profissional, aconselhamento de leituras, estudos de casos, avaliação escolar, premiação cultural pelo desempenho dos melhores alunos, exigência de frequência, acompanhamento de mudanças e transformação trazidas pelos computadores e os novos rumos que a globalização enseja pelo aprendizado das novas tendências, rumos e conceitos das novas e inúmeras relações, a exigência tutela jurisdicional.

Para os meus alunos deixo, afinal, também a minha mensagem de exortação e saudade nesta hora de despedida e adeus. Procurem amar o Direito e a Justiça, estudem com afinco, pertinência e sabedoria os textos da Constituição, dos códigos, a jurisprudência, a doutrina, as leis e todas as formas do direito antigo e moderno e as mudanças constantes que estão ocorrendo mundialmente. Espero que todos vocês concluam seus cursos com brilhantismo, apesar das dificuldades econômicas e de tempo parcial dedicado aos estudos, como fugitivos dos expedientes do trabalho para, afinal, poder entrar no mercado de trabalho muito competitivo, mas cheio de satisfação e autorrealização. Procuradores-gerais, membros dos ministérios públicos, em todas as instâncias e poder, ou se preferirem a busca do exercício da política partidária, que sejam bons prefeitos, vereadores, governadores, deputados, senadores e ministros de Estado.

Vocês, assim como eu e a maioria dos meus colegas e professores, fomos e somos o produto da Universidade Pública Federal e devemos nos esforçar para recompensar os esforços de todos os contribuintes e do povo brasileiro que custearam os nossos estudos de forma gratuita.

Aqueles que foram escolher o campo da docência, peço que se tornem os continuadores da obra iniciada pelos fundadores da

Universidade, em 1909, e sigam os exemplos de seus grandes mestres como Análio, Jorge Rezende, Aristides Rocha, Raphael Benayon, Vidal Pessoa, Augusto Rocha, Benjamin Brandão, José Lindoso, José Augusto Borborema, Anderson Menezes, Paulo Nery, Olavo das Neves, Henock Reis, Áderson Dutra, Xavier de Albuquerque, Oyama Ituassú, João Ricardo Lima, David Melo e dos atuais mestres José Russo, João Pereira Braga, José Braga, Lourenço Braga, Clynio Brandão, Afrânio de Sá, Daniel Isidoro de Melo, Edson de Oliveira, Benedicto Lyra, Antônio Carlos Marinho, Oldeney Valente, José Roque, Clara Lindoso e Lima e tantos outros brilhantes colegas professores que estão iniciando a sua carreira, com muito amor e dedicação. A despeito dos baixos salários, das péssimas instalações e do rebaixamento de nossa posição de antiga excelência e administração pública, pela nossa atuação na formação de jovens e da nossa dedicação à nobre função de formar novos e conscientes cidadãos e profissionais de bom saber, bem dizer, argumentar e bem escrever, defendendo a sociedade democrática por meio da justa distribuição de justiça e de proteção dos direitos dos homens, das mulheres e dos cidadãos brasileiros, da região amazônica e do Estado do Amazonas.

Que o nosso saber jurídico de nossa formação se complete com o sentimento da honra, da ética, da prestação de bons serviços, do contínuo aprendizado e do ensino e do estudo e proposição de novas doutrinas e práticas jurídicas honradas e justas, para que o Direito se torne, também, parte integrante do desenvolvimento sustentável e da implantação de uma democracia mais equânime e universal, que complete a todos os brasileiros e amazônidas com um padrão de vida menos injusto e discriminado, em benefício da melhora e do progresso econômico, profissional, social e ambiental, que atinja a todos os

brasileiros, sem discriminação de raça, etnias, sexo, religião, crença, valores e culturais.

Afinal, somos um país que não se pode avaliar apenas pela pesquisa de sua biodiversidade florestal, animal, fluvial, mas também pela existência humana de uma multidiversidade cultural, e de valores, e de identidades diferenciadas, porém unidos pelo sentimento de amor e fidelidade à região amazônica e ao Brasil. Que todos se engajam para criar um mundo mais justo, progressista, pacifista, criativo e inventivo, menos aliado, discriminatório e que proteja a todos os seus habitantes da infância, adolescência, idade adulta e terceira idade dos males, vícios, poluições, desemprego, fome, doença, para que se alcance, neste novo milênio, um período de paz, justiça e bem-estar.

Que estes sejam também os nossos votos para que a Faculdade de Direito do Amazonas e a Universidade do Amazonas continuem enfrentando os desafios, as dificuldades atuais e os futuros difíceis que advirão com a passagem e a transformação do crescimento econômico e sustentável.

Esse pensamento e mensagem levaram-me a escrever o meu último trabalho, anexo que denominei Zênite-Ecológico e Nadir Econômico-Social, que ofereço aos meus conterrâneos como mensagens para reflexão, que será distribuído em seguida, caso os originais fiquem concluídos, mesmo na sua versão preliminar. Este trabalho é dedicado, outrossim, a todos os meus alunos e ex-alunos em geral e, de forma especial, àqueles integrantes da Origem do Mérito Escolar dos Cobras e Buiuçus.[109]

---

[109] SILVA, Oyama César Ituassú da. **Revista da Faculdade de Direito da Ufam**, n.º 11. Manaus: Edua, 2004, p. 37 a 47.

## Discurso Proferido pelo Professor Samuel Benchimol, na Faculdade de Direito da Ufam, ao receber o título de Professor Emérito no dia 17 de janeiro de 1998, na solenidade de comemoração do 89.º aniversário de fundação da Ufam

Magnífico Reitor da Universidade Federal do Amazonas, Prof. Dr. Walmir de Albuquerque Barbosa

Excelentíssimo doutor do Egrégio Conselho Universitário

Excelentíssimo doutor Amazonino Mendes, governador do Estado do Amazonas

Meritíssimo desembargador Manuel Neuzimar Pinheiro, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas

Excelentíssimo presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, deputado Lupércio Ramos

Excelentíssimo prefeito da cidade de Manaus, Dr. Alfredo Nascimento

Excelentíssimo prof. Dr. José Russo, diretor da Faculdade de Direito do Amazonas

Meus colegas professores, doutores, mestres e bacharéis

Estudantes acadêmicas e acadêmicos

Minhas senhoras e meus senhores

A Universidade Federal do Amazonas comemora, hoje, mais um ano de sua função, herdeira que é da pioneira Escola Livre Universitária de Manáos, criada em 17 de janeiro de 1909.

Nesta insigne data, a nossa Universidade – sai do quotidiano para celebrar, com pompa e gala, o seu 89.º aniversário de criação e, ao fazê-lo, vale-se do ensejo para conceder a Medalha de Mérito Universitário a esta plêiade de ilustres colegas, doutores e mestres de *sapientia* magna acadêmica. E em gesto de estrema generosidade muito acima do meu saber e benemerência – aproveita o instante para galardoar-me com a suprema e excelsa láurea acadêmica de Professor Emérito. Homenagem honrosa,

porém, excessiva, porque plusvalia o meu ofício de mestre-escola e de pesquisador, a que me dedico desde os longínquos tempos de minha juventude.

Recebo esta honra e láurea das mãos do magnífico reitor – aprovada pelo egrégio Conselho Universitário, por iniciativa generosa do diretor desta Faculdade da praça dos Remédios, prof. Dr. Russo, acatada com emoção e reconhecimento. Agradeço esta láurea – a todos vocês que se lembram deste fiel servidor público, como digno de tão alta benevolência. E a repasso, nesta ordem, a todos os meus ilustres preceptores e diretores que me ajudaram nessa longa caminhada de aprender e pesquisar; aos meus colegas professores, doutores, mestres e bacharéis de muitos saberes e ensinança desta augusta Faculdade, no singular, e desta sábia e pública Universidade, no plural; e, também, por translação e repercussão para trás e para frente – a transfiro, por igual, a meus ex-alunos – hoje ilustres colegas e doutores e aos atuais estudantes e, pois, a eles devo a maior parte do estímulo e do aprendizado do *meudocendo docetur*.

A nenhum posso olvidar: a memória, lembrança e saudade, por gratidão de ofício da ternura e da dedicação da professorinha que me alfabetizou na Escola Tobias Barreto, de Porto Velho, do desembargador Artur Porto, meu diretor do Colégio Progresso de Belém; do Prof. Carlos Mesquita, diretor do Gymnasio Amazonense Pedro II; do padre Stelison Dalison, meu diretor do Curso Pré-Jurídico do Colégio Dom Bosco; do senador e diretor Aristides Rocha, que me viu pela primeira vez, como bisonho calouro, subir os degraus destas arcadas, nos idos de 1941; do Prof. José Alves de Souza Brasil, que me concedeu o diploma de bacharel em dezembro de 1945; do Dr. Ernest Hahne, presidente chanceler de Miami University que, por recomendação do senado da Universidade, me concedeu o grau de mestre em Ciências e Artes, em 1947; do Dr. Análio de Melo Rezende, professor emérito e diretor desta casa a tempo do meu concurso à

cátedra em 1954, perante o qual prestei o meu juramento e recebi a borla doutoral.

Não posso, também, deixar de mencionar que a minha apaixonada carreira de pesquisador se iniciou com o estímulo dos meus queridos mestres: prof. Agnelo Bittencourt, de Geografia; prof. Arthur Cézar Ferreira Reis, de História; prof. Augusto de Rezende Rocha, de Economia; do Dr. Nunes Pereira, de Antropologia; e do prof. Read Bain, de Sociologia. Eles me ensinaram o caminho das pedras da pesquisa científica.

A láurea de *Emeritus Magister* me chega, assim, ainda em tempo, quase no fim do outono e neste princípio de inverno de minha longa caminhada de mestre-escola, que se iniciou – bem poucos sabem – nos idos de 1941, quando comecei, como menino pobre e humilde, a ensinar Geografia e História, no Curso de Admissão da Escola Primária do Prof. Vicente Blanco, instalada em frente desta antiga sala de congregação, do outro lado da rua Miranda Leão.

De lá para cá, jamais abandonei a minha artesania e oficina: Escola Sólon de Lucena, Miami University, Escola de Enfermagem, Faculdade de Ciências Econômicas do Estado do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Faculdade de Direito, todas elas são minhas *Alma Mater* e Querências de vida e paixão.

Sempre fui fiel – ainda sou – escravo do meu dever e da minha sala de aula, onde procuro transmitir o melhor do meu velho saber, o qual procuro atualizar, a duras penas, invocando o contemporâneo processo do *life long learning*, ou seja, o moto-perpétuo da incessante aprendizagem: a chave de sobrevivência no mercado de trabalho e na pedagogia.

Sempre fui amigo, mestre e conselheiro dos meus alunos, distinguindo-os, desde imemorial data, com láurea e louvores acadêmicos. A outorga da Ordem de Mérito dos Cobras e Buiuçus, aos mais inteligentes e dedicados, serve de estímulo para que iniciem a caminhada na vida

profissional com os próprios pés e cabeças, com ingênuo orgulho, mas com a confiança do pássaro que sai do ninho.

*Magna et summa cum lande* para todos eles. Porque, como bem disse Rui Barbosa, eles superam o mestre, para se tornarem grandes magistrados, juízes, procuradores, promotores, aplicando e promovendo aqueles eternos valores romanos da magna arte do *boni et aequi* e do *jus suum uniquique tribuere*. Sem esquecer os brilhantes advogados dedicados às causas de seus contribuintes e sem olvidar, também, os nobres políticos, parlamentares, governadores e alcaides – eleitos pela *vox et votum populi*.

Neste longo jubileu meio-secular não posso deixar de incluir, neste elenco, por dever de gratidão a ajuda e apoio que sempre recebi dos meus pais, de abençoada memória, de minha esposa e de meus filhos.

Todo este universo de companhia e fraternidade são copartícipe desta honra, quando recebo a honra da láurea de Professor Emérito desta Universidade. O meu débito é inestimável e este reconhecimento o torno público, neste minuto, às vésperas do novo milênio, porque não me resta muito tempo para retribuir o que muito recebi. O mundo dos velhos – diz Norberto Bobbio, é um mundo onde contamos mais os afetos que os conceitos.

Que esta longa gesta e fábula sirva de estímulo aos jovens da nova geração para que tomem o lábaro e mantenham acesa a luz sagrada do aprender, do saber, do servir e do ensinar.

Termino aqui fazendo uma prece, oração e invocação doxológica, com adenda para melhor se adequar a esta festa, ufania e graça: *Gloria in Excelsis Deo, Populo, Magistro, Justitiae: In Universa Scientia Veritas Summae Laudis Gratias Ago*.[110]

---

[110] SILVA, Oyama César Ituassú da. **Revista da Faculdade de Direito da Ufam**, n.º 11. Manaus: Edua, 2004, p. 49 a 51.

## Mensagem aos bacharelados da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (2000)

Senhores bacharelandos, bacharéis e colegas:

1. Ao tomar conhecimento da escolha de meu nome para patrocinar a formatura da Turma de Bacharéis em Direito do Ano 2000 – desejo manifestar a minha gratidão pela referida escolha.

2. Tal honra devo-a, não ao modesto mérito da minha docência, porém, à generosidade dos meus antigos alunos e atuais colegas, que desejam fixar no tempo e em vossas vidas a passagem dos meus cinquenta anos de vida acadêmica e de convívio com milhares de estudantes, os quais tive a honra e o privilégio de ensino e aconselhamento;

3. Ao fazê-lo, a par dos meus cumprimentos pelo sucesso alcançado na vida acadêmica, após tantos anos de grande esforço e dedicação pessoal e ao apoio de vossos pais e parentes, tenho a certeza de que todos vós ireis exercer os misteres profissionais de advogado, juristas, professor e juízes, procuradores, membros do Ministério Público e outras funções que vierem exercer, com talento, honra e dignidade;

4. Como bacharéis do início do novo milênio, tendes a responsabilidade de continuar o esforço dos amazonenses e brasileiros de alcançar uma sociedade mais sábia, justa e fraterna.

Cordialmente,

Professor Emérito Samuel Isaac Benchimol

**Figura 25. Prof. Samuel Benchimol, discursando na Faculdade de Direito, como orador da turma de 1946**

Fonte: Acervo da Família

## Discurso proferido em 1946 na Faculdade de Direito, por ocasião do recebimento do grau de bacharel

Bacharéis de 1945: Agnelo Uchôa Bitencourt, Arthur Cezar Meireles Pucu, Cláudio Rodrigues do Nascimento, Ofir de Castro, Osvaldo Dias Sobral, Samuel Benchimol, Silvério José Nery, Wilson Zuani de Figueiredo

Ex.mo Sr. Des. Stanislau Afonso, Interventor Federal

Ex.mo Sr. Des. André de Araújo, Presidente do Tribunal de Apelação

Ex.mo Sr. Prof. Dr. José Alves de Souza Brasil, Diretor da Faculdade de Direito

Demais Autoridades.

Senhores Professores.

Senhoras, Senhores, Meus colegas.

Acabamos de receber o grau de Bacharéis em Direito numa ocasião excepcional para o destino do Amazonas, para o destino do Brasil e das Américas.

Somos a primeira turma de bacharéis formados já no pós-guerra, que viveram, que lutaram e que estudaram nesse período de inquietação universal, folheando os livros e assistindo as aulas nas folgas de agitação das ruas, das memoráveis campanhas cívicas, dos comícios, da caserna, cumprindo os deveres militares para com a Pátria. Fomos em verdade uma turma de acadêmicos sem uma vida cômoda de estudante cinzento, sem perturbação nem trabalho. Ao contrário de tudo isso, durante o nosso tempo, o nosso *bom tempo*, fomos acadêmicos-aspirantes, acadêmicos-soldados, estudantes do meio da rua, voluntários de todas as campanhas patrióticas, dos comícios, voluntários da preparação psicológica do povo na frente interna, voluntários da caserna na preparação dos nossos soldados para as incertezas do futuro e para as lutas do *front*, preparando a massa para a luta das urnas, preparando nós mesmos, para as lutas de hoje, para as lutas de amanhã, para as lutas do presente e do futuro.

Somos assim, uma turma de bacharéis credenciada por um passado de luta – um passado que hoje por si só vale uma história – credenciada para as lutas de hoje também por um passado de estudos, de investigação e de leitura, construindo debaixo destas arcadas e nas salas da aula deste tradicional templo: a nossa querida Faculdade.

Bacharéis agora, acadêmicos até há pouco, somos assim representantes de uma geração que venceu a guerra e está ganhando a paz, geração forjada nos campos de batalha e no cimento da reconstrução, no aço das baionetas e nas folhas dos livros, na explosão

das granadas e nas ideias de um mundo melhor, pela Democracia, pelo Direito e pela Paz.

Somos também a primeira turma de bacharéis formada já para assistir e tomar parte nesta vitoriosa campanha de Democracia e de eleições. Tivemos, de fato, a rara felicidade, meus colegas, de sair desta Escola, para atuar num Brasil prestigiado pela justiça dos magistrados, prestigiado pela imponência da lei e pelos valores eternos da ciência jurídica. As oportunidades, portanto, estão abertas para todos nós, e temos certeza de que saberemos aproveitá-las.

Meus colegas:

Pertencemos, dagora em diante, como bacharéis, a uma classe ligada secularmente, por meio de gerações e gerações de moços, à vida pública do país. Herdeiros que somos dos bacharéis do passado, cabe-nos conservar e desenvolver essa influência já tradicional na história social e política do país. Precisamos, portanto, conhecer essa influência, analisar os fundamentos e raízes desse prestígio. Dada a atualidade desse tema, nada mais justo do que, no dia de hoje, no dia de nossa formatura, estudarmos alguns aspectos da influência do bacharel na história social e política do Brasil. Influência que se veio notando desde os tempos do Brasil Colônia, nos episódios do desbravamento e da conquista da terra, desde o tempo daquele legendário e quase-mítico bacharel de Cananeia, contemporâneo de João Ramalho, e que se transmitiu com maior força à paisagem do Brasil Império, sobretudo do Segundo Império, na fase do patriarcado rural e da monocultura da cana, do latifúndio das fazendas, por intermédio do senhor de engenho, do escravo e do mestiço, e finalmente no Brasil República, no ciclo da decadência rural e agrária, do desprestígio daquelas figuras tradicionais

da economia do Império, com a ascensão de novas classes e o aparecimento de novas condições de vida e de cultura.

A história dessa influência do bacharel vincula-se remotamente aos anais da tradicional e vetusta Universidade de Coimbra. Coimbra constituiu de fato, para todas as colônias portuguesas d'além-mar, sobretudo para o Brasil, daquelas eras, a ponte espiritual entre a Europa e a América, entre o novo mundo inexplorado e rebelde e aquela civilização milenarmente formada naquela estrutura feudal e monárquica. A manutenção desse vínculo espiritual foi um dos pontos fortes da política dos reis portugueses e a maior garantia para a conservação da influência lusa no seu Império de ultramar. Ponto forte da influência europeia, do sistema de vida e de cultura, dentro daquelas velhas formas que progressivamente foram se esboroando ao contato do nosso mundo, onde estava se processando, como num laboratório, uma nova civilização. Para que o Brasil se mantivesse, pois, ligado eternamente a Portugal havia necessidade da manutenção desse vínculo e desse eixo: Coimbra-Brasil. Monopolizando dessa forma a educação das nossas elites, Coimbra deformava, à europeia, os nossos mestiços e os filhos dos nossos colonos. Deformava no sentido regional e cultural da expressão, isto é, sem atender a necessidade de uma educação regional para a nossa gente, o que era impossível, mas que era e sempre foi preciso para a construção de uma nova forma de política, de cultura e de trabalho. Constituiu-se assim aquela célebre Universidade em uma réplica intelectual da velha civilização europeia ao trabalho material dos colonos, desejosos de fundar uma colônia sem preconceitos nem orgulhos. Daí o interesse que Portugal sempre teve em não deixar fundar, durante a época da Colônia, uma faculdade ou um curso superior onde os descendentes dos imigrantes, os filhos dos colonos e os mestiços pudessem se bacharelar sem sair do país.

Somente depois de proclamada a Independência, já no tempo do Brasil Império, foram criadas, em 1827, em Olinda e São Paulo, as duas primeiras Faculdades de Direito do Brasil. Ato esse que veio completar a nossa independência política com uma certa autonomia cultural de grande influência para o futuro do país.

O bacharel, formado aqui, teve por fim uma oportunidade para se nacionalizar, para adquirir a cidadania cultural do país. O bacharel, assim nacionalizado, libertava-se da influência daquelas universidades europeias em geral e de Coimbra em particular, influência que se refletia no gosto das ideias em voga naqueles países, na moda francesa e no estilo inglês, nas maneiras de Lisboa, na gramática e no latim de Coimbra, que concorreram mais do que tudo para dar o cunho europeu e português, cunho do regionalismo europeu-luso à nossa cultura. Um cunho português que ainda hoje se nota por meio das querelas gramaticais, nas lutas entre os filólogos indígenas sobre a colocação dos pronomes, influência que se nota também nas polêmicas literárias e artísticas, nos estéreis debates sobre a pureza da língua, "a majestade do idioma português" contra as nossas expressões e regionalismos legítimos, contra a nossa tendência de criar, dentro da língua, novas formas de expressão, com os nossos modismos e regionalismos. Influência que se nota também no exagero do estudo do latim, do martírio que submetem os nossos pobres alunos do Ginásio aos sete anos dessa disciplina. Influência essa que vai de encontro chocante com os nossos modos de vida e os meios de expressão da arte e da cultura popular, contra o desenvolvimento da nossa língua, contra as características próprias da nossa formação. Essa deformação que foi inicialmente operada em Coimbra e continuada depois por uma série de circunstâncias e fatores foi a principal responsável pela separação que sempre se notou entre a nossa elite e o nosso povo; a primeira, voltada

para a literatura, a arte e a política dos outros países, com menosprezo pelas necessidades da nossa gente, sem recorrer às fecundas e inexploradas fontes do nosso meio, só recentemente abertas. Daí as soluções sem nexo para os problemas prementes de ordem política e econômica, soluções sem êxito e que concorrem ainda mais para deformar e torcer a nossa formação e o nosso caminho. Daí as reformas de educação que se fazem quase todo santo dia, sem atender às necessidades e peculiaridades da nossa gente e da nossa cultura. Daí as reformas políticas sem uma prévia equação tomada no meio do povo. Influência toda essa que foi decisiva no Brasil Colônia e no Brasil Império e que se transmitiu à República, por intermédio dessa elite de pensadores, políticos e educadores sem raízes na terra, com amor mais ao latim, à literatura e à política de outros povos.

Os estudos regionais sobre as condições de vida do nosso povo e a solução dos nossos maiores problemas foram dessa forma retardados e somente agora, com as últimas gerações mais esclarecidas, é que vêm sendo atacados, com um reflexo de novas influências que estão surgindo. Hoje, homem culto não é apenas o homem que pode recitar Virgílio e Horácio, que tem de cor Camões inteiro, que conhece na exata a colocação dos pronomes e discute assuntos gramaticais. Homem culto também, além do que conhece tudo isso, é também aquele que se dedica ao estudo, investigação e interpretação dos nossos complexos de economia e de cultura, dos nossos problemas de raça e de sexo, de saúde, de alimentação e de técnica.

A grande força do bacharel no Brasil tem sido motivada pelo fato de que o título de Bacharel nunca foi a bem dizer um diploma profissional, antes de cultura, antes uma carta que dá acesso a todas as funções públicas e administrativas, que dá pronto ingresso aos debates

políticos, econômicos e diplomáticos. A carreira de bacharel não é somente a carreira do jurista emérito, do magistrado consciente, do advogado honesto. O bacharel-jurista, o bacharel-magistrado, o bacharel-advogado representam apenas um lado profissional da vida do bacharel. Quem sai de uma Faculdade de Direito não tem profissão nenhuma determinada. Tem um título que lhe dará acesso a uma porção de carreiras, ao passo que aquele que sai de uma Faculdade de Medicina, de Engenharia ou de Odontologia é um homem amarrado a uma técnica profissional. Por isso é muito raro ver um médico, um dentista ou um químico fora de sua profissão, exercendo outros misteres diferentes daqueles que aprendeu na sua Faculdade.

Compreende-se assim perfeitamente que as esferas de ação do bacharel são inúmeras e em todas elas, forçosamente, a sua influência será um fato. Daí a sua grande força e o seu enorme prestígio em todas as camadas e em todos os círculos onde dedica a sua atividade. Ao lado do bacharel-jurista, do bacharel-magistrado, do bacharel-advogado está também o outro seu irmão de faculdade, o bacharel-político e o bacharel-poeta, o bacharel-funcionário público e o bacharel-jornalista, o bacharel-filósofo e o bacharel-romancista, o bacharel-comerciante e o bacharel-industrial, levando para as assembleias legislativas e para a poesia, para a repartição pública e para a imprensa, para a especulação filosófica e para a literatura, para o comércio e para a indústria, a semente das nossas faculdades de Direito, das nossas universidades. Levando para a vida prática o ambiente de luta e de trabalho das nossas escolas, e lembrança das memoráveis campanhas cívicas, das estudantadas, dos professores e dos livros.

Daí essa participação ativa dos nossos bacharéis na vida do país em quase todos os seus círculos políticos, econômicos e administrativos, participação também nos movimentos históricos da

nacionalidade, movimentos que ainda agora acabamos de assistir como uma prova real do valor e da influência do bacharel.

Se de um lado essa influência tem sido grandemente vantajosa e salutar para o país, de outro lado, em virtude de uma formação errada e de uma educação desorientada, em parte eles têm sido responsáveis por uma porção de laudos que se podem apontar e analisar. O mais recente deles, ainda há pouco, foi a exclusão nos cursos secundários, de um estudo indispensável como o de Sociologia, exclusão feita em benefício de mais 3 anos, além dos quatro, do célebre estudo do Latim, um verdadeiro golpe de morte dado por um político e bacharel-ministro malvado, contra a educação da nossa mocidade, agora escrava da declinação e do verbo. Nós que ainda recebemos o honroso título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, conforme o texto do nosso diploma, não teremos mais uma formação sociológica para amparar e fortalecer a nossa formação jurídica. Prova de que, ainda hoje, existe um propósito de tirar da mocidade que estuda uma oportunidade de aprender a encarar as soluções dos nossos problemas sociais com os modernos recursos da técnica de investigação, da pesquisa, do inquérito sociológico e dos modernos métodos de interpretação das ciências sociais.

Malgrado, no entanto, todos esses atentados que temos sido vítimas e os defeitos de nossa formação universitária, os bacharéis têm conseguido, a maioria por esforço próprio, penetrar e alcançar os prementes problemas da nossa civilização. Esta minoria, no entanto, teve de fugir aos métodos clássicos e às influên-cias nem sempre saudáveis que atuam na política da educação. De qualquer forma, os bacharéis têm participado, num ou outro aspecto, neste ou naquele setor, têm participado sempre de todos os movimentos revolucionários ou pacíficos da nossa história. Na Inconfidência Mineira, na

Independência, na Campanha da Maioridade e da Libertação dos Escravos, na Proclamação da República. Movimentos esses que somente agora estão sendo bem compreendidos e interpretados à luz dos novos recursos. Em todos eles destaca-se a figura inconfundível e indispensável do bacharel, como agitador, como líder, como professor, como político, feito chefe de ideias, como chefe de escola.

Com a criação das duas primeiras escolas de Direito em Olinda e São Paulo, todos tiveram uma oportunidade para se bacharelarem dentro do país. Essas escolas criaram assim uma chance de classificação social e cultural para o povo em geral e para os estudantes em particular. Nesse e noutros pontos, as nossas escolas de Direito agiram como uma escola de legítima Democracia social e cultural, oferecendo possibilidades de ascensão sem levar em conta a condição social, a cor ou a riqueza do indivíduo. Ascensão francamente vertical, de baixo para cima, de plena e intensa mobilidade social para todos aqueles que na ausência de condições de família e de tradições favoráveis, que sempre possibilitaram, em toda parte, um acesso imediato a todas as posições, procurassem uma classificação social e econômica, e uma oportunidade inédita e desconhecida em outras sociedades. Oportunidade que de agora em diante era oferecida a todos os brasileiros de subirem no conceito da sociedade local, de melhorarem o seu *status*, por meio da aquisição do anel de doutor e do diploma de bacharel, verdadeiro título de nobreza intelectual para todo aquele que desejasse aumentar o seu prestígio, se já o tivesse ou em caso de negativo, anular pelo menos os preconceitos de raça e de família, para namorar as filhas disputadas dos senhores de engenho ou ocupar um lugar público. Escolas de democracia portanto, sem dúvida alguma, foram todas as nossas faculdades de Direito, e esse fato bastaria para consagrar a admiração de todos nós pela missão histórica e política das nossas escolas.

Phaelante da Câmara, na sua Memória histórica da Faculdade de Direito do Recife, publicada em 1903, assinala que o

> predomínio intelectual desse centro conseguiu humanizar os costumes, estabelecer a corrente de simpatia e a permuta civilizadora das ideias; o próprio caráter pernambucano modificou-se profundamente, diz ele. Os filhos de famílias poderosas que viviam em luta acesa, os de sangue azul e os plebeus, os descendentes da fidalguia do Cabo e os representantes dos antigos mascates, daqui saíam harmonizados, levando à casa paterna a notícia de que o código dos direitos individuais é igual para todos.

A posse do título de Bacharel, portanto, desde cedo, constitui-se numa insígnia e num brasão que substituía perfeitamente os títulos de nobreza de sangue azul. Insígnia e brasão que todos faziam questão de mostrar pelo anel do doutor, um rubi oriental rodeado de um chuveiro de brilhantes, que constituiu durante tantos anos, no tempo da monarquia, a grande aspiração e foi causa de muito suspiro de tantas moças românticas e casadouras dos engenhos de açúcar, das filhas dos burgueses moradores dos sobrados e sobradões de estilo colonial do Recife e da Bahia. Anel de doutor que muitos bacharéis traziam ostensivamente no dedo indicador, que bem mostrava o orgulho de uma classe, prova de prestígio e de cultura e sobretudo prova de um título de nobreza intelectual.

Com o fulgor e o brilho dos títulos doutorais nessa época, cada vez mais acentuou-se a paixão do brasileiro pelo diploma de Bacharel, o mais acessível de todos eles. Foram criadas assim as faculdades de Direito em quase todas as sedes da Província, causando dessa maneira, com a emissão exagerada de diplomas, uma verdadeira inflação de bacharéis. Inflação de bacharéis, se assim me permitirem expressar, que em muitos casos, mais tarde, viria ser responsável pelo desprestígio da classe. Mas enquanto isso não se deu, e que tão cedo ainda não se dirá, as nossas faculdades continuaram lançando anualmente numerosas

turmas de bacharéis que estavam naturalmente talhados para líderes e dirigentes da política, da administração e da economia do país em todos os setores. Malgrado tudo isso, nunca faltaram lugares para eles; por isso é comum se ouvir dizer que "o bacharel não se perde", pois sempre para ele haverá uma oportunidade. A política, a literatura, a poesia, a oratória e o jornalismo sempre consumiram maior número de bacharéis que mesmo a advocacia ou a magistratura. O bacharel-magistrado ou o bacharel-advogado precisa sempre de uma sólida formação jurídica que as faculdades praticamente não davam. Além do mais, o ambiente das nossas escolas era mais favorável à poesia, à literatura e à imprensa pela maior facilidade que estas ofereciam para os seus talentos mais em acordo com o temperamento e o estilo da época. Estávamos vivendo no período do romantismo, movimento que partiu na maior parte de poetas-bacharéis ou de acadêmicos das nossas faculdades. Era justo e humano, portanto, que as moças preferissem um poeta romântico e sentimental que um juiz sereno e sisudo. Era de a época ser doente, padecer de amor, recitar versos, fazer serenatas e por fim morrer aos vinte e poucos anos. O padre Gama, transcrito por Gilberto Freyre, se alarmava com os acadêmicos do seu tempo que aos dezesseis anos já tinham suíças e faziam medo de tão pálidos e doentes que eram. As próprias moças do outro lado, acompanhando a moda romântica, diz o mesmo autor, viviam "sustentando-se de caldos de pintainho e papinhas de sagu".

Nesse movimento romântico, acadêmicos e bacharéis pagaram a sua quota de sacrifício. Romantismo que teve por esse e outros aspectos o seu ponto de apoio mais forte e mais entusiasta entre as mocidades das faculdades de Direito do Recife e São Paulo, as mais tradicionais da época, cujos nomes ganharam fama em todo o Brasil e eram ardentemente desejadas por todos os outros pobres estudantes

das outras Províncias. Mocidade que preferia morrer aos vinte e um e vinte e dois anos a morrer velho, como burgueses cansados, como "fazendeiros ricos, vigários gordos e negros de engenho", na expressão pitoresca do mesmo autor. Assim é que foram vítimas desse movimento romântico, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e tantos outros acadêmicos de Direito, que morreram muito cedo, alguns deles, sem chegar a ser bacharéis, cujos versos ainda hoje, impregnados, de um suave e doce sentimentalismo, ainda andam na boca de todos nós e de nossas namoradas.

Afirmados de início que o diploma de bacharel servia de brasão e título de nobreza intelectual para todo aquele que desejasse se classificar se não economicamente, pelo menos cultural e socialmente. Essa oportunidade de ascensão vertical constituiu uma verdadeira promoção de classe e de *status* para uns e para outros. Os filhos dos senhores de engenhos, classificados economicamente pela fortuna dos seus latifúndios, aspiravam uma posição política e uma função pública que os destacasse socialmente aos olhos de todos. Para as famílias pobres o título de bacharel era a grande esperança para o seu filho sem recurso. Para as famílias sem tradição, sem sangue azul, um brasão que serviria para dar posição aos seus membros por intermédio do filho doutor formado no Recife e São Paulo. Para o mestiço, vítima do preconceito de classe, não disse de raça, o título de bacharel era uma válvula aberta para desabafar os seus complexos, anular os prejuízos de cor e vencer as barreiras sociais que a sociedade lhe cercava. Foi o mulato, mais do que todos, que aproveitou essa oportunidade inédita e original na nossa história. Em outros países como nos Estados Unidos o negro teve de fundar a sua Universidade se quisesse se doutorar. Entre nós, pela ausência desse preconceito, estabeleceu-se uma corrente de simpatia e de compreensão, entre os classificados socialmente e os que

aspiravam uma posição social que o título fatalmente lhe daria. Os mestiços tiveram dessa forma os seus complexos de inferioridade sublimados psicológica e culturalmente, por uma projeção intelectual enorme entre seus colegas, fazendo-se líderes intelectuais dos movimentos políticos e filosóficos. Tobias Barreto, o mestiço de gênio, criou uma plêiade de discípulos, em derredor da sua escola de filosofia e de cultura, a Escola do Recife, escola cuja influência ainda hoje se nota em muitos círculos intelectuais do país. Gonçalves Dias, o genial poeta, foi a vida inteira um desadaptado tristonho que encontrou no título de doutor e na fama de poeta, diz Gilberto, uma oportunidade de ser admirado e querido por todos. José do Patrocínio venceu os preconceitos e anulou os seus complexos por meio da oratória, do jornalismo e das campanhas cívicas de libertação do escravo. Machado de Assis por intermédio do romance. Oratória, jornalismo e campanhas cívicas alimentadas umas, desenvolvidas outras, no fulgor dos seus dias de acadêmico ou definitivamente amadurecidas e lançadas no tempo de bacharel. Rebouças, engenheiro, da mesma forma vence e conquista a sociedade e a princesa Isabel. Aluísio de Azevedo no seu romance *O mulato* conta a história de um bacharel mestiço, educado na Europa, que conseguiu que uma moça de família tradicional se apaixonasse por ele. O título de Bacharel era mais forte do que a cor. O anel de doutor mais importante que o preconceito. Essa foi uma das principais funções democratizadoras das nossas faculdades de Direito. Mais um aspecto da influência do bacharel na formação de uma sociedade sem preconceitos de raça ou de cor, dando oportunidade a todos para que, de acordo com suas possibilidades e os seus recursos intelectuais, subissem e conquistassem os cargos mais elevados e as posições-chave da administração pública. Sobre este último aspecto vale a observação de Sérgio Buarque de Holanda: "uma carta de bacharel vale tanto como uma carta de recomendação das pretensões aos altos cargos públicos".

Liberta o indivíduo "da caça aos bens materiais e assegura-lhe na vida uma discreta compostura". Observação que ainda hoje vale mesmo quando o prestígio do bacharel já está algo comprometido ou antes já está perdendo aquele fulgor excepcional da segunda metade do século passado, com a ascensão das novas classes profissionais cujo prestígio e cuja importância ultimamente têm aumentado consideravelmente. Classes novas cujas forças ainda há bem pouco tempo eram desconhecidas na nossa vida política, como as classes conservadoras, industriais e comerciais, cujo prestígio vem sendo notado por meio das associações comerciais, dos congressos e cartas econômicas de profunda significação para o destino do país e da sua administração. Classes novas como a dos engenheiros e técnicos, de pesquisadores e geógrafos, de sociólogos e economistas, que estão fadadas a se transformarem em verdadeiras profissões auxiliares da administração pública. Estas novas correntes não serão desde logo, no entanto, suficientemente forte para derrubar a influência e o prestígio tradicional do bacharel no Brasil.

A força do bacharel que vinha desde longos anos aumentando consideravelmente em quase todas as esferas sociais e círculos políticos da nação, teve a sua mais alta expansão no Segundo Império. Essa força e esse prestígio concorreram grandemente, diz Gilberto Freyre, para avivar, nas cidades, um intelectualismo revolucionário que agiria contra a civilização agrária e escravocrata.

De fato, os filhos dos senhores de engenho, representantes dessa civilização profundamente rural e agrícola, sustentáculos do Império, com alicerces e raízes econômicas no braço do escravo, no massapé da cana, na casa-grande e na senzala, os filhos dos senhores de engenhos desenraizados do seu meio, desenraizados pela cultura acadêmica, os filhos dos senhores bacharelados contribuíram para a

decadência dessa civilização do açúcar, dos engenhos e fazendas de Pernambuco e da Bahia, centros da cultura tradicional do Império. A desintegração do latifúndio da cana principiou-se quando o intelectualismo revolucionário ficou em moda, quando os bacharéis filhos dos senhores de engenho abandonaram as suas fazendas atraídos quase todos pelos centros urbanos do Recife, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, bacharéis "que já não tomavam a bênção dos velhos, porque tal usança cheirava tempos góticos". Novos hábitos foram assim adquiridos nesses centros de cultura jurídica. Raros eram aqueles que voltavam depois de formados para as fazendas e engenhos dos seus pais. Deixavam-se ficar na Corte, ocupando um cargo público, onde vantajosas oportunidades lhes eram oferecidas. Quando voltavam aos engenhos não estavam mais em condições de continuar a tradição escravocrata, latifundiária e patriarcal dessa civilização. Um exemplo frisante e poético temos na formação do bacharel Joaquim Nabuco, ao descrever Massangana, depois de tantos anos de ausência. Os hábitos românticos, o amor à literatura e ao conforto das cidades, o intelectualismo revolucionário, antiescravocrata, as campanhas cívicas pela libertação do negro impediam que o bacharel nascido na casa-grande se apresentasse como herdeiro e continuador dessa civilização tradicional. Por outro lado, o bacharel nascido na Senzala chamava a si a defesa dos escravos, dos seus antepassados, por um impulso de solidariedade social incoercível. Assim, bacharéis da casa-grande e bacharéis da senzala, João Alfredo e José do Patrocínio, concorreram para a decadência desse ciclo histórico e tradicional. Esta é a opinião quase-unânime de todos os que têm estudado essa civilização. Luiz Martins assinala e explica a decadência de "inúmeras famílias que perderam toda a sua antiga grandeza, toda aquela sua tradição, quando passaram para as mãos inexperientes dos bacharéis românticos e liberais". A idade patriarcal entra em declínio, portanto, quando se deu

a ascensão definitiva do bacharel revolucionário e romântico, recrutado entre os melhores engenhos, entre as mais ricas e talentosas famílias. Bacharéis que eram assim arrancados de um mundo tradicional, que não poderiam sobreviver sem a continuação desse patrimônio, e jogados nas cidades, onde se deixavam ficar, enfeitando as Cortes, sem ouvir o apelo dos seus antepassados enriquecidos no latifúndio, no negro e no açúcar. A decadência, o declínio e o desprestígio dessa civilização patriarcal acentuaram-se ainda mais com a campanha da libertação do escravo, promovida quase toda ela por bacharéis da casa-grande ao lado de bacharéis da senzala, por acadêmicos de Direito das faculdades do Recife e São Paulo. A influência do bacharel nessa campanha foi decisiva e vitoriosa. Pela imprensa e pela tribuna, pela poesia e pelos comícios, apareceram todos os tipos de bacharéis feito líderes do movimento libertador. Um bacharel-jornalista: José do Patrocínio; um bacharel-poeta: Castro Alves; um bacharel-ministro: João Alfredo; um bacharel-parlamentar: José Bonifácio; um bacharel-diplomata: Joaquim Nabuco; quase todos os filhos de importantes famílias tradicionais ligadas à idade patriarcal e agrária, todos eles bacharéis, que foram levados por seu intelectualismo revolucionário a trabalhar contra os interesses dos seus antepassados, dos seus pais e avós, contra uma civilização construída com tanto trabalho sobre bases que não podiam mais subsistir.

A libertação dos escravos, a queda da Monarquia e posteriormente o surto da República, como bem assinala Donald Pierson, profundo conhecedor de nossa história social com referência ao mestiço, marcaram um rompimento definitivo com a aristocracia rural e aceleraram a ascensão de uma nova classe que já se vinha firmando desde longa data: a dos bacharéis e doutores.

Ascensão de bacharéis e doutores que já se vinha notando com tendência a aumentar desde o Primeiro Império que se expandiu no reinado de D. Pedro II e que por fim tomou conta de República. Desertores de uma aristocracia rural, acentua o sociólogo de *Sobrados & Mocambos*, "cujos gêneros de vida, cujo estilo de política, cuja moral já não se conciliavam com seus gostos e estilos, os bacharéis, médicos e doutores europeizados, afrancesados e urbanizados" conquistaram as posições-chave da administração pública e da política do país. O velho Morais reclamava, já no seu tempo, que as "criançolas saídas das escolas de Direito estavam galgando todas as posições". A infiltração do bacharel-moço foi feita com o consentimento do próprio imperador. A verdade era que os postos mais destacados e as funções de maiores responsabilidades e influência na administração do Império foram confiados quase todos aos bacharéis-novos saídos do Recife e de São Paulo, havendo como consequência disso a repentina valorização do moço de vinte anos bacharelado por essas escolas. Valorização súbita que um estudioso da nossa história regional observou pelo fato de irem aparecendo na Câmara, na presidência das Províncias, nos ministérios, bacharéis de vinte e poucos anos, quando antes estes cargos só eram de acesso aos velhos conselheiros e bacharéis encanecidos. Diz ele: "Aos trinta anos, Carneiro Leão, depois marquês de Paraná, já estava ministro da Justiça; aos trinta e um anos, Manoel Francisco Corrêa, governador de Pernambuco; João Alfredo, aos trinta e cinco, já era ministro do Império; Afonso Celso, futuro visconde de Ouro Preto, ministro da Marinha aos vinte e sete". Era sem dúvida o apogeu do bacharel, do bacharel-novo e rebelde, investido nas funções mais importantes da vida do país. Funções políticas e administrativas que, mesmo com a queda da Monarquia, conti-nuaram a ser entregues a bacharéis; no tempo da República, onde a sua influência, do mesmo

modo tem sido profunda e decisiva, a ponto de um escritor, com ironia, ter definido o Brasil como o paraíso e a república dos bacharéis...

De fato, basta um rápido relance pelas figuras mais importantes da nossa história para reconhecermos essa influência. Nas assembleias e câmaras legislativas, na política e na administração, nos tratados e nas convenções internacionais, na literatura e na filosofia, na tribuna e no jornalismo, na poesia e no romance houve sempre um bacharel proeminente. Um bacharel-parlamentar: Antônio Carlos; um bacharel-jurista: Clóvis Bevilacqua, o nosso querido patrono; um bacharel-diplomata: barão do Rio Branco; um bacharel-ministro: Joaquim Nabuco; um bacharel-poeta: Castro Alves; um bacharel-filósofo: Tobias Barreto; um bacharel-crítico: Sílvio Romero; um bacharel-romancista: Machado de Assis; um bacharel de gênio: Rui Barbosa, glória nossa, glória de todos os bacharéis do Brasil.

O bacharel, portanto, atravessou todas essas fases da nossa história com uma influência decisiva e profunda na nossa paisagem social e política. Na República, da mesma forma, bacharéis foram quase todos os presidentes. Bacharéis quase todos os ministros. Até os ministérios da Marinha, da Guerra e da Aeronáutica já têm sido entregues a bacharéis. Bacharéis os deputados e senadores, bacharéis os governadores dos Estados e seus auxiliares. Em cada Estado uma Faculdade de Direito zelando por essa tradição, alimentando essa influência, formando gerações novas de bacharéis que se destinam sempre aos postos de comando da administração. Interessante é notar que com toda essa inflação de bacharéis, se assim poderei dizer, com todo esse inflacionismo de doutores, não chegou a desvalorizar o nosso título nem derrubar o nosso prestígio. Se esse fato se desse em qualquer outra faculdade como de Medicina, Engenharia ou Odontologia, por

exemplo, há muito as profissões dos médicos, engenheiros e dentistas estariam completamente desvalorizadas.

É forçoso, no entanto, que se confesse que se o futuro do bacharel no Brasil não está comprometido, como alguns pessimistas e desiludidos da vida querem crer; é forçoso reconhecer, por outro lado, que com o advento das novas escolas técnicas e profissionais estas virão arrancar das nossas faculdades um pouco da influência. Em muitos Estados do Brasil isso ainda não se deu porque somente as faculdades de Direito monopolizam o ensino superior. Nos grandes centros universitários, no entanto, a força e o prestígio dos acadêmicos de Direito se repartem com os estudantes de engenharia, medicina e das outras escolas. Na maioria dos Estados a única oportunidade de o estudante secundário continuar os seus estudos avançados será o ingresso na Faculdade de Direito. Daí muito moço sem vocação, sem amor à carreira de bacharel, sem gosto pelo Direito, verdadeiros desadaptados, serem forçados a ingressar em nossas faculdades mesmo contra as suas vontades e inclinações. Por isso ainda hoje o curso de bacharelado, fornecido pelas nossas faculdades, é o caminho mais indicado para todo aquele que tenha uma inclinação pela literatura, pela arte, pela poesia, pela sociologia, pela política ou pela economia. As nossas faculdades são assim, além de um centro de cultura jurídica um centro de verdadeiro humanismo. A criação das faculdades de Ciências Econômicas, das escolas técnicas de Comércio, das faculdades de Ciências Políticas, dos cursos de Administração e Finanças, das escolas de Sociologia em muitos pontos do país irá absorver das nossas faculdades de Direito todas essas vocações desgarradas, adaptando esses estudantes na sua legítima inclinação. Quando todas essas escolas forem criadas e largamente difundidas em todo o país, aí, então, o título de bacharel perderá muito da sua

influência e do seu prestígio. As esferas de sua ação e o círculo de seu prestígio ficarão consideravelmente diminuídos. Essa possibilidade, no entanto, é muito remota, ainda para nós, de vez que a não ser por diletantismo, raro é aquele que se aventura a cursar uma dessas escolas, pois ainda é e será difícil, entre nós, fazer, por exemplo, uma profissão da política, da sociologia, da economia, da administração. O preconceito da nossa sociedade ainda é muito grande nesse aspecto e todo mundo acha que tudo isso deve fazer parte da cultura do bacharel sabe-tudo. O pai de Gilberto Freyre nunca pôde compreender como seu filho, depois de tantos anos de estudo nos Estados Unidos, ter voltado com um título extravagante de "graduado em ciências sociais" pela Universidade de Columbia em vez do pomposo título de Bacharel em Direito. Entre nós aquele que fizer da política uma profissão será fatalmente chamado, pela oratória dos comícios, de politiqueiro profissional... Por todos esses fatores e muitos outros o império do bacharel no Brasil será grande por muito tempo ainda. E não será, colegas meus, no nosso tempo, nem talvez no tempo dos nossos filhos, que nós veremos o desprestígio da classe que agora ingressamos, com muita honra e entusiasmo. Não será no nosso tempo, nem no tempo dos nossos filhos, sobretudo, se nós nos compenetramos da nossa missão, estudando com carinho os nossos problemas, dedicando-nos profundamente às diferentes carreiras que o título de Bacharel nos vai abrir, praticando sempre, como juízes, advogados, magistrados, professores ou políticos, aqueles preceitos eternos do Direito e da Justiça.

Agnelo, Pucu, Silvério, Zuany, Ofir, Cláudio e Sobral: a nossa turma, a trigésima que sai desta nossa muito querida Faculdade, tem uma história. A história da nossa turma está toda ela dentro de cada um de nós, do nosso passado, das nossas lutas, das nossas conquistas.

É uma história que ficará gravada para sempre na nossa memória e nunca se apagará enquanto um de nós viver. Principiamos nos primeiros bancos das nossas escolas, com as nossas primeiras aulas das nossas professoras, aulas que continuaram durante estes longos dezessete anos. Quase duas décadas de estudo e de trabalho. Uma mocidade inteira dedicada ao nosso aperfeiçoamento intelectual, aprendendo com os nossos mestres e os nossos livros, numa atividade que nunca cessou durante este longo tirocínio. Uma turma, pois quando se forma traz consigo uma tradição de lutas, de trabalho, de esforço, que não foi só nosso. Foi também o esforço dos nossos pais e das nossas mães, das nossas professoras e dos nossos mestres em diferentes fases da nossa vida. A eles, portanto, no dia da nossa grande alegria, e muitos deles não estarão aqui para comemorar conosco esta vitória, nada mais justo do que um preito de gratidão e reconhecimento. Sempre fomos uma turma pequena, e talvez, por isso muito unida. Dentro dela sempre houve, ligando todos nós, um poderoso vínculo fraterno de solidariedade e confiança, de camaradagem e alegria, e, no entanto, dez ou quinze anos atrás, nós não nos conhecíamos. O destino nos ligou para sempre. Daí para frente, onde quer que estejamos, uns nos lembraremos dos outros neste dia 21. Nos lembraremos também dos nossos colegas que morreram, dos nossos colegas que desertaram e também daqueles que, por falta de recursos, não puderam continuar seus estudos, dos que pelas surpresas da vida não puderam realizar seus sonhos de menino ou de rapaz. Nós estamos, também, aqui, para representá-los.

Dagora por diante, recordaremos sempre, para toda a nossa vida, com emoção, esses dias felizes que vivemos aqui, nos lembraremos da camaradagem dos nossos colegas que ficam, das nossas festas, das nossas brincadeiras, das nossas estudantadas e do

nosso tempo de calouros. Agora que já terminamos o curso, o tempo parece que passou depressa. Parece ontem, mas já são decorridos cinco anos quando olhamos para esta escola com medo e respeito. Aqui moravam os nossos sonhos. Quando subimos estas escadas, pela primeira vez, como acadêmicos, foi para ganhar a batismo dos veteranos. Depois, éramos nós que batizávamos. Agora, somos nós que iremos descer estas escadas, com saudade. Assistimos esta mesma solenidade, durante anos seguidos, nas turmas que nos precederam. E como nós achávamos aborrecidos e infindáveis os discursos do orador da turma! Juramos que o nosso discurso, como orador da turma, homenagem dos meus colegas, que muito me desvanece, deveria ser breve. Infelizmente, quando chegou a hora, tivemos que quebrar o juramento. Vocês me perdoarão, meus colegas.

Para paraninfo, elegemos o nosso professor de Direito Penal, Dr. Manoel Barbuda, até, há pouco tempo, diretor da nossa Faculdade, num período de incertezas e intranquilidades para todos nós e para a vida da nossa Escola. Durante este período, por diversas vezes, esta Casa esteve ameaçada de fechamento, e, em todos os momentos, como diretor, bateu-se pelos nossos direitos e pela vida da nossa Escola. Como professor, ainda recordamos as suas eruditas preleções; como paraninfo, eleito num ato de justiça, muito nos honra tê-lo em nosso quadro e ao nosso lado, pois sempre esteve conosco.

Antes mesmo de ser nomeado como diretor desta Escola, o professor catedrático, Dr. José Alves de Souza Brasil, já era nosso homenageado especial. Em toda a Faculdade de Direito onde existe uma tradição a zelar, há sempre um professor que encarna o seu passado e o seu presente, que representa a história, a tradição e a vida da própria escola. Mestre Souza, como nós o chamamos na

nossa intimidade acadêmica, está nesse caso. Ele teve a suprema felicidade de atravessar todas as fases da vida atormentada da nossa Faculdade com uma confiança inabalável no seu futuro. Foi sempre um idealista. Professor desta Casa, durante mais de trinta anos, com uma assiduidade absoluta, muitas vezes ensinou de graça, por amor à Escola, esquecendo vantagens materiais, para se dedicar inteiramente ao ensino da nossa mocidade. Façamos justiça a ele, assim como o Sr. desembargador Interventor Federal já o fez nomeando para diretor da nossa Escola. Esta Faculdade foi sempre para ele o seu sonho dourado, o seu sonho de moço e de velho. Nunca vacilou. Nunca recuou quando estava em jogo o nosso futuro. Há pouco, ainda, quando todos já tinham perdido as esperanças de realizarem os concursos para catedrático, mestre Souza conseguiu realizá-los.

Portanto, o ato do Sr. desembargador Stanislau Afonso, nomeando-o para o cargo de diretor da nossa Faculdade, foi um prêmio ao seu trabalho e um ato de justiça que se presta já na sua velhice de lutador. Cabe, aos que ficam, prestigiá-lo, para que ele possa realizar os seus objetivos.

Homenageamos, também, o Prof. Sócrates Bonfim, erudito e fidalgo, jurista e professor emérito; homenageamos o Prof. Augusto Rocha, que durante os bons tempos do curso pré-jurídico e no primeiro ano de faculdade, como professor de Economia Política, nos catequizou, com as suas memoráveis aulas, para o estudo e a investigação. São nossos homenageados, também, o doutor Ormando Sobreira de Sampaio, professor de Direito Judiciário Civil, o doutor Paulo Jobim, professor de Direito Comercial, e doutor Lúcio Rezende, professor de Direito Civil.

Como homenagem póstuma, recordamos o nome do nosso saudoso Prof. Goataçara Barbuda Thury, cuja morte foi uma lamentável perda para a vida desta Escola.

Aos outros professores, desejamos expressar a nossa gratidão pela maneira como fomos tratados e, aos colegas que ficam, o nosso abraço de despedida e a nossa saudade.

Meus colegas, Agnelo, Pucu, Silvério, Zuany, Ofir, Cláudio e Sobral. Hoje, chegamos ao fim da nossa jornada acadêmica. Desta hora em diante, cada um de nós tomará um rumo na vida. Chegou o momento pelo qual tanto aspirávamos. Agora, vamos nos separar, mas ficaremos unidos, para sempre, nesta pequena turma de oito bacharéis, a menor destes últimos dez anos, a trigésima que sai desta Escola, agora, com um nome e um patrimônio a zelar, o nome e a eterna inspiração do nosso mestre e do nosso patrono: Clóvis Bevilacqua.

# POSFÁCIO

## Notas Sobre o Projeto do Memorial Prof. Samuel Benchimol

Meu avô foi um homem múltiplo, em tudo que fez foi um visionário. Para erguer este espaço, emprestamos dele as lentes que lhe permitiam enxergar o futuro e a disciplina que lhe dava o impulso de construí-lo como entendia justo.

Começamos a gestar o **Memorial Prof. Samuel Benchimol** numa primeira reunião de planejamento na Biblioteca Samuel Benchimol, que foi seu escritório e permanece sendo o templo de seu notório saber. Ali nasceu em nossas imaginações e em nosso desejo este tributo e esta celebração. O entusiasmo em dar vida ao Memorial de meu avô tomou conta de todos nós e se transformou em compromisso firme e trabalho árduo. Seguimos até aqui nutridos pela paixão que Samuel tinha por construir e compartilhar sua ligação com a Amazônia e seu enorme conhecimento sobre ela.

É gratificante de muitas formas ver este projeto vivo, público e funcional. Como cidadã amazonense, neta, empresária e admiradora de meu avô, sua cúmplice em muitos de seus interesses e gostos, emociono-me ao perceber que não estou sozinha no apetite que carrego por seu pensamento. Ao contrário, somos muitos os presenteados pelo memorial. Nele o visitante vai vivenciar vários aspectos da vida do empresário, professor, pesquisador, pensador e líder que se agregam formando um conjunto robusto de seu legado, com experiências interativas que convidam a mergulhar intensamente na rica trajetória além de uma imersão na cultura amazônica.

O projeto se desdobra em várias frentes:

- *Whiteboard vídeo*, sob a coordenação de Carlos e Cristiano Chaui, e locução de Fortuna.
- Trilha sonora do Memorial, composta pela cantora Fortuna e por Vicente Falek.
- Vídeos-depoimento de pessoas que conviveram com Samuel, incluindo os muito estimados *alunos-buiuçus*. Produção da Amazing Films, roteiro e textos de Pilber Dimas, imagens de Gideão Paixão e edição de Rodrigo de Sá.
- Identidade visual desenvolvida pela designer Elizabeth Sicsú.
- Levantamento da produção intelectual de Samuel Benchimol, com referenciação normalizada, sob a coordenação da bibliotecária Leila Soares.
- Levantamento histórico dos principais acontecimentos da trajetória de meu avô, sob a coordenação da Profa. Lillian Alvares e revisão do historiador Abrahim Baze.
- Organização editorial da coletânea *Samuel Isaac Benchimol: Memória da Influência Cultural, Intelectual e Social na Amazônia Contemporânea*, composta por onze textos, produzidos por pesquisadores, amigos, familiares e admiradores, agrupados nas perspectivas acadêmica, empresarial, religiosa e familiar, sob coordenação da engenheira florestal Denise Christina de Rezende Nicolaidis.
- Projeto de arquitetura e expografia coordenado pelo arquiteto Sérgio Santos.

A constituição do Memorial Prof. Samuel Benchimol, no Centro Cultural dos Povos da Amazônia, vinculado à Secretaria da Cultura e Economia Criativa, integra uma agenda de comemorações dos 100 anos do nascimento de meu avô, que tive o privilégio de acompanhar e apoiar na sua montagem, que estende o exercício de revisão e reflexão sobre seu legado. Vale mencionar:

- A remodelagem da Biblioteca Samuel Benchimol, com coleção de livros de autoria deste e de outros e todas as homenagens outorgadas em vida e *post mortem*.
- O Simpósio do Centenário do Professor Samuel Benchimol, organizado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pela Academia Amazonense de Letras.
- A nominação do Prédio Samuel Benchimol, na Praça dos Remédios, de responsabilidade da Faculdade de Direito da UFAM.
- A concessão das medalhas batizadas com o nome de meu avô: Medalha de Ouro Samuel Benchimol, instituída em 9 de dezembro de 2015 pela Câmara Municipal de Manaus; e a Medalha de Letras, Ciências e Artes Samuel Benchimol, instituída em 21 de dezembro de 2016 pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.
- Uma Sessão solene na Academia Amazonense de Letras em homenagem a Samuel Benchimol, que ocupou a cadeira de número 11.
- A outorga dos Prêmios Professor Samuel Benchimol na Federação das Indústrias do Estado do Amazonas, em sua 19ª edição.

Neste leva volumosa de esforços e conquistas tão importantes, não posso deixar de mencionar a digitalização do acervo do Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM), dando ao público

acesso à toda literatura de Samuel Benchimol e dando a esta asas para alcançar o mundo.

Por tudo isso e pelo que ainda está por vir cabem aqui muitos agradecimentos calorosos. Primeiro ao Professor José Rincon Ferreira, coordenador geral do projeto que aportou seus anos de experiência em muitas empreitadas relevantes, dentre elas o *Prêmio Prof. Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente*. Sua presença garantiu a coesão do grupo de trabalho que formamos, a percepção apurada sobre a importância dos fatos e informações selecionados, o engajamento de todos e a sensação de pertencimento e contribuição de pessoas e instituições que nos apoiaram tanto.

Agradecimentos vão também para Jessilda Furtado, Samuel Souza da Silva e José Maria Marques Júnior que articularam a parceria entre a família Benchimol, a Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural (AADC) e o Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM). Deste movimento de costura e provocação é que se originou o projeto que hoje se torna realidade.

Agradeço à Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SEC), que abriga o CDMAM, especialmente ao Secretário Marcos Apolo Muniz, e ao Secretário Executivo Kaká Bonates, por abrirem portas e reconhecerem a importância deste memorial não só para preservar a memória de Samuel Benchimol, mas, sobretudo, para evidenciar a sua contribuição para que nós, Amazônidas, conheçamos, valorizemos e nos orgulhemos das nossas origens e da nossa história.

Por fim, um agradecimento amoroso à minha mãe, Nora Benchimol Minev, pela generosidade e delicadeza com que compartilhou suas memórias. Suas narrativas permitiram mergulhar nas numerosas vivências de uma biografia tão vasta e enxergar múltiplas facetas de seu pai, desde sua visão e liderança no mundo empresarial até suas contribuições para a academia e a religião, mas sobretudo a

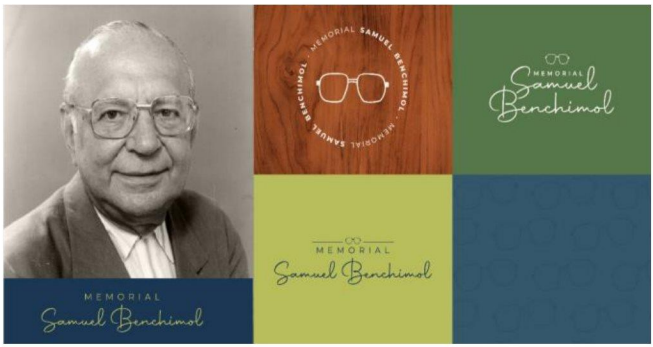
marca que deixou naqueles com quem conviveu. Marca que nos move até hoje, quando tanto tempo depois continuamos descobrindo meu avô e tudo que ele viu e nos levou a ver.

Encerro este texto com palavras de Samuel Benchimol que são especialmente relevantes para todos nós, amazônidas, que aspiram construir o amanhã: "*O futuro não acontece por si mesmo. Ele é fruto da ação planejada, da inovação, da iniciativa privada, do desejo político e da sociedade de criar um horizonte de vida, trabalho e bem-estar, que contemple a todos sob o pálio da justiça e da fraternidade. A Amazônia deve estar de braços e olhos abertos para receber esse futuro.*"

Ilana Benchimol Minev

# Identidade visual

Projeto por Elizabeth Sicsú, designer.



# Projeto arquitetônico

Projeto por Sérgio Santos Arquitetura.

Samuel
Benchimol
No projeto do Memorial
Sérgio
Santos

Sérgio
Santos

Sérgio
Santos

Sérgio
Santos

# ANEXO 1. PRONUNCIAMENTO DO PROFESSOR SAMUEL BENCHIMOL NA INAUGURAÇÃO DA AGÊNCIA DO BANCO DO ESTADO DO PARÁ

Meus amigos:

Neste dia festivo, em que amazonenses e paraenses se irmanam para comemorar e bebericar durante a cerimônia de inauguração da agência do Banco do Estado do Pará, em Manaus, avant-première inaugural de uma agência do nosso Banco do Estado do Amazonas em Belém, a minha homenagem deveria ser alegre e bem curta. Mas, permitam-me que o meu vezo de professor dê asas a narrativas de fatos e eventos que, certamente, muitos desconhecem, mas que fazem parte da história desses dois bancos irmãos e desses dois chãos da Amazônia.

A memória é recente. Recordo que o Banco do Estado do Amazonas foi criado em 1956 pela lei estadual n.° 98, e começou a operar a partir de 6 de abril de 1957, ao tempo da Administração Plínio Coelho. Por sugestão de Jacob Sabbá, a quem assessorava, armamos aqui todo um esquema para a elaboração criativa do projeto do Banco. Primeiramente, os estatutos formais, com a ajuda do advogado José Ivan de Hugo e Silva, enquanto o mineiro Expedito Lamy, convidado para a gerência em gestação, arregimentava pessoal para os escalões operacionais com ajuda do contador Oswaldo da Silva. Em pouco tempo formamos a primeira escola bancária amazonense, na rua Guilherme Moreira, destinada ao ensino, a garotos e meninas, de práticas e técnicas bancárias, incluindo o famoso método hamburguês de cálculo de juros. Foram seis meses de árduo labor nessa escola de educação bancária, tempo em que decidimos comprar o velho edifício

da Av. Sete de Setembro, onde funcionava a antiga Imprensa Oficial, e reunir forças básicas para uma grande batalha na Sumo (Superintendência da Moeda e do Crédito), visando conseguir a Carta Patente para o proposto banco, sem a qual o projeto não seria exequível.

Graças à persistência árdua de Jacob Sabbá, José Soares, Jorge Aucar e, modestamente, também minha, isto é, de todo grupo de fundadores, realizou-se, afinal, formalmente, a difícil empresa.

Mas ainda lutaríamos junto à antiga SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) para conseguir a subscrição de 5.000 ações do nosso Banco. Pessoalmente, durante três meses, travei luta na burocracia speveana, junto a porteiros, protocolistas, recepcionistas, assessores, até chegar ao poderoso chefão Waldir Bouhid, o superintendente. A duras penas foi conseguida a subscrição, e o BEA pôde deslanchar, tendo Jacob Sabbá na presidência. Fiquei na vice-presidência, juntamente com os grandes empresários Jorge Aucar e José Soares, e contando com a ajuda de Expedito Lamy na organização funcional do Banco e na instrução de funcionários para a eficiência dos trabalhos.

Naquela altura, Manaus tinha apenas três ou quatro bancos operando na praça, e ninguém acreditava no nosso Banco do Estado, jocosamente comparado com o famoso Banco do Tostão, criado e morto na época áurea da borracha.

De porta em porta, tivemos de pedir dinheiro para a subscrição das ações restantes, com o Governo do Estado dando-nos apoio, por ser acionista majoritário, com 51% das ações. Em cinco anos, período 1957/1962, conseguimos implantá-lo e fazê-lo crescer além da Agência Central, com a ajuda dos empresários amazonenses e, também, com a

ajuda do próprio povo, de modestos contribuintes, criando duas agências metropolitanas, uma na rua dos Barés, outra no bairro de Educandos, e, montando, ainda, com o dinheiro recebido da SPVEA, a carteira agrícola e industrial, a pioneira Agrinpec.

Não obstante o êxito da fundação e o exemplar funcionamento do BEA naqueles idos de 58, sentíamos a amargura da solidão. Tanto Jacob Sabbá como eu mesmo sentíamos que algo precisava ser feito naquele momento histórico, e decidimos ir a Belém do Pará para conseguir a liberação de prometidos recursos da SPVEA. Fomos e tivemos sorte em contar com a colaboração de dois grandes amigos do velho Jacob Sabbá: Ricardo Borges e Octavio Meira. Ricardo Borges, já falecido, era um sábio paraense devotado à sua terra, tendo trabalhado por muitos anos na Associação Comercial e no Banco de Crédito da Amazônia, antigo Banco da Borracha, passando a assessorar a superintendência da SPVEA; Octavio Meira, jurista paraense de renome nacional – autor de Memórias do Quase Ontem, no qual conta a saga da sua vida e de sua gente – ex-presidente do Banco de Crédito da Amazônia.

Acolheram-nos com bondade e fraternidade. Numa conversa amiga, no gabinete do Dr. Borges, perguntamos por que os paraenses não criavam o seu próprio banco. Um deles respondeu (Ricardo Borges, se não me falha a memória), que a ideia era magnífica, mas faltava dinheiro, e talvez o propósito não fosse bem acolhido. Respondemos que se a SPVEA havia subscrito ações do BEA, e estava nos ajudando, poderia, também, ajudar o Pará em idêntica empreitada. Borges pensou, pensou, e, na expectativa de vetos, disse que se o Governo e a SPVEA não pudessem ajudar, por falta de recursos disponíveis, deveríamos contatar os prefeitos de Belém e Manaus e sugerir a criação de uma taxa especial sobre o preço da carne vendida ao povo,

destinando-se o tributo à capitalização do Banco. Ponderei, com o entusiasmo de minha mocidade, que não havia necessidade de se impor maior sacrifício ao povo, dado que os empresários é que deveriam subscrever 49% das ações, enquanto o Estado ficaria responsável pelos restantes, 51% do capital, ficando, assim, garantido o caráter oficial do Banco do Estado do Pará e os seus privilégios, como nós já tínhamos feito, com sucesso, no Amazonas. Borges entusiasmou-se com a ideia e decidiu adotá-la. Graças a ele, na qualidade de assessor do Bouhid na SPVEA, os recursos que queríamos foram liberados e conseguimos capitalizar mais um pouco o nosso BEA.

Nesta oportunidade, não posso deixar de fazer justiça e prestar merecida homenagem ao Dr. Octavio Meira, reparando a injustiça que cometi ao omitir seu nome no meu último livro sobre a Amazônia, pois ele é um homem vivido, sofrido e um lutador pela sua terra, tendo realizado uma profícua administração como presidente do Banco de Crédito da Amazônia.

Meses depois daquela nossa conversa com Borges, a nova empresa começou a ser organizada, provavelmente dentro do mesmo esquema de gestação do irmão mais velho, o BEA. Enfim, formalmente legalizado, o Banco do Estado do Pará passaria pelo mesmo "carrão de fogo" que nos atormentou, devido ao longo processo de emperra, da tramitação burocrática na Sumoc. Aliás, naquela altura, havia determinação oficial expressa para a não concessão de Cartas Patentes a novos bancos estaduais. Assim, o BEP esbarrou nas pedras do caminho oficial.

Juscelino Kubitschek as removeria depois. Vale a pena contar essa história. Em 1958, o presidente Juscelino convocou governadores da Amazônia e diretores do Banco para um encontro em Brasília.

Estiveram presentes Moura Carvalho, do Pará; Gilberto Mestrinho, do Amazonas; e diretores dos bancos oficiais, entre os quais, se não me falha a memória, o Dr. Octavio Meira, como presidente-fundador do Banco do Estado do Pará, que ainda não havia conseguido obter a imprescindível Carta Patente.

Foi um encontro de otimismos. Com todo o seu proverbial entusiasmo, Juscelino enfatizou que Brasília significava um trampolim para desenvolver a Amazônia, por isso concedia a palavra aos estados amazônicos para que seus governadores fizessem pedidos e derramassem seus "choros". De nossa parte, Mestrinho houve-se muito bem, e depois, em comum acordo com os companheiros do Pará, pediu licença ao presidente para me conceder a palavra, pois seria intérprete de um outro pedido.

Sorridente, Juscelino concordou. Então, como vice-presidente do BEA, fiz um chorado apelo: como reivindicação do Amazonas, queríamos que ele autorizasse a concessão da Carta Patente ao Banco do Estado do Pará. Juscelino sensibilizou-se e alargou seu sorriso de alegre democrata e bom catuaba mineiro. E, de imediato, num gesto relâmpago, gritou: "Victor! (era o Victor Nunes Leal, Chefe da Casa Civil). Telefone já para o Tião (Sebastião Paes de Almeida, ministro da Fazenda) e diz para ele que eu quero que essa tal Carta seja entregue ao Dr. Moura Carvalho, ou ao Dr. Octavio Meira, amanhã de manhã, no Brasília Palace Hotel". Rimos todos. Juscelino não atinava bem com a ideia do nosso apelo: não se tratava de uma simples carta, mas de uma Carta Patente. Percebendo a sua "mancada", riu ainda mais e perguntou como é que se poderia obtê-la. Explicamos, então, que o processo estava na Sumo, obstruído em seu trâmite. Esclarecido, pediu ao Victor para chamar o "Tião" ao telefone. Não houve demora, e ele disse ao ministro: "Quero que você atenda, ainda hoje, os governadores da

Amazônia e resolva esse problema da Carta Patente do Banco do Estado do Pará...". Agradecemos e saímos do gabinete presidencial. À tarde, fomos cordialmente recebidos pelo ministro da Fazenda, que logo interveio diretamente no assunto e acabou com a obstrução burocrática. Semanas mais tarde, a Sumo expedia a Carta Patente do Banco do Estado do Pará.

Assim foi criado o BEP, e sem dúvidas, devido ao esforço inicial e à participação ativa, entusiástica, de Ricardo Borges, de Octavio Meira, do governador do Pará, com o apoio do empresariado e do povo paraense e com um "tiquinho" da nossa ajuda. Hoje, o BEP é um dos mais importantes bancos da região, e, agora, inaugura agência no mercado da Zona Franca de Manaus.

Criados o BEA e o BEP, faltava ser criado o de outro Estado: o Banco do Acre. Quanto ao Banco de Roraima, este surgiria da ideia do meu irmão, Saul, agitada em debate com as classes produtoras roraimenses durante uma conferência na Associação Comercial de Boa Vista. A ideia vingou, não obstante empecilhos, e aí está o deputado Júlio Martins para comprovar os fatos. Legalmente parecia impossível a criação do Banco, porém, acabou sendo o primeiro e único banco estadual sem Estado, uma anomalia do nosso princípio federativo e das normas jurídicas bancárias, mas que foi dado à luz, graças ao efeito contágio e estimulador da pressão do povo daquele território.

Continuo a minha história: faltava dinheiro para o crescimento e expansão do BEA, como, também, para outros bancos estaduais, e não se sabia como consegui-lo. Houve, então, à época, uma reunião de investidores e empresários brasileiros a bordo do Rosa da Fonseca, entre novembro e dezembro de 1966, denominada I Rida. Navegamos de Manaus a Belém, presentes todos os governadores da Amazônia

Legal, secretários de Estado, diretores de bancos e centenas de empresários de todo o país. Era nosso governador do Amazonas o prof. Arthur Reis, e governador do Pará o coronel Alacid Nunes, que sucedera a Jarbas Passarinho. A figura maior da I Rida era o ministro João Gonçalves, do Ministério de Coordenação, testemunha dos muitos atritos entre as comitivas do Amazonas e Pará, devido à apresentação do I Plano de Desenvolvimento da Sudam, cuja história está no meu último livro e não desejo mais repeti-la. No calor dos debates, senti o momento histórico para desenvolver uma ideia, que se tivesse sido adotada, faria com que o BEA e o BEM tivessem hoje, ao invés de cem milhões de cruzeiros de capital, cerca de um bilhão de cruzeiros capitalizados. A ideia era muito simples: as pessoas jurídicas que tinham direito ao desconto de 50% do Imposto de Renda para os projetos considerados de interesse para a região, passariam a subscrever, até 10% do valor a recolher, ações dos bancos oficiais dos Estados da região amazônica que possuíssem carteira de desenvolvimento. A receptividade da ideia foi magnífica, aceita unanimemente por Arthur Reis e Alacid Nunes. Arthur Reis, que tinha um temperamento agitado, como o meu, pediu-me, na hora, que redigisse logo um anteprojeto, pois queria reunir-se, sem perda de tempo, com os demais governadores da região e com o ministro João Gonçalves num salão do Rosa da Fonseca, exatamente quando partíamos do porto de Santarém. Alacid Nunes topou de cara, e os governadores formaram um "trio elétrico" sob a regência do maestro e ministro João Gonçalves.

O anteprojeto foi debatido exaustivamente e aceito, ficando para ser enviado, já em forma de projeto, à Brasília, a fim de receber a sanção do presidente Castello Branco. Recordo que participaram dessa campanha cívica e são testemunhas dos fatos os meus queridos

companheiros Ruy Lins, Francisco Batista, Ronaldo Bonfim, Djalma Mello, Danilo Areosa, Osias Monteiro

Rodrigues, José Soares, Maury Bringel de Melo, Amilcar Tupiassú, Adriano Menezes, Armando Mendes e muitos outros companheiros paraenses, cujos nomes não me ocorrem. Não teríamos sucesso, porém, porque o segundo escalão do Governo, tanto do Basa como da Sudam, torpedeou a ideia, engavetou o projeto, porque era contrário ao interesse de suas instituições, que necessitavam maiores recursos. Foi por isso que levamos tantos anos para crescer, quando precisávamos de bancos estaduais financeiramente fortes, capazes de ajudar a gente amazônica a viver.

Perdemos, assim, um momento histórico muito importante, que muito deploro, quase doze anos já decorridos. Recentemente, há uns seis meses, fui companheiro de avião e sentei-me ao lado do ministro João Gonçalves. Eu viajava ao Território Livre dos Mocorongos, Santarém, para participar da III Rida como representante da Federação das Indústrias, e ele ia, também, como convidado especial. Conversando, lembrei-lhe a cruel história e ele me disse que, realmente, fugira de nossas mãos o mais valioso instrumento de nosso desenvolvimento.

A ideia, porém, nunca me fugiu; continuo um obstinado lutador (vide página 839 do meu último livro Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois), tanto que insisti com a ideia junto a Francisco de Jesus Penha, administrador "pai-d'égua" que deu ao Basa, com sua cabeça e coração de banqueiro, vida mais saudável, dinheiro e organização adequada. Insisti, igualmente, junto ao antigo Hugo de Almeida, da Sudam, a quem faço restrições por não ter evitado a herança política do Megaboi, mas que teve o grande mérito de contribuir com a sua ação

administrativa para atrair as indústrias de porte que deslancharam o Distrito Industrial da Zona Franca, cuja expansão muito se deve também a Aloísio Campelo. Hugo de Almeida, amigo querido que vai nos deixar para assumir a presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, no Recife, parece que não gostou da minha ideia, pois sempre defendeu com unhas e dentes os seus e nossos 25% de incentivos fiscais do Imposto de Renda, destinados a projetos de interesses regionais. Compreendo a sua atuação. Jesus Penha, no entanto, muito vivo e inteligente como ele só, topou a ideia, assimilou-a, percorrendo, todavia, outro caminho para buscar recursos a custo zero, obtendo triunfalmente uma parcela do imposto sobre Serviços de Operações Financeiras (Isof), para dar força e dinamismo ao Basa. Mas é uma pena: todos se esqueceram de ajudar os carentes bancos oficiais dos Estados e territórios amazônicos com providencial abertura na política fiscal indutora de expansão e desenvolvimento.

A batalha, porém, vai continuar, e é este momento histórico que capto para fazer apelo público aos governadores José Lindo so, do Amazonas, e Alacid Nunes, do Pará, para que, juntamente com outros governadores da Amazônia Legal, sob a liderança de nossos senadores, incluindo a liderança indiscutível de Jarbas

Passarinho, que transcende as fronteiras do Pará por ser ele um senador transamazônico, e mais os deputados federais de toda a área, para que, urgentemente, unidos, fortaleçam a estrutura financeira dos bancos oficiais dos Estados.

O esquema que me ocorre hoje é diferente, porque sofri muito com a perda dos 10% dos incentivos fiscais do Imposto de Renda, que pretendia fossem destinados à subscrição de ações novas dos bancos dos Estados, e, depois, com outra perda, quando solicitei a Jesus Penha

que nos desse uma fatia do seu bolo do Isof. Volto à carga, agora, com uma ideia que me parece um verdadeiro ovo de Colombo. Esse "Ovo" é o seguinte: o Fundo 157/67 constitui-se do abandamento de uma parte do Imposto de Renda das Pessoas Físicas, que o Governo destina para formar o patrimônio dessas pessoas contribuintes mediante a compra de ações de empresas nas bolsas de valores, e que, após quatro ou cinco anos de custo/dia ou indisponibilidade, é restituída; este instrumento de política fiscal não tem, contudo, dado bons resultados, e somente agora começa a gerar alguns frutos serôdios. No atual exercício de 1979, esse benefício fiscal é obtido mediante a aplicação regressiva de uma alíquota de 24% sobre a receita bruta das rendas das declarações para os que ganham até Cr$ 182.400,00 e vai caindo até chegar a 10% do Imposto de Renda pago pelas pesSoas físicas, calculados sobre a renda bruta dos que ganham acima de Cr$ 965.100,00 ao ano. As parcelas do Imposto de Renda, pessoa física, vão para o Fundo 157/67, e alimentam o Fundo de Investimento 157 através de corretoras que compram ações nas bolsas. Esse fundo é administrado pelos bancos de investimentos, que capturam os recursos do público e entregam aos contribuintes os respectivos certificados de Compra de Ações, CCA, da Secretaria da Receita Federal; com os certificados os contri buintes, transformam-se em quotistas-condôminos dos mesmos fundos, recebendo de volta as suas contribuições quatro ou cinco anos depois, pois só podem ser resgatados após o período da sua indisponibilidade.

O Espírito Santo foi o primeiro Estado brasileiro a romper o tabu do Fundo 157/67, conseguindo uma fatia desse bolo através da lei que criou o Geres, chamado Fundo 880/69, usado pelo Estado para a subscrição das ações do Banco Estadual de Desenvolvimento do Espírito Santo, da mesma forma como o Fundo 157 faz com as outras

empresas, exceto uma diferença: é que somente o contribuinte capixaba, com domicílio fiscal naquele Estado, tem esse direito.

Descrito o novo "mapa da mina", o "ovo de Colombo", descoberto pelos capixabas, pode e deve ser usado da mesma maneira pelos Estados e territórios da Amazônia Legal, em benefício da subscrição de ações novas dos bancos oficiais que tenham carteira de desenvolvimento e beneficiem pequenas e médias empresas (ou aquelas de interesse estadual). O mecanismo é simples, muito fácil: o contribuinte do Imposto de Renda, Pessoa Física, recolhe o seu imposto na Receita Federal; esta, ao fazer o lançamento do imposto, entrega ao contribuinte o CCA; com o CCA à mão (Certificado de Compra de Ações), entrega-o ao Banco do Estado do Amazonas, do Pará, de Roraima, do Acre etc., para a subscrição de ações novas do aumento do capital dos bancos.

Desse modo, por exemplo, o contribuinte amazonense aplica o valor do seu CCA no Banco do Estado do Amazonas, o paraense no Banco do Estado do Pará, o acriano no Banco do Acre, o roraimense no Banco de Roraima etc. Ficariam, assim, todos esses contribuintes como acionistas dos bancos preferidos.

Tenho certeza de que haveria um efeito-alavancagem violento no processo de capitalização desses recursos, devido à entrada dessa volumosa massa crítica financeira, e, consequentemente, uma forte e vigorosa descentralização e desconcentração. Os bancos ficariam muito fortes na vinculação aos Estados, e ganhariam mais profunda sensibilidade local e regional.

Julgo indispensável fazer agora um ligeiro e apressado cálculo dos efeitos multiplicadores desse 157-Amazônico. Infelizmente não temos dados do exercício de 1978, por isso, temos que trabalhar com os

dados do exercício fiscal de 1977, a mim fornecidos pelo superintendente da 2.a Região Fiscal da Receita Federal, em Belém. Em 1977, foram arrecadados na Região Norte (Amazônia Clássica) Cr$ 107.493.000,00 de Imposto de Renda nas declarações das pessoas físicas, e Cr$ 397.782.000,00 de Imposto de Renda na Fonte, geralmente, também, de pessoa física. Deste modo, em 1977, arrecadou-se cerca de Cr$ 500.000.000,00 de Imposto de Renda, Pessoa Física, na Amazônia. Em 1978, pelos meus cálculos, esse valor deve ter subido para Cr$ 750.000.000,00. No atual exercício de 1979, ano-base 1978, esse imposto deve atingir cerca de um bilhão de cruzeiros.

Como a alíquota do Fundo 157 varia de 24% para os que ganham muito pouco e 10% para os grandes contribuintes – o que é justo, pois o benefício é maior para os que ganham menos, princípio da justiça fiscal progressiva, que taxa mais os que ganham mais e concede maiores benefícios aos que ganham menos – será possível encontrar, partindo dos percentuais 24 e 10, um número razoável médio de 15% para calcular o valor do 157-Amazônico; ou seja, aplicando 15% sobre um bilhão do imposto devido teremos 150 milhões de cruzeiros anuais, que reverteriam em favor dos bancos oficiais dos Estados, através dos certificados de compra de ações dos acionistas com domicílio fiscal em cada Estado.

Assim, quanto mais se recolher Imposto de Renda, Pessoa Física, mais benefícios trará o 157-Amazônico, e mais capital subscrito Surgirá nos bancos dos Estados e territórios. Calculo que o Banco do Estado do Amazonas, desse total de 150 milhões, receberia Cerca de 30%, ou Cr$ 45.000.000,00 por ano; o Banco do Estado do Pará uns Cr$ 50.000.000,00, o saldo dividido entre Roraima e Acre. Dever-se-ia, portanto, desde logo, criar o Banco do Amapá e o Banco de Rondônia,

para que eles também possam participar desse "bolo" na Amazônia Clássica. Uma injeção de capital de cerca de quarenta ou cinquenta milhões por ano daria mais vida a esses bancos, e ao longo dos anos iriam adquirindo efeitos multiplicadores de imenso poder atrativo e irradiativo para toda a Amazônia.

Pedimos pouco: apenas cento e cinquenta milhões do bilhão de cruzeiros do Imposto de Renda, Pessoa Física, que a Receita vai arrecadar neste ano de 1979. É mesmo pouco, mas já é um bom começo. Se tivéssemos começado em 1967, quando propus o esquema de partilha dos incentivos fiscais do Imposto de Renda, Pessoa Jurídica, da Sudam, hoje teríamos progredido imensamente. Doze anos perdidos...

Mas não importa o tempo perdido, porque águas passadas não movem moinho. A luta, agora, é conseguir uma fatia do 157 para criar o 157-Amazônico, destinado aos bancos oficiais dos Estados e territórios da Amazônia Legal, para que daqui a dez anos não voltemos a chorar à procura do tempo perdido, como fez o romancista Marcel Proust.

Mãos à obra. Vamos agir rapidamente para que, ainda neste exercício de 1979, os nossos senadores, deputados federais e governadores, nesta nova legislatura, unam-se em torno dessa bandeira, que não tem autor, nem dono, porque é oikopoliticamente amazônica e ecumênica, sem cor partidária. Talvez até se consiga atingir o objetivo através de Decreto-Lei do Executivo, ad referendum do Congresso, sem quebra do princípio da anualidade fiscal: importante é que o 157-Amazônico possa ser constituído já e agora. Os caboclos suburucus, que vivem na região há séculos, esperam e aguardam o transplante da invenção capixaba.

Sou apenas o "cavalo" para a "incorporação" dessa mensagem; outros mais capazes do que eu, e com projeção política, acolham e apliquem logo a ideia no "terreiro" da Amazônia.

Essa é a mensagem que gostaria de ter lido por ocasião da inauguração da Agência do Banco do Estado do Pará, em Manaus, realizada às 11h30 do dia 2 de março de 1979.

Como não pude fazê-lo, por exiguidade do tempo e falta de programação, faço-o agora, em homenagem ao bravo povo paraense, que guarda a Porta de Entrada do Sertão da Amazônia, e a nós mesmos, que estamos no Ocidente, vigiando as portas do fundo da fronteira.

Que o Banco do Estado do Pará, o Banco do Estado do Amazonas, o Banco do Acre, o Banco de Roraima e os futuros Bancos de Rondônia e do Amapá sejam os mensageiros e os pombos-correio dessa campanha do desenvolvimento amazônico – para que fumemos todos o cachimbo da paz em torno do fogo sagrado, sem o cofre da Onzena, reunidos em mutirão ou ajuri os descendentes aruakes, dos barés e dos manao, dos tupinambás de Belém e dos pauxis, aruans e nheengaibas do Marajó.

Manaus, 2 março de 1979
*Samuel Benchimol*
Professor de Política Fiscal e Introdução à Amazônia da Universidade Federal do Amazonas

# ANEXO 2. INSTITUIÇÃO DAS MEDALHAS

## 2003. INSTITUIÇÃO DA MEDALHA DE OURO SAMUEL BENCHIMOL

Em 9 de dezembro de 2015, pela Resolução n. 092, a Câmara Municipal de Manaus aprovou o novo Regimento Interno, que na Seção V, Da Concessão de Honrarias, eu seu Artigo 174, institui 27 as Medalhas de Ouro, a serem outorgadas àqueles que se sobressaírem, em dez anos de atividades relevantes, dentre elas, a Medalha Samuel Benchimol, na área de Defesa dos Assuntos e Interesses da Amazônia. Antecipando a outorga da Medalhas, a Câmara fará editar folheto explicativo, que contenha as razões da homenagem e, se possível, os discursos a serem proferidos e as biografias relativas aos patronos, para distribuição ao público, quando da outorga de Medalhas correspondentes a cada área.

## 2016. INSTITUIÇÃO DA MEDALHA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES SAMUEL BENCHIMOL PELA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS.

Em 29 de dezembro de 2014, pela Lei Ordinária n. 4.119, a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, instituiu a Medalha de Letras, Ciências e Artes Samuel Benchimol. A honraria concede homenagem especial a personalidades físicas ou jurídicas que se tenham distinguido por sua atuação nas letras, ciências e artes, pesquisa científica ou produção intelectual. A Medalha é confeccionada em metal banhado a ouro e apresenta um formato quadrado de três centímetros de altura e largura. Em um dos lados, é adornada com a efígie do Professor Samuel Isaac Benchimol, enquanto no outro, uma representação do icônico Teatro Amazonas. Além disso, a honraria será acompanhada por um diploma ricamente confeccionado, assinado pelos integrantes da Mesa Diretora. Os procedimentos para concessão da Medalha estão promulgados pela Resolução Legislativa n. 621, entrando em vigor em 21 de dezembro de 2016.

FIEAM
Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

**O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.**

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

## FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
*cdmam@cultura.am.gov.br*
*acervodigitalsec@gmail.com*

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA